



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
NÚCLEO DE PESQUISA MARGENS: MODOS DE VIDA, FAMÍLIA DE RELAÇÕES  
DE GÊNERO**

**Violência Sexual e Saúde Mental: análise dos programas de  
atendimento a homens autores de violência sexual**

**RELATÓRIO FINAL DE PESQUISA**

**Maria Juracy Filgueiras Toneli**

**Florianópolis  
Novembro/2007**

**Equipe responsável**

**Maria Juracy Filgueiras Toneli (coordenadora)**

**Mara Coelho de Souza Lago**

**Adriano Beiras**

**Danilo de Assis Clímaco (bolsa AT/CNPq)**

**Alex Simon Lodetti (bolsa PIBIC/UFSC/CNPq)**

**Juliana Ried (bolsa PIBIC/UFSC/CNPq)**

**Suzana Almeida Araújo**

**Arthur Grimm Cabral**

**Fernando Luiz Salgado da Silva**

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>6</b>
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	<b>9</b>
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	<b>25</b>
3.1 ANÁLISE DOS BOLETINS DE OCORRÊNCIA DA 6ª DELEGACIA DE POLÍCIA DE FLORIANÓPOLIS.....	25
3.2 ANÁLISE DOS PROGRAMAS LATINO-AMERICANOS DE ATENÇÃO A AUTORES DE VIOLÊNCIA.....	27
3.2.1 MÉXICO.....	28
3.2.2 ARGENTINA .....	29
3.2.3 PERU.....	30
3.2.4 AMÉRICA CENTRAL (NICARÁGUA E HONDURAS) .....	31
3.2.5 BRASIL .....	33
<b>4. RESULTADOS</b> .....	<b>37</b>
4.1. ANÁLISE DOS BOLETINS DE OCORRÊNCIA REGISTRADOS NA 6ª DP DE FLORIANÓPOLIS .....	37
4.1.2 TIPIFICAÇÃO DO ATO.....	42
4.1.3 RELAÇÕES ENTRE IDADE E CATEGORIA DO AUTOR DE CRIME.....	45
4.1.4 ANÁLISE DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER.....	48
4.2. OS PROGRAMAS LATINO-AMERICANOS DE ATENÇÃO A AUTORES DE VIOLÊNCIA .....	52
4.2.1. MÉXICO .....	52
4.2.1.1 CORIAC .....	52
4.2.1.2 HOMBRES POR LA EQUIDAD .....	55
4.2.1.3 MHORESVI - MOVIMENTO DE HOMENS RENUNCIANDO A SUA VIOLÊNCIA.....	56
4.2.1.4 CORAZONAR .....	57
4.2.1.5 SALUD Y GÊNERO .....	58
4.2.1.6 MASCULINIDADES Y POLITICAS A. C. ....	61
4.2. ARGENTINA.....	64
4.2.1 FUNDACIÓN ISABEL BOSCHI.....	64
4.2.2 CENTRO INTEGRAL DE SALUD PSICOLÓGICA MASCULINA - CIMA.....	66
4.2.3 JORGE CORSI .....	68
4.2.4 PROGRAMA PROVINCIAL DE ASISTENCIA A VÍCTIMAS DE VIOLENCIA.....	71
4.3. PERU.....	73
4.3.1 PROGRAMA HOMBRES QUE RENUNCIAN A SU VIOLÊNCIA – PHRSV-LIMA. ....	73
4.3.2 EXPERIÊNCIA DO PHRSV EM LIMA .....	78
4.3.3 CAPACITAÇÃO DOS FACILITADORES .....	84
4.3.4 OS USUÁRIOS QUE PASSARAM PELOS TRÊS NÍVEIS DO PHRSV EM LIMA .....	86
4.3.5 PIURA .....	87
4.3.6 STUART OBLITAS E A CLÍNICA DEL HOMBRE DO INSTITUTO PERUANO DE PATERNIDAD RESPONSABLE, EM LIMA. ....	89
4.4. AMÉRICA CENTRAL.....	90
4.4.1 HONDURAS .....	90
4.4.2 NICARAGUA .....	98
4.4.2.1 CANTERA .....	98
4.4.2.2 AHCV – ASOCIACIÓN DE HOMBRES CONTRA LA VIOLENCIA .....	101
4.4.2.3 FUNDACIÓN PUNTOS DE ENCUENTRO.....	104
4.4.2.4 SAVE THE CHILDREN – PROGRAMA DE PROTECCIÓN CONTRA LA VIOLENCIA Y ABUSO SEXUAL .....	106
4.5. BRASIL.....	110
4.5.1 RIO DE JANEIRO.....	110
4.5.1.1 NOOS .....	111

4.5.1.2 NAV.....	115
<b>5. ANÁLISE COMPARATIVA DOS PROGRAMAS VISITADOS.....</b>	<b>120</b>
5.1. NATUREZA DOS PROGRAMAS.....	120
5.2. OPERACIONALIDADE .....	121
5.2.1 CARÁTER DAS INSTITUIÇÕES QUE ALBERGAM OS PROGRAMAS .....	121
5.2.2 FINANCIAMENTO .....	122
5.2.3 POPULAÇÃO ALVO DO PROGRAMA.....	123
5.2.4 FACILITADORES/AS.....	124
5.2.5 METODOLOGIA .....	125
5.2.6 LINHA TEÓRICA .....	126
5.2.7 AVALIAÇÃO.....	127
5.2.8 OBJETIVOS E CARÁTER DO PROGRAMA .....	128
5.2.9 AVANÇOS DOS PROGRAMAS .....	129
5.2.10 DIFICULDADES .....	129
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>132</b>
<b>7. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>134</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>138</b>
RELATOS ILUSTRATIVOS DA VISITA AO CORIAC - COLECTIVO DE HOMBRES POR RELACIONES IGUALITÁRIAS .....	139
RELATOS ILUSTRATIVOS DE UMA REUNIÃO DO PROGRAMA HOMBRES RENUNCIANDO A SU VIOLENCIA, LIMA, PERU. ....	148
RELATOS ILUSTRATIVOS DE UMA REUNIÃO DO PROGRAMA HOMBRES RENUNCIANDO A SU VIOLENCIA, LIMA, PERU. ....	154
RELATOS ILUSTRATIVOS DOS GRUPOS DE HOMENS AUTORES DE VIOLÊNCIA EM TEGUCIGALPA, HONDURAS... ..	159
TABELA COMPARATIVA DOS PROGRAMAS VISITADOS .....	165
ROTEIRO DE ENTREVISTA COM COORDENADORES DE INSTITUIÇÕES QUE TRABALHAM COM HOMENS AUTORES DE VIOLÊNCIA.....	184
ROTEIRO DE ENTREVISTA COM COORDENADORES DE INSTITUIÇÕES QUE TRABALHAM COM HOMENS AUTORES DE VIOLÊNCIA EM ESPANHOL.....	187

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Distribuição das ocorrências da Violência Sexual em Florianópolis .....	16
Figura 2. Quadro geral das entrevistas realizadas pela equipe Núcleo Margens / UFSC – 2006/07 .....	34
Figura 3. Distribuição dos autores de crime por idade .....	37
Figura 4. Distribuição das vítimas por idade .....	38
Figura 5. Distribuição dos autores de violência segundo o grau de instrução .....	39
Figura 6. Distribuição das vítimas de violência segundo o grau de instrução .....	40
Figura 7. Distribuição das vítimas segundo sua relação com o autor .....	41
Figura 8. Distribuição das ocorrências segundo a tipificação do ato .....	43
Figura 9. Distribuição das ocorrências por bairros .....	44
Figura 10. Distribuição Média de Idade por Número de Autores.....	46
Figura 11. Distribuição de Idade por Relação com a Vítima.....	47
Figura 12. Crimes Contra a Mulher cometidos por Homens – Janeiro a Março .....	48
Figura 13. Crimes Contra a Mulher cometidos por Homens – Outubro a Dezembro .....	49
Figura 14. O Autor de Violência Contra a Mulher – Janeiro a Março .....	50
Figura 15. O Autor de Violência Contra a Mulher – Outubro a Dezembro .....	51

## 1. INTRODUÇÃO

A pesquisa intitulada “Violência Sexual e Saúde Mental: análise dos programas de atendimento a homens autores de violência sexual”, foi contemplada com auxílio financeiro pelo Edital 045/2005 – Relações de Gênero, Mulheres e Feminismos/CNPq/SPM, e investigou programas que atendem a homens autores de violência contra mulheres em seis países da América Latina (Brasil, Argentina, Peru, México, Nicarágua e Honduras), com ênfase, embora não exclusiva, na violência sexual. A escolha pelos países latinos (exceto o Brasil), deveu-se ao fato de que neles já existia uma tradição consolidada desse tipo de trabalho, em função da problemática ser considerada de alta gravidade, bem como de circunstâncias históricas que favoreceram o financiamento internacional destinado às organizações não-governamentais que ali se instalaram com a proposta de promover a equidade de gênero com estratégias direcionadas para a prevenção e o combate à violência contra a mulher. No Brasil, embora também se reconheça a gravidade da situação, apenas recentemente, com a aprovação da Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006), conquistou-se legitimidade suficiente para que essa modalidade de atendimento seja prevista e, portanto, incentivada<sup>1</sup>.

Este projeto teve por objetivos: 1) desenvolver uma análise das atuais propostas de ação voltadas ao atendimento a homens autores de violência sexual contra mulheres; e 2) implementar uma experiência piloto de atendimento a agressores. A partir dessas duas ações pretendeu-se delinear uma proposta de atendimento psicossocial, inspirada, por um lado, nas atuais diretrizes do governo brasileiro para redução da violência contra as mulheres e, por outro, nas atuais políticas públicas brasileiras em saúde mental, a partir de uma perspectiva crítica.

Esta é uma iniciativa conjunta do Núcleo de Pesquisa Modos de Vida, Família e Relações de Gênero (*MARGENS*) do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de

---

<sup>1</sup> Lei 11340/2006 – por exemplo, em seu artigo 30: Art. 30. Compete à equipe de atendimento multidisciplinar, entre outras atribuições que lhe forem reservadas pela legislação local, fornecer subsídios por escrito ao juiz, ao Ministério Público e à Defensoria Pública, mediante laudos ou verbalmente em audiência, e desenvolver trabalhos de orientação, encaminhamento, prevenção e outras medidas, voltados para a ofendida, o agressor e os familiares, com especial atenção às crianças e aos adolescentes.

Santa Catarina, do grupo de pesquisa Representações, Práticas socioculturais e Processos de Exclusão do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, do Núcleo de Pesquisa em Gênero e Masculinidades (GEMA) do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco e da ONG Instituto PAPAI (Recife). Com apoios da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, do Ministério da Saúde e do CNPq, entre outros, esses grupos vêm desenvolvendo diferentes atividades voltadas para a investigação, a intervenção e o ensino direcionados à equidade de gênero em torno de diversas problemáticas: saúde e direitos sexuais e reprodutivos, violência e discriminações de gênero, paternidades e masculinidades, processos de exclusão/inclusão, bem como ações articuladas com instituições de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pernambuco, Espírito Santo, entre outros estados brasileiros que integram a Rede de Homens pela Equidade de Gênero - RHEG.

É importante destacar, no entanto, que o corte substancial do orçamento que garantiu apenas R\$20.000,00 para o desenvolvimento da proposta, não permitiu que todas as atividades fossem concluídas. Em reunião da equipe do projeto realizada em maio de 2006, com a participação de representantes da UFSC, UFPE e UFES, deliberou-se que essa verba priorizaria a investigação dos programas de atendimento a homens autores de violência. O auxílio de duas bolsas PIBIC e o aval da 6ª DP (Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher, Infância e Juventude) de Florianópolis, permitiram a análise dos BOs (Boletins de Ocorrência) registrados naquela DP, durante seis meses (três anteriores e três posteriores à implantação da Lei Maria da Penha), de forma a se caracterizar a situação de violência e seus envolvidos. A implantação do grupo de homens autores de violência em caráter experimental não foi realizada em decorrência de entraves jurídico-burocráticos, pois depende dos encaminhamentos realizados pelo serviço jurídico. No entanto, está sendo negociado pela 6ª DP, pelo CEVIC (Centro de Atendimento à Vítima do Crime) e pelo *MARGENS* (equipe responsável pelo projeto), a constituição de um grupo gerado por demanda espontânea, a partir das ocorrências e dos atendimentos realizados no CEVIC e na própria delegacia. Esse grupo, em fase de implantação, terá o início de suas atividades ainda no ano de 2007.

As duas outras equipes, UFPE e UFES, continuam seus trabalhos no que diz respeito ao levantamento dos serviços de atenção às vítimas e autores de violência, à análise dos BOs e à implantação do programa piloto. No entanto, como tiveram que buscar outras formas de financiamento, não puderam concluir seus trabalhos.

O presente relatório trata, portanto, de campo de Florianópolis (análise dos BOs), bem como dos programas brasileiros e estrangeiros selecionados para compor o grupo investigado por sua importância no contexto latino-americano.



## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As políticas públicas em Saúde no Brasil têm-se destacado mundialmente desde a implantação do SUS no início da década de 1990. O acesso público e universal à saúde é uma meta que tem norteado uma multiplicidade de ações e de programas inovadores desde sua implantação – que continua em curso –, os quais têm tido reconhecimento tanto por parte da população quanto por parte de especialistas, a despeito das críticas e da insuficiência histórica que caracteriza o sistema de saúde brasileiro.

Existe, no entanto, uma grande lacuna a ser preenchida entre pesquisadores e atores políticos que podem efetivamente implementar novas políticas públicas baseadas em dados científicos colhidos em campo, e essa lacuna (como expressa na Declaração do Rio – 2006<sup>2</sup>) tem ainda mais predominância em um campo que historicamente recebe menor atenção do que outros: o da saúde mental.

O Brasil tem alcançado relativo sucesso em sua empreitada anti-manicomial. Por mais precários que sejam, os CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) estão em fase de franca inserção na sociedade e já atendem a uma parcela da demanda existente, assim como proporcionam a reintegração social e funcional tanto de adictos e de psicóticos, quanto de crianças e de adolescentes em situações de risco ou em outras situações que mereçam atenção por parte desses Centros.

Tratar a violência como uma questão de saúde pública é algo relativamente recente em nossa história. A Organização Mundial de Saúde explica violência como o uso intencional de força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência no desenvolvimento ou privação (Lima, 2004). De acordo com Ribeiro (2004), pode-se considerar violento aquilo que extrapola os limites de cada um, invadindo e desestruturando sua subjetividade. E, quando se trata de violência doméstica, isso significa que essa invasão é vivenciada, muitas vezes, com alguém que tem um lugar de referência para aquele que sofre a situação, o que faz com que no desenrolar desse processo se misturem sentimentos contraditórios de amor e ódio.

---

<sup>2</sup> Acessível em [http://www.saudecoletiva2006.com.br/portugues/declaracao\\_rio.php](http://www.saudecoletiva2006.com.br/portugues/declaracao_rio.php), declaração feita durante o 11º Congresso Mundial de Saúde Pública e 8º Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva.

Ribeiro (2004) explica que, na maioria dos casos de violência contra crianças e adolescentes, os pais ou responsáveis são os autores da agressão. Nesses casos, a rede familiar deve ser incluída no trabalho, pois a intervenção deve levar em conta o lugar que cada um ocupa dentro desse sistema. Nesse sentido, é importante que as pessoas envolvidas em situação de violência não sejam fixadas em lugares de “vítima” ou “agressor”, pois assim, se cria a chance para que a voz de cada sujeito seja ouvida, bem como os descolamentos e deslocamentos que essa postura pode proporcionar.

Nas últimas décadas o tema da violência tornou-se um vasto campo de estudos de diversas disciplinas, sendo abordado por diferentes vertentes analíticas. Araújo (2002) apresenta um conceito de violência elaborado por Chauí (1985) que a encara não como uma violação de normas, regras e leis, mas como “conversão de uma diferença e de uma assimetria numa relação hierárquica de desigualdade, com fins de dominação, de exploração e opressão” e como “a ação que trata um ser humano não como sujeito, mas como coisa” (p. 4).

Na violência sexual evidencia-se o complexo contexto de poder que marca as relações entre os sexos. Conforme Olivera *et al.* (2005), este tipo de violência compreende o estupro, atentado violento ao pudor, sedução, assédio, podendo ocorrer conjugada com outros tipos de violência física. No Código Penal Brasileiro o estupro é definido como crime de ação privada contra os costumes, e não contra a pessoa. Outras situações de violência sexual, que não a que envolve penetração, são enquadradas como atentado violento ao pudor. Dessa forma,

o que se considera crime é a agressão à sociedade por intermédio do corpo feminino, é como se o homem (pai ou marido) fosse tocado em sua integridade moral pela violência sexual vivenciada pela mulher. (...) Com o advento da modernidade e do individualismo a questão ganha outra conotação vindo, aos poucos, a ser entendida no âmbito da cidadania da mulher sendo, portanto, um crime contra a pessoa (Oliveira *et al.*, 2005, p. 377).

Pouco se fala a respeito da violência sexual doméstica, o que talvez possa ser explicado pela crença do lar como espaço seguro onde se pode crescer e aprender com afeto e carinho. Entretanto, na realidade o que se observa é uma permissividade para o comportamento agressivo do homem no âmbito intrafamiliar. Contribuindo para a ocorrência e perpetuação dos comportamentos agressivos do homem dentro da família está a representação social que

liga demonstrações de força e agressividade à masculinidade (Sinclair, 1985, *apud* Padovani & Williams, 2002).

Nesse sentido, Souza (2004) afirma que, embora o modelo hegemônico de masculinidade pautado nos valores patriarcais e machistas seja hoje tão amplamente criticado, além de conviver com outros modelos, ainda é forte a noção de que existe relação direta entre a masculinidade viril, a competição e a violência. Cecchetto (2004, *apud* Souza, 2004) lembra que, a exigência de que os meninos afirmem sua virilidade através de provas de risco faz-se presente em quase todas as sociedades humanas, o que torna a própria aquisição da masculinidade um processo violento.

Greig (2001, *apud* Souza, 2004) afirma que é preciso articular as discussões acerca da masculinidade, gênero e violência, a fim de visualizar de forma mais concreta o papel e a responsabilidade dos homens no fim da violência baseada no gênero. Faz-se necessário pensar o comportamento dos homens a partir de seus contextos de vida, focalizar o processo de socialização que produz conexões entre masculinidade e violência. Essa abordagem traz a participação da família e da cultura na produção de homens violentos e inclui questões sobre a violência estrutural de gênero, como uma construção social que determina uma relação desigual e opressiva entre as pessoas.

Partindo da hipótese da existência de uma relação entre adesão a modelos ideológicos patriarcais de família e gênero com o abuso físico, emocional e/ou sexual, Totten (2003) realizou uma pesquisa envolvendo 30 homens jovens com idades entre 13 e 17 anos em situação de marginalidade econômica, que praticavam violência contra namoradas e minorias étnicas e/ou sexuais. O autor verificou que a maioria dos agressores não reconhecia seus atos como danosos à suas namoradas, mas como medidas “educativas” ou “corretivas”, como que para o próprio bem da mulher. Suas masculinidades eram constantemente “colocadas à prova” nas atividades cotidianas, tendo sempre que provar sua heterossexualidade e seu lugar de poder enquanto homens. Esses jovens, em condições sociais precárias, possuíam poucas alternativas para construir suas masculinidades de outras formas que não envolvessem a violência e/ou o “controle” de suas namoradas.

Tais idéias reforçam a tese de Messerschmidt (2000), que associa a violência e o abuso sexual por parte de homens a situações de “desafios à masculinidade”, onde, sem encontrar outra alternativa para constituir uma “identidade masculina”, o sujeito recorre a abusos como

forma de se localizar como homem em nossa sociedade. “*Masculinity challenges may motivate social action toward masculine resources that correct the subordinating social situation, and various forms of crime can be the result*” (Messerschmidt, 2000, p 198-199).

Kronbauer e Meneghel (2005, p. 696) colocam que “para abordar a violência contra a mulher, faz-se necessário o entendimento de gênero como elemento constitutivo das relações sociais, baseadas nas diferenças entre os sexos e como modo primordial das relações de poder”. A ordem social de tradição patriarcalista durante muito tempo consentiu a prática da violência masculina contra a mulher, colocando o homem na posição de sujeito ativo nas relações, enquanto restringia a sexualidade feminina à passividade e à reprodução. (Dantas-Berger & Giffin, 2005). No entanto, como coloca Saffioti (2001, *apud* Araújo, 2005), a ideologia de gênero não é suficiente para garantir a obediência das mulheres diante dos ditames do patriarca, desta forma este faz uso da violência para garanti-la. É possível que uma mulher também pratique a violência ao companheiro, no entanto, ela não teria um projeto de “dominação-exploração” dos homens.

De acordo com um trabalho realizado em 1994, que reuniu dados de 35 estudos em 24 países, foi comprovada estatisticamente a alta incidência de violência de homens contra mulheres, sendo que a forma mais endêmica foi a violência sexual e física de companheiros íntimos (Dantas-Berger & Giffin, 2005). Este trabalho revelou ainda que entre 20% (Colômbia) e 75% (Índia) das mulheres já foram vítimas de violência física ou sexual dos parceiros. Entre as mulheres que sofrem habitualmente com a violência do parceiro, 46% na Colômbia e 58% na Bolívia e Porto Rico declararam que já foram forçadas a fazer sexo contra sua vontade. No Brasil, desde os anos 80 alguns estudos vêm abordando a questão da violência doméstica e conjugal, sendo que grande parte destes foi influenciado pelo movimento das mulheres. Segundo Dantas-Berger e Giffin (2005), a maior parte dos dados aponta para a maior ocorrência (ou visibilidade) das violências físicas, seguidas pelas violências psicológicas (ameaça, difamação, injúria). “A violência sexual, especialmente a coerção e/ou violência sexual praticada por parceiro íntimo no âmbito privado, está pouco evidenciada ou inexistente nas estatísticas disponíveis” (p. 419-420).

Em um estudo nacional sobre a violência doméstica e sexual realizado pela USP, baseado em 3.193 entrevistas com usuárias de 19 serviços de saúde, verificou-se que 40% das mulheres declarou ter sofrido violência física, tanto exclusiva como conjugada com a forma

sexual, cometida por parceiros. 5% declararam casos exclusivos de violência sexual. Observa-se que esta ocorre, sobretudo, associada à violência física (Dantas-Berger & Giffin, 2005). No entanto, as autoras acreditam que o tema é ainda pouco estudado no Brasil, não existindo dados confiáveis. “O registro em boletins de ocorrência, ponto de partida para a investigação, é muito inferior ao número de agressões pelo fato de que muitas vítimas evitam a exposição pública e a constrangedora coleta de provas do crime” (p.419).

Na literatura pouco se encontra a respeito dos homens autores de violência sexual contra mulher, e menos ainda quando se trata de jovens. “São poucos os estudos acadêmicos, sobretudo na área da saúde coletiva, que trabalham com a violência sexual na perspectiva das relações de gênero” (Oliveira *et al.*, 2005, p. 378). Entre os poucos encontrados está o de Abrahams *et al.* (2004), que procurou descrever a prevalência e os fatores de risco de agressão sexual de homens contra a parceira, aplicando um questionário com 1368 homens. Segundo os autores, o estudo confirmou a necessidade crítica de pesquisas acerca do homem para um melhor entendimento desse importante problema de saúde pública.

A partir de atividades das instituições Promundo e NOOS, foi realizada uma pesquisa no Rio de Janeiro utilizando-se questionários aplicados a 749 homens e grupos focais com 53, que tinham idades entre 15 e 60 anos (Acosta, 2003). Tal pesquisa buscou explorar as atitudes dos homens e a violência contra a mulher numa abordagem relacional de gênero. Revelou-se que: 51% dos homens já haviam praticado algum tipo de violência contra a parceira pelo menos uma vez; 40% já haviam testemunhado violência de um homem contra uma mulher na sua família de origem; 45% informaram ter sofrido violência em sua casa. Como justificativas para as agressões aparecem ciúme, infidelidade, assuntos domésticos e o fato de serem “importunados” pelas mulheres. Os resultados estão sendo utilizados pelas instituições citadas com o propósito de envolver homens na saúde sexual e reprodutiva e para elaborar estratégias de prevenção da violência.

Araújo (2005) apresenta uma proposta de atendimento familiar para casos de violência, desenvolvido dentro do enfoque psicossocial, apreendendo-se os aspectos psicológicos, interacionais, sociais, econômicos e culturais presentes na história da família. A perspectiva de gênero é introduzida buscando-se entender as relações de poder que transformam as diferenças, seja de gênero ou geração, em desigualdades com fins de dominação-exploração.

A partir de pesquisa em *sites* de busca e material bibliográfico, identificou-se um serviço de atendimento a pessoas em situação de violência sexual que oferece atenção aos homens autores de violência, o NAV – Núcleo de Atenção à Violência. Encontrou-se também outros quatro grupos de pesquisa nacionais que trabalham a temática, dentre outras, de gênero e violência, e que atualmente têm desenvolvido projetos que incluem os homens – NOOS, ECOS, Promundo, PAPAI.

A idéia de atender homens autores de agressão sexual baseia-se na aposta de que o sujeito possa reconhecer sua dificuldade e criar instrumentos para lidar com ela, abrindo-se assim, o espaço para que o sujeito se exerça enquanto tal. Mas, essa postura não desobriga os profissionais envolvidos de construir estratégias para que esse sujeito possa aparecer (Oliveira, 2004). Busca-se o engajamento da população masculina na promoção da equidade de gênero e nas ações pelo fim da violência de homens contra as mulheres.

Trabalhar com pessoas envolvidas em situação de violência sexual, principalmente ao se abordar a perspectiva do autor de agressão, exige do profissional uma investigação atenta quanto à intencionalidade e motivação do ato praticado, quanto ao dano conseqüente do ato, quanto a percepção que o autor tem do resultado dessa violência, e se de fato, o autor vê sua ação como violenta (Lima, 2004). Uma compreensão adequada da situação de violência deve levar em conta os significados em torno dessa temática que são prevalentes no grupo cultural de referência dos envolvidos.

O trabalho com autores de agressão tem algumas características diferentes do atendimento comumente realizado, visto que estes casos geralmente são indicações ou mesmo obrigações impostas a estes, anulando a instância do desejo que é importante para o atendimento.

É importante, como colocado no início, insistirmos na visão da violência como um problema de saúde pública e, mais especificamente, de saúde mental, compreendida como um processo complexo de construção cotidiana, individual e coletiva do ser humano em relação aos seus sentimentos, seu corpo, sua sexualidade e seu meio. É neste contexto mais amplo que buscamos a relação entre violência e saúde mental. Estudo da OPAS (2003) relata que a pessoa que vive em um contexto violento, que tende à violência, também se encontra em maior risco de sofrer desordens alimentares, alcoolismo, uso de drogas, estresse pós-traumático, depressão, ansiedade, fobias/pânico, baixa auto-estima etc. (Heise, Ellsberg e

Gottemoeller, 1999). Assim, não podemos pensar/atuar nesta construção cotidiana e nas suas implicações para a saúde mental e a violência contra a mulher, sem envolver os homens, como aponta Heleieth Saffioti (2004):

As pessoas envolvidas na relação violenta devem ter o desejo de mudar. É por esta razão que não se acredita numa mudança radical de uma relação violenta, quando se trabalha exclusivamente com a vítima. Sofrendo esta algumas mudanças, enquanto a outra parte permanece o que sempre foi, mantendo seus *habitus*, a relação pode inclusive, tornar-se ainda mais violenta. Todos percebem que a vítima precisa de ajuda, mas poucos vêem esta necessidade no agressor. As duas partes precisam de auxílio para promover uma verdadeira transformação da relação violenta.

Seguindo o entendimento internacional de defesa dos direitos humanos e convergindo com os instrumentos informativos e educativos produzidos pelo Ministério da Saúde, ao buscar estratégias de enfrentamento da violência sexual, é necessário, portanto, incorporar a transversalidade da perspectiva de gênero. Segundo os Princípios e Diretrizes para a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (MS 2004, pág.16), “[...] a literatura vem demonstrando que determinados comportamentos, tanto dos homens quanto das mulheres, baseados nos padrões hegemônicos de masculinidade e feminilidade, são produtores de sofrimento, adoecimento e morte”. Baseados nisto, pode-se dizer que uma das estratégias de enfrentamento é a construção de novas masculinidades e novas feminilidades.

É no campo da saúde mental e da atenção à população em geral, com destaque para a violência, que se pretendeu encontrar o eixo norteador da presente pesquisa. Igualmente, é importante situar, aqui, que a denominação “agressor sexual” geralmente é cristalizadora e constritora, pelo fato de engessar o sujeito em um rótulo que o marca e o oprime, transformando-o naquilo que cometeu, e não em uma possibilidade de recuperação, modificação e prevenção de novos delitos ou de ações violentas. Portanto, escolheu-se, no escopo desse trabalho, por uma postura política e epistemológica, a utilização da denominação *autor de violência sexual*.

No município de Florianópolis, os dados indicam uma crescente notificação dos casos de crianças e de adolescentes envolvidas/os em violência sexual, o que exige a ampliação e a implementação dos serviços de atenção. Nas estatísticas da Rede de Atenção Integral às

Vítimas de Violência Sexual, 70% dos atendimentos correspondem a crianças e a adolescentes, sendo que o Programa Sentinela registrou, no primeiro semestre de 2004, 211 crianças em situação de abuso e de exploração sexual.

Segundo informações fornecidas pela 6ª Delegacia de Polícia da Capital (Delegacia da Mulher, da Infância e da Juventude de Florianópolis) têm-se registrado no âmbito criminal, desde 2002, dados que complementam os números acima, estando expressos na tabela 1, encontrada abaixo.

**Figura 1. Distribuição das ocorrências da Violência Sexual em Florianópolis**

	2002	2003	2004	2005	2006*
Estupro	47	47	41	42	21
Atentado Violento ao Pudor	38	43	66	62	15

\* Dados parciais do ano; compreendem de 01/01/2006 a 30/04/2006

Colocando-se em evidência o fato de que estes dados se referem a apenas um terço do ano, e aceitando que os casos se distribuam igualmente ao longo do tempo, existe um crescimento alarmante em relação aos anos anteriores a 2006. Levando-se em conta, ainda, a implementação da Lei Nº 11.340, de 7 de Agosto de 2006 (Lei Maria da Penha), existe a possibilidade de estes números ainda aumentarem ainda mais.

Em um movimento que se inicia na década de 80, o Brasil começou a implementar leis mais rígidas relacionadas à violência contra a mulher e a estruturar casas-abrigo e delegacias especializadas no atendimento de mulheres vítimas de violência. Um dos intensos debates dessa área tem sido sobre a Lei dos Juizados Especiais Criminais (9.099/95), que julga e processa infrações de “menor potencial ofensivo”, na qual a violência contra a mulher geralmente é enquadrada (excluindo homicídios e lesões corporais graves). A possibilidade dos homens autores de violência julgados pela Lei 9.099/95 terem sua pena convertida em penas alternativas e, principalmente, a maneira como isso tem ocorrido (geralmente, através do pagamento de cestas básicas), foi extremamente criticada pela maioria dos setores que lidam com a violência contra a mulher. Como a legislação não especifica em nenhum lugar que tipo de pena alternativa deva ser indicada, e por se acreditar que a prisão não seja a melhor



solução para boa parte dos casos, o atendimento psicossocial desses homens passou a ser pensado como uma alternativa viável e positiva.

Recentemente esse cenário se modificou legalmente, com a Lei Nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, a chamada Lei Maria da Penha. Esta nova lei que foi sancionada altera em muito o caráter da punição por ofensas de violência contra a mulher, violência sexual e admite uniões homoafetivas estáveis, reconhecidas como familiares em sua aplicação.

Esta lei também vem a afastar os Juizados Especiais, tão criticados nos últimos anos, e se volta a alguns problemas da legislação brasileira. Outro ponto a ser levantado é em relação à violência contra a mulher, uma vez que, segundo Lessa (2006) a lei pretende

que o réu acusado da prática de qualquer crime resultante de violência doméstica e familiar contra a mulher, independente da pena cominada, seja julgado por tal infração penal e, na hipótese de condenação, seja-lhe aplicada uma pena que, ainda que venha a ser substituída por pena restritiva de direitos, possa, em caso de descumprimento injustificado, ser convertida em prisão, de modo que o apenado se sinta afligido com a sanção penal imposta e, deste modo, seja demovido da idéia de persistir na prática de infrações penais deste jaez.(pg. 8)

No âmbito das violências em geral, segundo Kathie Njaine (1997), nos anos 80 se dá uma mudança significativa na morbi-mortalidade brasileira, caracterizada pela saída da violência do quarto lugar em mortalidade no país para o segundo, tendo como única estatística maior a de óbitos por problemas cardiovasculares. Essa drástica mudança ocorreu principalmente pelo aumento de mortes no trânsito e de homicídios.

A partir dessa mudança no perfil brasileiro de mortes, a saúde pública tem destacado cada vez mais a importância de se tratar a violência como problema que afeta a saúde da população e que, portanto, necessita de políticas públicas em saúde que dêem conta da multiplicidade de suas facetas e das diversas caracteriologias regionais.

Mesmo com esta mudança alarmante nos números da violência no Brasil, sabe-se que há uma parcela significativa – que possivelmente corresponda à maior parte – dos casos que nunca é contabilizada nas estatísticas, constituindo uma cifra invisível sobre a qual não há informações. Esse fato se dá por uma série de fatores, incluindo a falta de denúncias, falta de pessoal qualificado para a categorização dos crimes, sistemas de dados que não comportam as

informações básicas ou mesmo que aceitam informes incompletos, dentre outros. Tudo isso contribui para a maneira distorcida e desconectada da realidade como aparecem os dados colhidos diretamente das Secretarias de Segurança Pública e de Saúde. Portanto, a suposição de que na verdade a taxa de estupros e de atentados violentos ao pudor é muito mais alta do que aquela apresentada oficialmente não é de todo sem base.

Giffin (1994) afirma que alguns estudos norte-americanos têm apontado que são denunciadas apenas cerca de 2% dos casos de abuso sexual de crianças dentro da família, 6% dos casos de abuso sexual de crianças fora da família, e de 5% a 8% dos casos de abuso sexual de adultos, estatísticas que colaboram com a “invisibilidade social” deste tipo de crime.

O autor da violência tem sido sistematicamente reconhecido em diversas áreas da saúde como sendo predominantemente um conhecido íntimo, muitas vezes parte da família da vítima. Esta distribuição social da violência reflete uma divisão de gênero ainda existente na sociedade, com homens dominando os espaços públicos enquanto mulheres são confinadas ao espaço doméstico. Porém é exatamente no âmbito doméstico que ocorre e que se perpetua grande parte da violência contra a mulher, inclusive a sexual, perpetrada, em muitos casos, pelo parceiro íntimo. Para corroborar com estas afirmações, Giffin (1994), citando Heise (1994), pontua que um estudo sobre mães adolescentes realizado em um hospital de Lima revelou que 90% das mães entre 12 e 16 anos tinham sido estupradas e que, em sua grande maioria, o agressor fora o pai, padrasto ou outro parente próximo.

De interesse do movimento feminista também é clarificar e entender que tipo de atendimento tem sido oferecido às vítimas de violência sexual no Brasil, pois, muitas vezes, há uma grande possibilidade de se causar um maior dano do que aquele já imposto à vítima no caso de um mau atendimento ou de um atendimento realizado por um profissional despreparado para as sutilezas e particularidades deste tipo de violência (Adorno *et alii*, 2005).

Giffin (1994) faz uma rápida leitura dos estudos mundiais acerca da violência contra a mulher, especialmente da violência sexual, e traz dados que realmente dão visibilidade à dimensão epidêmica deste tipo de violência que se faz onipresente. Estes dados foram preparados por Heise (1994) para uma série do Banco Mundial sobre a problemática e revelam, por meio de vários estudos compilados, que

Embora baseados em definições variadas do fenômeno estudado, 35 estudos de 24 países revelam que entre 20% (Colômbia, dados de uma amostra nacional) e 75%

(Índia, 218 homens e mulheres num estudo local) das mulheres já foram vítimas de violência física ou sexual dos parceiros. Em estudos com amostras nacionais dos Estados Unidos e Canadá, 28% e 25% das mulheres, respectivamente, reportam que foram vítimas deste tipo de violência (Karen Giffin, 1994, p. 2).

No que se refere diretamente a estupros, surgem outros dados de suma importância, como os obtidos de centros de atendimento a vítimas de estupro em sete países que mostram que de 36% a 58% das vítimas de estupro ou de tentativa de estupro têm menos de 16 anos, 18% a 32% têm menos de 11 anos, e que, em 60% a 78% dos casos, o agressor é uma pessoa conhecida. Estes dados vêm ao encontro da preocupação que culminou na criação de outro projeto desenvolvido pela Secretaria de Saúde de Florianópolis em parceria com o *MARGENS*: atender a uma demanda que se encontrava reprimida (segundo informações do Conselho Tutelar Insular de Florianópolis, cerca de 700 casos de violência ou de violência sexual contra crianças abaixo de 12 anos estão atualmente sem atendimento na rede<sup>3</sup>) e atender aos agressores.

Conforme dados do NAV<sup>4</sup> (Gryner, 2003), cerca de 80% dos encaminhamentos, são provenientes do sistema judiciário, ficando em segundo lugar os encaminhamentos feitos pelo sistema de saúde. As queixas, em 48% dos casos, são de abuso sexual, seguido por violência física, o que constitui 27% dos registros, e por violência psicológica, somando 12% do total. O NAV recebeu 181 casos confirmados até 2003, sendo que a principal violência foi a sexual e, do total de casos atendidos, 87% foram crianças e adolescentes vítimas de agressão sexual, e 13% autores de agressão. O parentesco, nos casos de abuso sexual, é um fator importante, pois, em mais da metade deles, o autor da violência é proveniente da própria família. Todos os autores de violência sexual atendidos pelo NAV são do sexo masculino, e 30% destes são adolescentes. Dentre os adolescentes autores de agressão sexual, 57% dos sujeitos que sofreram o abuso são familiares, e 43% são vizinhos.

Na perspectiva de trabalho do NAV, aquele que comete um ato de agressão não é um “agressor”, mas um “autor de agressão”, por razões já esclarecidas anteriormente. Este sujeito,

---

<sup>3</sup> Dados obtidos em reunião entre os Conselhos Tutelares do Município de Florianópolis e os integrantes do Projeto Fênix em 24/02/2007.

<sup>4</sup> Núcleo de Atenção à Violência – ONG do Rio de Janeiro-RJ que presta atendimento clínico a autores de agressão sexual e a vítimas de agressão sexual.

tendo repetido ou não seus atos de violência, não é, portanto, apenas um agressor. O autor de agressão é aquele que, por não conseguir colocar em palavras o que pretende, o demonstra em ato. E é neste ponto que pode incidir o tratamento psicanalítico, sustentado pela teorização de que quanto mais um sujeito se expressa menos ele terá de se fazer ouvir pelo ato impulsivo. Tem-se sempre em mente o cuidado de não cristalizar esse indivíduo em uma posição marginalizada e estigmatizada, relacionando-o, assim, novamente com uma sociedade que possa aceitá-lo (Oliveira, 2003).

Welzer-Lang (2004), ao pesquisar homens violentos, constata que não há responsabilização para os atos destes, assim como estes homens não identificam o grau e a extensão da dor que causam às suas vítimas, ou seja, os homens não entendem os efeitos corporais e psíquicos da dominação que exercem. Para os homens que pesquisou, a violência se caracteriza apenas como algo que ocorre em um momento específico, sem relação com uma historicidade de vida ou com um ciclo de violação dos direitos das mulheres, e se liga a uma modificação da conduta da companheira, algo que se instaura em um nível quase “educativo” e que mantém e reproduz as relações de poder encontradas na sociedade, mesmo em um nível íntimo. Welzer-Lang indica uma saída do androcentrismo para a escuta do que as mulheres têm a dizer sobre os homens e, então, uma melhor identificação do que realmente ocorre, algo como uma ruptura epistemológica que todo pesquisador de masculinidades deveria propor-se a realizar.

Junto aos estudos das masculinidades, é nosso interesse manter sempre uma postura aliada aos estudos de gênero, campo que deu origem aos estudos de masculinidades de perspectiva anti-sexista/feminista. O termo gênero diz respeito “às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres” (Scott, 1990, pg. 7), indicando, portanto, o caráter sócio-cultural de atributos comumente associados a indivíduos fêmeos e a indivíduos machos para diferenciá-los socialmente.

Para Strathern (1988, *apud* Costa, 2002), gênero diz respeito a uma categoria de diferenciação, que se refere a pessoas, eventos, seqüências e a tudo aquilo que possa desenhar a imagem sexual, mostrando os meios através dos quais as características de masculino e feminino tornam concretas as idéias das pessoas sobre a natureza das relações sociais.

Mesmo que o gênero seja elaborado por teóricos como uma categoria ou parte da análise, ele também é aplicado a pessoas reais como uma “marca” da diferenciação biológica,

lingüística e/ou cultural. Na parte lingüística ou cultural, o gênero pode ser entendido como um sentido ou significado assumido por um corpo já diferenciado sexualmente, mas, mesmo assim, um significado que só existe em relação a outro. Outras teóricas feministas apontam que o gênero é “uma relação”, ou um conjunto de relações, não um atributo individual. Outras ainda, seguindo Beauvoir, afirmam que somente o gênero feminino é marcado, e o gênero masculino entendido como universal, de modo que se definem, dessa maneira, as mulheres nos seus termos e se enaltecem os homens com uma personalidade universal que transcende o corpo (Butler, 1990).

Lori Heise (1994) relata que, em estudos nos Estados Unidos da América, 25% das vítimas de estupro continuam exibindo sintomas disfuncionais de 4 a 6 anos após o evento. Em outra estatística, apresenta que 20% das vítimas no caso do abuso sexual de crianças apresentam seqüelas psicológicas sérias a longo prazo, sendo que os casos mais sérios são as vítimas de pais e de padrastos, com contato genital. Além dos problemas físicos decorrentes desta violência, as conseqüências psicológicas são também muito graves, incluindo sintomas como diminuição da auto-estima e fragilização da auto-imagem, deixando as vítimas muitas vezes com menor possibilidade de se proteger, menos seguras de seu valor e dos seus limites pessoais, e – talvez o mais grave de tudo –, no caso das meninas, mais propensas a aceitar a vitimização como sendo parte de sua “condição” de mulher. Uma estatística que a autora traz parece refletir bem a gravidade dessa última conseqüência: 68% das mulheres que foram vítimas de incesto quando crianças relatam que posteriormente foram vítimas de estupro ou de tentativa de estupro, contrastando com 17% do grupo controle.

Estratégias a curto prazo para o enfrentamento da violência sexual têm como *locus* privilegiado os sistemas de saúde e de segurança pública, que identificam e tratam as vítimas de violência sexual assim como dos autores de agressão. O treinamento de profissionais de saúde e de segurança para um atendimento de qualidade e que assegure que não exista uma re-vitimização nos próprios serviços é parte importante do processo (Heise, 1994).

Heise (1994) aponta, embasando-se em pesquisas etnográficas, que existem ou que já existiram sociedades nas quais a violência de gênero não existia, e estas sociedades são prova de que podemos organizar nossas relações sociais de maneira a minimizar ou mesmo a eliminar a violência contra a mulher. Segundo a referida autora, estas sociedades compartilham características como sanções fortes contra violência interpessoal, suporte

comunitário para vítimas, papéis de gênero flexíveis para mulheres e homens, equidade na tomada de decisões e nos recursos da família, um *ethos* cultural que condena a violência como maneira de resolver conflitos, e poder e autonomia femininos fora do lar. Relaciona, ainda, que onde estes fatores se expõem dentro de nossa sociedade existem reduções nos números de violência.

A compreensão acerca das masculinidades é um ponto que pode auxiliar em muito a concretização de uma sociedade igualitária. No início dos anos 90, as grandes conferências internacionais feministas – como as de Beijing e do Cairo – enfatizaram a necessidade de incorporar os homens como alvos de políticas públicas que incluíssem a implementação de uma maior equidade entre os sexos, enfatizando a importância de ações políticas junto à população masculina.

Autores como Welzer-Lang (2004) apóiam a tese de que o gênero se mantém e é tanto definido como regulado através de violências. Compreendem que, assim, se perpetua a estrutura de poder atribuída coletivamente e individualmente aos homens às custas das mulheres. As relações homens/homens também são marcadas por desníveis e por violências simbólicas e concretas.

De acordo com Connell (1997), a masculinidade não é um objeto coerente ou generalizável, e toda tentativa de definição deste deve estar inserida numa estrutura maior, de modo a possibilitar, assim, a compreensão de suas dinâmicas, colocando-o sempre em uma rede de significantes, na qual se incluem “as práticas que comprometem homens e mulheres com essa posição de gênero, e os efeitos destas práticas na experiência corporal, na personalidade e na cultura” (p. 35). Almeida (1995, *apud* Costa, 2002) enfatiza que a masculinidade não deve ser encarada como o simples colorido cultural de um dado natural, uma vez que ela é marcada por assimetrias (como heterossexual/homossexual) e por hierarquias (de mais a menos “masculino”).

Connell (1997) pensa o conceito de gênero como uma forma de organização de práticas sociais que se inserem e afetam corpos, mesmo que não se reduzam a eles. Salienta, ainda, que toda cultura tem definições de conduta, comportamentos e sentimentos que são apropriados por aqueles que se identificam com as masculinidades. Portanto, os homens, desde cedo em suas vidas, são levados a ações e a sentimentos que reproduzam estes valores.

Este autor define como masculinidades a configuração de práticas sociais que se referem aos corpos masculinos, seja de modo direto ou simbolicamente (Connell, 1995, pg. 29), estando relacionada tanto com a ordem simbólica e institucional de nossa sociedade quanto com os aspectos individuais da personalidade dos sujeitos que nela se inserem. Tal ordem de gênero pressupõe não apenas relações de sujeitos masculinos com sujeitos femininos, mas também relações de sujeitos masculinos entre si, o que implica a idéia de “múltiplas masculinidades” (Connell, 2000), hierarquizadas a partir de relações de poder, no centro das quais existiria uma “masculinidade hegemônica”, caracterizada por um conjunto de práticas e de valores cuja função seria a de garantir “a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres” (Connell, 1995). Segundo Connell (id., p.77), “this is not to say that the most visible bearers of hegemonic masculinity are always the most powerful people. They may be exemplars, such as film actors, or even fantasy figures, such as film characters”<sup>5</sup>.

Alguns autores além de Connell, como Kimmell (1997) e Vale de Almeida (1995 e 1996), trabalham com a idéia de um modelo de masculinidade idealizado e hegemônico, o qual muitos homens buscam alcançar. Este seria um modelo de masculinidade que corresponderia ao homem branco, ocidental, de classe dominante, provedor, heterossexual, forte e viril (Kimmell,1997). A partir destes autores, pode-se inferir que a disseminação deste modelo idealizado em comerciais, bonecos de brinquedo, filmes e desenhos poderia reforçar o modelo normativo que passa a ser buscado por muitos jovens.

Messerchmidt (2000), apoiando-se na teoria de Connell, afirma que o lar é geralmente o lugar onde os jovens do sexo masculino se apropriam de definições e de valores de masculinidade, de maneiras singulares, mas que, a partir dessas internalizações, os jovens se engajam com a propagação da chamada masculinidade hegemônica, que os homens sentem como se fosse parte de si.

A cultura simultaneamente define quando e como utilizar a violência, e a violência masculina é historicamente aceita como um meio aceitável de se resolverem conflitos, principalmente quando existe um contexto de autodefesa em relação a algum fator exterior. Esse contexto de autodefesa onde existe a possibilidade de se perder o *status* de masculino é o

---

<sup>5</sup> Isto não é dizer que os possuidores mais visíveis da masculinidade hegemônica são sempre as pessoas mais poderosas. Eles podem ser exemplares, como atores de filme, ou mesmo figuras fantasiosas, como personagens de filmes. (tradução livre)

que Messerschmidt (2000) chama de “masculinity challenges”. Sendo que a generificação do corpo é um interesse de enorme importância na adolescência, estes “masculinity challenges” podem motivar ação social para recursos de masculinidade que corrijam a subordinação a outros homens que ocorre em determinadas situações, como a escola. Este movimento pode tomar muitas características diferentes, mas uma que se sobressai como sendo entendida como “inerente” ao masculino é a violência – e, a partir disso, o crime pode ser a solução, ainda mais em um caso de agressão sexual, no qual a subordinação feminina é reiterada.

Para compreender os motivos que levam jovens homens a considerar o abuso sexual uma possibilidade de adquirir recursos de masculinidade, Messerschmidt se apóia em dados de sua pesquisa que indicam que jovens homens tomam sua agência através de seu corpo e não sobre ele, como o fazem as jovens mulheres. Através de uma performance corporal, ainda mais exacerbada por uma fase do desenvolvimento corporal caracterizada por grandes mudanças, os jovens homens tentam adquirir o *status* que lhes é negado em contextos opressores, algo visto como extremamente estressor nos dados de sua pesquisa. O corpo é entendido pelo autor como definidor do *self*, e através dele os jovens estudados reconstróem e revalidam algo que não tinham em outros contextos de suas vidas através da violência sexual.

Diante desse cenário, torna-se relevante procurar entender mais profundamente, como a ordem de gênero, instaurada na nossa cultura, interfere na experiência de adoecimento/sofrimento de pessoas marcadas por características e compromissos naturalizados como masculinos. É importante também compreender como o sistema de saúde, sob a óptica da Reforma Psiquiátrica, pode responder para a desconstrução dessas interferências para prestação de cuidados aos portadores de transtornos mentais, entendidos em sua acepção mais ampla.



### **3. METODOLOGIA**

Apesar de o projeto ter sido pensando inicialmente com diversas frentes de ação, dado às limitações de financiamento, não foi possível contemplar todas as etapas previstas. As etapas inicialmente previstas eram:

- levantamento da produção acadêmica nacional e internacional;
- identificação dos serviços de atendimento a homens autores de violência contra a mulher (em especial a sexual) consolidados na América Latina;
- caracterização de serviços identificados, observando-se suas rotinas de trabalho;
- elaboração de perfil sócio-demográfico dos autores de violência e características do ato de violência;
- experiência piloto;
- workshop com especialistas convidados para debate sobre resultados da pesquisa e delineamento de um Programa Integrado;
- divulgação do trabalho realizado através de meios diversificados.

Destas não foi possível realizar a experiência piloto e o workshop juntamente com a divulgação em diferentes meios. Portanto, contemplaremos neste relatório a etapa da elaboração de perfil sócio-demográfico através da análise dos Boletins de Ocorrência da 6ª Delegacia de Polícia de Florianópolis – Delegacia da Mulher, da Infância e da Juventude, bem como o campo internacional realizado em diferentes países latino-americanos.

#### **3.1 Análise dos Boletins de Ocorrência da 6ª Delegacia de Polícia de Florianópolis**

A proposta desta etapa de estudo foi a de investigar e identificar os padrões de violência encontrados nos relatos de boletins de ocorrência da 6ª Delegacia de Polícia de Florianópolis – Delegacia da Mulher. Os procedimentos previstos foram: entrevistas, observação direta e coleta de informações dos Boletins de Ocorrência. A amostra foi composta

por boletins de ocorrência da 6ª Delegacia de Polícia de Florianópolis, compreendendo os meses de janeiro à março e outubro à dezembro de 2006, com foco nas questões da violência doméstica e violência sexual, constando a atenção a moradores do município de Florianópolis/SC e cercanias. Os dados obtidos foram analisados quantitativamente (frequência e média) dialogando com a literatura especializada.

A princípio, como estava previsto no projeto, contatamos os psicólogos da 6ª DP, onde outra parte da pesquisa se instalava na tentativa de propiciar um grupo piloto com homens autores de agressão contra a mulher, através de um projeto que tinha em vista a então recente Lei Maria da Penha. A Delegacia da Mulher, da Infância e da Juventude de Florianópolis (6ª DP) situa-se no bairro Agrônômica, e é a única Delegacia da Mulher do município, atendendo à demanda de toda a capital. Com o contato com estes psicólogos e as Delegadas que lá trabalham foi levantada a possibilidade de fazer uma pesquisa exploratória sobre os níveis de violência contra a mulher em Florianópolis, visto que estes dados não estão sistematizados na própria Secretaria de Segurança Pública. Porém, como o acesso via o próprio sistema informatizado da Delegacia da Mulher não nos foi apresentado houve a necessidade da coleta manual dos dados destes Boletins, o que ocasionou observações aprofundadas e um volume grande de informações.

Os dados apresentados neste relatório compreendem a análise de 1005 boletins de ocorrência, subdivididos em 1321 crimes, compreendendo seis meses do ano de 2006 –três anteriores e três posteriores à Lei Maria da Penha – com o intuito de estabelecer um perfil sócio-demográfico do autor de agressão contra a mulher, e compreender o impacto que esta nova lei teve nos registros de violência doméstica e sexual, assim como a ocorrência e registro de outros crimes no município de Florianópolis/SC.

Com o contato com a delegacia já bem estabelecido, não houve muitos problemas em ter acesso aos Boletins de Ocorrência e sua conseqüente coleta, proporcionando, também pela própria demora do processo, um convívio com os profissionais que se mostrou bastante útil para compreender como a passagem por essa delegacia especializada se dá. Assim como a presença dos pesquisadores também com um olhar de cunho antropológico ajudou a compreensão da cultura institucional e os vários meandros percorridos tanto pelos autores de violência como por suas vítimas que por ali passaram no decorrer deste ano.

A coleta dos dados ocorreu da seguinte maneira: o pesquisador necessitava da autorização prévia de uma funcionária do arquivo, que abria um armário onde se encontravam todos os registros físicos dos Boletins, e então passava uma pasta contendo geralmente cerca de 250 BOs para o pesquisador, que, através de uma ficha elaborada pelo bolsista Alex Simon Lodetti, passava à coleta dos dados essenciais que viriam a ser utilizados para as comparações estatísticas previstas. Cada grupo de 35 Boletins de Ocorrência levava em média uma hora para ser coletado e, além disso, mais 20 minutos para ser digitado. Por isso houve a necessidade de uma ampliação da equipe que passou a contar com mais duas voluntárias e um voluntário - uma mestrande e dois bolsistas de extensão universitária.

Após este longo processo de coleta iniciou-se o processo de digitalização e padronização dos dados, que levou cerca de um mês e meio pela grande quantidade de dados assim como a necessidade de muitas vezes padronizar novamente algumas variáveis que não funcionaram corretamente, para então finalmente haver o início da análise estatística através do programa SPSS.

### **3.2 Análise dos programas latino-americanos de atenção a autores de violência**

Os campos nacional e internacional propostos contemplavam visitas *in loco* aos programas latino-americanos, quando possível, e entrevistas semi-estruturadas com os coordenadores, além de análise dos materiais utilizados por cada instituição. O contato com estas instituições foi facilitado por indicações de profissionais integrantes da ONG Instituto Promundo do Rio de Janeiro, pela participação em eventos internacionais e nacionais, bem como a partir da Red Masculinidad, de pesquisadores latino-americanos, através de colegas de pesquisas anteriores.

Com o intuito de conhecer a realidade da América Latina foram investigados inicialmente programas que atendem a homens acusados de violência (doméstica, de gênero e sexual) em três países: México, Peru e Argentina. A escolha destes países pautou-se no fato de já terem consolidado a realização de programas dessa natureza, sendo o México o país pioneiro neste sentido. Posteriormente, a partir de contatos estabelecidos com ONGs da Nicarágua, parceiras do Instituto Promundo-RJ, foi realizado o último campo internacional, na

América Central, no qual estava previsto inicialmente apenas visita à Nicarágua. No entanto, a partir de indicações de nossos informantes, ampliamos o campo para Honduras, por este ser um dos dois únicos países latino-americanos a possuir um programa governamental de atenção a homens autores de violência. O outro país é o Chile, onde o departamento de saúde mental do município de Santiago oferece este tipo de programas. No entanto, como o projeto e o próprio orçamento de pesquisa não incluíram esse país, não foi possível investigá-lo.

### 3.2.1 México

O primeiro país visitado foi o México, onde seguimos em busca do programa considerado referência na América Latina: **CORIAC** – *Colectivo de Hombres por Relaciones Igualitárias*, AC. Por esse motivo, julgamos de fundamental importância a observação e a análise de suas estratégias de ação. Durante a visita a esta instituição, tomamos conhecimentos de sua cisão em outras quatro instituições, três destas alocadas na cidade do México e a outra no interior do país, em Oaxaca. Esta última se chama **Alternativas para la Equidad y la Diversidad**. Ao todo, cinco instituições foram visitadas durante a visita ao México, a saber: **HOMBRES POR LA EQUIDAD**, coordenada por Roberto Garda, ex-membro do CORIAC; **MHORESVI** - Movimento de Homens Renunciando a sua Violência, grupo formado por antigos facilitadores do CORIAC, os quais já foram usuários do programa; **CORAZONAR**, coordenada por Paco Cervantes, ex-membro do CORIAC; **MASCULINIDADES y POLITICAS**, coordenado por Jaime Javier Aguirre Martinez; e **SALUD Y GÉNERO**, ONG coordenada por Benno de Keijzer. Nesta última, entrevistamos o coordenador e o facilitador responsável pelos grupos de homens. A maioria das instituições que trabalham com homens no México utiliza a metodologia do antigo CORIAC, com adaptações em alguns casos.

Considerando que o CORIAC estava em processo de cisão, mas não havia encerrado seus grupos, os quais passaram a ser ministrados pelo grupo MHORESVI, foi possível participar de alguns encontros de grupos de homens, tanto do nível inicial, quanto do avançado, além da sessão informativa para novos participantes.

Quanto às outras instituições visitadas, foi realizada visita aos locais, às instalações, exceto ao Salud y Género, a qual estava localizada em outra cidade, tendo sido a entrevista realizada em um workshop sobre violência, realizado por membros da instituição na cidade do

México. As entrevistas foram realizadas, após participação no workshop. Quanto ao Masculinidades y Políticas, o contato inicial aconteceu em um Fórum de Políticas Públicas para Homens, no qual o pesquisador responsável por este campo participou. Posteriormente, a instituição foi visitada, assim como a região, de camadas populares, onde a mesma atua.

### 3.2.2 Argentina

Na Argentina, foram investigados programas em Buenos Aires e Córdoba. Em Buenos Aires foram entrevistadas/os três psicólogas/os: Isabel Boschi, Marta Lucioni e Jorge Corsi. A primeira é presidente da **Fundación Isabel Boschi – FIB**, uma instituição sem fins lucrativos, fundada em 1998, que tem como objetivos fornecer assistência, docência e investigação da relação entre família, educação e sexualidade. Entre as atividades que exerce estão: terapia individual, familiar e multifamiliar; assessoria, prevenção e assistência ao ofensor sexual e sua família; seminários para formação de profissionais da saúde, da educação e da lei sobre diversidade sexual; programa comunitário para tratar e prevenir a ofensa sexual; curso anual de tratamento ao ofensor sexual; entre outras. Diferente dos demais programas visitados, Isabel Boschi faz terapia individual, e, quando viável, forma grupos com os homens em atendimento, mantendo ainda o trabalho individual. O encontro aconteceu no consultório onde ocorrem esses atendimentos, um espaço localizado em sua própria residência.

Marta Lucioni é a principal responsável pelo **Grupo Psicoeducativo de la Conducta Violenta**, e é diretora geral do **Centro Integral de Salud Psicológica Masculina - CIMA**, fundado em 2002, onde, no momento da entrevista, estava trabalhando sozinha, contado apenas com a participação de uma secretária e um terceiro que colaborava com a realização da entrevista inicial. Lucioni coordena grupos psicoeducativos de homens adultos que exercem violência contra a parceira e/ou filhos, que procuram o centro por iniciativa própria. Trata-se de um serviço particular. A entrevista foi marcada por email, e o encontro ocorreu em um café, nas proximidades de sua residência. Na semana de permanência da pesquisadora na cidade não houve reunião do grupo, portanto não foi feito o acompanhamento, nem visita ao centro.

Jorge Corsi é o diretor de uma especialização em Violência Familiar na Universidad de Buenos Aires, tendo publicado diversos livros na área e diretor do “**Instituto de**

**Capacitación en Violencia Familiar**". Oferece grupos terapêuticos abertos de atenção a homens que exercem violência contra a parceira e filhos. Devido a um problema de ordem técnica, não foi possível gravar a entrevista, o que limitou o acesso a algumas informações. Sendo assim, por indicação do próprio entrevistado, acessamos materiais publicados pelo mesmo, que descrevem a metodologia utilizada em seu trabalho.

Com a última entrevistada, Emma Garcia, um primeiro contato foi realizado no VIII Jornadas Nacionales de Historia de las Mujeres e III Congreso Iberoamericano de Estudios de Género e a entrevista foi realizada posteriormente via correio eletrônico. Ela oferece atenção a homens que exercem violência desde 2004 no Programa Provincial de Asistencia a Víctimas de Violencia Familiar, organização governamental da província de Córdoba. São grupos de auto-ajuda de caráter re-educativo, terapêutico e assistencial.

### 3.2.3 Peru

No Peru, contou-se com um elemento facilitador, pois o pesquisador encarregado de realizar o campo, Danilo de Assis Clímaco, bolsista de Apoio Técnico do projeto, trabalhou no ano de 2004 na unidade acadêmica que implementou o **Programa Hombres que Renuncian a Su Violencia (PHRSV)**, acompanhou o início das atividades do programa em julho do citado ano e posteriormente foi co-facilitador do mesmo, entre outubro de 2004 e janeiro de 2006.

O PHRSV foi implementado em Lima mediante um acordo entre o CORIAC mexicano e a Unidad de Sexualidad y Salud Reproductiva, pertencente à Faculdade de Saúde Pública da Universidad Peruana Cayetano Heredia, a principal universidade de ciências da saúde neste país. O responsável pela implementação foi o sociólogo Miguel Ramos Padilla, que foi entrevistado, assim como as duas outras pessoas que fazem a facilitação do PHRSV junto com Miguel Ramos, o psicólogo Christian Eloy Guzmán e o designer Orlando Pardo, e também dois ex-usuários do PHRSV.

Na cidade de Lima também foi entrevistado o psicólogo Stuart Oblitas, que atende homens – e ocasionalmente mulheres ou casais – na **Clínica del Hombre**, do Instituto Peruano de Paternidad Responsable. Ainda que a especialidade de Oblitas seja a sexualidade, ao longo de sua experiência de dez anos na Clínica del Hombre, atendeu também numerosos

casos de homens que cometeram ou cometiam agressões contra suas companheiras. No entanto, o referencial de gênero é pouco utilizado em sua abordagem terapêutica.

Foi também visitado o PHRSV na cidade de Piura, o qual foi implementado em setembro de 2005, a partir de um convênio assinado entre a instituição eclesial Diaconía por la Paz y la Justicia e a USSR/UPCH que previa a capacitação de facilitadores por parte de Miguel Ramos e a supervisão deste das atividades do PHRSV em Piura. Nesta cidade entrevistou-se o educador e teólogo Víctor Domínguez, facilitador do PHRSV e Edith Sánchez, responsável da área de violência de Diaconía, que iniciou os contatos com Miguel Ramos para o estabelecimento do PHRSV na cidade.

### **3.2.4 América Central (Nicarágua e Honduras)**

Considerando o grande número de organizações não governamentais que trabalham com a temática violência na América Central e a existência de um programa governamental em um dos países desta região, acreditamos que seria de grande importância a realização de um dos campos da pesquisa nesta região. Na proposta inicial do projeto estava prevista uma visita somente a programas da Nicarágua, visto que neste país havia uma ONG que trabalhava com a violência sexual especificamente, além de outras instituições. Na visita, constatamos que este programa não estava mais sendo realizado e que as atividades desenvolvidas por estas instituições eram todas no âmbito da prevenção. Com o decorrer da pesquisa, a partir dos contatos estabelecidos e indicações dos próprios entrevistados, incluímos uma visita a Honduras, por sediar o programa de caráter governamental.

Na Nicarágua foram visitadas quatro ONGs (quatro entrevistas ao total) que trabalham com a temática violência, principalmente com capacitações e programas de prevenção, todas localizadas na capital do país, Manágua. No entanto, as atividades da maioria destas organizações ampliam-se para outras regiões do interior do país. As ONGs visitadas e respectivos entrevistados foram: **Cantera – Centro de Comunicación y Educación Popular** - Juan Carlos Arce Campos, **Fundación Puntos de Encuentro** - Douglas Mendoza Urrutia, **AHCV – Asociación de Hombres contra la Violencia** - Xavier Muñoz, **Save the Children** - Oswaldo Montoya, coordenador do Programa- **Protección contra la Violencia y Abuso Sexual**.

No período da visita não havia no país grupos de atenção a homens autores de violência. Foi realizado, portanto, apenas visitas às ONGs para conhecer as instalações, equipe, materiais e publicações, participação em uma oficina e respectivas entrevistas. Há um projeto, realizado a partir de uma pesquisa e intervenções e discussões da Associação de Homens Contra a Violência em parcerias com outras ONGs, que possivelmente será implantado no país em breve, tendo financiamento do FNUAP. Tivemos conhecimento deste projeto a partir da entrevista realizada com Xavier Muñoz, um dos responsáveis pela Associação de Homens Contra a Violência e também durante a entrevista com Oswaldo Montoya, da ONG Save the Children. Um dos responsáveis por este projeto é Gustavo Pineda, o qual não pode ser entrevistado por questões de agenda.

Uma especificidade do campo realizado em Nicarágua está na experiência da ONG Cantera com Violência Sexual. O entrevistado desta instituição, o advogado da ONG, não soube dar detalhes desta experiência, pois ela não está mais sendo realizada. Indicou uma entrevista com Santiago Sequeira Molina, o qual foi contatado de imediato, porém não pode ser entrevistado por questões de agenda também.

Em Honduras, o **Programa Nacional de Saúde Mental** do país realiza grupos com homens autores de violência encaminhados pela justiça. Caracterizado como o único programa governamental de atenção a homens autores de violência da América Central, este serviço é realizado principalmente na capital, Tegucigalpa. O atual chefe do Programa - Reinaldo Moncada - relatou apenas uma experiência de grupos no interior do país. Portanto, foram realizadas quatro entrevistas: uma com o chefe do Programa de Saúde Mental - Reinaldo Moncada, outra com o chefe do Programa de Atenção ao Homem da Secretaria de Saúde - Manuel Emilio Carrasco e as outras duas entrevistas com os facilitadores (assistentes sociais), que coordenam os grupos na capital, Edmundo Perez e Marcos Antonio Moreno Garcia.

Nesta visita, foi possível participar de três grupos realizados durante o período da manhã e da tarde, observando a atuação dos dois facilitadores. Um deles, Marcos, foi capacitado por Antônio Ramirez, a mesma pessoa que capacitou os integrantes do CORIAC que iniciaram o Programa Hombres Renunciando a Su Violência. Há alguns elementos comuns ao CORIAC e ao modelo de Marcos, sendo que este realiza também retiros e tem uma forte influência do grupo dos Alcoólicos Anônimos. São grupos fechados. Já o grupo do outro facilitador, Edmundo, tem uma linha diferenciada, onde o coordenador realiza em muitos



momentos uma análise dos discursos dos participantes e sempre procura trazer leituras, frases motivacionais e exemplos estatísticos sobre as temáticas discutidas nos grupos. Estes últimos são grupos abertos, ou seja, há entrada e saída de participantes permanentemente. Edmundo é egresso de capacitações da ONG Cantera, da Nicarágua, e também com profissionais da Costa Rica. Foi possível notar que Honduras tem uma grande experiência com grupos de homens autores de violência, no entanto, falta uma sistematização e divulgação deste conhecimento, refletindo sobre seus acertos e erros.

### **3.2.5 Brasil**

No Brasil, iniciativas pioneiras de grupos de atenção a homens autores de violência foram encontradas na cidade do Rio de Janeiro. As primeiras instituições visitadas foram **NOOS** e **NAV** (Núcleo de Atenção a Violência), parte do campo nacional que foi realizada pelo núcleo Margens/UFSC. Posteriormente, um pesquisador do grupo foi enviado para Recife e outro para Vitória para obter as informações que estavam sendo colhidas pelos núcleos de pesquisa parceiros, alocados nas Universidades Federais de Pernambuco (UFPE) e do Espírito Santo (UFES).

O NOOS - Instituto de Pesquisas Sistêmicas e Desenvolvimento de Redes Sociais é uma ONG, fundada em 1994, que objetiva desenvolver, executar e difundir práticas sociais participativas que contribuam para a melhoria de relações entre pessoas, famílias, instituições e comunidade. Ficou nacionalmente conhecida a partir de uma divulgação realizada em uma novela da Rede Globo, que discutia a violência contra a mulher. Esta instituição realiza grupos de homens autores de violência, sob a perspectiva sistêmica. No entanto, na ocasião de nossa visita, a instituição estava com dificuldades de financiamentos, possuindo apenas um grupo em funcionamento. O grupo não foi visitado *in loco*, por questões de agendamento da visita.

O NAV - Núcleo de Atenção a Violência, é uma ONG que trabalha através de projetos em parceria com universidade e iniciativa privada desde 1986, oferecendo atendimentos psicanalíticos a vítimas de agressão e autores de violência. Realiza em conjunto capacitações e supervisões. Uma das participantes da ONG foi entrevistada em seu consultório privado e, no momento da entrevista, o projeto estava parado, em espera de financiamento.

**Figura 2. Quadro geral das entrevistas realizadas pela equipe Núcleo Margens / UFSC – 2006/07**

<b>País</b>	<b>Instituição</b>	<b>Pessoas entrevistadas</b>
Brasil (Rio de Janeiro)	NAV (Núcleo de Atenção a Violência)	Simone Gryner (psicanalista e coordenadora)
Brasil (Rio de Janeiro)	NOOS (Instituto de Pesquisas Sistêmicas e Desenvolvimento de Redes Sociais)	Carlos Zuma (psicólogo sistêmico e coordenador)
México (Xapala e Querétano)	Salud y Género	Benno de Keijzer (coordenador) / Manuel Puentes Pantay, Cuahtli (facilitador)
México (Iztapalapa, DF)	Masculinidades y Políticas AC	Jaime Javier (coordenador)/ Ernesto (facilitador)
México (Ciudad del México)	Ex CORIAC y atual Hombres por la equidad. Centro de intervención con hombres, e investigación sobre genero y masculinidades	Roberto Garda (economista, coordenador de Hombres por la equidad, ex integrante do CORIAC)
México (Ciudad del México)	Ex CORIAC atual CORAZONAR	Francisco Eduardo Cervantes Islas (Paco Cervantes) (psicólogo, Coordenador do CORAZONAR, ex integrante do CORIAC)
México (Ciudad del México)	Ex CORIAC MHORESVI - Movimento de Homens Renunciando a sua Violência	Ángel (ex facilitador do CORIAC, ex usuário, integrante do MHORESVI)
Argentina (Buenos Aires)	Fundación Isabel Boschi-FIB	Isabel Boshi (presidenta)
Argentina (Buenos Aires)	Grupo Psicoeducativo de la Conducta Violencia / Centro Integral de Salud Psicológica Masculina	Marta Lucioni (psicóloga, doutora em violência familiar, coordenadora e facilitadora)
Argentina (Buenos Aires)	Instituto de Capacitación en Violencia Familiar / Especialización em Violência Familiar na Universidad de Buenos Aires	Jorge Corsi (Professor, pós-graduado em violência familiar e facilitador)
Argentina (Córdoba)	Programa Provincial de Asistencia a Víctimas de Violencia Familiar. Ministerio de Acción Social. CÓRDOBA	Emma Garcia (psicóloga e docente investigadora del Programa de estudios de Mujer y género del Centro de filosofía y Humanidades de la Universidad)
Peru (Lima)	Programa Hombres que Renuncian a Su Violencia (PHRSV)	Miguel Ramos Padilla (coordenador) / Christian Eloy Guzmán e Orlando Pardo

		(facilitadores) e quatro ex-usuários do programa que haviam cumprido todas as suas fases: Ángel Mío, Bani Set, Christian Eloy Guzmán e Orlando Pardo
Peru (Lima)	Clínica del Hombre, do Instituto Peruano de Paternidad Responsable.	Stuart Oblitas (psicólogo)
Peru (Piura)	Programa Hombres que Renuncian a Su Violencia (PHRSV)/Instituição Eclesiástica Diaconía para la Paz	Victor Dominguez (coordenador do PHRSV) / July Chávez (responsável pelo projeto 'Atención a las Mujeres Afectadas por Violencia Familiar y Sexual')
Honduras(Tegucigalpa)	Programa Governamental Secretaria de Saúde Mental	Manuel Emilio Carrasco (Médico) Chefe do Programa Atención al Hombre de la Secretaria de Salud de Honduras.
Honduras (Tegucigalpa)	Programa Governamental Secretaria de Saúde Mental	Reinaldo Moncada (Médico) Chefe do Programa Nacional de Salud Mental
Honduras (Tegucigalpa)	Programa Governamental Secretaria de Saúde Mental	Edmundo Perez (Assistente Social) Facilitador de grupos de homens autores de violência
Honduras (Tegucigalpa)	Programa Governamental Secretaria de Saúde Mental	Marcos Antonio Moreno Garcia (Assistente Social) Conselheiro Familiar Facilitador de grupos de homens autores de violência
Nicarágua (Manágua)	Save the Children	Oswaldo Montoya (Coordenador do Programa-Protección contra la Violencia y Abuso Sexual)
Nicarágua (Manágua)	AHCV – Asociaciòn de Hombres contra la Violencia	Xavier Muñoz (integrante do AHCV, um dos fundadores)
Nicarágua (Manágua)	Cantera – Centro de Comunicación	Juan Carlos Arce Campos (Advogado da Associação e responsável pela organização dos relatos das capacitações)
Nicarágua (Manágua)	Fundación Puntos de Encuentro	Douglas Mendoza Urrutia

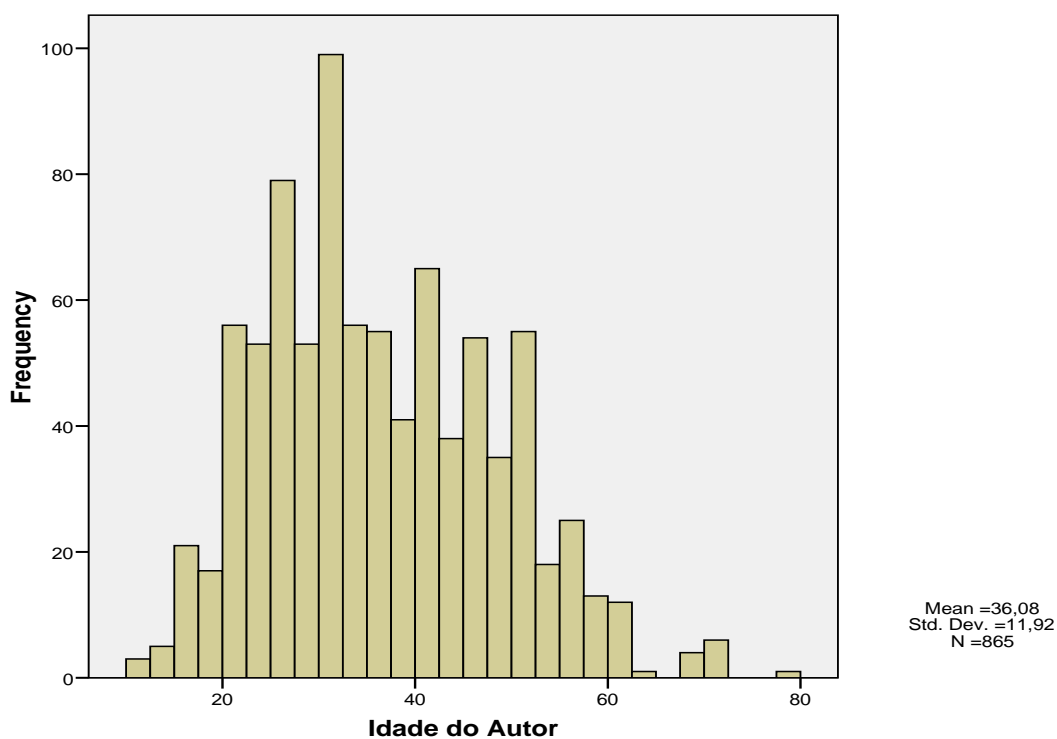
		(cientista social, administrador e trabalhador comunitário e coordenador no Programa Oficial da Equipe de capacitação e alianças (LiderArte em Managua/Nicaragua)
--	--	---

## 4. RESULTADOS

### 4.1. Análise dos Boletins de Ocorrência Registrados na 6ª DP De Florianópolis

Iniciaremos a exposição dos dados com a apresentação dos dados gerais coletados, sem distinção entre os dois períodos da pesquisa, pois estes serão apresentados posteriormente já com comentários acerca dos resultados. A relação entre os dois períodos do ano de 2006 correspondem a 524 (39,66% da amostra) crimes pesquisados entre Janeiro e Março e 797 (60,33% da amostra) crimes pesquisados entre Outubro e Dezembro.

**Figura 3. Distribuição dos autores de crime por idade**

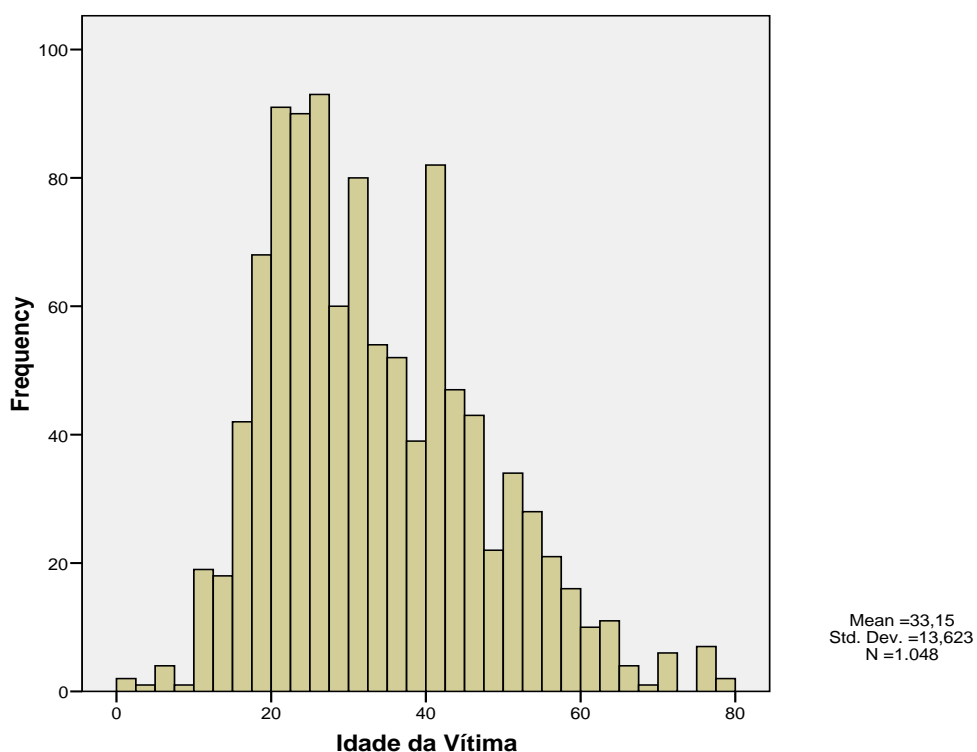


A amostra foi composta por 865 registros, quando comparado aos 1.048 registros de idade das vítimas já começa a transparecer um dos dados comumente encontrados na literatura que lida com criminalidade no Brasil: a falta de registros adequados. Além disso quando comparado ao número total de crimes (1.323) nota-se novamente um grande problema na

coleta de dados que incluem também a identificação errônea ou não-realizada dos dados da vítima, impossibilitando ações protetivas. A elaboração de um investigação ou inquérito policial já se inicia em defasagem pela falta de dados de qualidade colhidos nos registros iniciais.

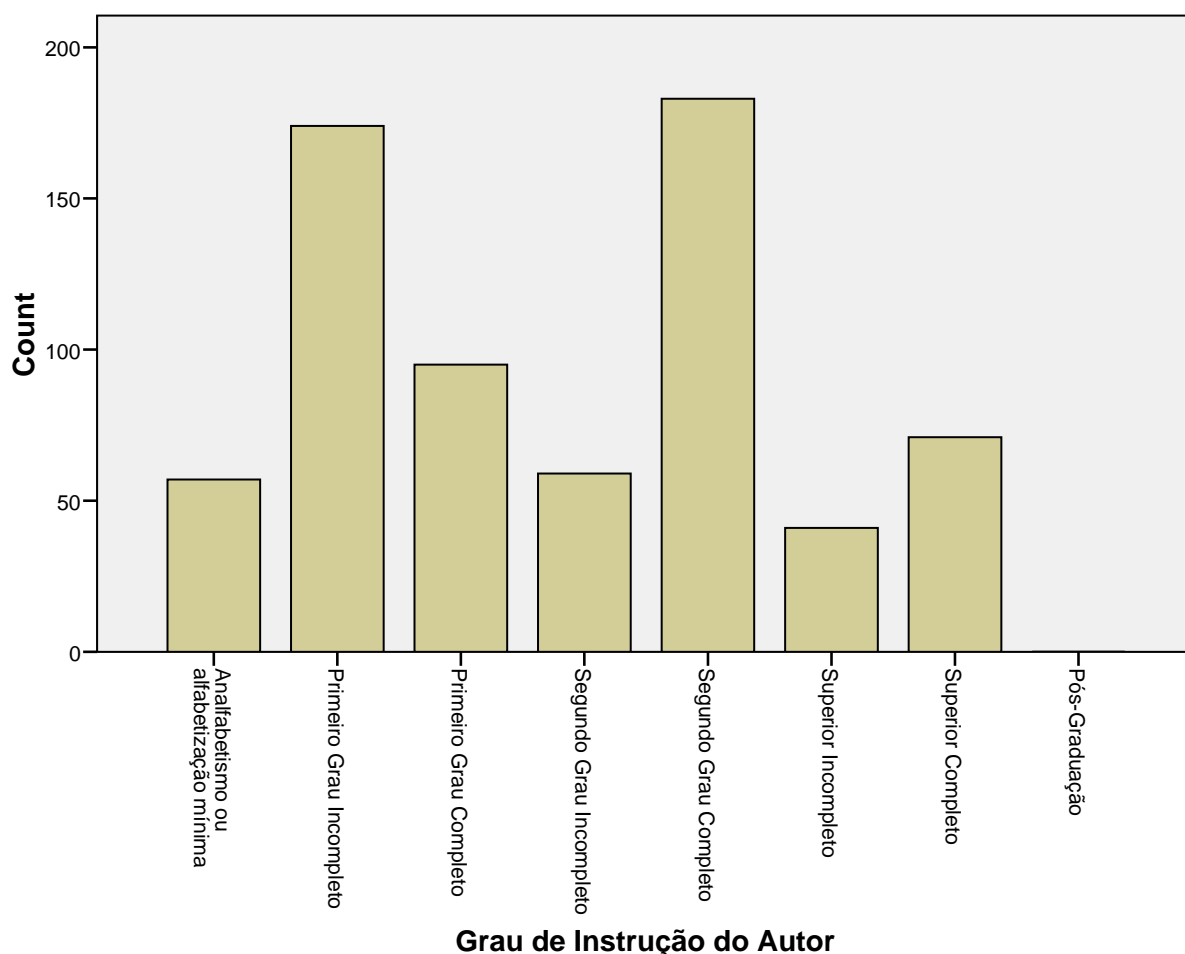
A média de idade entre os autores figura como  $m=36,08$ , relativamente alta, e vai ao encontro novamente com a literatura que coloca que a maior parte das agressões é feita por familiares como o pai, padrasto, tios, avôs. Também é interessante notar os picos nas idades nos meados dos 20 anos, início da fase adulta e também caracterizada como a população de maior risco de sofrer e praticar a violência na sociedade brasileira (Silva, 2007. pg. 265).

**Figura 4. Distribuição das vítimas por idade**



A figura 3 permite visualizar que as vítimas se concentram na faixa dos 20 aos 30 anos massivamente (casos notificados), corroborando com a visão acima posta de que os autores de violência contra a mulher em geral tem idades mais avançadas do que suas vítimas, visto que a média das mulheres fica em  $m=33,15$ , 3 anos a menos que os autores. A existência de um pico no início dos 40 anos permanece inexplicada, mas fornece um dado interessante para a implementação de políticas públicas que visem esta faixa etária.

**Figura 5. Distribuição dos autores de violência segundo o grau de instrução**

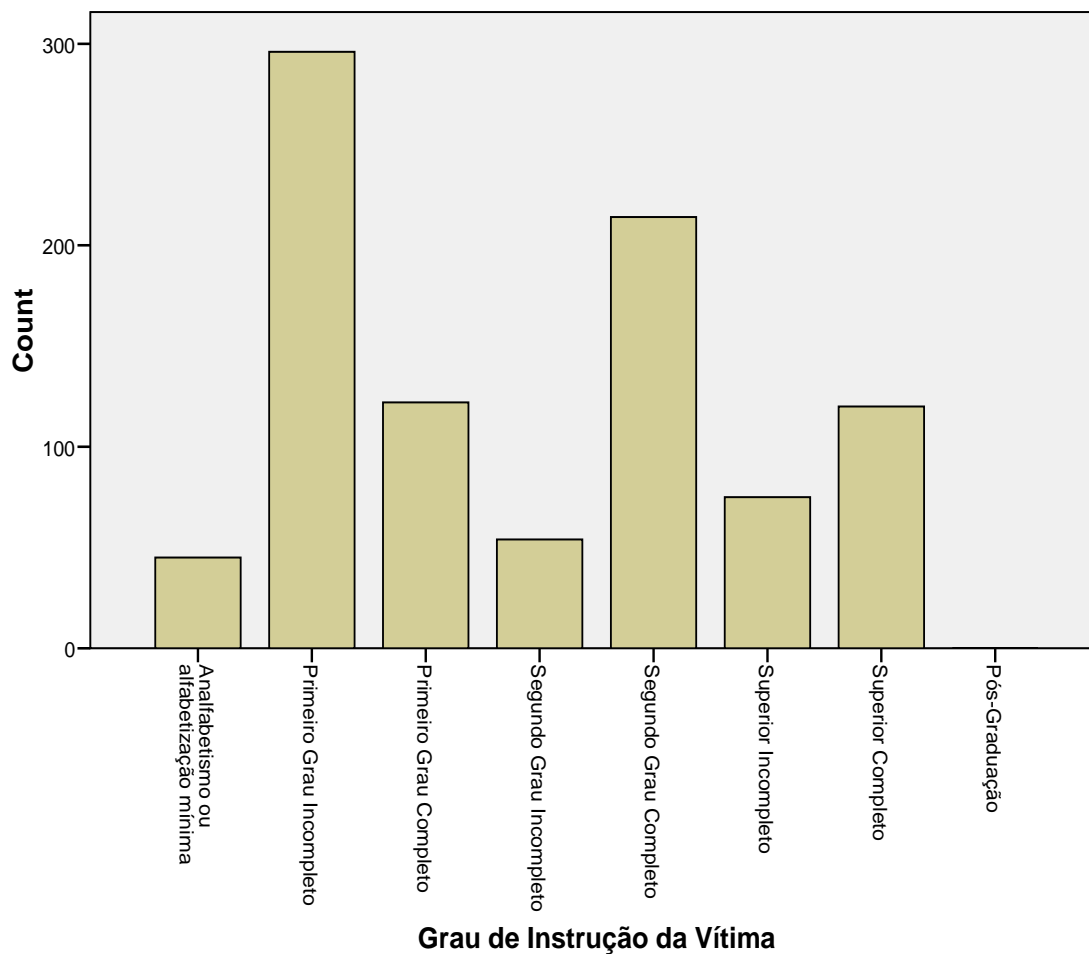


Deve haver certo cuidado na interpretação de dados de pesquisa como o apresentado acima, pois o primeiro ímpeto seria certamente o de aliar a violência à baixa escolaridade pela grande quantidade (mais de 170) de autores de violência que não têm o ensino fundamental completo. Porém, há primeiro de se notar que uma quantidade ainda maior tem o ensino médio completo, e uma quantidade de cerca de 70 homens se mantém presente em todos os extratos de escolaridade, impossibilitando uma generalização de qualquer maneira.

Há também a discussão dos caminhos trilhados pelos sujeitos até chegar às delegacias. Existe a crença mesmo entre os próprios profissionais entrevistados que as delegacias funcionam como mecanismo de controle e atendimento às camadas populares e, portanto, aparece novamente uma relação que não é causal entre baixa escolaridade e camadas de baixa

da população. Os sujeitos de outras camadas não as utilizariam, optando por mecanismos como a própria psicoterapia e outros meios de lidar com seus problemas relacionais que não o policial.

**Figura 6. Distribuição das vítimas de violência segundo o grau de instrução**

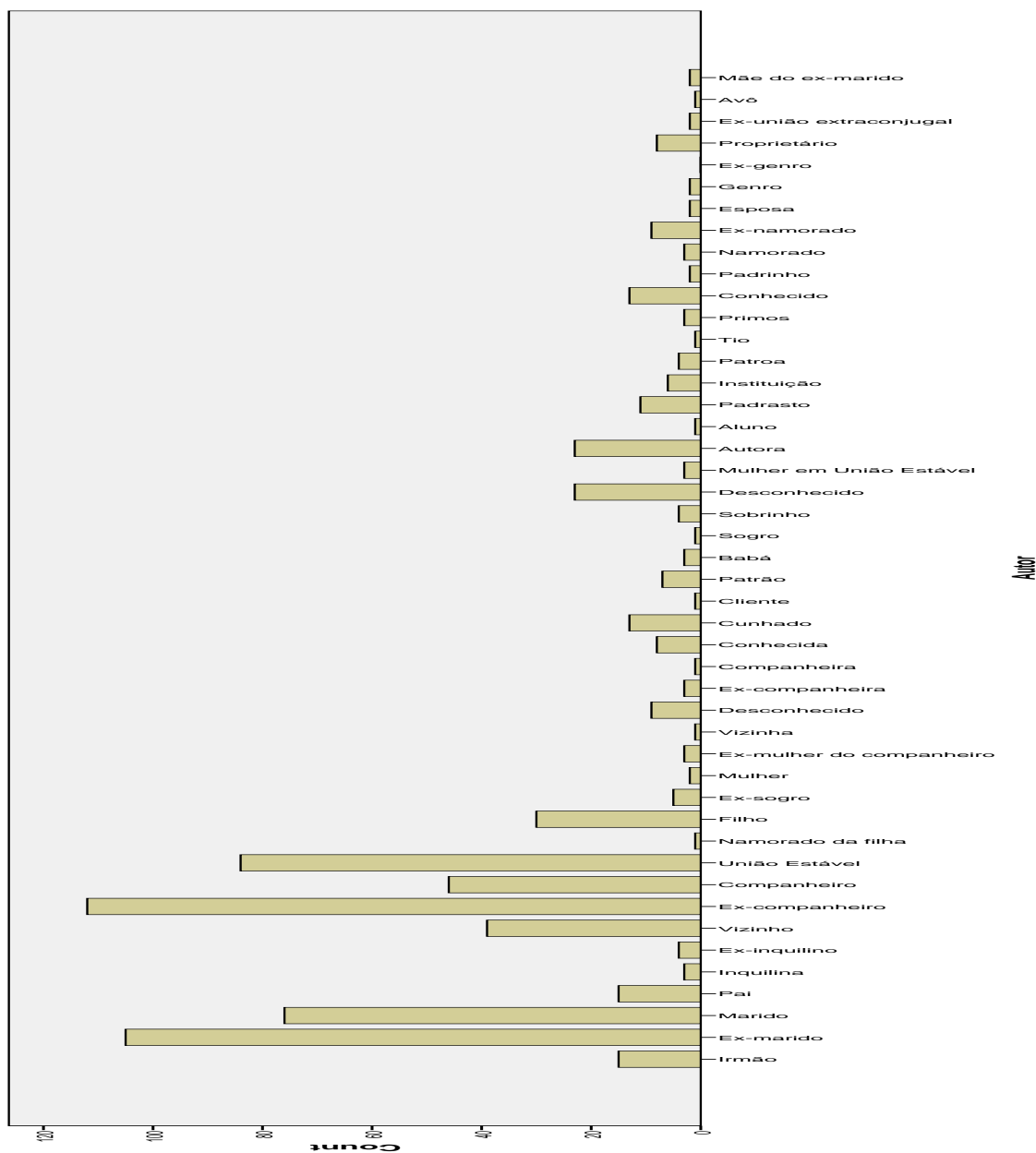


Novamente se destacam o ensino fundamental incompleto e o ensino médio completo. Porém entre as vítimas aparece uma tendência de pico entre pessoas com o ensino superior completo. Importante entender também que o número de sujeitos com a informação correta registrada no Boletim de Ocorrência entre as vítimas é sempre maior que o do agressor, o que dificulta uma compreensão completa do quadro, mas já delinea um certo padrão que possibilita certas afirmações.



Em ambos os quadros das idades, é interessante notar que pessoas com baixo nível de alfabetização ou analfabetas aparecem de maneira menos expressiva mesmo em relação a outros valores baixos, podendo indicar tanto uma falha do sistema em captar estes sujeitos pela sua condição de iletrados, assim como também pode revelar um dado paralelo sobre a maior alfabetização da população brasileira, também presente em estudos contemporâneos.

**Figura 7. Distribuição das vítimas segundo sua relação com o autor**



A análise desta figura mostra algumas peculiaridades. Um dado muito importante é o de que, em Florianópolis, os maiores responsáveis por crimes contra a mulher são os ex-maridos e ex-companheiros (caracterizados como aqueles que estiveram dentro de uma união estável com a mulher), seguidos de perto pelos atuais companheiros, maridos e os caracterizados como uniões estáveis.

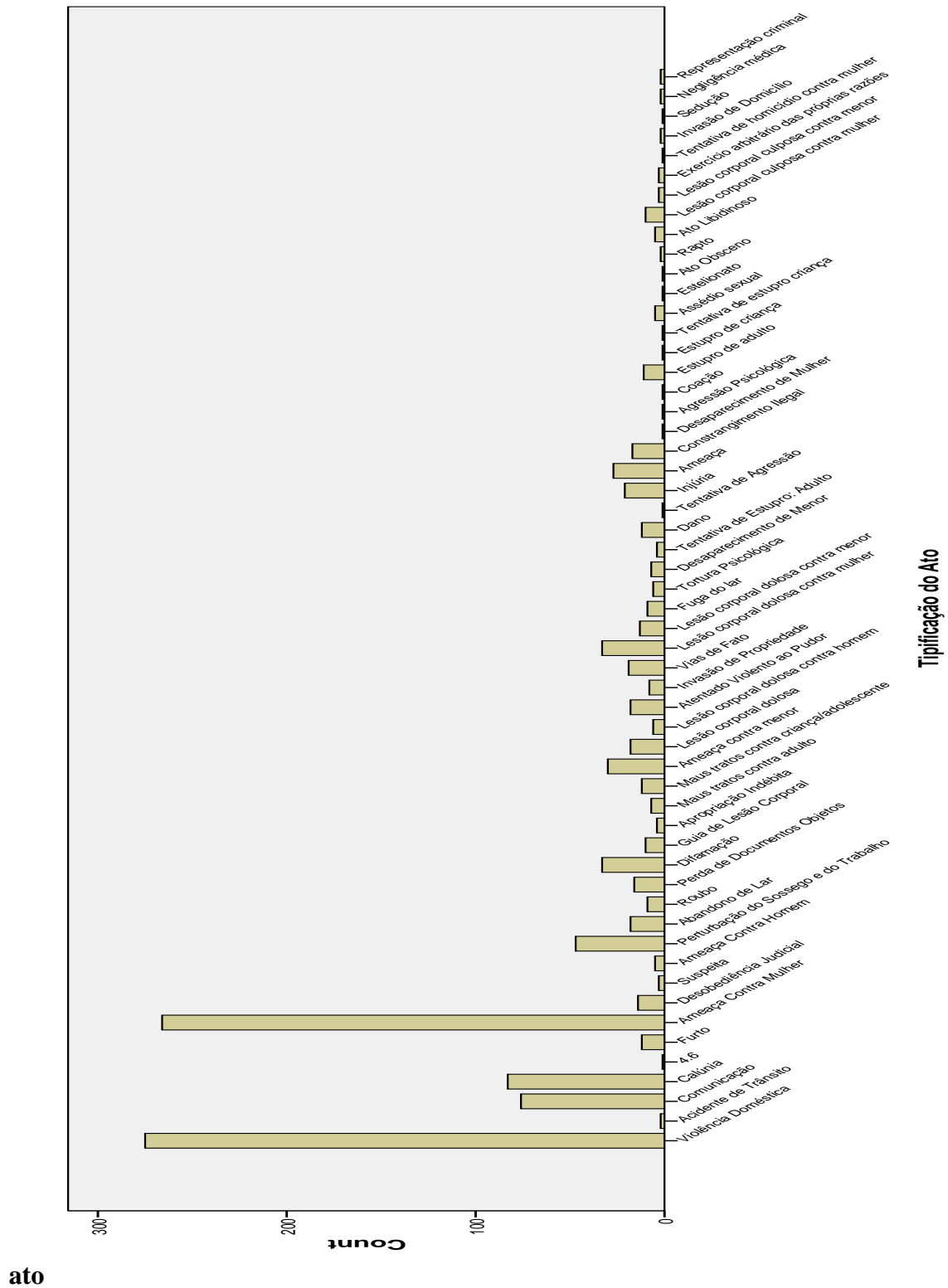
Nesta figura também chama a atenção que existe uma parcela significativa de mulheres autoras de violência contra a mulher, assim como mulheres autoras de violência contra homens, desmistificando a idéia de que a mulher continua sendo passiva na cultura contemporânea. Esposas, inquilinas e mesmo desconhecidas figuram como autoras de crimes, colocando novamente uma dimensão que os estudos apenas tardiamente começaram a perceber: a violência é um fenômeno que acontece em todas as camadas de nossa sociedade e entre todos os sujeitos.

#### **4.1.2 Tipificação do Ato**

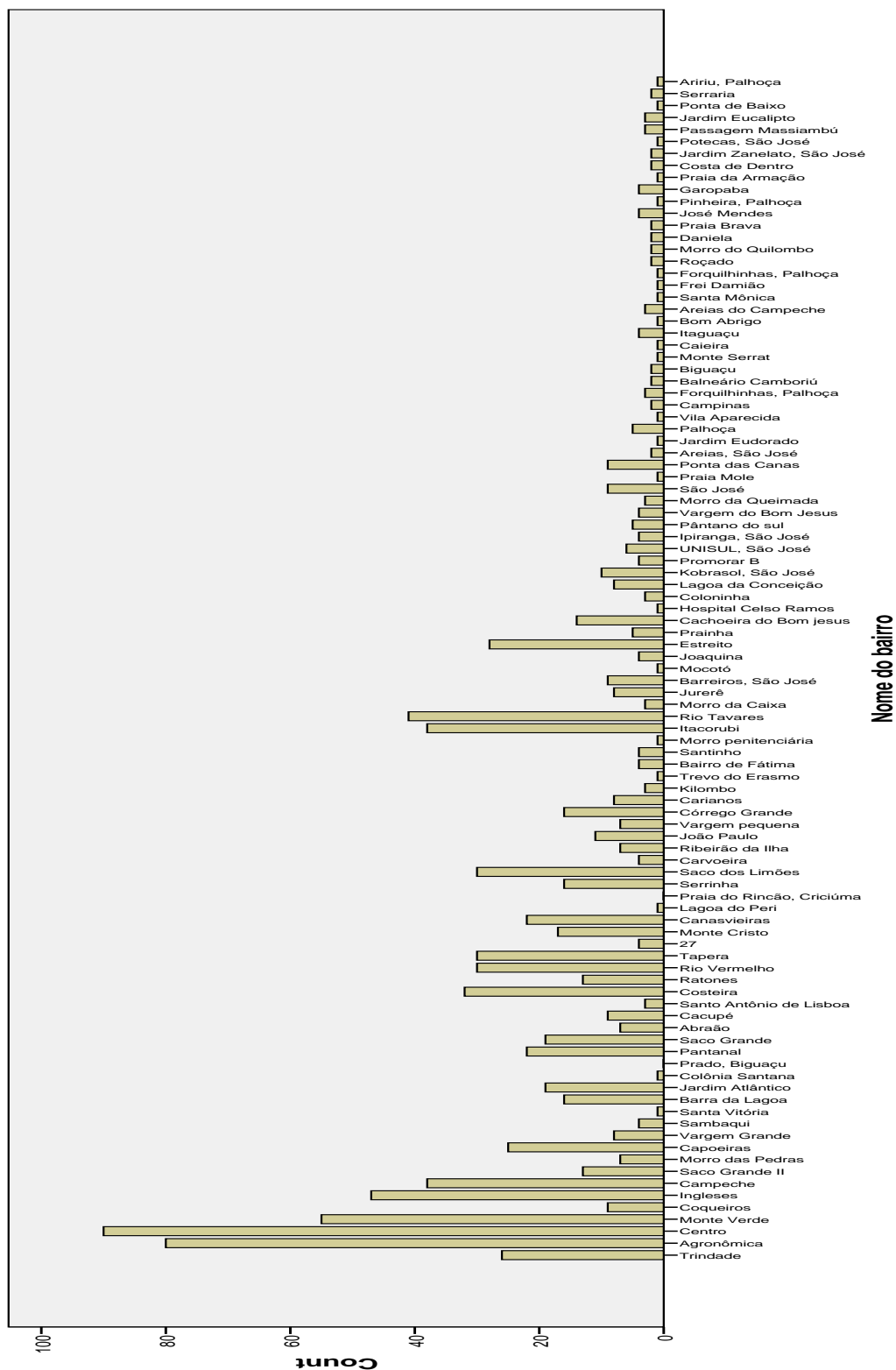
A figura 7 representa o sumário de todos os crimes cometidos na duração da pesquisa. A Violência Doméstica e a Ameaça Contra Mulher figuram como as categorias de mais intensa ocorrência, ficando clara a necessidade e a utilização da Delegacia da Mulher. Dos 1343 crimes analisados, cerca de 500 correspondem a alguma destas duas categorias, sendo a violência doméstica mais prevalente. Esta figura pretende ser meramente ilustrativa e introdutória, sendo que a violência doméstica será melhor avaliada à frente. Porém apenas a desproporção de outros crimes como este já a identifica como o foco central do trabalho das Delegacias da Mulher, e clarifica como o problema da violência contra a mulher ainda é endêmico no município de Florianópolis e na área da Grande Florianópolis.

Outros crimes que aparecem em uma categoria abaixo, mas que ainda são expressivos são: Calúnia, Difamação, Lesão Corporal Dolosa Contra Mulher e Ameaça Contra Menor. Esta última categoria se aplica pelo fator de que a 6ª DP também abriga a Delegacia do Menor e Adolescente de Florianópolis, fato que gera vários conflitos internos e mesmo situações de risco, pois muitas vezes os próprios agressores menores de idade são atendidos conjuntamente com as mulheres que agrediram. Várias vezes no discurso dos profissionais aparece uma insatisfação com essa situação, principalmente pelo crescimento da demanda de espaço e dos profissionais da Psicologia dentro da Delegacia.

Figura 8. Distribuição das ocorrências segundo a tipificação do ato



**Figura 9. Distribuição das ocorrências por bairros**



Que o Centro e a Agronômica constem como os bairros mais violentos é compreensível pela localização da Delegacia da Mulher, porém isso não se aplica ao Monte Verde, à praia de Ingleses ou ainda ao Rio Tavares, que se apresentam como lócus de crimes contra a mulher. A concentração em certas áreas também poderia ser explicada, de maneira mais apressada, por serem eminentemente de camadas populares. Mesmo que se concentre grande parte da população de camadas populares no maciço do Morro da Cruz (que consta nos BOs como Centro ou Agronômica), ainda assim seria incorreto estabelecer tal relação. A explicação mais plausível, portanto, seria a da concentração populacional e alguma injunção entre cultura e problemas de origem social que levem a estes números significativos.

#### **4.1.3 Relações entre Idade e Categoria do Autor de Crime**

A figura 10 estabelece uma correlação entre a idade dos autores de crimes e sua relação com as vítimas. Nesta tabela novamente aparecem os ex-companheiros e ex-maridos como os maiores autores de crimes contra suas respectivas companheiras/esposas. E assim como nas figuras de relação de idades entre autores e vítimas também se estabelece uma relação de maior idade dos autores em relação à suas vítimas.

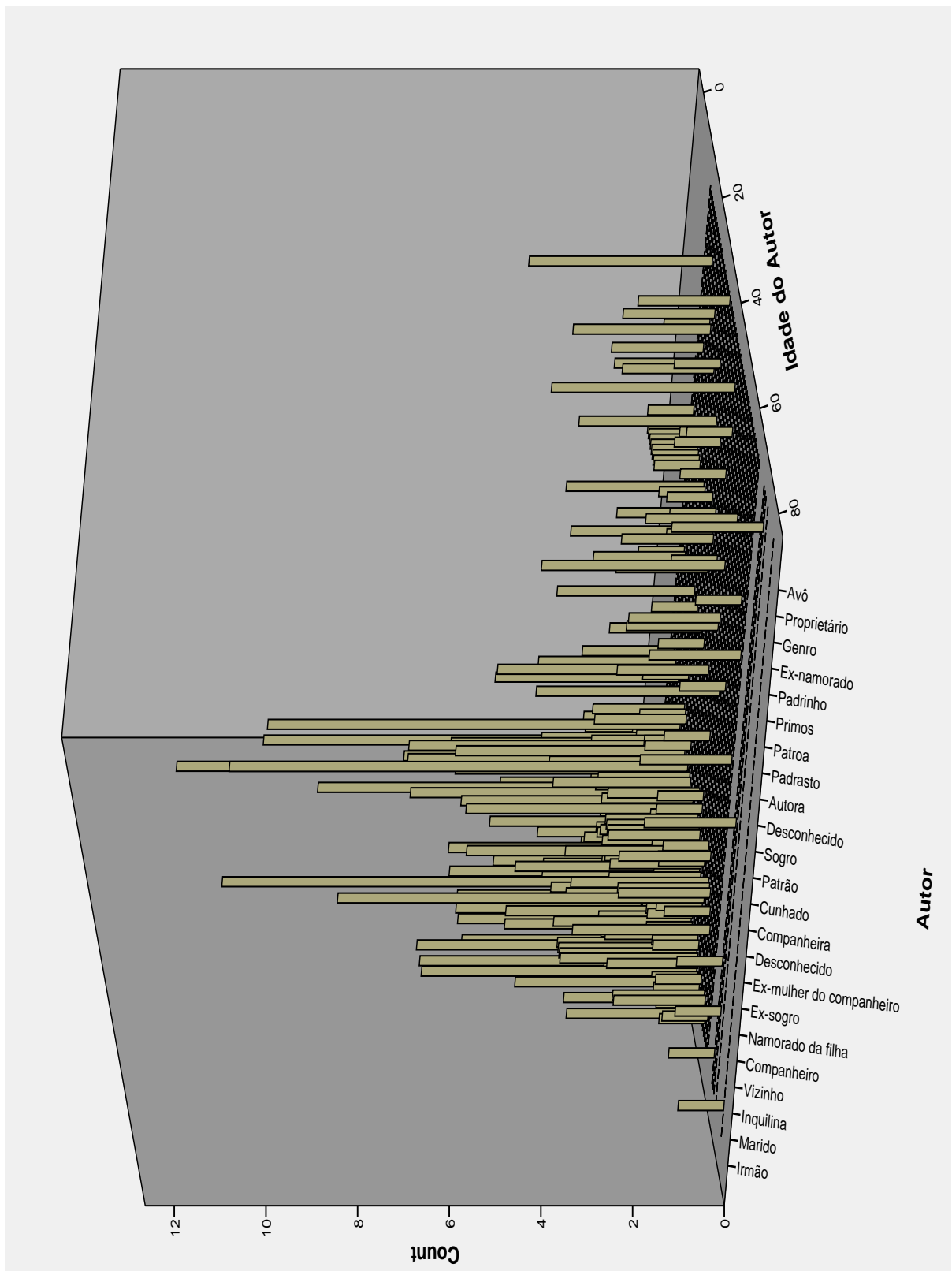
Conforme a tabela abaixo esclarece, temos os dados de apenas 544 casos onde o autor é identificado por sua relação com a vítima – constando apenas 41,1% entre os 1321 crimes pesquisados. Entre estes crimes pesquisados notamos primariamente cinco tipos de relação que apresentam altos níveis de violência doméstica e idades bastante próximas: 1) os Ex-Maridos representando  $n=100$  sujeitos e  $m=40,29$  anos; 2) os Ex-Companheiros com  $n=94$  sujeitos e  $m=33,61$  anos; 3) a União Estável com  $n=73$  sujeitos e  $m=34,92$  anos ; 4) Maridos com  $n= 68$  sujeitos e  $n=40,34$  anos e 5) Companheiros com  $n=45$  e  $n=31,16$  anos de idade.

Há uma diferença entre as médias dos companheiros e maridos, com os últimos obtendo médias maiores do que os primeiros, mesmo que analisando o desvio padrão haja ainda uma grande área de intersecção entre ambas as classes. Porém é interessante notar que as idades são elevadas e isso é representativo da população onde devem incidir novas pesquisas.

**Figura 10. Distribuição Média de Idade por Número de Autores**

Autor	Mean	N	Std. Deviation
Irmão	32,18	11	8,818
Ex-marido	40,29	100	9,509
Marido	40,34	68	11,803
Pai	42,91	11	5,412
Inquilina	28,00	1	.
Vizinho	34,42	19	11,428
Ex-companheiro	33,61	94	10,619
Companheiro	31,16	45	8,705
União Estável	34,92	73	10,525
Filho	28,55	22	13,026
Ex-sogro	24,80	5	10,733
Ex-mulher do companheiro	26,00	1	.
Ex-companheira	34,00	2	15,556
Conhecida	15,67	3	,577
Cunhado	38,18	11	16,179
Patrão	53,33	6	6,713
Sogro	53,00	1	.
Sobrinho	38,50	4	6,351
Desconhecido	45,00	2	,000
Mulher em União Estável	31,00	3	,000
Autora	24,67	18	7,738
Aluno	13,00	1	.
Padrasto	46,38	8	10,901
Tio	59,00	1	.
Conhecido	26,00	9	8,703
Padrinho	51,00	2	,000
Namorado	29,00	3	6,928
Ex-namorado	19,75	4	,500
Esposa	35,50	2	9,192
Genro	22,00	2	,000
Proprietário	29,00	8	12,829
Ex-união extraconjugal	70,00	2	,000
Mãe do ex-marido	32,00	2	,000
Total	35,58	544	11,795

**Figura 11. Distribuição de Idade por Relação com a Vítima**

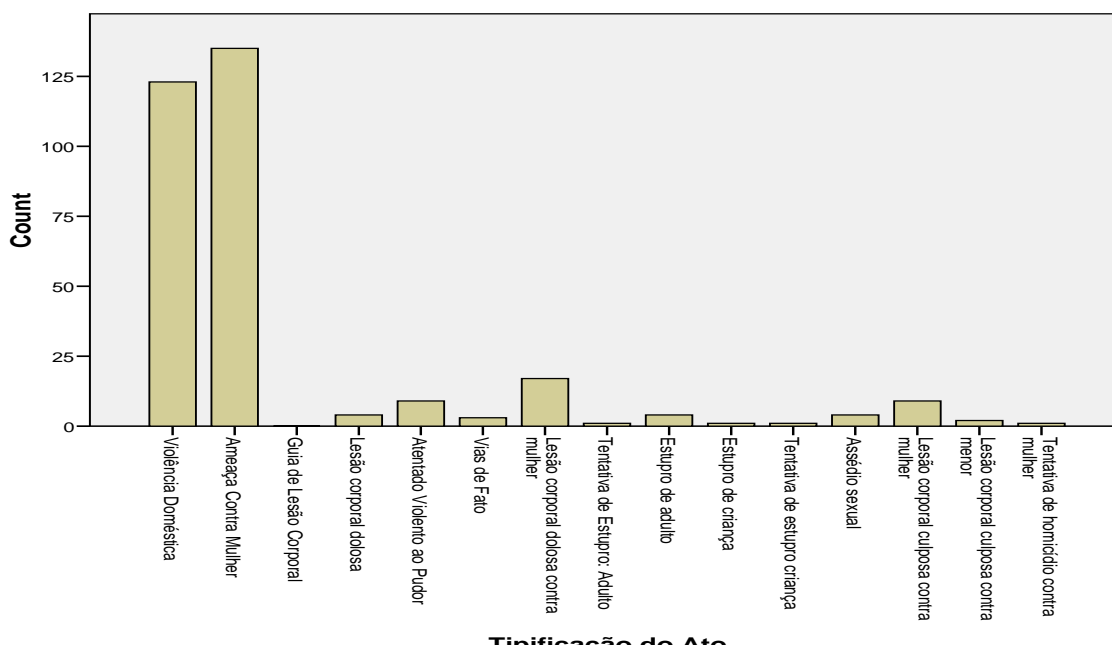


#### 4.1.4 Análise da Violência Contra a Mulher

A partir da exposição desta visão geral iniciamos agora a apresentação dos dados exclusivos de violência contra a mulher perpetrada por homens. Os crimes compreendidos nessa categoria são: Violência Doméstica, Ameaça Contra Mulher, Guia de Lesão Corporal, Atentado Violento ao Pudor, Vias de Fato, Lesão Corporal Dolosa Contra Mulher, Tentativa de Estupro: Adulto, Estupro de Adulto, Estupro de Criança, Tentativa de Estupro: Criança, Assédio Sexual, Lesão Corporal Culposa Contra Mulher, Lesão Corporal Culposa Contra Menor e Tentativa de Homicídio Contra Mulher.

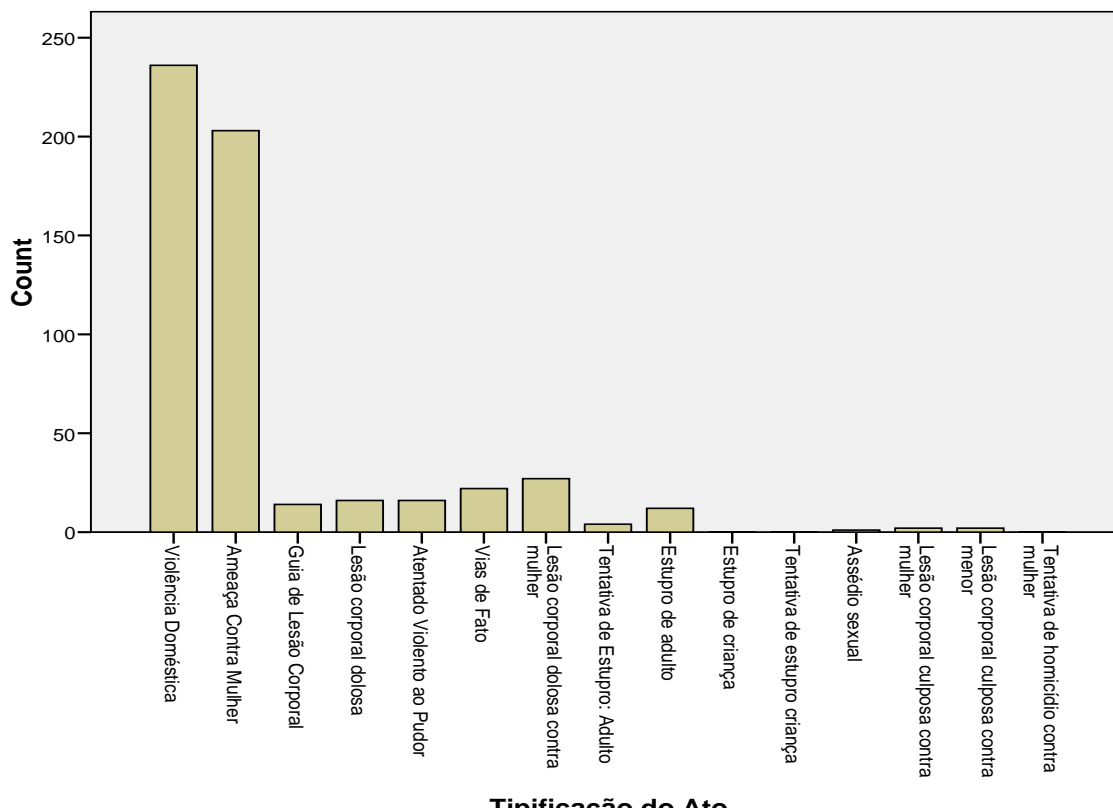
Os autores que aqui são analisados foram listados segundo as categorias nativas do campo, ou seja, as próprias nomeações encontradas nos Boletins de Ocorrência, sem alterações ou englobamentos de uma por outra, mesmo quando possam ser entendidas como sinônimos. As categorias são: Irmão, Ex-marido, Marido, Pai, Ex-inquilino, Vizinho, Ex-Companheiro, Companheiro, União estável, Namorado da filha, Filho, Ex-sogro, Desconhecido, Cunhado, Cliente, Patrão, Sogro, Sobrinho, Aluno, Padrasto, Tio, Primo, Conhecido, Padrinho, Namorado, Ex-namorado, Genro, Ex-genro, Proprietário, Ex-união extraconjugal e Avô.

**Figura 12. Crimes Contra a Mulher cometidos por Homens – Janeiro a Março**





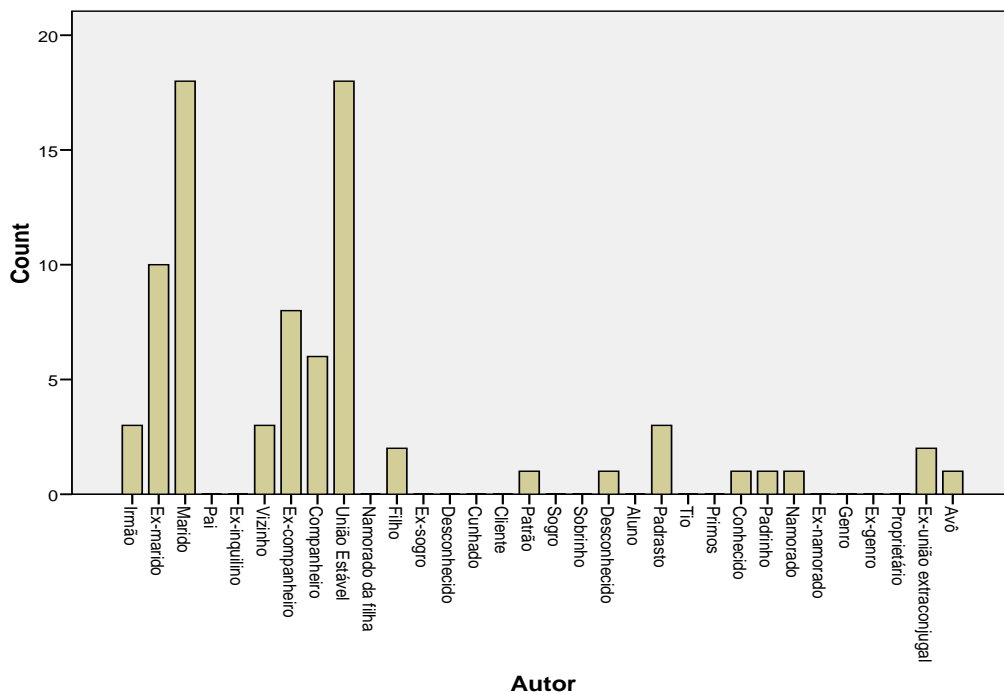
**Figura 13. Crimes Contra a Mulher cometidos por Homens – Outubro a Dezembro**



A comparação entre estas duas figuras é provavelmente o ponto focal de todo este trabalho. Aqui entendemos os efeitos e as diferenças engendradas pela Lei Maria da Penha. Em praticamente todos os crimes, o número de BOs foi duplicado. Caso a análise fosse apenas sobre violência doméstica, mesmo aí o número teria mais do que ultrapassado o dobro. Sendo que pelos relatos dos profissionais da 6ª DP, os meses de Janeiro e Dezembro são os mais ativos (outro motivo para a escolha destes para esta pesquisa), isso ainda assim significa um aumento muito significativo de Boletins de Ocorrência na Delegacia da Mulher, o que atesta que ainda com os efeitos de impossibilidade de parar a instauração de um inquérito em todos os casos de violência contra a mulher, a Lei Maria da Penha teve um efeito positivo sobre a feitura de Boletins de Ocorrência. Muitos críticos afirmavam que esta característica seria um impeditivo, onde as mulheres por medo de perderem o parceiro e muitas vezes a renda que este trazia para casa, não mais iriam denunciá-lo. Muito provavelmente a Lei configurou um

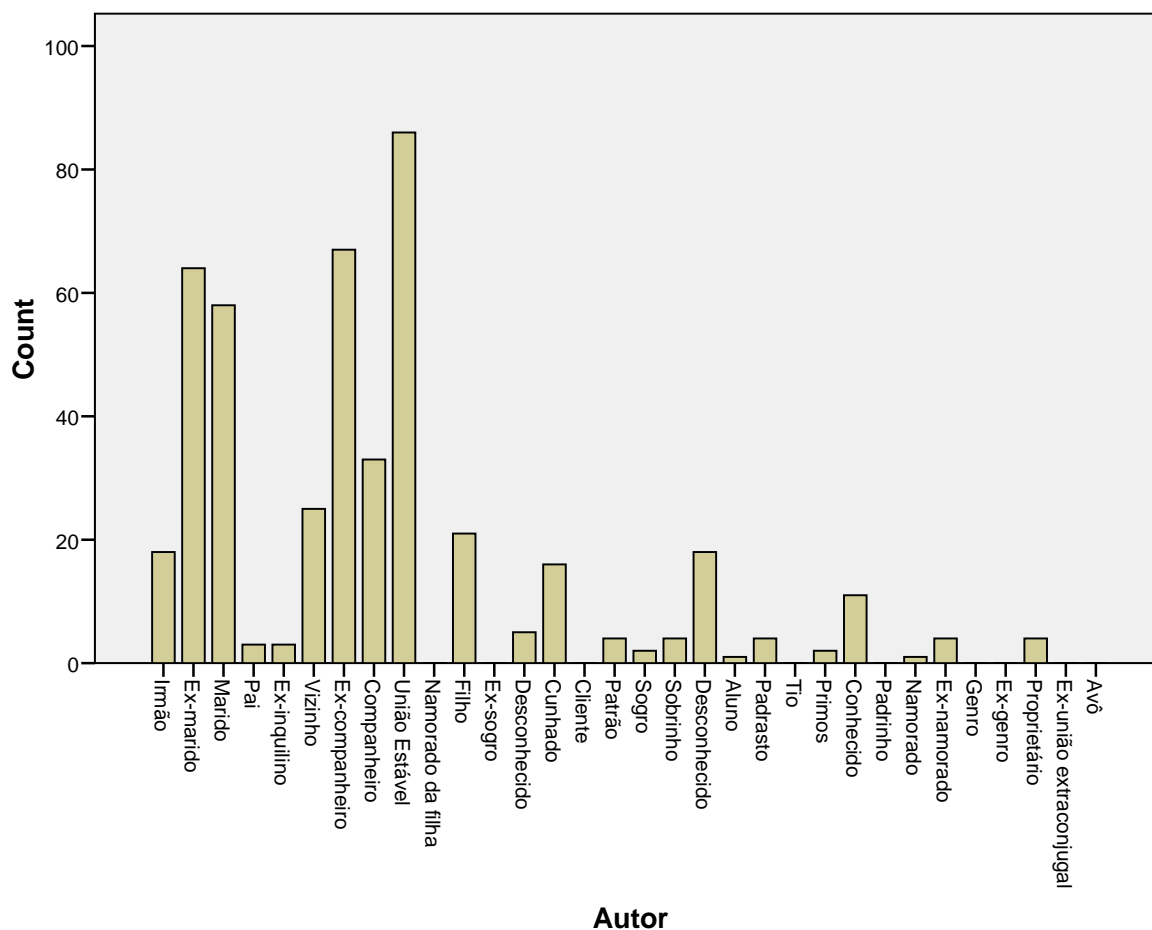
necessário âmbito de proteção para as mulheres de Florianópolis, que agora parecem recorrer mais à delegacia da mulher como instrumento para sua saída de situações de violência.

**Figura 14. O Autor de Violência Contra a Mulher – Janeiro a Março**



Nos primeiros meses do ano, o autor de violência contra a mulher tem como grandes representantes o Marido, e o sujeito envolvido em uma União Estável com a vítima, seguido do Ex-marido e do Ex-companheiro, situação bastante diferenciada daquela encontrada nos dados gerais com todos os crimes, uma especificidade dos crimes violentos contra a mulher parece ser, então, a relação afetiva com seu agressor ainda em curso. Os ex-companheiros e ex-maridos provavelmente aparecem menos nessa tabela pela jurisdição aplicada até este momento, que não considerava os vínculos afetivos e institucionais passados, modificação essa efetivada pela Lei Maria da Penha.

**Figura 15. O Autor de Violência Contra a Mulher – Outubro a Dezembro**



Após a entrada em vigência da Lei Maria da Penha, que amplia a definição de Violência Doméstica e entende os vínculos afetivos como fazendo parte dessa amostra, não ignorando os namoros, uniões estáveis e outros tipos de interação que não pertençam a alguma alcinha judicial ou civil, novamente vemos uma diferenciação nas frequências de crimes. Nestes meses, os grandes responsáveis pela violência contra a mulher foram os sujeitos envolvidos em uniões estáveis, seguidos por ex-companheiros e ex-maridos, algo que não era encontrado na lei anterior, que não entendia esta violência por ex-cônjuges ou ex-namorados como sendo doméstica. São seguidos novamente pelo companheiro e pelo marido, sempre presentes em altos níveis na responsabilização pela violência contra a mulher, como apontado na literatura feminista.

## **4.2. OS PROGRAMAS LATINO-AMERICANOS DE ATENÇÃO A AUTORES DE VIOLÊNCIA**

### **4.2.1. MÉXICO**

No México, o principal programa a ser visitado era o CORIAC. No entanto, como já mencionado, no período em que foi realizada a visita à instituição, ela estava em fase de extinção, tendo sido desmembrada em outras quatro, em função de diferenças internas entre seus principais membros. Em consequência, foram visitados um total de cinco programas na Ciudad del México, alguns ainda em implantação derivados dessa cisão.

Além das organizações oriundas do antigo CORIAC, foram entrevistadas duas outras ONGs: Salud y Género e Masculinidades AC. Havíamos previsto um encontro com os coordenadores da primeira no projeto inicial desta pesquisa, já a segunda organização foi contatada a partir de um encontro de políticas públicas para homens, no qual o pesquisador responsável pelo campo mexicano participou, a convite de um dos palestrantes deste evento, Marcos Nascimento, diretor da ONG Promundo, no Rio de Janeiro, que na ocasião também estava no México. Neste encontro, foi feito o primeiro contato com o coordenador da ONG Masculinidades AC e agendada visita ao local onde a instituição realizava suas intervenções, um bairro de camadas populares da Ciudad del México, local onde estava a sede da ONG.

#### **4.2.1.1 CORIAC**

O CORIAC - Coletivo de Hombres por Relaciones Igualitarias A. C. - foi criado em 1995 e extinto em 2006. No entanto sua metodologia e as publicações de manuais de trabalho com homens autores de violência continuam a ser utilizados e multiplicados. Os primeiros integrantes e coordenadores foram um antrólogo (Eduardo Liendro), dois psicólogos (Francisco Cervantes, Pablo Herrera) e a eles se uniu alguns anos depois um economista (Roberto Garda). Posteriormente Pablo Herrera se afastou e alguns dos primeiros usuários se tornaram facilitadores. Tinha uma perspectiva de estabelecer um trabalho de atenção a homens

autores de violência a partir de uma orientação humanista e feminista, fazendo uma crítica aos estereótipos tradicionais de gênero e à identidade masculina.

Sua metodologia de trabalho com homens autores de violência é referência na América Latina, tendo sido multiplicada em diversas regiões do México e demais países latinoamericanos. O programa possui um caráter re-educativo, reflexivo e terapêutico e é composto por três níveis, com oficinas realizadas semanalmente, com duas horas de duração.

Os manuais são divididos em *Manual do Usuario*, no qual existem exercícios reflexivos, quadrinhos ilustrativos para discussão, histórias ilustrativas, exercícios, as regras do grupo e daquele nível, conceitos principais utilizados, dentre outras informações, e *Manual do Facilitador*, onde são explicados as dinâmicas estruturadas, os objetivos do programa, todos os passos detalhadamente, desde a divulgação até a organização de cada encontro, questionários, conceitos, modelos de formulários para registros de cada sessão, dicas de como analisar cada informação recebida no grupo, trabalhos vivenciais, dentre outras sugestões gerais. Tivemos contato com os manuais do primeiro nível, os quais foram cedidos pelo autor para esta pesquisa. A metodologia do CORIAC é a mais estruturada, dentre os programas visitados na América Latina, servindo de base para diversas experiências.

A duração total do programa é de aproximadamente dois anos. O público alvo é exclusivamente masculino, abarcando diferentes faixas etárias e camadas sociais e a divulgação era feita por meio de parceria com institutos feministas e outras organizações parceiras. Havia uma remuneração aos facilitadores, embora não o suficiente para o total provimento destes. Financeiramente, o CORIAC era mantido por financiamentos de outras organizações e pelos cursos ministrados pelos coordenadores. Para os participantes havia um custo por sessão também.

De acordo com um dos facilitadores entrevistados (Angel), no primeiro nível se trabalhava a violência em si e suas expressões, ou seja, física, verbal, emocional, econômica e sexual. Segundo Paco Cervantes, um dos ex-coordenadores,

*“trabajamos tres niveles, uno de reconocer nuestra violencia, hablamos del modelo de Antonio Ramírez de expectativa de autoridad, de analizar un hecho violento de los hombres y lo ubicas en seis componentes. Expectativa de autoridad, expectativa de servicio, momento de riesgo fatal, decisión de cosificar y decisión de agredir.*

*Entonces cualquier evento violento lo partes en esto y con esto genera la reflexión en el hombre. Después hay un segundo modelo que trabaja los sentimientos y en un tercer nivel se trabaja la negociación.”*

Para este entrevistado, o CORIAC realizava três frentes de atuação: a primeira seria a prestação de serviços na comunidade, workshops e os grupos de homens autores de violência; a segunda seriam as atividades de capacitação para o trabalho com os grupos e a organização dos manuais para capacitar facilitadores; e, a terceira, seria o trabalho de difusão e políticas públicas.

Na entrevista realizada com Roberto Garda, o entrevistado aponta a importância de princípios e códigos éticos coerentes com o movimento feminista e gay, em organizações que trabalham com homens autores de violência. Lembra também a necessidade de estar atento ao movimento indígena, principalmente no caso do México. Garda, ao discutir sobre as habilidades de um facilitador nos grupos realizados pelo CORIAC, ressalta a importância do trabalho pessoal de cada facilitador, que esteja em constante capacitação em tópicos tais como violência familiar, de gênero, cultural, técnicas terapêuticas, capacitando-se quanto a como responder a um momento de crise no grupo. Garda ressalta a importância do permanente diálogo com o movimento feminista, prestando contas, estando à disposição para conversações. Enfatiza o comprometimento que o facilitador deve ter com o trabalho, não o vendo como um mera atividade, ou um meio de subsistência. Este foi um problema levantado por Garda, que ocorreu em algumas regiões capacitadas para multiplicar o programa do CORIAC, onde alguns grupos passaram a ser vistos como um negócio, perdendo a perspectiva social e política.

Após treze anos de existência, em junho de 2006, o CORIAC se dividiu em diversas instituições. Nas palavras de Paco Cervantes *“creo que CORIAC ha sido bueno, hizo trece años buenos, dejó impacto, incluso más allá de las fronteras y es un ciclo en el cual CORIAC puede dar todavía un lección ahora en su cierre, porque es un cierre hacia la diversidad.”* Abaixo, segue a descrição das três instituições dissidentes do CORIAC, que permaneceram alocadas na cidade do México e que foram visitadas por nossa equipe de pesquisa.

*Entonces, CORIAC ahora va a ser cuatro asociaciones. Una asociación es Hombres por la Equidad, un compañero economista que trabajar género, Roberto Garda y desde ahí sigue y seguirá trabajando, porque él está muy centrado en el concepto de poder, como es la perspectiva de género. De semejante mirada es Eduardo Liendo que se pasó a una provincia y va a hacer otra asociación. Después los facilitadores que se quedaron entre las dos posiciones, entre la de Roberto, que era solo género o la mía, que fue la que yo la inicié y la que ahora tengo que es de muchos elementos más complejos en términos de intervención y yo, ahora hago otra asociación (Paco Cervantes, ex-integrante do CORIAC).*

#### **4.2.1.2 HOMBRES POR LA EQUIDAD**

Fundada por Roberto Garda, já com nova sede na ocasião de nossa visita (junho de 2006), esta instituição, seguindo a base do antigo CORIAC, procura trabalhar de maneira mais aprofundada questões relacionadas ao poder. Uma nova equipe de profissionais já havia sido organizada e estava começando a coordenar grupos de homens. Na semana em que esta instituição foi visitada, estava ocorrendo um curso de capacitação para funcionários de uma prefeitura, sobre masculinidades. Realizam psicoterapia individual também, encaminhando participantes do grupo quando necessário.

De acordo com Roberto Garda, o objetivo principal desta organização é realizar ações de prevenção, atenção e erradicação da violência de gênero, direcionadas a homens principalmente. Busca novos modelos de masculinidade e realiza uma crítica aos modelos tradicionais. De um modo geral, os objetivos iniciais são os mesmos do CORIAC, porém com um maior compromisso de cumprí-los, sem modificá-los, o que segundo Garda não ocorria no antigo CORIAC. É uma organização que pretende ter uma aliança mais forte com o movimento feminista e também com o movimento de diversidades sexuais, dos jovens, indígena (Ejército Zapatista de Liberación Nacional) e com movimentos de esquerda. Um importante diferencial assinalado pelo coordenador é o maior comprometimento com a

realização de pesquisas sobre masculinidades e violência masculina, sob a perspectiva de gênero.

Além do grupo de homens autores de violência são realizadas atividades para jovens, serviços terapêuticos para adultos e jovens, atividades de prevenção, atenção e capacitação sobre violência de gênero, familiar e masculina. Também são realizadas capacitações para quem quer atender homens autores de violência.

#### **4.2.1.3 MHORESVI - Movimento de Homens Renunciando a sua Violência**

Grupo formado por ex-facilitadores do CORIAC, os quais já haviam sido, anteriormente, usuários do programa. (eram dez na organização original dos quais ficaram sete na nova). Na ocasião de nosso encontro, continuavam alocados na sede do CORIAC, com previsão de permanência por mais um mês e então procurariam um novo local. Pretendiam continuar no mesmo formato do CORIAC e fazer novas capacitações com Antônio Ramírez, um dos primeiros capacitadores da equipe que atualmente mora em São Francisco/EUA. Pretendem trabalhar mais questões relacionadas à sexualidade (fazem oficinas com estes temas em separado do grupo regular de homens autores de violência) e também sobre paternidade (no formato de workshop de cinco horas).

Realizam uma média de sete grupos por semana, distribuídos de segunda a sábado. De acordo com Angel (sobrenome não identificado), o coordenador entrevistado responsável por esta nova instituição, o objetivo do MHORESVI é

*“seguir compartiendo lo que aprendimos para que otros hombres dejen de ser violentos. O que tengan la reflexión de la violencia porque más que nada, porque el ser violento a lo mejor no se nos quita nunca, pero ya tenemos la reflexión de cual es la violencia y cuales son las consecuencias si sigo con la violencia”.*

O caráter do programa é educativo e reflexivo, seguindo os manuais organizados pelo CORIAC. O trabalho continuou sendo exclusivamente para homens, com objetivos futuros de incluir trabalhos com mulheres. Financeiramente, o MHORESVI conta com financiamentos



internacionais, arrecadações de oficinas realizadas em escolas e empresas, e com o pagamento dos participantes dos grupos de homens autores de violência.

#### **4.2.1.4 CORAZONAR**

Instituição que estava se formando no momento de nossa visita (julho de 2006), cujo nome vem de uma mistura das palavras “Corazón” e “Razonar”, coordenada por Paco Cervantes. Naquele momento, ainda estavam alocados provisoriamente na sede do antigo CORIAC. Depois de um período de estruturação, esta instituição passou a oferecer grupos reflexivos e capacitações sobre maternidades, paternidades afetivas, bioenergética e sobre o desenvolvimento de metodologias e atitudes lúdicas para promover a transformação não violenta de conflitos. Parte de uma perspectiva mais terapêutica e familiar.

De acordo com o coordenador, Paco Cervantes, nos grupos de homens autores de violência realizados no Corazonar, busca-se a realização de um trabalho mais terapêutico e holístico, baseando-se em diferentes marcos teóricos (gênero, direitos humanos, educação para a paz, process work, mediação, constelações familiares, olhares transgeracionais e metodologias lúdicas). Enfatiza a importância da realização de um trabalho mais profundo, indo além do racional, e também de militância. Partindo de uma visão mais holística, o entrevistado aponta a relevância de se trabalhar com

*“La mirada que trabaja género, que es reeducativa y la mirada que llamaría holística, que trabaja otros componentes teóricos. Hay que trabajar traumas, por ejemplo, hay que trabajar el niño interior, hay que trabajar guiones de vida, los patrones aprendidos por género, o los procesos primarios que tenemos de enfrentamiento de conflictos. Un enfoque psicológico y un enfoque social a la vez. Terapias de reencuentro, lo que es cuestiones de gestalt...”*

Segundo o entrevistado, o CORIAC terminou um ciclo, no qual se utilizava um modelo psico-educativo. Agora, na organização que se inicia sob sua coordenação, enfatiza a importância de um trabalho mais integral, com outros tipos de ferramentas conceituais. Comenta que no CORAZONAR buscarão fazer

*“una crítica a la masculinidad en el sentido de ser muy propositivos, trabajamos más lo que es... ¿qué hacer para tratarnos bien? Al hombre se le dice bueno eso es la violencia, la violencia física, cultural, educativa, pero no se le dice como salir de ella ni se le entrena en las habilidades de negociación, de escucha, de diálogo, ni trabajar... a veces no se trabaja suficientemente con los traumas personales.”*

Neste novo modelo proposto no CORAZONAR, Paco Cervantes relata que inicialmente os homens passarão por um primeiro processo, de recuperação, de respeito e depois buscarão realizar um grupo misto, onde seriam desenvolvidos oito temas de crescimento pessoal, a saber: consciência corporal, criança interior, guias de vida, genogramas, medo, constelações familiares, terapia do renascimento, lutos/tristezas. Cada tema é trabalhado com um exercício terapêutico. Este é um modelo que, segundo o entrevistado, vem sendo trabalhado e aplicado há três anos. Em termos de financiamento, a organização conta com projetos do Fundo das Nações Unidas, do governo do México, do Instituto de Solidaridade do México, das Fundações MacArthur e Ford.

#### **4.2.1.5 SALUD Y GÉNERO**

A instituição Salud y Género foi criada em 1992, por homens e mulheres de diferentes profissões (médicos, antropólogo e psicólogos), com o objetivo de desenvolver propostas educativas e de participação social inovadora no campo de saúde e gênero. É uma organização não governamental, com duas sedes: uma na cidade de Xalapa, no estado de Veracruz, e outra na cidade de Querétano, no estado de Querétano. No ano de 2006, o trabalho desta organização estava mais voltado para profissionais do setor de saúde, educação e desenvolvimento social através de capacitações para o trabalho com jovens, principalmente no que se refere à prevenção. Para seus projetos, Salud y Género recebe financiamentos das Fundações MacArthur e Ford e do governo mexicano.

O trabalho com homens autores de violência é mais recente e tem sido realizado na cidade de Xalapa, coordenado por Manuel Puentes, conhecido como Cuahtli, seu nome

indígena. O programa realizado por Salud y Género é uma adaptação do modelo do CORIAC. Trabalham também com capacitações e atividades de prevenção da violência, utilizando o material do Projeto H, realizado em parceria com o Promundo, ONG do Rio de Janeiro.

De acordo com Benno de Keijzer:

*“Bueno, trabajamos sobre todo la atención en grupos de reflexión sobre la masculinidad y su relación con la violencia y hacemos también campañas locales en los últimos días de noviembre, actividades en consonancia con la campaña internacional y algunos materiales escasos de difusión. Este trabajo lo hace SG en conjunto con una instancia que es del gobierno que se llama Centros de Integración Juvenil que atiende a todo el asunto de las drogas en los jóvenes y ellos iban viendo como había una asociación muy fuerte entre el consumo de drogas y violencia, entonces estaban interesados también, entonces entre ambas instituciones nos asociamos y con la asesoría de CORIAC abrimos el programa hace tres años y medio.”*

Nos grupos de atenção a homens autores de violência é realizado um trabalho de revisão de masculinidades e de responsabilização de sua própria violência. Os encontros não são obrigatórios, pois, segundo Benno de Keijzer, não há uma lei em Vera Cruz que obrigue a participação destes homens em grupos de reflexão. Segundo o entrevistado, somente o Estado de Nueva Orleón, no México, possui uma lei que obriga homens autores de violência a frequentar processos de reflexão e reeducação grupais. Portanto, o grupo realizado em Xapala é voluntário, havendo uma pequena taxa de pagamento não obrigatória.

Benno ressalta que, antes de iniciar os grupos de Salud y Género, realizaram leituras durante quatro ou cinco meses, revisaram o material do CORIAC e participaram de uma capacitação no próprio CORIAC. Após esta preparação, começaram a ensaiar as técnicas para a realização do programa. A proposta do Salud y Género enfatiza a perspectiva de gênero e a importância do trabalho pessoal, de maneira que, como afirma Manuel Puentes – Cuahtli:

*“... yo trabajo muy interesado siempre en hacer visible todos los introyectos, todas las etiquetas que culturalmente se nos imponen, que las vivimos como el deber ser y esto es fundamental para el trabajo de la violencia con los hombres, el poder se dar cuenta para poder... de otra manera es difícil responsabilizarte o comprometerte, con algo*

*que no puedas ver, entonces hacerlo visible, lo trabajamos muy desde las emociones,(...) A mí en particular me llamó la atención el programa porque me dio la oportunidad de trabajar mi propia violencia...”*

*“...Hacer visible esta parte, eso es lo fundamental lo más rico, lo más difícil para mí, explorar fenomenológicamente cuáles son mis señales corporales, de cabeza, de corazón, emoción, que afloran antes de que yo llegue a ejercer la violencia, el reconocimiento no más de que esas emociones ahí están, pues, son naturales, pero la responsabilidad de lo que hago con ella es mía... todo eso lo fui trabajando ahí en el grupo junto con mis compañeros, con los facilitadores, y con los participantes del grupo .”*

Apesar do Saúde y Género seguir o modelo do CORIAC, na prática a experiência tem sido distinta, ou seja, com adaptações. Segundo Manuel Puentes- Cuahtli, durante a experiência do programa foram realizadas algumas mudanças de maneira a adaptar a realidade que encontravam em Xapala, no entanto, estas mudanças não foram sistematizadas. Este tem sido um dos trabalhos atuais do entrevistado: organizar e classificar os dados colhidos nesta experiência de quatro anos de trabalho.

Conforme explica Benno de Keijzer:

*“ El modelo de CORIAC es un modelo de 16 sesiones en tres niveles, pero nosotros nos hemos sido...quizás más lento con la cuestión de la entrada y salida de hombres, hombres que dejan de venir unas sesiones y después regresan, entonces hemos tomado algo más, un tiempo mayor... que el grupo vaya pasando de un nivel a otro. Y nosotros como facilitadores también tenemos que irnos capacitando en cómo ir manejando cada uno de los niveles, cada uno tiene cierta complejidad”.*

Manuel Puentes comenta que procuram manter dois grupos simultaneamente, um de primeiro nível e outro mais avançado, no qual se trabalha também a violência sexual. O primeiro seria mais educativo e reflexivo, e o segundo mais psicológico, não necessariamente

terapêutico, embora tenha efeitos terapêuticos. Apesar dos encontros do CORIAC serem de duas horas, no Salud y Género elas costumam ser um pouco maiores, entre duas horas e meia e três horas. Um dos diferenciais dos grupos realizados por esta instituição é a influência da Gestalt Terapia nas atividades realizadas. Manuel Puentes enfatiza a importância da confiabilidade no grupo, ao passo que nele são tratados temas muito íntimos e dificilmente compartilhados e esta é uma característica do trabalho pessoal desenvolvido no grupo que, segundo ele, o programa atende muito bem. No entanto precisam desenvolver mais a parte relacional, aponta o entrevistado. Lembra o quanto é fundamental o trabalho com o casal também, sobre a questão da negociação na relação, que eles trabalham, mas acredita ser necessário aprofundar mais. O principal obstáculo relatado é trazer os homens para os grupos e que eles continuem. Outra dificuldade é o pagamento para os facilitadores, pois o apoio financeiro ao programa é reduzido.

Salud y Género realiza também grupos com mulheres que sofrem violência e algumas destas mulheres são companheiras de participantes do grupo de homens. No entanto, não tem havido muitas possibilidades de trabalhar conjuntamente ou pelo menos trocar experiências e informações. De acordo com Manuel Puentes:

*“es natural, yo pienso que ha habido resistencia por parte de las mujeres, por la violencia que han sufrido también, por la desconfianza que sienten aunque ya nos han compartido las facilitadoras del otro grupo, que se llama METAMORFOSIS, que hay mujeres que ya hablan “Y por qué no nos juntamos con los hombres” “por qué no en las sesiones especiales nos permitimos escucharnos” y de parte de los hombres ha habido más abertura.”*

#### **4.2.1.6 MASCULINIDADES Y POLITICAS A. C.**

Masculinidades y Políticas A. C. é uma ONG localizada na Ciudad del México e alocada em uma região de camadas populares. Desta instituição, foram entrevistados o fundador (Jaime Javier Aguirre Martinez), a diretora, que é assistente social e socióloga (Laura Gonzales Velazquez) e um Psicólogo (Abraham Ernesto Rendon Salzar). A entrevista

foi realizada em conjunto, no momento da visita à escola municipal onde está localizado o escritório desta ONG.

Uma das principais metas de Masculidades y Políticas A. C. é elevar a qualidade de vida das pessoas. Esta instituição, que foi criada em 2001, trabalha para desconstruir a violência e incorporar a equidade de gênero nos lares. O primeiro trabalho realizado foi com adolescentes e tinha como objetivo atender e prevenir a gravidez na adolescência e DSTs em mulheres jovens de zonas rurais.

Uma das principais atuações desta organização abrange a violência masculina. *Violencia Masculina Hacia las Mujeres, Prevenirla y Erradicarla* é um projeto que surge com este objetivo, atuando em três grandes frentes: oficinas de reflexão, grupos de ajuda mútua e capacitações de multiplicadores. A sede do projeto é em Iztapalapa, Distrito Federal, no entanto, sua atuação abrange diferentes estados mexicanos, a saber: Chiapas, Distrito Federal, Guerrero e Puebla. O financiamento é realizado pelo *Instituto de las Mujeres* do Distrito Federal. Eventualmente, contam também com financiamentos do governo como o *Instituto Nacional del Desarrollo Social*, para a realização de viagens e capacitações.

A princípio, o projeto abrange homens, mulheres e filhos, integrando todo o meio familiar. Os homens participam de oficinas em um momento, as mulheres e os jovens em outro, ou seja, inicialmente todos separados e, na sequência, entram em grupos de ajuda mútua, que a entrevistada Laura chama de grupos de reflexão comunitária.

Segundo Ernesto, primeiramente acontecem oficinas de reflexão, nas quais são trabalhadas cinco temáticas: gênero, masculinidades, violência, sexualidade e paternidade. Estas oficinas têm duração de aproximadamente quatro horas e são realizadas por dois facilitadores, têm o objetivo de reflexão e não de mudanças, buscam trazer à tona a existência de problemas, suas causas, consequências e possíveis soluções. Nas palavras do entrevistado,

*“Esto para nosotros no es de cambio, es para que entren a un proceso de reflexión, para que comprendan que hay problemas, causas y consecuencias y también posibles soluciones. Y que estas soluciones puedan ser dadas por ellos mismos, como individuos, por una sociedad, por una comunidad o puede por instituciones...”*

Busca-se manter uma rede de instituições e profissionais que possam acolher determinadas demandas que surgiram, que porventura não possam ser trabalhados nas intervenções desta ONG.

Nas oficinas sobre gênero e masculinidades, os entrevistados afirmam que se fundamentam em autores tais como: Marta Lamas, Marcela Lagarde, Judith Butler, Victor Seidler, Michel Kimmel, Robert Connel, Guillermo Nuñez, Eduardo Liendro, Benno de Keijzer. No campo da Psicologia, o referencial é a Psicologia Social. Quanto à metodologia destas oficinas, trabalha-se com dinâmicas interativas, com materiais diversos como cartões, lonas, flipchart, colagens, etc.

O segundo momento de atuação do projeto são os grupos de ajuda mútua. Estes ocorrem em aproximadamente 15 encontros, durante aproximadamente quatro meses, uma vez por semana. No primeiro encontro são agendados todos os próximos. É um grupo onde, segundo o entrevistado Ernesto, estimula-se a expressão de sentimentos. As temáticas trabalhadas são acordadas coletivamente e adota-se um formato similar aos grupos de alcólicas anônimos. Na ocasião da entrevista, havia três grupos por semana, em diferentes horários, acontecendo na comunidade onde está localizada a sede da instituição. São realizados, normalmente, por dois facilitadores e ocasionalmente por apenas um, podendo ser homem ou mulher. O terceiro momento do projeto refere-se à ajuda psicológica individual. Esta etapa conta com parcerias de psicólogos e outras instituições.

Quanto às habilidades necessárias ao facilitador destes grupos, os entrevistados apontam a necessidade de que este tenha confrontado seus próprios problemas de violências internas, que os reconheça e trabalhe nisso. Ressaltam a importância de saber controlar suas emoções e ter conhecimento sobre os temas violência, gênero, entre outros. Segundo Ernesto

*“Tiene que saber controlar sus emociones y tener conocimiento del tema. O sea, si vas a hablar de género, tienes que saber qué decir y a la vez tienes que saber aterrizar, no hablar con terminología extraña, pero con palabras que la gente controla, explicarles con sus propias palabras, buscar sus palabras y decir cómo se juega. (...) Tienes que ser parte de la comunidad, conocerla.”*

Além disso, o entrevistado afirma que o facilitador deve poder contar com o apoio de outros profissionais, para canalizar suas questões que venham, porventura, surgir no trabalho.

Quanto à remuneração, Ernesto afirma que parte do trabalho é feito voluntariamente, existindo um pagamento simbólico e não algo fixo, “*nosotros nos renumeramos con otros trabajos*”, comenta o entrevistado.

Apesar das dificuldades iniciais de começar os grupos, de baixos recursos, nos últimos três anos (contando o ano de 2006, ano da entrevista), foram realizados 26 grupos, aproximadamente, contabilizando os realizados por Ernesto e Jaime. No entanto, houve outros grupos que a comunidade passou a realizar independentemente (inclusive em línguas indígenas, como é o caso da região de Chiapas), dos quais não se sabe exatamente a quantidade. Um outro problema relatado foi a realização de grupos mistos. Segundo Ernesto é complicado, pois os homens se sentem avaliados e confrontados. Não houve estes problemas no trabalho com os jovens, segundo o que informa. A avaliação dos grupos é feita de maneira rápida, através do que chamam de “*red-semántica*”, que seria uma dinâmica onde se lança um palavra e se pede que o participante associe.

## **4.2. ARGENTINA**

### **4.2.1 FUNDACIÓN ISABEL BOSCHI**

Em Buenos Aires, a primeira entrevista foi realizada com Isabel Boschi, psicóloga, sexóloga clínica e educadora sexual, que atua com o tema da violência sexual há 26 anos. É presidente da Fundación Isabel Boschi – FIB, criada em 1998, que realiza diversas atividades de prevenção da violência sexual e assistência a pessoas em situação de violência, bem como capacitação de profissionais de diversas áreas para tratar com este tema. A fundação é composta por 10 profissionais, entre psicólogos/as, psiquiatras, obstetras, docentes, sociólogos/as, advogados/as, sendo que estes não têm envolvimento direto com os autores de agressão sexual, mas atuam em outras atividades. Atualmente a entrevistada tem trabalhado com ofensores sexuais, por meio de atendimentos individuais e em grupo. Ela justifica o uso do termo ofensores sexuais, colocando que



*“Yo trabajo con ofensores sexuales, violadores y abusadores. [...] Hay ofensores sexuales que son agresivos y violentos y hay otros que no. Los que les muestran pornografía sexual a los niños también son ofensores sexuales. No hay una violencia física, no hay una agresión, inclusive el que se baja los pantalones y muestra sus genitales, a mi no me hace nada, a una criatura le hace algo, a una jovencita le hace algo. Que quiere decir que habría que definir bien qué significa violencia, si cualquier cosa que hacer la otra personas sin mi permiso es violencia. [...] Demasiado amplio es violento.”*

Os homens chegam à fundação encaminhados pelo juizado ou voluntariamente. Quando possível, dependendo das circunstâncias, a família é levada também a participar da sessão. Atende, ainda, mulheres e crianças vítimas de violência, sendo que, estas últimas, apenas acompanhadas da família. Outra modalidade de trabalho são os grupos psicoterapêuticos de ofensores sexuais, com enfoque sistêmico, que chegam a ter duração de um ano ou mais e cuja participação é gratuita.

Segundo Boschi, o trabalho terapêutico tem como objetivo *“tratar que la persona se conozca un poco más a si misma y que a partir de esta relación consigo mismo pueda relacionarse de una manera distinta con los otros”*, tendo efeitos tanto cognitivos como comportamentais. No consultório são realizados encontros semanais, com duração média de uma hora. Em geral os homens passam por um período de terapia individual, antes de ingressar no grupo. No momento da entrevista atendia seis homens individualmente, sendo que havia um grupo formado com três. *“Considero que es preferible ponerlos en grupo. [...] el criterio de grupabilidad es que la persona pueda sentar, participar, escuchar”*, o que nem sempre é possível.

A entrevistada observa um padrão caracteriológico entre os autores de abuso sexual. Em sua maioria são católicos, outros são evangélicos. A isso associa *“la fuerte interdicción que tiene el catolicismo sobre la conducta sexual humana.”* A idade em que se manifesta mais intensamente a prática do abuso está em torno de 18 e 25 anos; pertencem a classes sociais variadas, todos são heterossexuais, sendo que *“la mayoría con experiencias homosexuales”*.

*“El perfil de ellos es que ninguno de ellos tuvo una infancia feliz. [...] la mayor parte son analfabetos sexuales, no tienen la menor idea no solo de cómo funciona el cuerpo*

*de una mujer o un niño, sino su propio cuerpo de varones. [...] Muchos de ellos o por mecanismos de autoengaño, o por la complicidad de la mente humana, por ejemplo con exhibicionistas, con quienes he trabajado mucho, creen que a las mujeres les encanta que les muestre el pene. Que cuando gritan de terror es de alegría o sorpresa.”*

Questionada sobre os resultados que pôde observar a partir do trabalho com ofensores sexuais, responde:

*“Para muchos, en términos, fue una turbulencia, [...] una revolución, un cambio. No lo esperaban hablar de estas cosas, delante de los demás, conmigo, con una mujer [...] Algunos de ellos me toman como referentes en su vida. [...] Para mi sorpresa, después de mucho tiempo de haber terminado una terapia, dónde se llegó hasta dónde se pudo llegar, por lo menos al cuidado de la no repetición del acto, parejas que habían sido muy dañadas por el abuso sexual de él, se revirtieron y se llevan de maravillas. [...] El cambio es fundamental, es que lo que se pensaba de una manera, se piensa de otro. Si antes pensabas estoy perdido, sino toda la sociedad es una porquería y me obliga, pasa a ver el otro lado del mostrador. Este es un cambio que se manifiesta en el cambio de las conductas.”*

#### **4.2.2 CENTRO INTEGRAL DE SALUD PSICOLÓGICA MASCULINA - CIMA**

Este centro tem como diretora Marta Lucione (a entrevistada), psicóloga e especialista em violência familiar. É voltado para homens que exercem condutas violentas contra mulheres e crianças. Estes chegam ao centro voluntariamente ou por meio do juizado, embora não haja um acompanhamento, nesse último caso, que os obrigue a permanecer no grupo. Aqueles que procuram o programa por iniciativa própria, em geral o fazem por solicitação da parceira. Num primeiro momento, o grupo tem por finalidade que o homem deixe de exercer a conduta violenta, ensinando-se técnicas de auto-controle.

*“Lo primero que se les hace es este. Percibir en su propio cuerpo las señales que nosotros llamamos de pré-violencia, a partir de ahí ellos van adquiriendo pautas de conocimiento de si mismo cuando va aparecer la conducta violenta y se les enseña determinados tipos de ejercicios a hacer, para que la conducta violenta no reaparezca.”*

No segundo nível se trabalha mais “internamente”, com aspectos de sua personalidade. Sua metodologia se assemelha à utilizada por Jorge Corsi.

O programa tem caráter psicoeducativo, onde são discutidas questões de gênero e masculinidade. São realizadas reuniões semanais, com grupos abertos, com duração de uma hora e meia a duas horas. No momento da entrevista havia dois grupos formados, um de dez e outro de cinco homens. A principal dificuldade com que se depara é o fato de não haver uma lei que os obrigue a permanecer em atendimento, portanto, há muita desistência. A entrevistada avalia a passagem dos homens pelo grupo como algo positivo, que gera mudanças. A cada seis meses faz uma entrevista com as parceiras para se certificar de que não houve novos episódios de agressão.

Por ser um centro privado, é mais procurado por pessoas de classe média-baixa, que possuem em média 25 a 50 anos. Menciona que como característica comum entre os homens está o fato de

*“haber vivido muchas historias de violencia, pero es una generalización, pero que peca de error, porque hay otros que no la tuvieron, estamos singular, algunos la adquirieron por los padres, hay instituciones muy violentas, muchos de colegios muy rígidos, por ejemplo, hay una historia de violencia, eso sí, pero es una generalización.”*

### 4.2. 3 JORGE CORSI<sup>6</sup>

Jorge Corsi, diretor da Carrera de Especialización en Violencia Familiar, na Universidad de Buenos Aires, e coordena uma organização não-governamental que atende homens que exercem violência contra suas parceiras. Foi um dos primeiros a trabalhar com esta população na Argentina – desde 1990 – e é tomado como referência por outros profissionais. Os homens chegam ao programa por meio judicial - embora não haja uma obrigação -, via instituições hospitalares e de saúde mental. Há uma pequena porcentagem dos que procuram o serviço voluntariamente, embora esse número venha aumentando. Não atende casos de violência sexual, pois acredita ser necessária outra metodologia de tratamento.

Com sua experiência observa que trabalhos em grupo são mais efetivos do que aqueles realizados individualmente, seja em espaços privados ou públicos, visto que o profissional enfrenta uma atitude pouco colaboradora por parte do homem.

Esta actitud sufre un cambio cualitativo cuando se puede acceder a las formas grupales de abordaje. La inclusión del hombre en un grupo opera a modo de neutralizador de sus habituales mecanismos de minimización, atribución causal externa y desresponsabilización de las consecuencias de su conducta. El hombre puede comenzar a percibirse a sí mismo como incluido dentro de un conjunto de hombres que comparten formas de sentir, pensar e actuar y, en consecuencia, puede ver con más claridad en los otros aquellos rasgos que si niega a reconocer como propios (Corsi, 2006, p.135).

Os objetivos do modelo de trabalho em grupo são: controlar e deter a conduta violenta; melhorar as habilidades sociais e comunicacionais; promover a flexibilização dos papéis de gênero estereotipados; diminuir o isolamento social; revisar crenças culturais que contribuem

---

<sup>6</sup> O conteúdo desta sessão possui informações obtidas tanto na entrevista realizada com Jorge Corsi, como em seu livro “*Violencia masculina em la pareja. Una aproximación al diagnóstico y a los modelos de intervención*”, em co-autoria de Mônica L. Dohmen, Miguel A. Sotés e Luiz Bonino Méndez, publicado em Buenos Aires (Ed. Paidós, 2006), além do artigo “*Programas de intervención con hombres que ejercen la violencia*”, disponível no site [www.corsi.com.ar](http://www.corsi.com.ar).

para legitimizar a violência; incrementar a auto-estima e assertividade. Para tanto, coloca a necessidade de se utilizar modelos teórico-técnicos específicos para o trabalho com violência doméstica, ou seja, *“que consideran el corpus teórico derivado de las investigaciones específicas en el campo de la violencia familiar, y adoptan una metodología acorde con el objetivo primario de preservar la integridad física y psíquica de las víctimas”* (Corsi, 2006, p.135).

Como marco teórico, utiliza-se do modelo ecológico multidimensional, proposto por Urie Bronfenbrenner. Considera importante adotar uma base conceitual profeminista, de modo a fazer uma revisão das idéias sexistas e dos estereótipos de gênero que estariam na base das condutas de domínio e controle sobre as mulheres. Sem essa perspectiva, segundo Corsi, ter-se-ia um programa meramente técnico, limitado à implementação de procedimentos para controle da conduta agressiva. Acredita que para se delinear um programa de intervenção com homens que exercem violência contra as mulheres é necessário:

Partir de un marco conceptual que incluya la perspectiva de género y la noción de maltrato como forma de ejercicio del poder masculino; dar prioridad a la seguridad de la mujer, por sobre cualquier otro objetivo; integrar el programa a la red comunitaria de atención al problema de la violencia doméstica; elaborar un formato específico, que lo diferencie claramente de los tratamientos psicológicos convencionales; supervisar en forma permanente su evolución, así como la de sus profesionales, en intercomunicación con las organizaciones de ayuda a la mujer. (s/d, p.4-5).

O entrevistado parte de uma concepção da conduta violenta como resultado das relações de poder dentro da família. *“Entendida como una forma de uso abusivo del poder, la violencia masculina está atravesada por legitimaciones culturales que devienen de la socialización de género”* (Corsi, 2006, p.136). Nesse sentido, o trabalho é orientado para a formação de um novo equilíbrio de poder e revisão dos estereótipos de gênero que fundamentam os sistemas masculinos de crenças e legitimam a violência exercida contra a mulher. Para Corsi, existem alguns traços distintivos que permitem a identificação de homens que praticam violência no âmbito doméstico, agrupados em aspectos cognitivos, afetivos e comportamentais. No entanto, coloca que a experiência de trabalho com homens violentos

mostra que estes não correspondem ao estereótipo construído pelo imaginário coletivo e sustentado por alguns modelos teóricos.

Los hombres violentos no era los ‘pobres, borrachos y enfermos’, sino que se los encontraba en cualquier sector social y educativo, podían o no ser bebedores de alcohol y sus diagnósticos psicopatológicos no revelaban una porcentaje de patologías psíquicas superior al que se puede encontrar en población en general. (Corsi, 2006, p.05).

Coloca ainda que o problema da violência não é uma questão de “ser”, de identidade, mas sim como algo do “fazer”, do comportamento, e, como tal, pode deixar de existir.

O número de reuniões depende da evolução de cada um, tendo tempo mínimo estimado de um ano. O trabalho é realizado em dois níveis: inicial e avançado. No primeiro nível os grupos são abertos, e tem como objetivo deter a conduta violenta, privilegiando o aspecto comportamental. Busca-se que o homem se responsabilize por sua conduta e não mais atribua a fatores externos. É realizada num primeiro momento uma entrevista de admissão, para avaliar a pertinência da consulta e a disposição do homem para ser incluído num grupo, que por sua vez já está em andamento, necessitando, portanto, adequar-se à estrutura grupal.

Hemos observado que un fenómeno derivado es que disminuyen notablemente los esfuerzos que los hombres realizan para minimizar, negar u ocultar su conducta violenta, ya que observan en los otros miembros una actitud de responsabilidad por su violencia. (Corsi, 2006, p.139).

Para que um membro possa passar para o grupo de nível avançado é preciso que ele tenha cessado a conduta violenta e que expresse claramente sua necessidade de mudança, assumida como decisão própria e não como resultado de pressões externas. O segundo nível adota um formato semi-fechado, possuindo um trabalho mais personalizado e com maior compromisso por parte dos membros. Aqui o foco recai sobre a violência emocional, com o emprego de técnicas de *role-playing*, treinamento em assertividade e comunicação interpessoal, promovendo um trabalho com as próprias emoções e sua expressão. “*Los hombres que acceden a este nivel también proponen el trabajo con aspectos dolorosos de su*

*propia historia, ya que la mayoría de ellos son sobrevivientes de diversas formas de abuso, maltrato y abandono durante la infancia” (Corsi, 2006, p.140).*

São feitas avaliações permanentes, por meio de entrevistas com as parceiras dos assistidos. A saída do homem do grupo é realizada na medida em que se avalia positivamente a mudança alcançada por meio da apreciação do próprio homem, da companheira e dos coordenadores. No entanto, Corsi coloca que eles não devem considerar-se “curados” com relação ao seu potencial de violência. “*Se redefine la nueva habilidad que han adquirido para resolver conflictos interpersonales de forma no violenta, pero ello requiere una tarea permanente de autocontrol y de afianzamiento de los logros obtenidos*” (Corsi, 2006, p.140).

#### **4.2.4 PROGRAMA PROVINCIAL DE ASISTENCIA A VÍCTIMAS DE VIOLENCIA**

A instituição iniciou as atividades em 2002, sendo que a atenção a homens que exercem violência data de 2004. Trata-se de uma organização estatal. A entrevista foi realizada com Emma Lucia Garcia, responsável pelo programa. Tem como meta “*promover la creación de un sistema asistencial de descentralización de la atención, capacitación en l tratamiento y prevención en el ámbito de la provincia*”. Como objetivos dos grupos estão: cessar a violência; responsabilizar acerca da conduta violenta; aprendizagem de estratégias de controle e alertas físicos; implementar *timeout*<sup>7</sup>; promover expressões de sentimentos; revisar crenças e estereótipos de gênero. Trata-se de um programa com caráter re-educativo, terapêutico e assistencial. É direcionado tanto para homens como para mulheres, que exercem e que sofrem violência. Engloba pessoas de todas as idades, etnias e classes sociais, embora a procura seja maior entre as camadas médias e populares.

Das 152 pessoas atendidas em julho de 2006, 23% eram homens; em agosto, das 125 pessoas em atendimento, 26% eram homens. A maior parte é derivada do Poder Judiciário, embora, como também colocado pelos outros entrevistados, não seja estipulado nenhum tipo de pena em caso de desistência do tratamento. Trabalha com grupos de auto-ajuda, com duração de seis meses a um ano, em encontros semanais de uma hora e meia. No momento da

---

<sup>7</sup> Trata-se de uma técnica em que, ao perceber os primeiros indícios da pré-violência, deve-se interromper a discussão e retirar-se do lugar em que se encontra, devendo ser comunicado à parceira (Corsi, 2006).

entrevista estavam em atividade três grupos, de dez homens cada. Coloca que para ativação dos mecanismos de mudança, os recursos ou técnicas terapêuticas são:

*“Dimensión cognitiva: activación de las funciones cognitivas y reestructuración cognitivas. Preguntas, esclarecimientos, confirmaciones y rectificaciones.*

*Dimensión conductual: modificación del comportamiento. Técnicas de relajación, entrenamiento asertivo, descensibilización sistemática, técnicas de autocontrol, sugerencias directivas.*

*Dimensión psicodinámica: experiencia emocional correctiva, insight. Señalamientos, interpretaciones, técnicas psicodramáticas.*

*Dimensión interaccional: modificación de las pautas comunicacionales, técnicas de interacción grupal, análisis de la comunicación, uso de metáforas, intrusiones paradójales.”*

Como perspectiva terapêutica, assim como Jorge Corsi, utiliza-se do modelo ecológico, *“que postula la realidad familiar, social y la cultura entendiéndolos en un todo articulado (macro, meso, micro)”*. Na abordagem de gênero, poder e estereótipos fundamenta-se em autores como: Joan Scott, Mabel Burin, Teresa de Lauretis, Teresita de Barbieri, Rhonda Copelon, entre outras.

Considera que a violência é uma conduta aprendida,

*“normalmente si la mujer no ha podido cortar con el círculo de la violencia sus hijos cuando son pequeños la defienden, la incitan a que lo denuncie o se vayan, pero a medida que crecen adoptan las mismas conductas que los padres, ejerciendo poder y control”*.

Coloca que a maioria dos atendidos testemunhou ou foi vítima de violência quando criança; muitos consomem álcool e drogas e estão desempregados.

Uma das principais dificuldades encontradas pelo programa foi *“el no reconocimiento, la rotulación y el rechazo, de las personas que ejercen violencia y el convencimiento que tienen que no van a cambiar, por parte de algunos profesionales”*, sendo que um dos avanços alcançados, considera a entrevistada, foi o reconhecimento interinstitucional da reabilitação do homem com condutas violentas.



### **4.3. PERU**

A equipe pesquisadora tomou conhecimento da existência de um programa de atenção a homens que cometem agressões (Programa Hombres que Renuncian a Su Violencia - PHRSV) em Lima, no Peru, através do pesquisador chileno José Olavarría. No entanto, em agosto de 2006, entrou na equipe, como bolsista de apoio técnico, o pesquisador Danilo de Assis Clímaco, que havia residido em Lima nos últimos três anos, tendo acompanhado a implementação do PHRSV – em 2004 – por trabalhar na mesma unidade acadêmica que sediou o programa e trabalhado como co-facilitador do PHRSV entre novembro do citado ano e janeiro de 2006. Esta coincidência oportuna levou que Clímaco fosse o pesquisador responsável pelo campo no Peru, julgando-se que, estando ele mais familiarizado com o país, o idioma, a instituição e os implementadores e facilitadores do PHRSV, haveria a possibilidade de as informações serem por ele melhores recolhidas. Além disso, Clímaco é bolsista de Apoio Técnico/CNPq do projeto.

Clímaco trouxe também o interesse de visitar, além do PHRSV de Lima, o mesmo programa que foi replicado na cidade de Piura, situada a treze horas de viagem da capital peruana, no norte do país. Já em Lima, teve-se também a oportunidade de entrevistar o psicólogo Stuart Oblitas, responsável pela atenção psicológica a homens e também mulheres e casais na Clínica del Hombre, do Instituto Peruano de Paternidad Responsable, onde recebia pacientes com diferentes demandas, entre elas a de violência.

#### **4.3.1 Programa Hombres que Renuncian a Su Violência – PHRSV-Lima.**

O responsável pela implementação, manutenção e facilitação do PHRSV-Lima é o sociólogo, mestre em demografia, Miguel Ángel Ramos Padilla, professor e pesquisador desde 1997 da Universidad Peruana Cayetano Heredia (UPCH), onde hoje trabalha na Unidad de Salud Sexual e Reprodutiva (USSR), da qual é co-fundador e que se encontra na Faculdade de Salud Pública (FASPA). Além de Miguel Ramos, foram também entrevistados os outros dois facilitadores do PHRSV – e que tinham sido usuários do mesmo entre anos de 2004 e 2005 –, além de mais dois ex-usuários do programa.

A entrevista com Miguel Ramos foi excepcionalmente importante por detalhar não apenas o início do PHRSV, mas também os passos anteriores que levou ele e a USSR a optarem por este caminho como meio de intervir na redução da violência contra as mulheres. Entre 2000 e 2002, Miguel Ramos e Nancy Palomino, diretora da USSR, participaram como pesquisadores principais do *Estudio Multicéntrico de la OMS sobre violencia contra la mujer de parte de la pareja*. O resultado da pesquisa, desolador, superou as expectativas mais pessimistas, como o mostram as palavras de Ramos:

*“Cusco tiene la violencia más alta del mundo, de parte de su pareja y ¡Lima está en tercer lugar! De violencia física, ¿no? Entonces la cosa era terrible, salí muy cuestionado de esto, considerando que los hombres son los principales protagonistas de este tema y habría que hacer algo con esto y pregunté al principio qué cosa se estaba haciendo en el Perú con los agresores, con los hombres que son los principales protagonistas y no se estaba haciendo nada. Esto a mí me preocupó muchísimo”*

A USSR tomou a decisão de realizar uma atividade interventora, de maneira que entrou-se em contato com grupos latino-americanos com experiência neste tipo de atenção, já com o intuito de iniciar uma experiência no Peru. Assim, contactou-se grupos e psicólogos responsáveis por atenção a homens que cometem agressão no Chile (onde os grupos são responsabilidade dos departamentos de saúde mental do município de Santiago e *comunas* localizadas nos arredores desta cidade), no Canadá (que atendia a homens de língua castelhana – ainda que Miguel Ramos tivesse perdido o contato e mesmo o nome dos grupos visitados), na Argentina (Jorge Corsi) e no México (CORIAC). Através de um projeto coordenado por Nancy Palomino dentro da USSR, com financiamento da Fundação Ford, pode-se custear os gastos das visitas de Miguel Ramos aos citados países, nos quais ele não apenas entrevistou-se com os coordenadores, como também participou das reuniões dos grupos de homens – exceptuando na Argentina, dado a atenção de Jorge Corsi ser eminentemente individual.

Estas visitas que Miguel Ramos fez aos diferentes programas permitiu um balanço de pontos negativos e positivos que o levou, finalmente, a adotar em Lima o modelo desenvolvido pelo CORIAC mexicano, e já apresentando anteriormente neste relatório. O

interessante, também, é que os pontos do modelo CORIAC julgados importantes por Miguel Ramos nos permitem também ver as dificuldades que os outros programas apresentam.

Em primeiro lugar, Miguel Ramos destacou o fato do modelo CORIAC trabalhar com demanda espontânea, ou seja, com homens que desejam ir às reuniões do grupo com o intuito de deixar de serem violentos<sup>8</sup>. Segundo ele, nos países latino-americanos – e ele cita as experiências argentina e chilena – os poderes judiciais não têm uma estrutura o suficientemente ampla para garantir a ida de homens condenados ao programa, de maneira que os homens ficariam duplamente impunes, não apenas da violência contra a mulher, como também pelo fato de não obedecerem os mandatos dos juízes.

O segundo elemento importante do modelo CORIAC é a possibilidade deste ser facilitado por não psicólogos. Como aponta Miguel Ramos, o profissional psicólogo passa por um processo de formação muito longo, e não há um número significativo de psicólogos interessados neste tipo de atenção, de maneira que a possibilidade de inserir outros homens é fundamental para que o programa seja replicado. Além do mais, o modelo CORIAC permite que o homem violento que passou por todo o processo possa ser facilitador se assim o deseja, através de uma nova capacitação que não se compara a de um psicólogo.

Finalmente, é fundamental para Miguel Ramos o fato de o modelo CORIAC trabalhar com a própria experiência dos homens. Em contraposição, ele lembra o grupo que assistiu no Canadá, onde trabalhava-se apenas desde um ponto de vista conceitual, em que os homens podiam aceder a uma compreensão do que seria a violência e de suas conseqüências, sem, no entanto, refletir sobre sua própria violência e, assim, sem poder lidar com ela. Miguel relembra um depoimento que ele pode presenciar em uma das reuniões do grupo canadense.

*Yo escuché el testimonio de un hombre: ‘yo ya sé que debo parar la violencia, yo ya cada vez que quiero pegar a mi mujer yo me detengo, me reprimo, pero tengo unas ganas de darle una patada, una pateaguda, o un puñete a esta mujer cada vez que me responde, que me levanta la voz, o cada vez que viene a la hora que le da la gana,*

---

<sup>8</sup> É interessante notar que, se optamos nesta pesquisa por trabalhar com a expressão “homens autores de violência”, dado o fato de querermos evitar uma identificação entre os homens e a violência por eles exercida, ressaltando assim o sujeito para além de seus atos, as denominações das pessoas entrevistadas variam. E no caso de Miguel Ramos e outros, fala-se de “homens violentos”, com o intuito de valorizar exatamente aquilo que nós contornamos, a saber, a ligação entre a identidade dos homens e a violência que estes exercem sobre as mulheres.

*cada vez que se quiere vestir tal cosa, me da ganas de patearla, pero yo sé que tengo que reprimirme'. Es cierto, ellos aprendieron a reprimir sus ganas de pegar, pero no habían cambiado, seguían con las mismas creencias.*

Para ele, nestes programas, o homem aprende que não deve comportar-se de maneira violenta e se reprime, sem, no entanto, deixar de sentir o impulso a agir de modo violento. O diferencial do modelo CORIAC, neste aspecto, seria o de permitir que o homem deixe de ser violento sentido-se bem ao fazê-lo, pois pode trabalhar desde a própria experiência, compreender as razões que subjazem o seu comportamento e optar por um outro caminho. Este é, para Miguel Ramos, o maior diferencial do modelo CORIAC, e o que melhor traduz o objetivo do PHRSV, pois permite não apenas o fim da violência, mas uma transformação da subjetividade dos homens e, com isso, uma aproximação às relações equitativas de gênero:

*El objetivo es en primer lugar que los hombres detengan la violencia contra la mujer. Pero no solamente queremos quedarnos en esto, sino que nosotros también buscamos es que avancemos en relaciones equitativas de género, porque a diferencia de otros programas que conozco en otros países, dónde solamente el objetivo es parar la violencia... pero no hay una preocupación mayor por... que los hombres en realidad cambien, ¿no? (...) Y nuestro objetivo es además ese: (...) que los hombres además se sientan bien deteniendo su violencia, renunciando a su violencia.*

Feita a opção pelo modelo CORIAC, foram procurados os fundos para a implementação do programa em Lima e conseguiu-se o apoio do DFID (Department for International Development, cooperação inglesa para o desenvolvimento) para todo o ano de 2004, o qual incluía, entre outros aspectos:

1. A vinda a Lima e os honorários de Roberto Garda (coordenador da área de violência do CORIAC) para o fornecimento de uma oficina de uma semana a homens que trabalhavam em diferentes instituições ligadas à violência contra as mulheres – com o intuito de que estes mais tarde pudessem juntar-se ao grupo de facilitadores. No entanto, apenas um destes se envolveu no processo para chegar a sê-lo (o policial

Ángel Mío, que também foi entrevistado para esta pesquisa), uma vez que implicava que eles se transformassem em usuários do PHRSV e passassem por suas três etapas.

2. O salário de Miguel Ramos (por meio tempo) como coordenador, divulgador e facilitador do PHRSV e de Lenin Cárdenas, psicólogo, por tempo completo, como facilitador e divulgador do PHRSV.
3. Uma viagem ao México e os gastos de hospedagens de duas semanas para Ramos e Cárdenas, para que eles pudessem assistir as sessões – diárias – do PHRSV no CORIAC. No entanto, Cárdenas não conseguiu o visto para a entrada no país mexicano, de maneira que apenas Ramos pode ir.
4. Gastos com a divulgação do programa (que incluía a impressão de panfletos, posters e folders) e a visita contínua a instituições que trabalham ou recebem mulheres vitimadas pela violência de homens. Esta última parte é essencial, uma vez que, dependendo o modelo CORIAC da demanda espontânea de homens, é necessária uma divulgação constante nas instituições às quais as mulheres vitimadas por estes homens acessam, de maneira que os/as profissionais (psicólogas, policiais, enfermeiras/os, assistentes sociais, médicas/os, delegadas/os, advogadas/os) possam aconselhar as pessoas para que acessem ao PHRSV ou para que recomendem ou insistam com os homens que cometem agressão o façam.
5. Gastos com uma psicóloga para atenção de Ramos e Cárdenas. Era a maneira que se encontrou para que eles fizessem um trabalho pessoal, algo que era considerado muito importante para o modelo CORIAC, ainda mais pelo fato de Ramos e Cárdenas não terem passado pelo processo que normalmente passa um facilitador do CORIAC (e que implica, como já mencionado, passar por todas as etapas do PHRSV).

Com estes recursos (junto a outros complementares provindos da Fundação Ford), fez-se possível um convênio com o CORIAC para a réplica do modelo do primeiro nível do PHRSV em Lima<sup>9</sup>, assinado pela própria diretora da USSR. Parte do convênio implicava o

---

<sup>9</sup> Em princípio, Ramos pensava em utilizar um nome diferente ao utilizado pelo CORIAC (Programa Hombres Renunciando a Su Violencia). No entanto, não foi encontrado um nome que expressasse de maneira clara os ideais do programa, de maneira que optou-se pela utilização do mesmo nome, mudando apenas o tempo verbal do verbo renunciar, retirando-o do gerúndio para o presente, com a introdução do pronome que: Programas Hombres que Renuncian a Su Violencia, ficando as siglas idênticas: PHRSV.

seguimento do CORIAC sobre o desenvolvimento do PHRSV e também futuras capacitações relativas ao segundo e terceiro níveis do modelo CORIAC.

#### **4.3.2 EXPERIÊNCIA DO PHRSV EM LIMA**

Uma vez que o modelo do CORIAC foi já apresentado na parte relativa ao campo do México, aqui não a retomaremos, já que os facilitadores afirmaram seguir sua metodologia de uma maneira praticamente idêntica. Apenas questionou-se um pouco a ausência de elementos para se trabalhar a violência sexual, mas isto será tratado no momento em que discutirmos as dificuldades na implementação do PHRSV.

A viagem ao México de Ramos, a oficina de Garda e o início da divulgação do PHRSV se realizaram no primeiro semestre de 2004, de maneira que as primeiras reuniões puderam iniciar-se em junho daquele ano. Até dezembro, ou seja, em sete meses, passaram pelo PHRSV cerca de oitenta homens, dos quais seis, por terem alcançado os objetivos do modelo (identificar as diferentes formas de violência que exercem e deter a violência física) passaram ao segundo nível em janeiro de 2005. Mantendo-se ativo o primeiro nível, do qual outros três homens passariam ao segundo nível no decorrer de 2005.

O ano de 2005, no entanto, veio a trazer sérios problemas, pois não se tendo conseguido uma fonte de financiamento que substituísse a do DFID<sup>10</sup>, uma série de elementos fundamentais do PHRSV tiveram que funcionar no mínimo. Por um lado, os facilitadores e divulgadores do PHRSV (primeiro apenas Cárdenas e Ramos, posteriormente também Christian Guzmán, Orlando Pardo e Danilo Clímaco), sem salário, passaram a trabalhar voluntariamente e, apesar das reuniões mensais não deixarem de acontecer por este motivo, as palestras sobre violência masculina e sobre o PHRSV que eram dadas por ambos em instituições reduziu-se apenas àquelas que eram julgadas como essenciais. A divulgação do PHRSV também sofreu uma queda, uma vez que folders, pôsteres e panfletos foram produzidos em quantidade muito menor. O resultado disto foi que cada vez menos chegaram novos homens ao PHRSV.

---

<sup>10</sup> Inicialmente, ainda que de maneira informal, o DFID havia se comprometido a apoiar o PHRSV por dois anos, no entanto, a cooperação internacional inglesa passou a priorizar a “re-construção do Iraque”, com o qual ficou impossibilitada a verba que seria destinada ao PHRSV em 2005.

Se ao longo do ano 2004 havia uma média de 12 novos usuários por mês, em 2005 esta média foi caindo até chegar a menos de cinco por mês. Paralelamente, começou a haver um número maior de abandono entre aqueles que estavam em primeiro nível, o que levaria a que no final do ano se “fechasse” este nível, prosseguindo, no entanto, o nível dois, que em outubro de 2005 se transformaria em nível três, uma vez que sete dos homens ali presentes cumpriram os objetivos do segundo nível (que são, sumariamente, o de re-significar a violência que sofreram e cometeram e o lidar de modo mais próximo com suas próprias emoções). Dos outros dois homens, um deixou de ir, alegando compromissos laborais e outro foi convidado a afastar-se um tempo do PHRSV, dado não estar cumprindo alguns de seus requisitos básicos. Este homem voltou ao primeiro nível do PHRSV no ano de 2006.

Um outro problema veio a ser o local. No ano de 2004 e até a metade de 2005, o PHRSV funcionou em San Juan de Miraflores (SJM), um bairro que, ainda que pertencesse à periferia limenha, era relativamente central, um ponto de passagem para numerosos outros bairros, o que facilitava o acesso a muitos homens. No entanto, dado o fato do aluguel da sala reunião ser caro, teve-se de mudar de local, indo-se a um bairro de difícil acesso, Villa María del Triunfo (VMT), em um lugar cedido pela Municipalidad<sup>11</sup> local, com a qual se assinou um convênio. O local também trazia outras dificuldades: instalações defeituosas, banheiros sujos e ambiente barulhento, o que no julgar de Ramos e dos outros facilitadores, veio a contribuir ao declínio da assistência dos usuários do PHRSV.

Outra dificuldade encontrada neste momento foi a saída de Cárdenas, quem, ao não encontrar emprego em Lima, mudou-se para uma cidade do interior do país. A facilitação passou então a ser realizada por Ramos com a co-facilitação de Clímaco e, posteriormente de Pardo e Guzmán, pois apesar de que estes três últimos não terem terminado os três níveis, como teria sido ideal, tinham adquirido uma maturidade com respeito à questão da própria masculinidade e tinham participado de leituras a respeito de gênero e masculinidades (em conjunto com os futuros facilitadores do PHRSV de Piura, sobre os quais falaremos abaixo) que os permitia apoiar a facilitação de Ramos. Nos últimos meses do ano, esses co-facilitadores (que já estavam no terceiro nível) passariam também a facilitar as reuniões do primeiro nível com a supervisão de Ramos.

---

<sup>11</sup> Em Lima, os bairros conformam ‘municipalidades’ que têm governo próprio, com prefeito próprio, independente do governo da cidade.

Finalmente, foi problemático o fato de Ramos e Cárdenas terem de iniciar o segundo (e posteriormente, Ramos iniciou sozinho o terceiro) nível do PHRSV sem terem sido capacitados para fazê-lo, uma vez que não se pôde conseguir financiamento para tal. Apesar de puderem suprir esta dificuldade a partir do manual do CORIAC e do conhecimento que ambos adquiriram na prática, o certo é que não puderam, neste aspecto, contar com a experiência mesma do CORIAC.

Fazendo então uma recapitulação, poderíamos dizer que houve toda uma série de problemas de índole econômica: a dificuldade em difundir o programa (por não se poder tanto visitar e dar palestras em instituições, assim como imprimir a quantidade necessária de material de divulgação); a dificuldade em se manter os facilitadores; a impossibilidade de uma capacitação dos facilitadores junto ao CORIAC e de um seguimento mais constante desta instituição com respeito ao programa; a impossibilidade em se manter um local para a reunião com os homens; e a impossibilidade de se manter a terapia dos facilitadores. Houve também outro problema de índole financeira, como a impossibilidade de fazer um seguimento dos homens que procuraram o programa. Alguns destes problemas foram de certa forma supridos nos anos de 2006 e 2007, quando se obteve o financiamento por parte da agência de cooperação sueca Diakonia, no entanto, antes de passar a estes aspectos positivos, passaremos também a apontar alguns problemas de índole não econômica.

Em primeiro lugar, como bem o enfatizou Guzmán, o processo dos homens em renunciar à sua violência não é linear e muito menos completamente ‘sincero’, ou seja, há uma remodelação da violência exercida:

*“los hombres que llegan al programa, lo que llegan es buscando no dejar de ejercer violencia, sino encontrar una nueva manera de ejercer el poder en su casa. Porque la violencia ya no les funciona. Porque todos llegan al programa en crisis, pero no en crisis emocional y tal, sino crisis identidad que está relacionada a su pérdida de poder.”*

Contra este aspecto, que parece ser o mais grave de todos, haveria, segundo todos os facilitadores, duas maneiras estratégicas a se empregar: por um lado, um seguimento maior por parte destes homens, o qual implicaria uma maior comunicação com os familiares



do usuário (especialmente sua companheira), o que, por sua vez, demandaria uma maior rede de colaboradores. Por outro lado, que o processo re-educativo seja vigilante com respeito a este aspecto, que confronte os homens a perceberem e assumirem como negativas formas de controle, violência e exercício de poder mais sutis.

Em segundo lugar, como informado por Miguel Ramos, está-se enfrentando em Lima uma deserção de homens maior do que a esperada. Se a experiência do CORIAC no México apontava que 10% dos homens que participavam da sessão informativa continuavam no programa até o seu final. Em Lima são ainda menos (ainda que não se tenha até o momento uma porcentagem) o que vem a dificultar o funcionamento do programa, pois para a passagem do primeiro nível para o segundo, há que se ter um número mínimo de homens que conformem um grupo (em princípio, pelo menos quatro pessoas) e se não se chega a este número de pessoas, usuários que estão aptos a passarem para o segundo nível, podem sentir-se desmotivados a continuar frequentando o primeiro.

Um terceiro aspecto é a ausência, no modelo CORIAC, de trabalhos específicos relacionados à violência sexual, havendo apenas dois exercícios a esse respeito em todos os três manuais. Além disso, os usuários sentem-se pouco à vontade para tocar o tema, razão pela qual a equipe de facilitadores, especialmente Guzmán, está procurando, em outros modelos de intervenção com homens que cometem agressão, elementos que permitam trabalhar esta temática.

Um quarto aspecto problemático, que foi mais importante até que no ano de 2006 o PHRSV deixasse VMT para dirigir-se ao bairro central de Jesús María (JM), foi a dificuldade financeira dos homens usuários para acudir a terapias individuais, as quais são recomendáveis pelo modelo CORIAC. O fato do PHRSV ser um modelo re-educativo e não terapêutico, embora toque temas pessoais, leva a que os homens tenham, por vezes, que lidar com esses aspectos de maneira solitária, razão pela qual é recomendável a todos os homens, seguir uma terapia. Agora, com o PHRSV em JM, bairro central de Lima, ao qual concorrem pessoas de todas as classes sociais (sendo que em VMT e em SJM a quase totalidade dos usuários era de camadas baixas) há um número maior de usuários que pode frequentar um tratamento terapêutico.

Em 2006 e 2007, o PHRSV deu um novo giro, o qual deve-se a dois aspectos, já mencionados: a mudança de local para JM e o financiamento da agência Diakonia. O novo

local, na Municipalidad de Jesús Maria se encontra no final da Avenida. Arequipa, uma das mais movimentadas da cidade, à qual se chega desde muitas regiões de Lima através de um só ônibus. Além de fácil acesso, é um lugar que não carrega a fama de ser periférico, como os anteriores. Isto permitiu que viessem pessoas de diferentes lugares de Lima e que, além disso, pertencessem a camadas sociais heterogêneas.

Já o apoio de Diakonia permitiu não só que fossem re-estabelecidas as atividades de divulgação do PHRSV, como que essas fossem ampliadas, como veremos. Permitiu-se também que os outros dois facilitadores, Guzmán e Pardo, fossem contratados para serviços ligados à divulgação (no caso do segundo) e à sistematização dos dados levantados nas sessões do PHRSV, no caso do primeiro. Ainda que esta remuneração não seja alta, permitiu que ambos alcançassem uma estabilidade econômica mínima e, como isso, que pudessem continuar facilitando o PHRSV sem ter que se ausentar por períodos devido a trabalhos ocasionais ou falta de dinheiro para comparecer às sessões<sup>12</sup>. Além disso, pode-se fazer uma avaliação ampla dos impactos do PHRSV, a qual contou com um seguimento dos homens que participaram do programa, sejam aqueles que chegaram ao terceiro nível ou aqueles que o abandonaram. Esta avaliação incluiu uma entrevista com alguns desses ex-usuários, assim como de suas companheiras ou ex-companheiras e seus resultados serão dados a conhecer no início de 2008.

É também de grande interesse apresentar mais longamente a estratégia de divulgação do PHRSV, especialmente a partir de 2006. Se, nos primeiros dois anos do programa, a divulgação baseou-se na entrega de folhetos e em palestras e em conversas formais dos facilitadores junto a instituições que recebem pessoas envolvidas em situação de violência, desde 2006 estas últimas atividades se intensificaram, pois Pardo foi contratado para visitar o máximo possível destas instituições. Se antes privilegiava-se algumas instituições dada a sua importância e abrangência de atendimento ou proximidade do local onde se dão as sessões, desde 2006 Pardo passou a visitar absolutamente todas as instituições às quais as pessoas envolvidas em situação de violência acodem, primeiro nas proximidades do novo local das sessões do PHRSV e posteriormente também em outros bairros da capital. Assim, ele visitou todos os postos de saúde dos bairros centrais, todas as delegacias, todos os hospitais, centros

---

<sup>12</sup> De fato, ambos facilitadores deixaram por vezes de participar de reuniões do grupo devido a não terem como pagar a passagem de ônibus.

de saúde, juizados, *fiscalías* entre outros, voltando a visitá-los a cada três meses, dada o caráter rotatório de funcionários nestas instituições. Outra estratégia nova, de grande eficácia, foi a contratação de uma especialista em divulgação de eventos, a qual conseguiu que Ramos fizesse entrevistas em diferentes meios: rádio, televisão e impressa, o que permitiu que nas primeiras semanas de aberto o novo local em JM uma grande quantidade de homens acudissem às primeiras sessões.

Esta nova maneira de divulgar o PHRSV é, certamente, um dos pontos positivos do mesmo. Outros que os facilitadores apontaram foram os seguintes:

1. Ter conseguido que um grupo de homens passasse pelas três etapas do PHRSV.
2. Ter conseguido que mais de 150 homens tenham comparecido pelo menos à sessão informativa (julga-se, portanto, que mesmo não tendo o homem dado prosseguimento no PHRSV, o fato dele haver participado de um espaço anti-sexista, ter sido exposto a modelos alternativos de masculinidade, já é um avanço, na medida em que se quebra a univocidade do discurso hegemônico sobre masculinidade).
3. Ter conseguido formar dois facilitadores no processo e estarem outros quatro usuários do PHRSV interessados em sê-lo, tendo estes, inclusive, conformado um grupo de estudos que vem fazendo leituras críticas dos manuais do CORIAC e de outros programas de atenção a homens autores de violência.
4. O grupo contribuiu a que o problema da violência contra as mulheres seja percebido por uma parcela maior da sociedade peruana como não sendo um problema apenas das mulheres, mas também dos homens, que são os principais perpetradores, e da sociedade como um todo. De fato, muitos dos homens (como Clímaco, Mío ou Guzmán, e outros que não chegaram a concluir o processo) se aproximam do PHRSV com a intenção de contribuir de alguma forma à luta pelo fim da violência contra as mulheres.
5. Há um reconhecimento por parte de grupos feministas, assim como de instituições do estado com respeito à importância do PHRSV, ou seja, um reconhecimento daquelas organizações que já vinham trabalhando o tema.

### 4.3.3 Capacitação dos facilitadores

Para Ramos é sumamente importante a questão da capacitação de novos facilitadores, uma vez que, funcionando em apenas um local, o PHRSV tem poucas possibilidades de atingir a população masculina de maneira representativa. No entanto, o processo de multiplicação de facilitadores parece ser bem difícil devido a dois fatores. Em primeiro lugar, ao fato de não haver um número significativo de homens com o interesse de fazê-lo (uma vez que há poucos homens que se interessam pela temática de violência de gênero) e que alguns destes homens não estão em condições de fazê-lo (seja por uma dificuldade pessoal de expressar-se, como o caso de Mío, ou pelo fato de terem empregos que não lhes permitem um horário adequado como no caso de Bani Set e Cárdenas, ou mesmo de Pardo e Guzmán, que estiveram a ponto de abandonar o PHRSV em alguns momentos). Em segundo lugar, há o fato de o processo de se tornar facilitador ser relativamente longo, pois – como estabelece o modelo CORIAC – requer algum tipo de formação em gênero e também a passagem pelos três níveis do PHRSV, o qual requer de pelo menos um ano de presença semanal no programa, bem como uma formação teórica.

O PHRSV teve de lidar com três processos de capacitação de facilitadores. O primeiro, já mencionado: do próprio Ramos e de Cárdenas, que trouxe a dificuldade deles não terem podido passar como usuários pelos três níveis do PHRSV, dada a impossibilidade deles mudarem-se para o México para fazê-lo.

O segundo e o terceiro se deram de modo conjunto, pois a raiz da necessidade de capacitar os homens que replicariam o PHRSV em Piura, iniciou-se também a capacitação de Clímaco, Guzmán e Pardo. A história do PHRSV em Piura começa quando chega a esta cidade a notícia do início das atividades do PHRSV em Lima. A direção de uma organização católica, Diaconía por la Paz y la Justicia, com uma história na luta pelos direitos humanos, entra em contato com Miguel Ramos através de July Chávez, responsável pelo projeto ‘Atención a las Mujeres Afectadas por Violencia Familiar y Sexual’ da citada instituição, justo nas primeiras semanas de início do PHRSV. Ramos informa à instituição que não tinha ainda a intenção de realizar a multiplicação do PHRSV no momento e que esperava poder fazê-lo a partir do segundo semestre de 2005. No entanto, a Diaconía foi insistente para que a réplica do PHRSV em Piura se desse o quanto antes, de maneira que, seguindo as instruções de Ramos,

designou dois de seus funcionários (os quais haviam trabalhado nada ou muito pouco sobre a temática de gênero) para que passassem por duas semanas – nos meses de fevereiro de 2005 quando já tinha se iniciado o segundo nível em Lima – para poder acompanhar as reuniões dos dois níveis do PHRSV.

Posteriormente, Ramos foi a Piura e fez uma capacitação nos moldes da que Garda havia feito em Lima, ou seja, de uma semana, para um grupo de cerca de quinze homens que poderiam vir a ser facilitadores do PHRSV (ainda que, como aconteceu em Lima, nenhum tenha mantido esta intenção). Finalmente, os dois futuros facilitadores, Víctor Domínguez e Manuel, fizeram dois cursos junto a Miguel Ramos, o primeiro específico sobre masculinidades e violência, e o segundo “Curso Semi-Presencial de Atención a Personas Afectadas por Violencia Basada en Género”, oferecido pela USSR/UPCH a um público amplo. Com estas bases, os dois facilitadores estariam prontos para iniciarem o PHRSV, sendo que Ramos iria fazer pelo menos uma visita mais a Piura para seguir uma sessão do PHRSV e que, ao iniciar-se o segundo e terceiro níveis, seria necessário uma nova capacitação dos facilitadores.

A terceira capacitação foi, então, dada àqueles que seriam facilitadores do PHRSV em Lima, tendo-se ela iniciado antes mesmo de que estes futuros facilitadores tivessem terminado o segundo nível do PHRSV (sendo que, ao menos inicialmente, seria necessário que terminassem o terceiro, no entanto, a relativa pressa de Ramos por ter co-facilitadores que substituíssem Cárdenas levou-o a apressar o processo). Esta terceira capacitação iniciou-se junto à segunda, com a presença de Clímaco, Guzmán e Pardo nos cursos com os futuros capacitadores de Piura. Seguiu-se desenvolvendo através de reuniões teóricas com Miguel Ramos e através da co-facilitação das reuniões. Finalmente, Ramos permitiu que estes homens facilitassem as reuniões, com sua co-facilitação, até um momento – quando já haviam terminado Guzmán e Pardo o terceiro nível, já que Clímaco não o fez por mudar-se a Florianópolis – em que eles passaram a facilitar as oficinas com a supervisão de Ramos e, posteriormente, inclusive sem a presença deste. Ramos se mostra muito satisfeito com este terceiro processo de capacitação, pois acredita que hoje tanto Guzmán como Pardo têm mais elementos para trabalhar nas oficinas do que ele e Cárdenas tinham ao iniciar o PHRSV em 2004, uma vez que puderam perceber desde suas próprias experiências pessoais o viver um processo de revisão de sua própria masculinidade, de revisão das próprias violências e

renúncia às suas formas mais graves (dado que, apesar de o PHRSV ser contra todo tipo de violência, Ramos admite que a inexistência de violência em uma pessoa é praticamente impossível).

#### **4.3.4 Os usuários que passaram pelos três níveis do PHRSV em Lima**

O fato do campo ter sido realizado por Danilo Clímaco, que conhecia amplamente a cidade de Lima, assim como o PHRSV, permitiu que também fossem entrevistados os usuários do PHRSV, o que não pode ser feito em outros campos. Entrevistou-se, assim, quatro dos seis usuários que terminaram os três níveis do PHRSV no primeiro semestre de 2006. Destes, dois (Bani Set e Orlando Pardo) entraram ao PHRSV porque se percebiam violentos e tinham o desejo de mudar, enquanto os outros dois (Christían Guzmán e Ángel Mío) o fizeram porque pretendiam trabalhar também com homens agressores, Guzmán na sua qualidade de psicólogo e Mío junto à Polícia Nacional do Peru, à qual pertence. No decorrer do programa, todos eles passaram a compreender que exerciam algum tipo de violência, mesmo Guzmán e Mío que em um princípio não acreditavam que sua própria violência fosse significativa. Todos acreditam que o PHRSV ajudou a perceberem a si mesmos de uma maneira mais acurada, bem como puderam compreender melhor aspectos fundamentais de suas vidas ligadas à maneira como vivem a masculinidade e a relações com as pessoas mais próximas. Orlando, único que tinha cometido violência contra suas companheiras, já não o faz, enquanto os outros dizem cometer menos violências atualmente. Nenhum deles se considera uma pessoa livre de cometer violência, todos acreditam que ainda o fazem e dizem procurar desvencilhar-se destes atos. Mío e Set afirmaram ter relações muito mais sãs com suas respectivas filhas, considerando que antes tinham muita dificuldade para escutá-las, guardavam uma distância que julgavam ser fria com relação a elas.

Quanto à maneira pela qual chegaram ao PHRSV foi também heterogênea: Pardo viu Ramos em um programa de televisão, Bani Set foi informado por parte de uma cunhada enfermeira que participou de uma palestra de Cárdenas, Ramos em um posto de saúde, e Mío e Guzmán se inteiraram a partir de instituições que trabalham o tema da violência contra a mulher.

#### 4.3.5 PIURA

Como foi acima mencionado, o PHRSV em Piura se inicia a partir do interesse da instituição Diaconía, sendo importante ressaltar que os futuros facilitadores do programa não tinham em princípio interesse com relação à temática, não tendo sequer um trabalho significativo no campo do gênero (lembrando que para o modelo CORIAC a sensibilização relacionada ao gênero é fundamental). Inicialmente, a idéia da direção de Diaconía era que a própria July Sánchez, como responsável pelo projeto ‘Atención a las Mujeres Afectadas por Violencia Familiar y Sexual’ na instituição, fosse a facilitadora do PHRSV. Dado Ramos haver advertido da impossibilidade de mulheres facilitarem este tipo de oficinas (pelo fato de que se baseiam no compartilhamento das vivências da masculinidade por parte de todos os presentes, usuários ou facilitadores), procurou-se então que homens trabalhadores da própria instituição Diaconía fossem os capacitadores. Foram escolhidos dois – seguindo a recomendação de Ramos, escolhidos porque se acreditava que eles tinham uma relação igualitária com suas respectivas companheiras.

Uma vez escolhidos, eles passaram pelo processo de capacitação descrito anteriormente, pressupondo-se que, assim, poderiam adquirir as duas habilidades mínimas para a facilitação: primeiro, a de ter realizado um trabalho pessoal de reflexão sobre a própria masculinidade e de renúncia às violências que estão relacionadas com ela e, segundo, a de passar por um processo de capacitação teórica sobre gênero. No entanto, não há como negar que, neste caso, ambos processos não se deram da maneira mais adequada: por um lado, ambos facilitadores fizeram um processo curto de trabalho pessoal (tal como Ramos e Cárdenas anteriormente). No entanto, eles não tinham tampouco o conhecimento teórico sobre gênero como Cárdenas e Ramos e o que ficou claro para Ramos é que sua experiência (e de Cárdenas) de trabalhar anos com a temática de gênero já significava um trabalho pessoal em alguma medida, uma vez que o conhecimento da violência de gênero e de suas inserções no social implica já uma reflexão do próprio pesquisador do seu lugar nas relações sócio-afetivas.

Desta forma, não há dúvida de que há uma certa tensão no fato de facilitadores de programas de atenção a homens autores de violência sejam pessoas alheias às temáticas relacionadas ao gênero. Em Piura estas tensões podem ser bem vistas na figura de um dos facilitadores, Manuel, que, depois de ter passado pelo processo de capacitação e de estar

iniciando seu trabalho como facilitador, teve, segundo palavras do Víctor Domínguez e de July Sánchez, uma ‘recaída’, ou seja, que em sua relação com a esposa usou violência que eles denominaram de “grave”, razão pela qual foi (com a recomendação enfática de Ramos) afastado da facilitação do PHRSV e passou a freqüentá-lo como usuário, segundo Domínguez “para seguir su trabajo personal”. Como observaram Domínguez e Sánchez, a cidade de Piura é uma das mais machistas do Peru e os valores tidos tradicionais de superioridade dos homens sobre as mulheres e dos deveres que estas devem a seus maridos/companheiros estão muito presentes, de maneira que Manuel não conseguiu desvencilhar-se destes. De fato, o próprio Miguel Ramos já tinha alertado durante a capacitação que Manuel tinha dificuldades de reconhecer sua violência e que necessitava reforçar sua atenção sobre a própria violência.

Por outro lado, Domínguez passou por um processo de reflexão sobre a própria masculinidade que foi notável para todos os que o seguiram (tanto usuários e facilitadores do PHRSV em Lima, como para aquelas pessoas da Diaconía mais próximas a ele) e seu trabalho de facilitação foi muito elogiado por Ramos. Em entrevista, Domínguez mencionou sentir-se em processo e que continua procurando aprofundar tanto o seu trabalho pessoal com respeito à masculinidade, como seus conhecimentos teóricos sobre gênero.

Mais concretamente, uma das principais dificuldades mencionadas por Sánchez e Domínguez com respeito à implementação e desenvolvimento do PHRSV em Piura foi justamente a impossibilidade de Manuel prosseguir como facilitador. Ficando apenas Domínguez com esta responsabilidade, toda a necessidade de estar atento aos atos de violência dos usuários do PHRSV e de confrontar-lhes pelos mesmos, passava apenas por ele, o que exigia um nível de percepção muito alto, que por vezes não é possível de ser alcançado. Outra decorrência do mesmo problema é o fato de Domínguez ter de fazer uma revisão dos casos apenas com Sánchez, o que também não é o ideal.

Outra dificuldade apontada foi a de comunicação com Lima, pois ainda que haja uma comunicação via e-mail com Ramos, esta não é fluída, de maneira que não há como estar relatando todas as dúvidas que o programa apresenta a Domínguez. Outra ainda é a dificuldade de financiamento para a publicização do PHRSV, a qual tem de ser arcada pela Diaconía. Também há uma preocupação maior pela privacidade dos usuários, uma vez que, sendo Piura uma cidade pequena, é mais fácil saber quem são aqueles que freqüentam o programa, pelo próprio fato de vê-los nas imediações do local.



Finalmente, uma das dificuldades principais aludidas é a de que os homens se mantenham no projeto, sendo o índice de deserção também mais alto do que se esperava. À diferença de Lima, em Piura o PHRSV suspende suas atividades durante as férias do facilitador, Domínguez, sendo que, no seu regresso, em fevereiro (tendo tirado férias em todo o mês de janeiro) apenas um dos doze homens que freqüentava o PHRSV continuou a fazê-lo<sup>13</sup>.

Como resultados positivos, Domínguez e Sánchez salientam o fato de o PHRSV ter chamado a atenção em Piura para a necessidade de trabalhar a violência contra a mulher também desde o lado dos homens, tanto na comunidade como um todo, como nas próprias instituições ligadas à problemática de gênero. Também toma-se como um grande avanço o de terem passado pelo PHRSV cerca de 50 homens e estes configuravam, em novembro de 2006, um grupo de cerca de onze participantes. Considera-se como positivo o fato de estes terem uma outra percepção de sua masculinidade.

#### **4.3.6 STUART OBLITAS E A CLÍNICA DEL HOMBRE DO INSTITUTO PERUANO DE PATERNIDAD RESPONSABLE, EM LIMA.**

O trabalho de campo no Peru teve ainda uma entrevista que não estava prevista inicialmente, mas que surgiu a partir da indicação de Guzmán do fato do psicólogo Stuart Oblitas, da Clínica del Hombre da ONG Instituto Peruano de Paternidad Responsable (Inppares) ser um dos psicólogos que recebem usuários derivados do PHRSV-Lima. No entanto, na entrevista, Oblitas disse não ter recebido ainda nenhum dos homens encaminhados, embora conheça o trabalho do PHRSV. Stuart Oblitas realiza um trabalho terapêutico, dedicado a homens em geral, mas que, pelo fato de estar em uma clínica que privilegia a saúde sexual masculina, a principal demanda de seus pacientes é relacionada à sexualidade, em diferentes facetas. Há, no entanto, homens que chegam ao seu consultório, seja por vontade própria ou por indicação de sua companheira, por algum tema relacionado à violência. Além do mais, embora INPPARES seja uma instituição ligada à população masculina e trabalhe

---

<sup>13</sup> É importante lembrar que em Lima também houve uma redução do número de usuários do PHRSV depois do Natal, ainda que não tão acentuada como em Piura e apesar de Ramos e os outros facilitadores terem parado por apenas uma semana entre Natal e Ano Novo.

com saúde sexual e reprodutiva tendo em conta a perspectiva de gênero, no trabalho terapêutico de Oblitas, o gênero é uma questão muito marginal.

Desta maneira, por não ser um atendimento que priorize os homens que cometem agressão, o interesse que esta pesquisa tem pelo trabalho de Stuart é reduzido. É interessante ressaltar, porém, que ele trabalha com a violência – seja ela física, sexual ou de outro tipo – da mesma maneira com a qual trata outros tipos de demandas dos/as pacientes, mediante uma perspectiva behaviorista e que, ainda que conheça os debates sobre gênero, tendo inclusive participado de eventos junto com Miguel Ramos, não as utiliza diretamente em seu trabalho.

#### **4.4. AMÉRICA CENTRAL**

##### **4.4.1 HONDURAS**

*Son grupos dinámicos, contradictorios, fuertes a veces, pero yo tengo muchas esperanzas. Tenemos muchos testimonios fuertes de hombres que han salido de la cocaína, del alcohol, de la marihuana, que han dejado de golpear. (Edmundo)*

Países como Honduras e Nicarágua são considerados dos mais violentos da América Latina, segundo informam alguns de nossos entrevistados. Honduras é um país com um alto índice de pobreza e criminalidade. Como relatado anteriormente, por sediar um dos únicos programas latino-americanos de atenção a homens autores de violência integralmente governamental, julgamos que seria fundamental a visita a este país.

O programa de Honduras já tem mais de 10 anos. Marcos, um dos facilitadores entrevistados aponta que o objetivo do programa é, em primeiro lugar, a aplicação da lei sobre violência doméstica. Em consequência, os objetivos do processo grupal são os de contribuir para a diminuição de fatos violentos, sensibilizando os homens no que se refere ao patriarcado e ao machismo, entre outros aspectos, de forma a se diminuir a violência masculina. Segundo

o entrevistado, procura-se trabalhar com a desmistificação da violência, contribuindo para a igualdade de gênero.

O trabalho é realizado pelas *Consejerias de Familia* do Departamento de Saúde Mental do Governo. O objetivo geral destas *Consejerias*, segundo o que consta nas *Normas y Procedimientos para el Abordaje de la Violencia Intrafamiliar Domestica (2004)* da Secretaria de Saúde de Honduras, é o de proporcionar à população uma resposta institucional de promoção, prevenção, assistência e apoio aos afetados pela violência. Dentre os objetivos específicos, está a promoção da não violência, por intermédio de grupos de auto-ajuda, redes locais, capacitações, divulgação, atenção direta e grupo de reeducação para homens, bem como o desenvolvimento de modelos de atenção e metodologias de trabalho que contemplem atenção integral às pessoas afetadas pela violência intrafamiliar, incluindo atenção a autores de violência. De acordo com Edmundo

*“Le corresponde la responsabilidad a la secretaria de salud, entonces la secretaria de salud acondiciona lugares, consejerías, para que pueda atender a hombres y mujeres. A las mujeres para que mejoren su auto-estima, para que trabajen el dolor. Y los hombres para reeducación. Eso lo plantea la ley.”*

No documento do governo citado acima, consta uma relação de itens específicos sobre a atenção a homens. Neste item, consta indicações para o trabalho com homens autores de violência e recomendações de caráter metodológico. De acordo com estas normas, os grupos com homens devem acontecer com no mínimo cinco e no máximo 15 integrantes, e procurar realizar uma desconstrução do sistema de crenças machistas e modificação de conduta. O processo grupal acontece em sessões semanais de duas horas, durante dois meses no mínimo. Segundo estas normas do governo, cada processo grupal está baseado em cinco etapas, a saber:

1. Enfoque geral sobre os processo de socialização e estruturação das identidades de gênero.
2. Conhecimento crítico sobre como se estrutura o poder e a autoridade do homem no espaço doméstico e como a violência está vinculada à manutenção da subordinação feminina.

3. Etapa de revelação de fatos violentos. Neste momento da abordagem deve-se dar ênfase à honestidade que este momento exige.
4. Proposta de um novo projeto de vida. Valores como o respeito, a responsabilidade, a igualdade de gênero, a ternura, o sentido da vida, entre outros, devem ocupar um lugar de transcendência no momento do processo.
5. Estabelecimento de um plano de acordo e compromissos que estarão orientados a cultivar em seu lar, um ambiente sem violência, respeitoso e solidário.

Apesar destas orientações e de uma proposta de base comum, os grupos realizados pelo entrevistado Edmundo são diferentes dos realizados por Marcos. Isto acontece pelas diferentes formações e capacitações que receberam quanto à metodologia a ser utilizada. Ambos são assistentes sociais e funcionários da secretaria de saúde. Nos grupos de Marcos há uma grande influência do modelo do primeiro nível do CORIAC e dos grupos de Alcoólicos Anônimos, já os grupos de Edmundo são mais influenciados por grupos de psicólogos da Costa Rica e da ONG Cantera, da Nicarágua. Marcos comenta:

*“... de los 28 ó 30 que recibimos la capacitación, decidimos trabajar con los hombres ocho y de estos ocho hemos quedado dos, se han incorporado porque hemos capacitado, otros dos o tres compañeros. Entonces todo el mundo nos busca a nosotros, el ministerio público nos llama para capacitar a policías, a jueces, a fiscales para sensibilizar sobre masculinidad. Hemos trabajado en escuelas, en colegios, con maestros, sobre esta cuestión, pero no me da el tiempo.”*

Edmundo afirma que entende seu trabalho como um processo de reflexão psico-educativa. São grupos abertos, ou seja, há constante entrada e saída de novos membros, embora haja um número indicado de sessões que o participante deve frequentar e lista de presença. Ele assume uma postura mais educadora e procura sempre trazer autores da psicologia, filosofia, psicanalistas, espiritualistas, entre outros (Lacan, Eric Fromm, Dalai Lama, Osho), muitas vezes indicando a leitura de livros aos participantes. Admite que conduz seus grupos em um processo de muita reflexão filosófica, com componentes terapêuticos. Na prática ocorre de algum dos integrantes fazer uma catarse. As etapas enumeradas por este

entrevistado são: aceitação da realidade, catarse e reflexão. Conceitua catarse como sendo uma expulsão, falar do dano que cometemos, que recebemos e a necessidade de refletir sobre isto constantemente.

Edmundo segue enumerando passos que utiliza em sua atuação, baseados nas indicações do governo hondurense. Fala de um momento que chama de reparação de danos. Segundo ele *“me parece que la culpa no nos ayuda mucho, no nos sirve para nada y que hay más bien que darle un aspecto dinámico a la conciencia y enseñar a reparar daños.* O passo seguinte seria a busca do que ele chama de “juízo saudável, sadio” (*sano juicio*) e de “fortaleza espiritual”, utilizando neste último autores como Dalai Lama e Osho. Relata que entende a espiritualidade de uma forma mais ampla e não cheia de dogmas.

O último passo enumerado por Edmundo é o pessoal e político. Segundo o entrevistado

*“Significa que los hombres tenemos que empezar a hablar de un proyecto de país, de un proyecto de cultura, que individualmente no podemos hacer mucho y que hay que transformar el país, que transformar la cultura y que aparte de la lucha en contra de la opresión, de la marginación y la explotación, también tenemos que ver la lucha de género, tenemos una deuda de género y tenemos que incorporarla a los procesos sociales y político proyecto social y político que vaya en esta dirección.”*

Comenta, ainda, que, durante o processo, sempre está repassando todos estes passos.

Já os grupos de Marcos possuem um caráter fechado, ou seja, todos que iniciam o grupo terminam ao mesmo tempo, o que possibilita uma diferente coesão grupal. Segundo ele, primeiramente, quando um autor de violência é encaminhado para o grupo *“Lo atendemos la primera entrevista individual, luego le damos la información sobre patriarcado, sobre masculinidad, violencia, todas esas y le damos toda la información y después hacemos reuniones reflexivas.”* Marcos segue o modelo do primeiro nível aprendido no CORIAC, com algumas adaptações à realidade hondurenha e à experiência do facilitador. Segundo ele *“Nosotros por cuestiones de tiempo solo hacemos el primer momento. La revelación, la experiencia, el porque está aquí, porque lo denunciaron.”* Algumas diferenças apontadas pelo entrevistado são: jogos, reflexões a partir de canções machistas, retiros dominicais e algumas diferentes técnicas feitas a partir da experiência de Marcos. Apesar das indicações do governo

proporem um número máximo de 15 homens, Marcos relata que realiza grupos com 25 participantes, dadas a demanda e a falta de profissionais para este trabalho. Comenta que, no centro de saúde em que trabalha, somente ele atua com os grupos, realizando cinco grupos semanais.

O retiro dominical é feito normalmente no final de cada processo, pois seria um momento de maior sensibilização e conscientização. É um encontro com estratégias diversificadas, como jogos informais e outras atividades de reflexão e lazer, com a presença dos filhos dos participantes. Marcos comenta

*“Otra cosa diferente con relación a CORIAC es que trabajamos con los hijos de los hombres de aquí, como forma preventiva. O curativo, pero trabajamos con jóvenes mixtos, adolescente varones y mujeres. Les damos la misma información para que estos muchachos no vengan a parar aquí denunciados”.*

Na *Consejería* são feitos também grupos com mulheres, procurando aumentar a auto-estima delas, dar informações e medidas de proteção, além de um trabalho interventivo também com os filhos. Há uma psicóloga ou uma assistente social que trabalha os problemas dos filhos. No entanto, estes serviços não são obrigatórios, ou seja, via mandato judicial, como os dos homens. Quanto à demanda ser obrigatória ou não, Edmundo e Marcos apresentam diferentes posições. Edmundo acredita que deveria haver mais demanda espontânea, no entanto acha complexo, pela dificuldade dos homens de renunciarem a uma posição de poder. Já Marcos acredita que a demanda voluntária seria o ideal, visto que estes homens viriam menos aborrecidos e sem se sentirem julgados. Comenta que se o trabalho fosse realizado fora do horário de trabalho, em finais de semana por exemplo, poderia haver maior demanda voluntária.

Quanto ao trabalho do facilitador de grupos de homens autores de violência, Marcos ressalta a importância do comprometimento com o processo e coerência, ou seja, que o facilitador aplique a si mesmo o discurso que apresenta. Acredita que não se deve utilizar cigarros, drogas, armas, ou ainda ser infiel a sua parceira. Enfatiza também sobre ser criativo, relatando que costuma ler, estudar, se atualizar e que já inventou uma série de jogos, muitos destes inspirados em brincadeiras infantis, que emocionam os participantes dos grupos, na medida em que estes entram em contato com suas infâncias.

Em contrapartida, Edmundo, ao ser questionado sobre as habilidades do facilitador, remete ao texto das normas e procedimentos quanto ao trabalho sobre violência intrafamiliar e doméstica. Enfatiza que o facilitador deve ser alguém com conhecimento da temática, que tenha revisado estas questões em sua própria vida e que esteja comprometido com o trabalho realizado.

No texto do governo, já citado acima e mencionado por Edmundo, são expostas oito recomendações ou princípios para o trabalho com os grupos que norteiam o trabalho hondurense neste setor, a saber:

1. O homem que exerce violência contra a mulher é um ser humano que deve ser tratado com respeito e compreensão. Não será culpabilizado, criticado, nem condenado pela pessoa que compartilha com ele o processo de reflexão.
2. Explicar-se-á desde o princípio aos participantes sobre a necessidade de franqueza e honestidade na revelação de seus atos abusivos contra a mulher e de sua boa vontade para o entendimento dos mesmos para assumir um novo projeto de vida.
3. As ações violentas, de qualquer natureza, são responsabilidade única da pessoa que as executa.
4. O ser humano ofensor que exerce violência em qualquer uma de suas formas contra a mulher pode mudar. Assim como aprendeu uma conduta abusiva, baseada em seu gênero, pode aprender a viver sem violência, a respeitar e não invadir espaços.
5. O homem autor de violência deve compreender que ninguém do lado de fora dele pode modificar sua conduta violenta, ou seja, que a base da mudança está nele mesmo e em sua capacidade de descobrir uma nova vida centrada em uma consciência humanista.
6. O processo de re-educação ou de re-construção do sistema de crenças patriarcais no homem pode durar muitos anos, sendo necessário, portanto, que aquele que ingressar no processo esteja consciente de que deve seguir o programa de ajuda mútua e que deve vincular-se a esforços sociais, políticos e organizacionais que lutam contra a violência de gênero.
7. A pessoa que trabalha com homens autores de violência deve compreender que em muitas ocasiões eles não respondem positivamente ao processo de reflexão e que estes podem reincidir e cometer novamente atos de violência

8. As pessoas que trabalham com autores de violência podem garantir confidencialidade nas revelações feitas no grupo, exceto quando exista perigo para as vítimas, filhos e filhas.

A especificidade do programa de Honduras está no seu caráter governamental e no fato de o autor de violência ser enviado ao grupo de reflexão por meio de medida judicial, ou seja, o caráter é obrigatório, embora possa haver também demanda espontânea. Neste sentido faz-se importante conhecer estas normas e procedimentos do texto do governo deste país, expostos acima, de forma que se possa desenvolver a discussão sobre o trabalho com autores de violência e assim refletirmos sobre as responsabilidades possíveis para o governo brasileiro, quanto a esta temática.

Reinaldo, chefe do Departamento de Saúde Mental de Honduras, afirma em sua entrevista que pouco tem sido escrito sobre a experiência hondurense neste setor. Comenta que falta normatizar, homogeneizar a metodologia, o número de sessões, relatando uma experiência de mais de dez anos deste país. O entrevistado comenta os planos futuros do governo, de abrir novos grupos, estabelecer delineamentos básicos de ação, normatizar a atenção a homens. Primeiramente pretende-se sistematizar o programa e, posteriormente, realizar capacitações de novos funcionários e ampliar o serviço para o interior do país, pois ainda se encontra concentrado na região da capital hondurense, Tegucigalpa.

A maior dificuldade relatada por Reinaldo, chefe do Departamento de Saúde Mental, é a escassez de recursos. Segundo o que informa, a maior prioridade é a atenção ao dano, ou seja, o trabalho com as vítimas. Além disso, mudanças administrativas no país, na divisão dos recursos por regiões também têm dificultado sua distribuição. Em consequência, além da dificuldade de equipe, existe falta de espaço, de recursos tecnológicos, como computadores, data-show, televisão e materiais educativos, problemas apontados por Edmundo. Este entrevistado comenta

*“Creo que una cuestión limitante es la falta de material y equipo, sobretudo material educativo. Los hombres deberían llevar documentos, los hombres se van sin nada. Me gustaría que tuviéramos más afiches alusivos a la temática. Y que llevaran documentos”.*



Um outro aspecto indicado por Marcos é os horários dos grupos. Todos acontecem em horário de trabalho dos participantes. Segundo o entrevistado, alguns patrões não dão permissão para seus empregados participarem. Estes, em muitos casos, correm riscos de perder o emprego:

*“El problema del trabajo, ellos pierden su empleo. Los patronos aquí no les dan permisos. Son trabajadores iguales. Ellos trabajan de lunes a viernes, eso les dificulta. Además que ellos dicen: ‘estoy perdiendo el tiempo, tengo que trabajar, me están pidiendo una pensión alimenticia, ¿de dónde le voy a dar?’”.*

Um outro aspecto abordado nas entrevistas foi sobre a violência sexual. No entanto, assim como visto em outros países pesquisados (México, por exemplo), existe uma dificuldade de trabalhar com esta temática em grupo. Edmundo comenta que os homens de seu grupo falam pouco sobre isso, aparecendo mais nas intervenções com as mulheres. Afirma ser um tema muito difícil e comenta sobre as resistências de participantes quanto a entenderem ou admitirem que a cometeram. Marcos afirma que alguns participantes do seu grupo foram enviados por acusação de violência sexual, no entanto, não se fala especificamente deste assunto no grupo.

De um modo geral, o programa de atenção a homens autores de violência tem sido uma significativa experiência. Edmundo aponta como um avanço do movimento feminista hondurenho o fato de o serviço já ter acolhido aproximadamente 3700 homens, de diferentes profissões e camadas sociais. Vê como um avanço da lei, atingindo figuras de poder que antes pareciam intocáveis. Nas estatísticas de 2003, apresentadas por Marcos em sua entrevista, de 151 homens que passaram pelo programa, 118 eram de Tegucigalpa. Os meses de maior pico foram julho e agosto. Por idade, a média era de 20 a 29 anos. Vieram mais homens com uniões estáveis do que casados. A maioria cometeu violência física. O número de filhos variava entre um a cinco. Muitos dos participantes eram donos de seu patrimônio e 33% tinham filhos com mais de uma mulher.

Quanto à avaliação do programa durante o processo, não há uma maneira sistematizada de fazê-lo. Marcos usa de sua criatividade, inventa jogos, e a um deles chamou de “violentograma” que se trata de um jogo de palavras cruzadas, *“les pongo a jugar para ver si lo captaron y a la mayoría de ellos lo han llenado positivamente, los evaluo jugando”*. Além

disso, no programa há uma advogada, responsável pelas questões legais, visto que a participação é obrigatória para os autores de violência. Ela avalia também o programa com os participantes.

#### **4.4.2 NICARAGUA**

As instituições visitadas na Nicarágua trabalham principalmente no âmbito da prevenção da violência e com capacitações de profissionais para o trabalho com este e outros temas. Apesar de não haver um programa específico de atenção a homens autores de violência, as organizações visitadas e suas atuações são referência no país e na América Central, no trabalho com esta temática, influenciando, por exemplo, o programa de atenção a homens autores de violência realizado pelo governo de Honduras. Em consequência, pensamos ser de relevância o conhecimento do trabalho destas instituições nesta pesquisa, apesar do caráter distinto em comparação com os demais países pesquisados. Abaixo, segue a descrição de cada instituição visitada na Nicarágua.

##### **4.4.2.1 CANTERA**

Havia uma grande expectativa em conhecer o trabalho do Cantera, principalmente por termos tido conhecimento de uma atuação desta instituição quanto à violência sexual. No entanto, ao visitá-la, soubemos que esta atuação não acontecia mais, embora o Cantera ainda se destacasse no trabalho de capacitações em educação popular. O entrevistado não soube dar maiores explicações sobre o programa anterior relacionado à violência sexual e o material impresso fornecido pela organização não contemplava muitos detalhes sobre esta atuação especificamente. Ainda assim, a visita a esta instituição mostrou-se relevante, devido à sua influência na região da América Central, com estas capacitações, sobre o tema violência e gênero.

Cantera é uma organização não governamental, que segundo o entrevistado Juan Carlos Arce Campos, em termos jurídicos é uma fundação. Caracteriza-se como um Centro de

Educação e Comunicação Popular. Cantera não é uma abreviatura e sim um nome, refere-se a uma pedra comum na Nicarágua. O entrevistado informa que

*“Cantera es una piedra que en Nicaragua la utilizamos, aquí hay minas que se llaman minas de cantera, la gente llega con su barra, sacan sus piedras y construyen sus casas. Es un simbolismo que usamos, es una base para construir algo nuevo”.*

Apesar da instituição ser dirigida por freiras, preserva um caráter ecumênico, não possuindo necessariamente uma ligação forte com a Igreja Católica. A diretora e a vice-presidente são freiras da congregação de Santa Inés. A organização já existe desde a década de 80, embora formalmente desde 1998.

Um dos objetivos do Cantera é prevenir episódios de violência no lar. Caracteriza-se como um trabalho reeducativo, onde busca-se desconstruir uma identidade e construir coletivamente outras novas, diferentes. Parte-se da vivência de cada participante, de sua experiência, seguindo os princípios da educação popular de Paulo Freire. Os pilares fundamentais são gênero, poder, violência e identidade. Nos cursos realizados com homens busca-se construir relações intergeracionais sem violência. Estimula-se que os participantes descubram neste processo que violência existe em nossa família, que violência exercemos e que vivemos num sistema violento.

Segundo Juan Carlos Arce Campos,

*“El punto es que intentamos promover, que ellos lo descubran, que lo vayan descubriendo, a lo largo de todo un curso, estas formas de violencia que no son reconocidas. Porque en los cursos hemos reconocido que hay muchas formas de violencia que ellos no la ven como violencia, que la ven como situaciones normales, ¿verdad? En nuestro trabajo nos vamos dando cuenta de esto y vamos descubriendo esto con ellos”.*

Buscam também construir novas masculinidades com os participantes, sendo que

*“no tenemos una receta, no tenemos, no le damos una receta en la que le planteamos: esta es la forma que debemos de ser hombres, sino que a partir de lo que no nos gusta, de lo que no nos hace feliz en nuestra familia, entonces nosotros vamos planteando qué queremos cambiar”.*

O curso nacional se realiza por meio de quatro módulos, divididos durante um ano, a saber: 1) *Identidad, Comunicación Masculina y Poder*, 2) *Género, Poder y Violencia*, 3) *Afectividad y Sexualidad*, 4) *Forjando Relaciones Justas*. O curso caracteriza-se como um processo que busca promover mudanças pessoais, mas também tem como objetivo capacitar o grupo de metodologia de trabalho para que eles possam reproduzir o curso nas instituições em que participam. Parte-se da história de cada um, de seus projetos pessoais, seus sonhos. O curso é realizado com a participação de um psiquiatra, “*realizamos muchas visualizaciones, muchas regresiones*”, explica Juan C. A. Campos.

O curso conta com a participação de homens de diferentes idades, profissões, provindos de diversas partes da América Central, “*es que es muy diversa la participación. Tenemos gente desde 17 años, hasta 50, 60, 65 años de edad. Es muy heterogénea*”, informa o entrevistado. O último módulo realizado é misto, ou seja, com homens e mulheres. Em sua maioria, são enviados por instituições não governamentais, que trabalham com a temática de gênero e enviam membros para serem capacitados para multiplicarem o curso em suas instituições. Pelo fato de os participantes serem enviados, perde-se o elemento da voluntariedade, alguns chegam entusiasmados para o processo, já outros não. Em cada oficina participam cerca de 25 a 30 pessoas.

Cada encontro dura aproximadamente três dias e meio, iniciando normalmente em uma quarta-feira e terminando sexta-feira à tarde. Trabalha-se de forma paralela com grupo de mulheres, no mesmo local. Há um momento de compartilhamento entre estes grupos em cada oficina, em geral no último dia. Participam do encontro cinco facilitadores, ao todo, o quais também participam e se vêem dentro do processo, concientes de que enfrentem problemas similares. Desta forma, deixam de ser vistos como mestres e passam a ser simplesmente seres humanos na mesma busca que os participantes. De acordo com Juan Carlos Arce Campos, “*Estar conscientes de nuestra situación, que estamos en la misma búsqueda, tratando de cambiar nuestra forma de ser hombres, en el ámbito dónde nos desarrollamos*”.

Metodologicamente, as oficinas são realizadas por meio de desenhos, exercícios corporais, técnicas do tai-chi-chuan, dança, entre outras. Segundo o entrevistado “*trabajamos la reflexión, pero dentro de nuestra vivencia. Y enfatizamos a los participantes que lo hagamos dentro de nuestra experiencia. No decir ‘los hombres...’ ‘las mujeres’ sino desde nuestra experiencias, ‘yo, fulano de tal’.*” Em termos de avaliação do encontro, os

participantes avaliam cada módulo e fazem compromissos de mudanças na sua vida cotidiana. No oficina seguinte, as discussões se iniciam por estes compromissos estabelecidos na oficina anterior.

Quanto à violência sexual, o entrevistado afirma que se trabalha no curso nacional de gênero no grupo de homens e no de mulheres, principalmente no módulo sobre sexualidade. No entanto, ele alerta que não é um dos pilares de trabalho. O tema surge na oficina por meio das experiências dos participantes, nas vivências das mulheres principalmente. Juan Carlos Arce Campos acredita que *“obviamente hay muchísima violencia sexual”*, no entanto, pondera *“Pero como un programa específico, no. Igual, en un proyecto que trabajaremos en Ciudad Andino, trabajamos sobre eje sexual y reproductivo, pero ahí trabajamos también la sexual, no es lo principal, pero se trabaja.”*

Ou seja, não há um programa específico para violência sexual, embora seja um tema considerado pertinente e recorrente, e também tenha havido uma maior atenção na atuação da instituição na cidade de Andino.

#### **4.4.2.2 AHCV – Asociación de Hombres contra la Violencia**

A *Asociación de Hombres contra la Violencia - AHCV* foi a segunda instituição visitada na Nicarágua. De caráter não governamental, esta associação tem como principal frente de ação a realiação de processos educativos e de sensibilização com homens no que se refere aos temas de gênero e violência e demais temáticas relacionadas. Segundo o entrevistado Xavier Muñoz

*“trabajamos con los hombres la construcción de género que ellos reciben socialmente y tratamos que ellos visualicen como son construidos socialmente para que decidan cambiar y si quieren cambiar, porque tampoco los vamos a obligar. Afortunadamente la mayoría de los hombres que se han acercado a nosotros se han comprometido y están aquí organizados con nosotros, entonces cada vez que llegamos a una comunidad y hacemos un proceso de educación con lo hombres, al final los hombres quedan organizados en grupos”.*

As atividades desta organização também ocorrem no âmbito da prevenção por meio de oficinas. Iniciam por discussões sobre o que é ser homem, utilizando uma base metodológica feminista. Estimulam que os próprios participantes visualizem, através de vivências, as questões de gênero implicadas em seu cotidiano e família. Enfatizam, assim como em outras organizações, a importância do facilitador também haver passado por este processo. Alguns dos integrantes da organização foram participantes das primeiras capacitações e posteriormente se inseriram nas atividades.

Xavier Muñoz pontua que *“El facilitador debe aplicar el discurso en su práctica, porque además los hombres lo cuestionan. Me preguntan los hombres que estoy haciendo en su casa”*. Completa ainda que o facilitador deva preparar-se quanto ao estudo das temáticas discutidas nas oficinas, de forma que possa trazer estes conhecimentos para o processo, “brindando” este conhecimento aos participantes. Seguem a metodologia de educação popular, aprendida na ONG Cantera e em outras capacitações realizadas. Segundo o entrevistado, esta metodologia permite que os homens trabalhem a sua própria vida e realidade e o papel do facilitador é o de *“facilitar este proceso y no obligarlo”*.

No que se refere a grupos de atenção a homens autores e violência. Xavier Muñoz informa que a AHCV tem um projeto cujo nome é *“Hombres con problemas de relaciones de poder con su pareja”*. Comenta que iniciaram um grupo de reflexão com homens autores de violência e tiveram algumas dificuldades de mantê-lo. Os participantes vinham de diferentes partes de Manágua e buscavam o grupo principalmente quando estavam em crise, com conflito com a companheira e já com processo legal. No entanto, o grupo não pôde continuar, segundo o entrevistado, devido à problemas de distância e motivação, *“cuando están en la crisis buscan ayuda, cuando la mujer ya perdonó o retiró la denuncia, no vuelve”*, afirma Xavier Muñoz. Comenta que recentemente havia saído um estudo sobre projetos para trabalhar com homens autores de violência e o da AHCV foi indicado como o mais bem organizado.

No momento da visita à instituição, havia projetos em andamento com a polícia, sobre violência masculina, tanto na capital quanto no interior. Xavier Muñoz afirma que estão colocando em prática o primeiro exercício do projeto da AHCV, a parte psicoeducativa, com homens autores de violência, e comenta que a polícia tem interesse em implantá-lo. Foram

convidados para trabalhar com 80 policiais que haviam maltratado mulheres. O entrevistado ressalta que a proposta contempla uma parte psicológica e uma parte educativa, e explica que

*“Para nosotros el problema de la violencia no es psicológico, porque si lo fuera no podríamos cambiar el comportamiento nuestro. Sin embargo ha habido muchas experiencias en el campo de la psicología de atención a hombres que han sido maltratadores y que han logrado hacer cambios, entonces no podemos negar que resulta la parte terapéutica”.*

Exemplifica que uma das propostas de nível psicológico é o grupo de auto-ajuda. No entanto, afirma que a AHCV mudou este aspecto para grupos de reflexão. Acredita que nesta etapa deva haver solidariedade entre os homens e explica:

*“porque decimos nosotros, un hombre es maltratador y comienza en este proceso y se da cuenta que su violencia no es buena ni para él ni para ella, pero él está en un medio en donde sí puede pegar a esta mujer, porque es su dueño, amo y señor y este grupo que piensa diferente puede estar apoyando a este señor para ayudarlo. Pero no verlo como una enfermedad, porque no lo es.”*

Neste sentido, acredita que a violência não vai ser resolvida com psicólogos e sim quando se começa questionando a construção social dos homens e se conseguimos mudar, ver o mundo de forma diferente. Se estes homens conseguem ver as relações de poder implícitas nos relacionamentos entre homens e mulheres, onde o homem é visto como superior, acredita que assim o comportamento violento pode mudar. Além disso, Xavier Muñoz propõe que não se coloque uma “etiqueta” nestes homens assinalando-os como maltratadores ou agressores, *“Un hombre que se ve señalado como maltratador no va a cambiar”*, segundo ele *“cuando se sienten señalados no quieren cambiar, como que les toca el orgullo de macho”*. Em consequência, afirma ser melhor não dizer *“grupos de hombres maltratados”* e que os participantes não sejam enviados necessariamente pela justiça.

Na proposta da AHCV, a demanda deveria ser espontânea, pois ressalta que se não for desta maneira, a mudança será mais difícil. Portanto, o programa que propõem não é obrigatório, privilegiando assim a vontade e a disposição do participante em querer mudar a sua vida. Ao contar sobre a experiência acumulada, afirma que

*“Los que se nos han acercado dicen quiero cambiar, soy violento pero no sé como cambiar. Algunos la busca para defenderse, dicen ellos, pero hablamos con ellos y cambian su manera de ver. Vino uno, una vez, que quería pelear a su hijo, que la mujer no quería dejar verlo y cuando nos dimos cuenta, él participó en muchos talleres, él ya estaba siendo amigo de la compañera y resolvió su situación sin ir a juzgado”.*

#### **4.4.2.3 Fundación Puntos de Encuentro**

A Fundação Puntos de Encuentro se destaca na América Central em suas atuações no âmbito da prevenção, influenciando diversas outras organizações que trabalham com jovens, gênero, direitos sexuais e reprodutivos e violência. É uma organização feminista que trabalha pela equidade nas relações entre homens e mulheres, entre jovens e adultos, heterossexuais e homossexuais, bissexuais, transgêneros, travestis e intersexuais. Puntos de Encuentro tem 10 anos de trabalho e tinha como princípio inicial a busca pelos direitos de mulheres e jovens. Com o fortalecimento da organização passaram a trabalhar com os meios midiáticos, primeiramente com um programa de rádio e, posteriormente, com um seriado jovem e educativo intitulado “Sexto Sentido”, na televisão nicaragüense. Destas atuações surgiram muitos materiais educativos, utilizados em diversas organizações, campanhas, capacitações, entre outras atividades.

Segundo o entrevistado Douglas Mendoza Urrutia, todos os grupos sociais estão divididos por relações de poder. Trabalham, portanto, desde uma perspectiva de construção de alianças, realizando intervenções com o tema masculinidades por meio de grupos mistos, homens e mulheres jovens. Segundo o que informa o entrevistado

*“desde este marco de análisis hacemos una análisis de cómo el machismo es un factor de riesgo para adquirir VIH o para el tema de abuso sexual, combinados también con el adultismo, relaciones de poder para abusar a un niño o una niña y todo el tema del machismo, de masculinidad dominante, el ejercicio de la violencia sexual, de la violación.”*



Nas atuações e capacitações e demais atividades realizadas pela organização, procuram partir das vivências de cada pessoa, identificando as diferentes experiências que cada um teve e posteriormente realizando uma análise mais teórica sobre o sexismo. Procuram realizar reflexões sobre as diferentes formas de discriminação apostando na mudança individual para posterior mudança no coletivo. Douglas relata diferentes modalidades de atuação. Realizam oficinas de capacitação com duração aproximada de dois dias e meio, com jovens e adultos, acampamentos juvenis de quinze dias com aproximadamente 150 jovens, contemplando diferentes localidades da América Central.

Nestes acampamentos realizam reflexões sobre sexismo, racismo, adultismo, multiculturalidade, xenofobia, prevenção da HIV, machismo, abuso sexual, entre outros problemas sociais e procuram estimular a construção de alianças com os movimentos sociais e juvenis. Estas alianças têm o objetivo de propor ações futuras quanto aos temas trabalhados. Segundo o entrevistado

*“también hacemos un encuentro algunas veces de tres o cuatro días sobre diferentes temáticas, derechos económicos de las mujeres, es una metodología con grupos de mujeres para hacer un análisis de los aportes de las mujeres en la casa, un grupo de un día, dos días, solo mujeres”.*

Considerando a grande extensão midiática que as atividades de *Puntos de Encuentro* alcança na América Central, a organização vem realizando pesquisas e avaliação e monitoramento sobre os impactos da atuação. Segundo o entrevistado

*“El área de investigación y monitoreo hizo una investigación con cuatro mil jóvenes, antes, después y durante cuando estaba la serie de televisión, con las campañas, con la radio, sobre los cambios de comportamiento con relación a genero, al respecto del abuso sexual, al VIH-SIDA, a la homofobia.”*

Quanto ao tema violência sexual, além dos trabalhos realizados nas capacitações, relata que a organização está trabalhando na produção de uma nova série de televisão, na qual pretendem trabalhar a questão da violência sexual e a exploração sexual comercial. Informa que estão propondo vários personagens sobre um modelo masculino associado à violência sexual, a exploração, buscando promover novos modelos de masculinidade. Oswaldo

Montoya, quando participava de *Puntos de Encuentro*, realizou um estudo sobre exploração sexual. De acordo com Douglas Mendoza Urrutia, existe a intenção de entrar em contato com outras organizações para discutir o tema e propor alternativas para a questão, “*estamos investigando, conociendo más del tema. Y qué cosa a nivel local y nacional podemos hacer en conjunto con otras organizaciones*”.

#### **4.4.2.4 Save the Children – Programa de Protección contra la Violencia y Abuso Sexual**

*Save the Children* é uma organização não governamental de origem europeia (Noruega), cujo principal marco de trabalho são os direitos da criança, sob uma perspectiva de gênero e de direitos humanos. O interesse de nossa pesquisa em conhecer esta instituição está relacionado com o trabalho de Oswaldo Montoya, no Programa de Proteção contra a Violência e Abuso Sexual. Oswaldo Montoya, ao informar sobre os trabalhos realizados na ONG Save the Children, comenta que em algumas intervenções da instituição, ainda falta incorporar mais a perspectiva de gênero e masculinidades. Afirma que existem planos para que no próximo ano haja mais trabalhos com homens nesta organização. *Save the Children* Noruega está na Nicarágua desde 1987. A organização iniciou suas atividades em uma época de guerra civil neste país, momento em que havia muitas crianças que ficaram órfãs. Portanto sua principal atuação é voltada para a atenção e a proteção a vítimas, principalmente crianças, e a programas de prevenção.

Com a criação de um programa de violência e proteção a crianças, Oswaldo Montoya entra nesta organização, após alguns anos de experiência na instituição *Puntos de Encuentro*. Segundo o que informa, foi contratado para impulsionar o programa sobre violência. De acordo com o entrevistado

*“Y últimamente en este año estamos tratando de incorporar más explícitamente la perspectiva de género y como es importante hacer un trabajo con hombres, tanto hombres adultos como niños varones en la reflexión sobre su masculinidad. Es un trabajo que desde la organización es muy embrionario, pues implica crear capacidades en las contrapartes y es un tema que la mayoría de las organizaciones no*

*se sienten seguros de utilizar la perspectiva de género y el trabajo con los varones dentro de la misma. Como organizaciones estamos a un nivel muy primario.”*

Oswaldo Montoya tem experiência com grupos de homens autores de violência nos Estados Unidos, na organização EMERGE, na região de Boston, enviados pela justiça, com um formato mais condutivista e comportamental. Além disso, Oswaldo Montoya é autor do livro *“Nadando contra la corriente. Buscando pistas para prevenir la violencia masculina en las relaciones de pareja”*, publicado em 1998 pela organização não governamental *Puntos de Encuentro*. Montoya comparando relações conjugais saudáveis (onde a violência não se apresenta) com aquelas em que a violência se opera, busca neste estudo encontrar formas de melhor lidar com a questão. Este autor procura compreender como se manifesta a prática não violenta de homens e suas relações de conjugalidade, levando em conta o contexto cultural violento e machista, de forma a buscar pistas para se prevenir a violência masculina. Segundo o que informa

*“lo que hicimos fue buscar hombres no violentos, no porque hayan pasado por un programa, porque hayan sido reformados por un programa, sino hombres que por sí mismos, naturalmente por decirlo de alguna forma, tenían un estilo no violento en su relación no violenta con su pareja. Y no solo porque ellos lo decían, sino que lo decían la pareja, los familiares, gente que lo decían, entonces buscar estas desviaciones positivas, desviaciones de lo tradicional, digamos, y entonces porque, como es posible que en una sociedad machista, violencia, haya hombres que tengan un compromiso de no violencia contra la mujer, cuando la cultura demanda respetar y ser violento con las mujeres”.*

Oswaldo Montoya se questionava quanto aos fatores que ajudavam certos homens, apesar de um contexto cultural machista, a não serem violentos, para assim promover mudanças a partir do conhecimento destes fatores protetores. Para isso buscou homens em diversos contextos e os entrevistou. O resultado foi utilizado em campanhas de sensibilização, originando oficinas, vídeos e o livro publicado. Neste sentido, esta publicação mostra-se como uma referência de base para o trabalho de atenção a homens autores de violência.

Ao discutirmos sobre iniciativas de programas de atenção a homens autores de violência, Oswaldo Montoya comenta sobre sua experiência de atuação em grupos de homens no EMERGE,- EUA quando esteve neste país cursando seu mestrado. Comenta também sobre sua experiência no tema violência masculina em seu país, e sobre a iniciativa da AHCV em montar um programa de atenção a homens autores de violência. Relata também sobre a experiência do Cantera, já mencionada acima, e uma iniciativa de Gustavo Pineda, com o qual não foi possível realizar entrevista por questões de agenda, mas que se tratava de um projeto ainda a ser implantado com auxílio do *Fundo de População das Nações Unidas, FNUAP*, que busca retomar as iniciativas de AHCV, no formato pensado por esta instituição.

O entrevistado participou da elaboração e implementação do programa da AHCV. Este projeto foi implantado em 2001 e 2002, mas não foi possível formar grupo, houve apenas alguns atendimentos individuais. Diferente de Xavier Muñoz, ele acredita que um erro que tiveram foi não haver a pressão do sistema judicial para obrigar a vinda destes homens, fazendo com que a demanda fosse, em consequência, voluntária. Outro problema apresentado por ele, assim como por Xavier Muñoz foi o deslocamento dos participantes que vinham de diferentes partes da cidade, o que acarretou em problemas de transporte, por ser um público de baixa-renda. Com estes empecilhos, pensaram em fazer os grupos nas localidades onde viviam alguns destes homens, no entanto, isso não ocorreu. Posteriormente houve também problemas financeiros, de forma que o projeto acabou não sendo efetivamente realizado.

A partir de sua experiência, Montoya relata suas recomendações para a realização de um programa de atenção a homens autores de violência. O primeiro ponto que levanta é uma eficiente estratégia de convocatória para conseguir que estes homens cheguem ao programa. Discute sobre a questão de a demanda ser obrigatória ou voluntária, afirmando que o autor de violência nega e justifica sua ação. Neste sentido, acredita que na medida em que é enviado obrigatoriamente, pode-se assegurar sua permanência no programa. Relata que se vão voluntariamente, a qualquer momento desistem. No entanto, pondera, explanando que se vão obrigados estão no programa sem motivação para a mudança. Vê a questão como um dilema. Pensa que na Nicarágua, devido o sistema judicial não ser forte o suficiente, a demanda obrigatória não aconteceria.

A segunda recomendação que o entrevistado expõe seria uma boa preparação dos facilitadores, os quais, acredita, precisam ter uma grande preparação pessoal e

comprometimento. Influenciado pela sua experiência no Emerge, recomenda que seja um casal de facilitadores. Explica

*“Es la experiencia que yo tuve en Emerge, en el sentido en que hay un hombre y una mujer, me parece muy valioso. Hay gente que no está de acuerdo, yo estuve en esto y a mí me parece muy útil, sumamente útil porque brinda la oportunidad de modelar a los hombres una relación diferente con las mujeres. Y porque frente a las mujeres, los hombres dicen cosas que si solo son hombres los varones, hay cosas que pueden pasar desapercibidas y que una mujer lo va a notar inmediatamente, yo creo que es muy útil trabajar con una colega mujer como facilitadora.”*

O entrevistado alerta para que não se entre no extremo de dizer *“pobrecito estos hombres, son víctimas del machismo”*, enfatizando que se deve procurar entender estes homens, ajudá-los a perceberem o que cometeram, questioná-los, confrontá-los de forma respeitosa, intervindo em suas crenças, justificativas, entre outros aspectos. Montoya lembra que um programa de atenção a homens autores e violência, de certa maneira, ainda assim seria um programa preventivo. Acredita que seria um programa para homens que mostraram certos níveis de agressividade, ameaças, etc. Para estes o programa poderia servir e não para homens que cometeram agressões severas, físicas com sua companheira, aqueles que já enviaram suas companheiras para o hospital. Ele acredita que estes deveriam ser presos e então encaminhados para programas de tratamento nestas unidades prisionais.

Dentre as últimas recomendações que expõe, Montoya ressalta que estes programas devem promover muita reflexão pessoal, com atividades que sejam interessantes e atrativas e não em formatos de palestras, onde os homens escutam, são ensinados. Explica

*“hay que ser empáticos con ellos, también hay que confrontarlos, que sea interesante para los hombres, que sea una oportunidad para que reflexionen y reconozcan sus responsabilidades y de cambiar sus creencias básicas con respecto a su relación con las mujeres y acerca de su propia identidad de género.”*

Por último, recomenda que haja uma sistematização da informação, que os facilitadores tenham tempo de escrever sobre a experiência, sobre o que ouvem e aprendem

com os grupos, indo além das avaliações formais e informando aos grupos de mulheres o aprendido, de forma a auxiliar em estratégias nacionais de luta contra a violência.

Quanto à violência sexual o entrevistado comenta o quanto é difícil o trabalho, o qual requer maior conhecimento e especialização. Acredita que a prevenção deve ocorrer através de educação sexual, sob uma perspectiva de direitos humanos e de gênero. Segundo Montoya

*“En el caso de los varones, es poder trabajar con ellos, que es lo que implica para ellos las relaciones sexuales. Cuales son los criterios que debe tener una buena relación sexual, sus relaciones con mujeres en el plan sexual, en el plan erótico. ¿Qué son buena experiencia sexual? ¿Aquellas en que logras comentar y dominar a la mujer? ¿O aquella dónde hay un disfruto mutuo dónde ambos se protegen y se cuidan? Donde hay consentimiento, que ambas partes están de acuerdo.”*

A partir destes questionamentos, segundo o entrevistado, o trabalho seria o de repensar tudo o que foi ensinado a estes homens desde pequenos.

## **4.5. BRASIL**

### **4.5.1 RIO DE JANEIRO**

O Brasil vive uma situação grave no quesito dos serviços de atendimento a homens autores de agressão (tanto doméstica quanto sexual) visto que de todas as capitais brasileiras, apenas no Rio de Janeiro foi possível identificar programas de atenção a esta demanda, com algum destaque e consistência. Estes programas são distintos e desvinculados de qualquer iniciativa governamental, estadual ou municipal.

Neste ambiente surgem dois programas de atendimento sistemático a homens autores de agressão, o desenvolvido pelo NOOS - Instituto de Pesquisas Sistêmicas e Desenvolvimento de Redes Sociais, fundado em 1994, e o trabalho do NAV – Núcleo de Atenção a Violência, criado em 1996 também no Rio de Janeiro.

#### 4.5.1.1 NOOS

O NOOS é uma organização não-governamental, fundada por quatro profissionais, dois psicólogos e dois psiquiatras que se conheceram em uma formação em Psicologia Sistêmica. Até o presente é essa abordagem que embasa toda a ação e produção do NOOS. O entrevistado, Carlos Zuma, argumenta que essa escolha foi feita por retirar o foco do intrapsíquico que era muito presente nas linhas da Psicologia e da Psicanálise vigentes na época da fundação do Instituto, e colocá-lo nas relações sociais. Os profissionais acreditavam que poderiam realizar intervenções terapêuticas e de modificação social muito mais amplas e significativas com esse referencial. Assim como levar às camadas populares o saber psicológico que consideravam elitizado no momento da criação do Instituto. Pretendiam divulgar a Teoria Sistêmica e utilizá-la em terapia de família, mediação de conflitos familiares e grupos reflexivos de gênero.

Desde o início a temática do gênero já estava incluída nas reflexões e ações desta organização, sendo que os próprios fundadores tinham background de militância no movimento feminista, e, portanto, tinham conhecimento de teorias e posições políticas que favoreciam a aparição e manutenção deste tipo de intervenção embasada no feminismo.

Inicialmente os recursos provinham das próprias atividades realizadas pela instituição, como: workshops, publicações, palestras, oficinas e capacitações. Com o tempo e o crescimento da demanda, aliados ao renome que a instituição conseguiu, foram se ampliando tanto os recursos (através de um convênio com uma instituição internacional, a Prefeitura do Rio de Janeiro e a UERJ) quanto a demanda. Nesse ponto aparecem com mais força as questões de gênero e violência, os profissionais começaram a notar uma grande prevalência da violência de gênero nas relações familiares com as quais trabalhavam, e a partir disso começaram a questionar e teorizar sobre como poderiam fazer intervenções úteis para este problema de proporções endêmicas. Porém no momento da pesquisa o NOOS estava em uma posição bastante precária, mantendo apenas um grupo de atenção a homens autores de violência por falta de financiamento e trabalhando apenas com voluntários, em uma sala cedida pela Prefeitura do Rio de Janeiro. De acordo com Zuma,

*“O programa tem cinco linhas de ação: tem o que a gente chama de atendimento ou atenção direta; as sensibilizações; as capacitações; a pesquisa e as articulações. No*

*atendimento ou na atenção direta, temos a terapia de casal e de família e os grupos reflexivos com os homens e os com as mulheres. A sensibilização são palestras e oficinas que oferecemos.”*

Os encaminhamentos para esses grupos são feitos de maneiras diversas, mas inicialmente se focavam pelos Juizados Criminais Especiais, criados pela Lei 9.099. Consideravam a violência doméstica como crime de menor potencial ofensivo e os juízes, que conheciam o trabalho da instituição, faziam os encaminhamentos. Porém, alguns episódios interessantes, como um ator de uma novela que representava um homem que batia em sua mulher em uma novela de grande veiculação que visitou o NOOS para entender melhor a dinâmica do homem violento e utilizar esses conhecimentos na criação do personagem e, posteriormente, começou a comentar sobre o trabalho da Instituição em entrevistas, acabaram por criar um grande interesse e um número maior de encaminhamentos. De forma que

*“Nesse momento inverteu, passamos a ter muito mais homens encaminhados por outros serviços de saúde e de assistência social ou mesmo por procura espontânea, do que aqueles encaminhados pela justiça. E, até hoje, temos encaminhamentos feitos pelos Juizados Especiais Criminais, ou diretamente pela própria Delegacia da Mulher, mesmo que não se abra um processo.”*

A metodologia do NOOS não é dita de cunho especificamente terapêutico, mas se encontra no que eles denominam como um grupo psicossocial com efeitos terapêuticos. São 20 encontros semanais com duração entre duas e duas horas e meia, com grupos de oito a 10 homens, juntamente com dois facilitadores preferencialmente.

*“Dedicamos no início alguns encontros onde construímos o ‘temário’ do grupo: uma lista de temas que aqueles homens gostariam de discutir ao longo dos 20 encontros. Temas como paternidade, relação com a mulher, relação com os filhos, trabalho, sexualidade, enfim, é bem variado o temário de cada grupo. Fazemos também um contrato de convivência: como o grupo quer lidar com as faltas, atrasos e um acordo de não violência: um acordo que, durante a vigência do grupo, enquanto os homens estiverem ali, não vão utilizar violência contra a mulher. Funciona como um pacto anti-violência, e isso é mencionado, falado nos grupos. A cada encontro vamos*



*seguindo o temário que foi construído, que não é rígido, mas funciona como um norteador.”*

Este contrato de não violência é uma técnica recorrente em outros programas e identifica também a metodologia do NOOS com ideais de cunho feminista e igualitário. Assim como a negação da patologização do homem autor de violência abre para os profissionais desta instituição uma reflexão sobre a complexidade do fenômeno da violência e como este tem relações muito imbricadas com a própria construção das masculinidades. Principalmente caracterizadas por certos padrões repetidos socialmente que se relacionam fortemente com a violência contra a mulher, as relações de poder no âmbito da afetividade e outros comportamentos danosos que têm como origem estas tendências sociais associadas à masculinidade.

Um dos dados mais interessantes que apareceu na entrevista com um dos coordenadores do NOOS foi o de que existe uma demanda espontânea bastante alta para estes grupos realizados com homens, visto que o Instituto mantém uma lista de espera para este atendimento. Além disso, também foi comentada a vontade de vários homens de repetir os grupos, ou seja, gostariam de repetir mais 20 sessões. A taxa de desistência não é alta (quando comparada a outros programas), os grupos iniciam-se geralmente com cerca de 12 homens e trabalham após uma baixa inicial com cerca de oito homens até o final com poucas desistências.

Tendo em vista esta vontade de vários homens de retornarem ao programa, foram feitas modificações. Anteriormente o grupo funcionava semanalmente e era fechado, e agora estão sendo feitas três semanas de grupo e no quarto encontro realiza-se um grupo aberto, onde qualquer homem que tenha vontade de participar pode fazê-lo. Funciona assim de maneira cíclica, e os homens que já passaram pelos grupos podem manter um vínculo com a instituição, assim como podem compartilhar de suas experiências após o grupo, agindo também como porta de entrada para novos homens que tenham vontade de se aliar ao grupo.

Pela própria característica dinâmica da teoria sistêmica, a metodologia utilizada nestes grupos não é cristalizada, tendo sempre aberta a possibilidade de mudanças, novas formas de comunicação ou intervenções. Este é também um dos programas que tem uma preocupação na avaliação da efetividade do próprio programa, pois, segundo Zuma:

*“Temos no final de cada processo, ou seja, depois dos 20 encontros, um encontro que é um grupo focal, ou seja, uma avaliação realizada por outros técnicos da instituição, que não os facilitadores daquele grupo. O grupo focal tem um roteiro onde é perguntado sobre a expectativa inicial, o que eles consideram que foi um ganho pra eles, o que faltou, o que gostaram, o que não gostaram etc. Apesar de toda sistematização nunca fizemos uma análise desse material. Temos um questionário que aplicamos na chegada desse homem na instituição, na entrevista individual realizada quando ele se inscreve, que é baseado em um protocolo internacional de trabalho com homens, mas que estamos precisando rever. Soubemos que aqui no Rio tem uma universidade que fez uma adaptação melhor”.*

Existe ainda em aberto, portanto, a necessidade de uma avaliação mais aprofundada destes efeitos do trabalho, que está nos planos da instituição, porém ainda não foi iniciada.

Ainda sobre os efeitos destes grupos, existe o relato do que estes homens falam sobre estes efeitos. Nas palavras de Zuma:

*“O que eu posso te dizer é que esses homens que ficam aqui até o final, o histórico, o relato de ganho é significativo em termos de relatar melhora na sua vida em geral. Muitos homens não se mantêm na relação onde houve violência, mas muitos deles relatam violência em relações anteriores, então percebemos que tem um padrão de relação de interação com as parceiras. Há um relato de ganho na vida em geral, não é só naquilo ali, os benefícios se expandem para outros relacionamentos.”. Portanto, existem efeitos imediatos e que parecem bastante significativos na vida destes homens, provavelmente ajudado pelo fato de haver possibilidade de voltar a instituição regularmente através dos grupos abertos.”*

Quanto à questão da violência sexual não há propriamente relato deste tipo de crime nos grupos com homens, existem relatos de homens que pensam que esta é uma obrigação marital da mulher, ou de outros fatos que, dependendo da conceituação da violência, também podem ser considerados como tal. Mas efetivamente os homens não falam nos grupos das violências sexuais que cometem (caso realmente as tenham cometido). Perguntado sobre como

lidariam com o tema ele aparecesse, responde que lidariam da mesma maneira que as outras questões: refletindo e colocando para discussão em grupo.

O método mais específico de trabalho grupal citado pelo entrevistado é o de Tom Andersen, escritor reconhecido de Teoria Sistêmica, e é resumido pelo entrevistador:

*“então temos um técnico que fica mais à frente do grupo, facilitando o grupo, e os demais que ficam mais na escuta. Depois os que estiveram na escuta fazem seus comentários e voltam a abrir para o grupo comentar os comentários. Mas, é como eu te disse, nem sempre a gente consegue, nem sempre a gente pode ou tá afim, e vai também do momento do grupo. Mas é uma metodologia que funciona muito bem pra esse tipo de grupo.”*

O NOOS também é integrante do Comitê Gestor da RHEG - Rede de Homens por Equidade de Gênero, e tem contatos com o Instituto PAPAI de Recife, outra ONG reconhecida por seu trabalho com homens e relações de gênero, assim como reconhecem o trabalho do NAV, que sabem ser apenas no âmbito individual, sem qualquer ação em grupos.

O NOOS, portanto, tem como seu produto principal estes grupos, mas não é apenas isso que o Instituto propõe. O Programa de Prevenção à Violência Intrafamiliar e de Gênero é uma das ações centrais, mas a instituição está se ampliando através de outras áreas de ação, como cursos de formação em Terapia Comunitária, com projetos voltados ao desenvolvimento local, assim como parcerias com a Associação de Moradores e o Centro Municipal de Assistência Social realizando um projeto de Diagnóstico Comunitário Participativo.

#### **4.5.1.2 NAV**

O NAV iniciou suas atividades em 1996 com um projeto com fundos de uma organização européia (sic), com duração de três anos, atendendo crianças, adolescentes, e autores de agressão em situação de violência doméstica, utilizando atendimento clínico individual, orientado pela psicanálise. Após o final da vigência deste projeto, houve a ampliação por mais um ano do trabalho através do Ministério da Justiça, que implementou um projeto para atendimento de mulheres, adolescentes e crianças do sexo feminino vítimas de violência sexual, violência sexual extra familiar e exploração sexual, sempre trabalhando também com violência doméstica. Então através de um projeto apoiado pelo BID – Banco de

Desenvolvimento Interamericano - e pela Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, realizaram um trabalho em comunidades específicas do Rio de Janeiro focando novamente os aspectos da violência sexual.

Estes atendimentos eram realizados separadamente, mas com o intuito de estabelecer um movimento terapêutico em toda a família, quando possível os outros membros da família eram também atendidos no seio do programa.

Os encaminhamentos recebidos eram cerca de 65% decorrentes do Conselho Tutelar ou outras instâncias jurídicas, porém também são encaminhadas pessoas por parte de outras redes, sendo os maiores atores dentro desta rede a educação e a saúde. O NAV também realiza capacitações entre estes profissionais para que identifiquem situações de violência e possam realizar os encaminhamentos destes sujeitos em situação de violência ao programa. Devido ao programa vinculado ao BID houve também um levantamento das comunidades mais afetadas pelas violências, e dentro destas houve também o atendimento de sujeitos ligados à prostituição infantil e ao tráfico de drogas.

O Núcleo desenvolveu também um programa que chamaram de capacitação continuada, onde uma vez por mês faziam supervisões com os profissionais da rede de saúde para que atendessem de maneira mais efetiva as pessoas atingidas pela violência. A efetividade do programa que durou um ano foi considerada positiva, pois os profissionais envolvidos tinham diferentes demandas, visto que o apoio do Conselho Tutelar em alguns lugares era muito maior do que outros, não existia apenas um tipo de encaminhamento possível, mas vários. Eram grupos que funcionavam mensalmente com 25 a 30 destes profissionais, com duração de cerca de três horas e que levantavam os casos de violência nas comunidades onde trabalhavam e tentavam dar um encaminhamento, pois as diferentes violências têm diferentes tipos de apoios e atendimentos na rede de saúde e proteção dentro da realidade brasileira, sem haver um único centro que atenda esta demanda. A partir desta experiência foi feito material para ser distribuído pela rede e um livro no qual o Núcleo falava sobre os aspectos mais interessantes e informativos das discussões feitas e as dúvidas dos profissionais, intitulado: “A violência começa quando a palavra perde o valor”, destacando o poder do discurso que estes profissionais estão aptos a proferir, como no caso da notificação da violência.

A metodologia empregada pelo NAV é primariamente individual, utilizando como embasamento teórico a psicanálise de Freud e as releituras de Lacan, mas comentam que um movimento de completa análise não é algo necessário em todos os casos, pois existem muitas pessoas que em um período entre dois e quatro meses conseguem se estruturar e lidar com a violência que sofreram ou perpetraram, não necessitando ou mesmo querendo uma maior profundidade em seu tratamento. Chamam então de um tratamento baseado na Psicanálise, mas que não necessariamente se configura em uma relação de análise. Diferentemente de outros serviços oferecidos pela Prefeitura do Rio de Janeiro existe a possibilidade de ficar até três anos em tratamento pelo NAV, mas mesmo assim sem que se configure uma análise propriamente dita, pois existem várias diferenças do modelo clássico da psicanálise, como a questão do pagamento e do *setting* dentro destes projetos e o foco do tratamento incide sobre a violência, e não na premissa de que o paciente fale tudo que lhe vier a cabeça sem qualquer censura.

Porém, assim como o NOOS, o NAV enfrenta o fato de não ter mais verba para financiar seus atendimentos gratuitos, e, portanto, está mudando seus projetos para a cidade de Nova Iguaçu, que tem um novo prefeito que tem como base de ação a escola e atendimentos à crescente violência.

Pela própria natureza do atendimento analítico existe um modelo a ser seguido dentro do NAV, que propõe cerca de 20 horas semanais de trabalho de atendimento clínico, e mais quatro horas de supervisão com outros profissionais, sendo que a equipe de apenas um dos projetos realizados soma 15 psicólogas e psicólogos de orientação analítica.

O NAV tem uma história muito conturbada, com vários lugares de funcionamento e diferentes financiamentos. Inclusive certo tempo em que trabalhou associado a outras instituições, sendo dependente destas para realizar seu trabalho e receber verbas, considerando esta uma das suas grandes dificuldades em se manter realizando o atendimento gratuito de pessoas em situação de violência.

Um segundo aspecto levantado pela entrevistada foi o da capacitação dos profissionais das redes das cidades onde trabalham, pois estes são resistentes às idéias de notificação das violências, visto que acham que o paciente que deve entender que sofreu a violência, que isto não entraria no trabalho realizado pelos profissionais, e a conscientização destes é demorada e toma um longo processo. Outro ponto levantado é o de que muitos dos profissionais pensam

que os autores devem apenas responder juridicamente ao crime que cometeram e, portanto, não os encaminham para outras instâncias de atendimento como o NAV, e este trabalho de conscientização dos profissionais da rede também é bastante difícil. Mesmo que os dados compartilhados pelo NAV indiquem que de 900 atendimentos realizados apenas 20% são de autores de violência. Assim como existe a idéia de que o autor de agressão (física ou sexual) não quer um atendimento, quando na realidade não é isso que a experiência do NAV relata, mas sim que estes sujeitos aderem ao tratamento tanto quanto qualquer outro sujeito, não havendo grandes diferenças, e este aspecto é também difícil de repassar aos atores da rede de atendimento (tanto social, como legal e de saúde).

Outro dado apresentado, é o de que nos próprios atendimentos do NAV, coisas apontadas pela literatura especializada, como o maior número de casos de violência intrafamiliar do que extrafamiliar aparecem:

*“a gente acha que a situação de violência doméstica é uma situação que tem determinadas especificidades, assim, o autor de agressão é alguém conhecido da criança, ou seja, é muito diferente uma criança apanhar ou ser abusada por alguém que ela nunca viu na vida e depois nunca mais vai ver, do que é alguém que ela conhece, ou seja, significa que vão estar presentes sentimentos muito contraditórios, é muito raro, às vezes acontece, mas a criança, só odeie, assim, só ter ódio, só não querer mais ver aquela pessoa, a maior parte das crianças que a gente ouve, ela quer que acabe aquela situação de violência, ela não quer que aquele autor suma da vida dela, mesmo quando ele fez a coisa mais horrorosa do mundo, então assim, a gente leva isso em conta, de que o autor é alguém que tem uma relação afetiva com aquela criança”.*

O NAV então trabalha com este tipo de aporte, tentando compreender como esta relação aconteceu, o que ela significa e como pode ser elaborada e compreendida pela vítima da agressão, buscando sempre um efeito terapêutico.

Outros pontos levantados como problemáticos na fala da entrevistada são os da notificação, como esta às vezes leva a uma re-vitimização da pessoa vítima de violência, assim como a possibilidade de que a falta da notificação também leve a outras conseqüências ainda piores, como em casos onde a suspeita da violência leva os responsáveis pela vítima a retirá-la

do seu círculo social por medo de novas violências, o que em si já é mais um violência, ou mesmo da não notificação acabar realmente levando a uma situação de maior violência. Outro ponto seria o do tráfico de drogas, que recruta muito cedo, e aí acaba por retirar dos pais os modelos do sujeito ainda em constituição, assim como o porte de armas leva a situações limite, como jovens que precisam apenas mostrar suas armas para se relacionar com qualquer pessoa nos relatos de bailes funk cariocas.

Na relação com os pacientes autores de violência existe toda uma maneira própria do NAV lidar, resumido por esta fala: *“ele teve que sair fugido da comunidade, quando ele chegou lá ele, óbvio, falava: ‘não fiz isso, imagina, não sei que, porque?’ , sempre tem uma cola como se a gente tivesse num lugar de julgar, o que não é o nosso papel, então até o paciente perceber isso...”* Praticamente todos os casos atendidos no NAV estão envolvidos com a Justiça, e muitas vezes as pessoas que fazem estes atendimento são chamadas a dar um parecer legal sobre a situação, e aí o NAV vê uma oportunidade de intervir onde ainda existe uma relação violenta, ou mesmo de reintroduzir o autor na vida da pessoa quando esta é uma presença querida e importante e vinha sendo excluída do convívio, quando a violência foi algo pontual e não mais ocorre, obviamente.

## **5. Análise comparativa dos programas visitados**

Uma comparação exaustiva entre todos os programas é virtualmente impossível no escopo do presente relatório, dada a quantidade de programas visitados e a complexidade inerente a cada um deles. Desta maneira, aqui focalizaremos alguns dos aspectos que julgamos centrais para o desenvolvimento destes programas. Desde um ponto de vista operacional, focaremos a metodologia de trabalho, o caráter da instituição à qual o programa pertence, o número e a profissão/formação dos facilitadores, as avaliações, o financiamento e o público alvo. Do ponto de vista da experiência dos programas, focaremos seus objetivos, em como os aspectos metodológicos se relacionam com estes, bem como nos avanços e nas dificuldades encontrados na implementação e no desenvolvimento do programa.

### **5.1. Natureza dos programas**

#### **Natureza dos programas**

Poderíamos primeiramente e para facilitar este momento comparativo, recordar que esta pesquisa procurava inicialmente estudar programas de atendimento a homens autores de violência sexual, os quais, no entanto, são exíguos na América Latina, razão pela qual optou-se por analisar aqueles programas de atenção a homens autores de violência em geral, os quais priorizam, em sua maioria, a violência física. No entanto, alguns dos programas visitados atuam com homens que, ou não exercem violência física, ou se a exercem, não é este o fator relevante para o trabalho. Optamos, assim, por separar os programas visitados em dois grupos:

1. Os que atendem a homens autores de violência e centram sua intervenção sobre esta violência. Estes grupos, em geral, definem-se como re-educativos ou psico-educativos;
2. Os que atendem a homens que são ou não são autores de violência, mas que centram sua intervenção sobre outros aspectos relacionados à vivência de gênero ou



das masculinidades. A maioria destes grupos se define como de sensibilização ou reflexivos.

Dentre o primeiro grupo se encontram: todos os que adotam ou provém do modelo CORIAC: 1) no México: MHORESVI, Hombres por la Equidad, Corazonar, Salud y Género; 2) no Peru: Programa Hombres Renunciando a Su Violencia (tanto em Lima como em Piura); 3) um dos grupos do programa hondurenho, o grupo de Marcos (Grupos de homens autores de violência do programa governamental da Secretaria de Saúde Mental de Honduras); 4) na Argentina, todas as intervenções visitadas, desenvolvidas pelas psicólogas Marta Luccioni, Eva Giberti, Isabel Boschi e pelo psicólogo Jorge Corsi; 5) no Brasil, os dois programas visitados: do Instituto NOOS e do NAV. Estes programas se centram em atividades re-educativas e reflexivas e, por vezes, terapêuticas, com um período determinado de encontros, atuando com homens enviados pela justiça ou que provém espontaneamente.

No segundo grupo, estão os programas desenvolvidos pelas seguintes instituições: Masculinidad y Políticas Públicas (México); Asociación de Hombres contra la Violencia en Managua (AHCV), Fundación Puntos de Encuentro, Cantera – Centro de Educación y Comunicación Popular e Save The Children (Nicarágua). Estes programas têm também um caráter mais preventivo, com oficinas de reflexão, capacitações de multiplicadores, trabalhos com homens e mulheres, jovens e intervenções midiáticas. É um trabalho mais amplo, com um público mais variado e atividades mais diversificadas.

## **5.2. Operacionalidade**

### **5.2.1 Caráter das instituições que albergam os programas**

Os programas se encontram, em sua grande maioria, no seio de organizações não-governamentais, havendo cinco exceções: os PHRSV peruanos: o de Lima encontra-se dentro de uma unidade de pesquisa (Unidad de Salud Sexual y Reproductiva) que está em uma universidade e, o de Piura, dentro de uma organização eclesial, ligada à arquidiocese da cidade; os dois grupos de Homens Autores de Violência, do Programa governamental da

Secretaría de Salud Mental de Honduras; e o Programa Provincial de Asistencia a Víctimas de Violencia Familiar, pertencente ao governo da *provincia* de Córdoba, Argentina.

Neste sentido, chama a atenção o fato das iniciativas provirem majoritariamente da sociedade civil, o que mostra por um lado o amadurecimento das organizações sociais e a conseqüente diversidade de estratégias direcionadas ao fim da violência contra a mulher. Mas, por outro lado, percebe-se a ausência de renovação e compromisso dos governos latino-americanos que não incluem em suas políticas, seja na área da saúde ou da segurança pública, esse tipo de atendimento.

### **5.2.2 Financiamento**

A maioria dos programas baseia-se nos financiamentos de agências internacionais de cooperação. Um grupo, também importante, recebe ajuda governamental, os que se dão dentro de instituições governamentais (o grupo de Honduras citados acima e o de Emma Garcia, em Córdoba) recebem todo seu apoio dos governos, outros, os realizados pelo NAV e pelo NOOS no Rio de Janeiro, ou o Corazonar e o Salud y Género mexicano, recebem financiamento tanto por parte do Estado como por parte de agências internacionais. A instituição Diaconía, responsável pelo PHRSV em Piura, arca com todos os custos do PHRSV.

É importante lembrar que quase todos os programas cobram alguma taxa dos homens usuários, ainda que a maioria também ressalta que, quando o usuário não pode arcar com nenhuma despesa, ele é mantido no grupo se mantém o compromisso. De todas formas, estas taxas são mínimas e cobrem uma parte quase irrelevante dos gastos dos programas.

De todas as formas, é de grande importância lembrar que os financiamentos obtidos pelos programas, seja por parte de agências internacionais ou de instituições governamentais, são reduzidos e todos os programas aludem ter sérias dificuldades para seu prosseguimento e ainda mais para sua expansão. Desta forma, é importante ressaltar que, ainda que a violência contra a mulher seja hoje reconhecida como um problema de saúde pública, o trabalho de re-

educação ou re-habilitação não adquiriu ainda um *status* de importância que garanta um financiamento específico e continuado.

### **5.2.3 População alvo do programa**

Dentre os programas de atenção a homens que cometem violência, a grande maioria atende apenas homens. Constituem-se exceções os modelos do NAV brasileiro (que inclui também terapia familiar) e a Fundação Isabel Boschi – que ocasionalmente realiza também terapia a familiares dos homens. O Salud y Género do México e Masculinidades y Políticas A.C. têm outros programas não diretamente relacionados ao de atenção a homens que cometem agressão, e que são direcionados também mulheres e jovens. O programa de Honduras possui grupos para mulheres também. A maioria dos programas, no entanto, acredita na importância de que as mulheres também façam parte de um grupo de apoio. Assim, os grupos derivados do CORIAC mexicano, o PHRSV de Piura e os dois grupos de Honduras têm contatos com outras instituições que realizam grupos de mulheres, aos quais derivam companheiras de seus usuários. No entanto, não há uma vinculação necessária entre estes grupos e os que atendem homens.

Com relação aos programas que não se centram primordialmente sobre a violência (na Nicarágua, por exemplo), todos trabalham com homens e mulheres, normalmente, suas oficinas ou workshops iniciais são separadas, sendo as últimas mistas, onde homens e mulheres compartilham o que haveriam aprendido nas oficinas anteriores. Supõe-se que um primeiro momento entre indivíduos do mesmo gênero facilita o intercâmbio de vivências.

Esta preferência majoritária pelo trabalho em grupos exclusivos de homens explica-se pela concepção de que em espaços monogênicos surge um ambiente de cumplicidade entre os homens, onde a socialização comum dentro da masculinidade hegemônica permite um aprofundamento de questões que a presença de mulheres viria dificultar. Assim mesmo, as diferentes vivências em torno da masculinidade hegemônica permitem a troca de experiências e a possibilidade re-significação e emergência de novas masculinidades. No entanto, o trabalho com mulheres é sempre ressaltado como importante, seja em intervenções grupais

paralelas, seja em encontros mistos ocasionais, uma vez que a experiência da violência é concebida como sendo relacional.

#### **5.2.4 Facilitadores/as**

Há uma certa preponderância de profissionais “da área psi” em alguns programas. Os dois do Rio de Janeiro, NAV e NOOS têm apenas psicólogos e psiquiatras na atenção (três no primeiro caso, quatro no segundo). Os profissionais da Argentina e Stuart Oblitas, de Innpares, no Peru, são psicólogos que atendem individualmente. Também a ONG mexicana Corazonar conta com apenas um profissional, que é psicólogo. Em Salud y Género, também mexicana, os dois facilitadores são psicólogos.

Em outros programas, a atuação de psicólogos não é necessária, acontecendo com frequência de sequer haver um. Assim, no PHRSV de Lima há atualmente três facilitadores, um psicólogo, um sociólogo e um designer. No PHRSV de Piura há apenas um educador, com especialização em teologia. No México, entre os membros do MHORESVI não há nenhum psicólogo, no Hombres por la Equidad de Género, o único facilitador atual, Roberto Garda, é economista, e, finalmente, no Masculinidades y Política Públicas há um psicólogo e um assistente social. Os dois facilitadores dos programas hondurenhos são assistentes sociais e na Nicarágua, apenas um dos entrevistados é psicólogo.

A opção ou não pela utilização de profissionais da “área psi” traz controvérsias. Por um lado, é reconhecido o fato destes profissionais contarem com uma formação específica adequada para trabalho em grupos, terapêuticos e, mais amplamente, ligada à saúde mental. No entanto, a possibilidade de trabalhar com facilitadores de outras áreas do conhecimento ou mesmo sem formação universitária provém do fato dos programas, em sua maioria, serem de caráter re-educativo ou de re-habilitação e também ao fato de privilegiar-se a própria vivência dos facilitadores enquanto pessoas socializadas dentro da masculinidade hegemônica. A este último aspecto, agrega-se um último de fundamental importância: o trabalho com autores de agressão – ao menos na América Latina – requer um interesse pessoal por parte dos facilitadores, sendo que há um número reduzido de psicólogos que o compartilhem. Trabalhar apenas com psicólogos seria, assim, restringir as possibilidades de formar grupos.

### 5.2.5 Metodologia

Excetuando o programa do NAV e os da Argentina, que atende os usuários de forma individual, todos os outros programas trabalham com grupos, na forma de oficinas. Entre os grupos que trabalham com homens que cometeram agressões, a maioria o faz de forma semanal, em reuniões ou sessões que duram cerca de duas horas. A maioria destes grupos demora pelo menos um ano, apenas em Honduras o tratamento é significativamente reduzido (chegando a ser apenas três meses), pois isto depende da pena do homem que vai ao grupo. Esta é outra questão fundamental: na Argentina, em Honduras e no Brasil, os grupos são formados por homens que foram sentenciados por juízes a frequentarem estes grupos como uma penalidade, havendo, no entanto, um número não desestimável de homens que acodem aos programas pelo próprio interesse. No México e no Peru, optou-se por não trabalhar com homens apenados, mas com demanda espontânea, pois supõem-se que os homens condenados podem ignorar as leis e não aceder aos grupos. Mas há também um grupo de homens que são sentenciados e que acodem a estes grupos, sendo eles aceitos se acatam as regras.

Alguns dos grupos oferecem também a possibilidade de os homens realizarem sessões terapêuticas. É o caso de todos os programas da Argentina e também o será nos grupos de duas das novas instituições que estão conformando-se a partir do CORIAC: Hombres por la Equidad y Corazonar. Importa, no entanto, lembrar que a terapia individual está sempre sujeita ao correto seguimento por parte dos homens do grupo, exceto para Isabel Boschi, que apenas aceita em seu grupo homens que já passaram por terapias individuais.

Entre os grupos que trabalham com homens sem centrar-se sobre a temática da violência, há uma maior variedade de formatos metodológicos. Stuart Oblitas, no Peru, atende as pessoas em consultas terapêuticas regulares (uma ou duas vezes por semana, de uma hora). Puntos de Encuentro, de Nicarágua, trabalha diferentes formas de oficinas, alguns são de dois ou três dias, mas a forma à qual mais ênfase é dada são a de acampamentos para cerca de 100 ou 150 pessoas, que incluem uma grande variedade de pessoas: homens, mulheres, homossexuais, heterossexuais, de minorias étnicas e lingüísticas, entre outras. São estimuladas nestes acampamentos articulações entre vivências e políticas, com a intenção de formar líderes

que tenham uma articulação entre diferentes movimentos, de modo a promover a criação de alianças entre grupos que sofrem diferentes tipos de opressão. Também em Nicarágua, Cantera oferece quatro oficinas anuais sobre gênero, violência, poder e gênero, cada uma de três dias e meios. O público das oficinas são funcionários de Organizações governamentais ou não-governamentais, os quais em princípio participariam de todas as quatro oficinas. A Asociación de Hombres Contra la Violencia trabalha, semelhantemente ao Cantera, com oficinas destinadas a homens e mulheres de organizações governamentais ou ONGs, com a diferença de que não são quatro, mas onze anuais. A outra organização entrevistada neste país, Save The Children inicia agora capacitações para mulheres e homens que já trabalham com crianças.

De um modo geral, quanto ao aspecto metodológico, nota-se entre os grupos pesquisados uma preferência pelo trabalho re-educativo ou de re-habilitação, o que implica a maior possibilidade de trabalhar em grupos, dado o intercâmbio de experiência ser um elemento valorado no intuito de que os homens possam re-significar a própria masculinidade. No entanto, a necessidade de trabalho terapêutico por parte dos homens que cometem agressão não é ignorada, mas ocupa, em sua maioria um lugar secundário, configurando-se como um serviço paralelo ou em um estágio mais avançado das atividades do programa.

### **5.2.6 Linha teórica**

Esta é bem variada. No NOOS trabalha-se com base à terapia familiar sistêmica, no NAV com psicanálise. Os PHRSV do Peru aludem trabalhar com “perspectiva de género desde el lado de los estudios de la masculinidad”. No México, Garda alude trabalhar com perspectiva feminista e questões relacionadas ao poder, desde três princípios: o de gênero, o educativo e o humanista. Salud y Género trabalha desde o modelo do CORIAC, ressaltando a intersecção entre saúde e gênero. Corazonar expõe uma ampla gama: gênero, direitos humanos, conflitos, educação para a paz, *process work*, meditação, masculinidade, constelações familiares, olhar transgeracional e uma perspectiva ecológica e sistêmica. O grupo Masculinidad y Políticas alude trabalhar com gênero, citando, entre outras/os autoras/es:

Marta Lamas, Kimmel, Kauffman, Marcela Lagarde, Butler, Seiler, e Connel. A entrevista com o grupo MHORESVI não tocou esta temática.

Emma Lucía García trabalha com material bibliográfico de Jorge Corsi e com teoria de gênero em geral, citando Scott, Mabel Burín, Teresa de Laurtis, Teresita de Barbieri e Copelón Rhonda. Corsi trabalha com modelo terapêutico, ecológico multidimensional. Em Honduras trabalham com um modelo sociológico ligado à masculinidade.

Na Nicarágua, a AHCV mencionou trabalhar com teoria feminista, Puntos de Encuentro com enfoque feminista e de masculinidades, Cantera com um enfoque de gênero e de educação popular ligada a Paulo Freire e, finalmente, Save the Children trabalha com perspectiva de direitos humanos das crianças, ainda que esteja agora também adotando uma perspectiva de gênero. Finalmente, trabalham com terapia cognitivo-conductual Stuart Oblitas no Peru e Isabel Boschi na Argentina (justamente as duas intervenções menos ligadas à questão ao gênero).

A mera exposição das linhas teóricas nos mostra uma grande variedade, o que parece indicar não haver uma linha única para a resolução de um problema social desta relevância. No entanto, salta também à vista que as únicas duas pessoas – Stuart Oblitas e Isabel Boschi – que trabalham com terapia cognitivo-conductual são justamente aquelas que não se encontram ligadas à problemática de gênero, o que pode indicar uma certa dissociação entre esta linha terapêutica e as práticas políticas de cunho social.

### **5.2.7 Avaliação**

Quanto à avaliação, é certamente um dos pontos fracos destes programas. Alguns não mencionaram nenhum tipo, mas a maioria diz utilizar a auto-avaliação, a qual não é recomendada por alguns especialistas, por pouco confiável<sup>14</sup>. O PHRSV de Lima está a ponto de terminar uma avaliação ampla de sua experiência desde 2004 e Puntos de Encuentro em Nicaragua começou fazê-lo há alguns meses, ainda que não foi mencionada a data da divulgação dos resultados. Apenas os programas levados a cabo por Jorge Corsi e Marta

---

<sup>14</sup> Ver, por exemplo, o documento Criterios de calidad para intervenciones con varones que ejercen violencia en la pareja, elaborado por um coletivo de especialistas em violência de diferentes países (Bonino et al, 2006)

Luccione realizam uma avaliação periódica de seus usuários, através de uma entrevista semestral com suas companheiras respectivas.

Esta ausência ou insuficiência de avaliações é um dos principais desafios a serem vencidos nos próximos anos, como apontado por alguns dos entrevistados. Um sistema mais amplo de avaliação permitirá uma maior confiabilidade dos programas, seu aperfeiçoamento e a possibilidade de sua maior inserção no campo da saúde pública.

### **5.2.8 Objetivos e caráter do programa**

A maioria dos programas que atendem homens que cometem agressão tem como objetivo principal o de deter a violência. A única exceção é a terapia oferecida em Buenos Aires por Isabel Boschi, quem procura que aquela pessoa que realizou uma *“conducta antisocial con características sexuales pueda hacerse cargo de ella si es posible, cambiarla y si no, por lo menos detenerla y si no, finalmente, llegar a ser feliz en su medio”*. Portanto, ela prioriza o bem estar da pessoa agressora, antes que o dano que ela venha a causar. Já os outros programas que priorizam o fim da violência trazem também matizes entre si. A maioria deles insiste em que é necessário não apenas o cese da violência, mas também uma reflexão por parte do próprio homem para que ele mude sua própria maneira de relação com a masculinidade. O responsável pelo PHRSV de Lima, Miguel Ramos, define bem esta situação: *“no solo detener la violencia, sino que buscar cambios mucho más sostenibles en las relaciones de pareja”*, pois considera-se que se o homem não modifica sua própria maneira de estar no mundo, de alguma forma voltará a reincidir em violência (ainda que podem já não ser física) e em formas de controle.

Os programas que são direcionados a homens enquanto autores de violência procuram, principalmente, que os homens entrem em processos de reflexão sobre a maneira em que eles se relacionam com os mandatos de gênero e da masculinidade, procurando enfatizar as ligações desta com a violência e com as conseqüências que esta traz.



### **5.2.9 Avanços dos Programas**

A maioria dos programas considera que o próprio fato de poder conversar sobre gênero e masculinidades já, é, *per se*, um avanço, uma vez que permite desnaturalizar a ordem hierárquica. O fato dos programas terem uma certa inserção midiática, de chamarem a atenção, ainda que de modo intermitente, aos meios de comunicação é tido como importante. Especialmente, apesar da ausência de avaliações, considera-se como muito positiva a mudança que percebem nos homens usuários de programas.

Outra fonte importante de reconhecimento por parte destes programas é o das organizações do Estado, mas principalmente, das organizações feministas. Roberto Garda, por exemplo, não apenas considera este aspecto fundamental, mas lembra que os movimentos de homens devem estar sempre do lado do movimento de mulheres, e deve permitir que as feministas tomem conhecimento do programa e de seus desenvolvimentos.

Ressalta-se o fato destes avanços não serem conclusivos, mas que se baseiam em impressões que são, de certa maneira, subjetivas (mudanças apresentadas nos homens, divulgação da ausência de uma hierarquia natural entre homens e mulheres, etc.). O reconhecimento por parte destes programas pela sociedade civil, pelos governos e pelas organizações feministas é também, de certa forma, pouco palpável. De certo modo, este caráter não conclusivo dos avanços se deve à ausência de avaliações confiáveis, que impedem a possibilidade de se saber se os homens que passaram pelos diferentes programas efetivamente modificaram sua conduta violenta ou se o fizeram por um tempo prolongado. Um último avanço a ser relatado é a própria experiência destes grupos que deu lugar a metodologias de trabalho com homens que não existiam até então.

### **5.2.10 Dificuldades**

Há, como poderia imaginar-se, uma gama quase infinita de obstáculos a estes programas. Primeiramente, há toda uma problemática ligada à ausência de suporte financeiro para aspectos julgados básicos nos programas. Há que se observar também dificuldades na divulgação dos programas e ao acesso a lugares adequados para a execução das oficinas, a

impossibilidade de oferecer um salário aos facilitadores, bem como a dificuldade de capacitar novos facilitadores.

Outros – como, por exemplo, os facilitadores do MHORESVI e do PHRSV-Lima – aludem que não há, muitas vezes, o interesse por parte dos homens em mudar, eles acodem ao programa muitas vezes por estarem em meio a crises de autoridade e seu primeiro impulso, antes que modificar sua forma de relacionar-se com a masculinidade é a de modular esta relação, de maneira a exercer a autoridade – sobre as mulheres, principalmente – de maneira mais eficaz, menos aparente.

Em muitos lugares, há um certo ressentimento com relação ao Estado. Miguel Ramos, por exemplo, fez uso de diferentes estratégias para conseguir algum compromisso governamental para com o programa, mas até o momento apenas conseguiu o espaço físico para o trabalho. No entanto, os programas realizados com apoio do Estado tampouco tiveram uma grande ajuda. Os do Rio de Janeiro contaram com financiamento reduzido e os de Honduras não recebem praticamente nenhum apoio, sendo que em um dos casos, o próprio lugar das reuniões se encontra em uma zona de pouca salubridade.

Na Argentina, Marta Luccioni e Isabel Boschi também reclamam da falta de reconhecimento e inclusive de uma presença forte de agressividade por parte de outros profissionais da “área psi”, e também de certos setores feministas, que acreditam que o trabalho com homens que cometem agressão é um desvio de esforços que deveriam estar ligados ao tratamento das pessoas vitimizadas.

O abandono recorrente e inicial dos usuários do PHRSV é uma questão apontada por todos aqueles que utilizam o modelo CORIAC, mas também por parte de Oblitas no Peru, de Corsi e de Boschi na Argentina e por Cantera e Puntos de Encuentro na Nicarágua.

Esta variada gama de problemas parece relacionar-se ao fato da atenção a homens que cometem violência contra as mulheres ser recente, razão pela qual sua própria metodologia encontra-se ainda em formação, o que implica na extrema dificuldade de conseguir que os homens tenham uma atenção continuada aos programas e ao fato de muitos tentarem utilizar o programa para modificar a forma de violência que exercem contra as mulheres. O caráter recente deste tipo de atenção também implica uma dificuldade de reconhecimento, seja por parte de profissionais das “áreas psi” e feministas que percebem estes programas como supérfluos, uma vez que a possibilidade de mudanças entre os homens é vista por alguns

como remota ou mesmo impossível, ou seja também por parte de setores sociais mais amplos, especialmente os ligados ao Estado ou instâncias governamentais e às agências de financiamento, que destinam escassos recursos para estas iniciativas.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os programas de atenção a homens que cometem agressão, assim como os programas de sensibilização e reflexão direcionados à população masculina constituem uma experiência recente no campo do gênero. Como por geral acontece com toda nova experiência, ela tem de inventar seu referencial teórico a partir de experiências e reflexões cujos objetivos se aplicavam a áreas diferentes, assim como tem de enfrentar uma ausência de sensibilidade por parte da população, dos governos e das agências de financiamento, razão pela qual se requer uma vasta gama de estratégias de visibilização da nova experiência.

É marcante também o compromisso que a prática totalidade das/os entrevistadas/os mostram: muitas/os, principalmente os facilitadores ou psicólogos homens, insistem no fato de que apenas se poderá trabalhar com homens que cometem agressão caso o facilitador ou psicólogo tenha feito um trabalho pessoal com relação à própria masculinidade, ou com a maneira em que foi socializado enquanto homem: acredita-se que, caso não tenha revisto os próprios machismos, as próprias prerrogativas de superioridade sobre as mulheres, inerente à masculinidade dita tradicional ou hegemônica, não se poderá trabalhar com os homens que cometem agressão. Há, por tanto, um continuum entre facilitadores e psicólogos por um lado, e usuários dos programas por outro, ambos grupos pertencem a um mesmo solo social.

Essa importância do social faz-nos lembrar que a violência dos homens contra as mulheres não é algo que diz respeito apenas a programas de atenção a pessoas vitimárias ou vitimizadas, mas a toda uma questão de ordem sócio-cultural que requer mudanças profundas em todos os âmbitos de nossas vidas. A busca que muitos destes programas empreendem por intercâmbio de experiências com o movimento feminista, a luta para o reconhecimento por parte de órgãos governamentais, a importância de sensibilização por parte de uma população mais ampla, tudo isto indica a necessidade de não ater-se apenas aos programas em si. Antes que propor-se como soluções para o problemas mencionados, estes programas se mostram, de

maneira mais ou menos conscientes, como ações parciais que, em conjunto a muitas outras, podem provocar mudanças significativas que impliquem em uma maior equidade de gênero.

## 7. Referências

- ABRAHAMS, N.; JEWKES, R.; HOFFMAN, M.; LAUBSHER, R. Sexual violence against intimate partners in Cape Town: prevalence and risk factors reported by men. *Bull World Health Organ*, v. 82, n.5, p.330-337, may, 2004. Disponível em: [www.scielo.org](http://www.scielo.org).
- ACOSTA, F.; BARKER, G. *Homens, violência de gênero e saúde sexual e reprodutiva: um estudo sobre homens no Rio de Janeiro/Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto NOOS, 2003. Disponível em: [www.promundo.org.br](http://www.promundo.org.br).
- ARAÚJO, M. F. Violência e abuso sexual na família. *Psicologia em Estudo* (Maringá), v.7, n.2, jul/dez. 2002. Disponível em: [www.scielo.org](http://www.scielo.org).
- BONINO, L. et al. Criterios de calidad para intervenciones con varones que ejercen violencia en la pareja. Monográfico de Cuadernos para el debate del Grupo 25, febrero 2006 - España.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. *Plano Nacional de Políticas para as Mulheres*. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. 104 p. 2004.
- BUTLER, Judith. *Excitable Speech: A Politics of the Performative*. New York: Routledge, 1997.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 236p.
- CONNELL, Robert William. *Masculinities*. Berkeley: University of California Press, 1995.
- CONNELL, Robert. William. "La organización social de la masculinidad". In: VALDÉS, Tereza y OLAVARRÍA, José (orgs.) *Masculinidad/es: poder y crisis*. Santiago: FLACSO/ISIS Internacional, Ediciones de las Mujeres, 1997 (pp. 31-48).
- CORSI, Jorge, DOHMEN, Mónica, SOTÉS, Miguel Ángel, MÉNDEZ, Luis Bonino. *Violencia masculina en la pareja. Una aproximación al diagnóstico y a los modelos de intervención*. Buenos Aires: Paidós, 2006.

COSTA, R. G. “Reprodução e gênero: paternidades, masculinidades e teorias da concepção”. *Rev. Estud. Fem.*, jul./dez., 2003, vol.10, n.º 2 (pp. 339-356).

DANTAS-BERGER, S. M.; GIFFIN, K. A violência nas relações de conjugalidade: invisibilidade e banalização da violência sexual? *Caderno de Saúde Pública*, v.21, n.2, p.417-425, abr, 2005. Disponível em: [www.scielo.org](http://www.scielo.org).

GIFFIN, Karen. “Violência de gênero, sexualidade e saúde”. *Cad. Saúde Pública*. Rio de Janeiro: ABRASCO, 1994. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X1994000500010&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1994000500010&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 24 Fev 2007. Pré-publicação. doi: 10.1590/S0102-311X1994000500010

GRYNER, S. A direção do trabalho do NAV. In: GRYNER, S.; MANCINI, P.; RIBEIRO, C. M.; OLIVEIRA, R. C. (orgs) *Lugar de palavra*. Rio de Janeiro: Núcleo de Atenção à Violência (NAV), 2003.

GRYNER, Simone; MANCINI, Paula C. M. R.; OLIVEIRA, Raquel C. de (orgs.). *Lugar de Palavra*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.1 ed.

HEISE, L.; ELLSBERG, M.; GOTTEMOELLER, M. *Ending violence against women. Population Reports* 27(4), 1999.

HEISE, Lori. “Gender-based abuse: the global epidemic”. *Cad. Saúde Pública*. Rio de Janeiro: ABRASCO, 1994. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X1994000500009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1994000500009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 26 Feb 2007. Pré-publicação. doi: 10.1590/S0102-311X1994000500009

KIMMEL, Michael Scott. “Homofobia, temor, vergüenza y silencio en la identidad masculina”. In: VALDÉS, Tereza y OLAVARRÍA, José (org.) *Masculinidad/es*. Santiago: FLACSO/ISIS Internacional, Ediciones de las Mujeres, 1997 (pp. 49-62).

KRONBAUER, J. F. D.; MENEGHEL, S. N. Perfil da violência de gênero perpetrada por companheiro. *Revista Saúde Pública*, v. 39, n.5, out, 2005. Disponível em: [www.scielo.org](http://www.scielo.org).

LESSA, Marcelo. “Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher – Lei “Maria da Penha” – Alguns Comentários”. *Revista Eletrônica da Faculdade de Direito de Campos*, vol. 1 – n.º 1. outubro, 2006 ISSN 1980-7570.

LEVANDOWSKI, D. C.; PICCININI, C. A. “A interação pai-bebê entre pais adolescentes e adultos”. *Psicol. Reflex. Crit.* [online], v.15, n.2, 2002 (pp. 413-424). Disponível em: <<http://www.scielo.br>>.

LIMA, R. H. G. Violência doméstica: os desafios para o Setor Saúde. In: FRANCO, F.; RIBEIRO, PAULA M.; GRYNER, S. (orgs.) *A violência começa quando a palavra perde o valor*. Rio de Janeiro: Núcleo de Atenção à Violência (NAV), 2004. p. 29-38.

MESSERSCHMIDT, J. W. Becoming "Real Men": Adolescent Masculinity Challenges and Sexual Violence. *Men and Masculinities*, v.2, p. 286-307, jan, 2000.

MONTOYA, Oswaldo Tellería. Nadando contra corrente. Buscando pistas para prevenir la violencia masculina en las relaciones de pareja. Managua: Puntos de Encuentro, 1998.

NJAINE, Kathie *et al.* “Production of (mis)information on violence: analysis of a discriminatory practice”. *Cad. Saúde Pública*, jul./set. 1997, vol.13, no.3 (pp. 405-414).

OLIVEIRA, E. M.; BARBOSA, R. M.; MOURA, A. A. V. M.; KOSSEL, K.; MORELLI, K.; BOTELHO, L. F. F.; STOIANOV, M. Atendimento às mulheres vítimas de violência sexual: um estudo qualitativo: um estudo qualitativo. *Revista Saúde Pública*, v.39, n.3, p. 376-382, jun, 2005. Disponível em: [www.scielo.org](http://www.scielo.org).

OLIVEIRA, R. O atendimento psicanalítico com autores de agressão. In: GRYNER, S.; MANCINI, P.; RIBEIRO, C. M.; OLIVEIRA, R. C. (orgs) *Lugar de palavra*. Rio de Janeiro: Núcleo de Atenção à Violência (NAV), 2003.

PADOVANI, R. C.; WILLIAMS, L. C. A. Intervenção psicoterapêutica com agressor conjugal: um estudo de caso. *Psicologia em Estudo*, v.7, n.2, p. 13-17, jul./dez. 2002. Disponível em: [www.scielo.org](http://www.scielo.org).

PIROTTA, Wilson R. B.; PIROTTA, Kátia C. M. “Relações de gênero e poder: os adolescentes e o direitos sexuais e reprodutivos no Estatuto da Criança e do Adolescente”. In:



- ADORNO, R. C. F.; ALVARENGA A. T. & VASCONCELOS, M. P. C (organizadores). *Jovens, trajetórias, masculinidades e direitos*. São Paulo: Fapesp/Edusp, 2005. 293p.
- RIBEIRO, P. M. C. M. Lidando com violência doméstica. In: FRANCO, F.; RIBEIRO, PAULA M.; GRYNER, S. (orgs.) *A violência começa quando a palavra perde o valor*. Rio de Janeiro: Núcleo de Atenção à Violência (NAV), 2004. p.11-16.
- SAFFIOTI, H. *Gênero, Patriarcado e Violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- SCOTT, Joan W. *A cidadã Paradoxal*. As feministas francesas e os direitos do homem. Florianópolis: Editora Mulheres, 2002.
- SECRETARÍA DE SALUD, REPÚBLICA DE HONDURAS. Normas y Procedimientos para el abordaje de la violencia intrafamiliar doméstica. Tegucigalpa: Más Editores Litográficas, 2004.
- SILVA, Iracema Viterbo. Violence against woman: clients of emergency care units in Salvador. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 2007 .
- SOUZA, E. R. Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 10, n.1, p. 59-70, mar, 2005.
- TOTTEN, M. Girlfriend Abuse as a Form of Masculinity Construction among Violent, Marginal Male Youth. *Men and Masculinities*, v.6, p.70-92, jul, 2003.
- WELZER-LANG, Daniel. “Os Homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo”. In: SCHPUN, Mônica Raisa (org.). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

## **ANEXOS**

## **Relatos ilustrativos da Visita ao CORIAC - Colectivo de Hombres por Relaciones Igualitárias**

O CORIAC.- *Colectivo de Hombres por Relaciones Igualitárias*, A. C. estava alocado em uma casa de dois andares com salas equipadas com cadeira e um quadro branco. Na parte de cima da casa ficavam os escritórios e o almoxarifado. Abaixo estava a cozinha, juntamente com as salas e banheiro. Na parede das salas havia muitos crachás com os nomes dos participantes, usados durante as sessões. A instituição havia acabado de declarar a sua cisão oficial dias antes da visita realizada. As atividades continuariam na casa durante um mês, o que possibilitou a observação de alguns grupos. A cisão teve repercussão nos usuários, na sessão que participei fizeram comentários sobre os conflitos internos da organização e os interesses dos coordenadores.

### **A Sessão Informativa:**

**Facilitador Angel (sobrenome não identificado)**

**Data: junho/2007**

**Horário 17 horas 30min**

**Observador: Adriano Beiras**

Após entrevistar um dos facilitadores<sup>15</sup>, na primeira visita ao CORIAC, tive a oportunidade de participar de uma sessão informativa. Esta sessão ocorria todas as segundas-feiras às cinco e meia da tarde. Tinha o objetivo geral de explicar aos novos usuários como funcionavam as reuniões na instituição. Já os objetivos específicos eram conhecer as problemáticas e expectativas que os participantes têm quanto ao programa, disponibilizar informação oral, visual e escrita sobre o programa e facilitar a canalização das demandas de cada participante ao serviço que adequado. Para tanto, eram explicados os objetivos do programa, as formas de trabalho, formas pagamentos e material utilizado. Nesta ocasião,

---

<sup>15</sup> Angel, facilitador que iniciaria uma nova organização com os outros facilitadores ex-usuários do programa, o **MHORESVI** - Movimento de Homens Renunciando a sua Violência

faziam as seguintes perguntas aos interessados: *“qué es lo que los trae aqui? Qué es lo que esperan al venir?”*

No encontro em que tive a oportunidade de participar havia três homens. Um deles com 21 anos, embora aparentasse muito mais, e os outros dois aparentando ao redor de 30 anos. No encontro, estes homens, a pedido do facilitador, relataram sobre suas vidas, sobre seus atos de violência e sobre o seu contexto familiar, assinalando a motivação em participar do grupo.

Um dos participantes, um rapaz forte, falou primeiro. Disse que precisava de ajuda, porque batia em suas namoradas, que isto havia ocorrido com as últimas quatro. Falava baixo, com dificuldade de se expressar. Logo que terminou de relatar, pediu para ir ao banheiro. Depois quando voltou, pediu para fechar a porta. Parecia ansioso, mexendo a perna com frequência. O segundo homem disse que brigava muito por qualquer coisa, que brigava na rua com outros homens, que bastava não olhar direito que havia briga. Parecia menos incomodado que o outro de estar ali. De um modo geral, relataram sobre pai alcoolista, sobre baterem em namoradas, sobre machismo e também sobre agressões de seus pais.

As informações sobre o programa eram apresentadas por meio de cartazes com os objetivos do programa, suas idéias principais, regras, duração e horário. O manual do usuário também era mostrado. Os facilitadores aplicaram também um questionário confidencial padronizado para obter informações sobre estes futuros participantes tanto socio-econômicas quanto de instrução escolar, ocupação, motivações para a realização do programa, breve histórico médico, alcoolismo, drogas, entre outros dados. A duração do encontro de informação foi de aproximadamente 45 minutos e terminou com o convite para participar do programa de homens renunciando a sua violência, que a instituição oferece.

### **Participação em Encontro do Primeiro Nível:**

**Facilitador Angel**

**Data: junho/2006**

**Horário 10 horas da manhã**

**Observador: Adriano Beiras**

Esta foi minha segunda visita ao CORIAC, realizada em julho de 2006. Era um sábado pela manhã, o grupo se iniciava às 10 horas, com duração de duas horas. O grupo foi coordenado por dois facilitadores que já haviam sido usuários do programa e haviam passado por todos os níveis.

Naquela manhã, compareceram ao encontro inicialmente quatro homens, sendo que um deles havia estado na sessão informativa em que participei naquela semana. Dois deles eram mais jovens e os outros com idades ao redor de 35 anos. Um quinto participante chegou com atraso. Fui apresentado ao grupo como pesquisador do Brasil e colocado no mesmo patamar de importância dos outros, ou seja, ali eu seria mais um usuário e deveria participar de todas as atividades propostas como todos os outros.

O encontro se iniciou com um dos facilitadores escrevendo uma frase no quadro que deveria ser completadas oralmente pelos usuários. A frase daquele dia era a seguinte: *Soy..... y he aprendido en este grupo...* Neste momento os participantes apontavam respostas tais como: cuidar mais de si, o fato de a violência ser relacional, atingir o outro e a si mesmo, controle, expressão de sentimentos, dar-se conta de seus atos, ser afetuoso com a família, valorizar-se, controlar sua própria violência, não ser violento consigo mesmo, dar-se conta do seu problema com a violência, expressar mais os sentimentos, dominar a violência e ser mais afetuoso, etc. Em um segundo momento, um dos facilitadores qualificou um dos usuários que havia dito que estava se valorizando mais e, a cada dia, descobrindo coisas novas sobre si e falou da importância do contato sincero com seus sentimentos. Este participante relatou que a cada dia descobria algo novo. A sessão era conduzida de uma forma muito calma.

Durante este primeiro exercício, o outro facilitador fazia anotações e co-conduzia o grupo, realizando algumas intervenções. Foi neste momento que ele então criticou a minha fala durante o exercício, quando eu disse que estava ali para aprender a trabalhar com os homens, dizendo que eu deveria me envolver mais e falar dos meus sentimentos. Complementou falando que ali todos eram iguais criticando hierarquias. Eu não concordei em ser hierárquico e sim diferente. Achei que tinha faltado eu explicar melhor a minha presença, então o fiz. Em consequência, falamos sobre problemas na comunicação nas relações. Talvez ele tivesse razão de que eu estava expressando pouco meus sentimentos ali, o que pode estar de alguma forma relacionado com minha função inicial de pesquisador e observador do grupo, que persistia em mim, no lugar de tornar-me um participante regular, efetivamente. Depois

percebi o quanto eu reproduzi a diferença, pois eu havia inclusive sentado em posição diferenciada dos outros, um pouco mais afastado. Achei interessante eles terem ficado atentos a este movimento, abrindo a possibilidade de discutirmos tantas questões que ficam implícitas nestes momentos, gerando novos tipos de violências, aparentemente ocultas, muitas vezes. Em momentos seguintes foram explorados os passos para deter a violência, que segundo o facilitador do grupo seriam: “Minha responsabilidade, não culpar, não minimizar os atos, não coludir não negar, não ser cínico”.

Durante esta observação, passei a refletir sobre as habilidades necessárias para um facilitador. Pensei então na grande importância de entender como funcionam grupos, sobre teorias de comunicação, teorias de gênero e sobre aspectos psicológicos e terapêuticos para dar conta de algumas situações complexas, inspirado no que via no grupo naquele momento. Pareceu-me que a maior parte do conhecimento de gênero daqueles facilitadores vinha da prática.

Em uma segunda parte do encontro foi passado um questionário sobre violência. Em seguida foram feitas duas perguntas no quadro e comentadas por cada usuário. As perguntas eram as seguintes: “Do que me dou conta em meu questionário? (*De que me doy cuenta en mi cuestionario?*), Como me sinto? (*Como me siento?*). Ao explorar as respostas<sup>16</sup>, o facilitador pede para que os usuários sejam mais concretos. Apareceram respostas de arrependimento da violência, de contato com as sensações que surgem, sobre a importância de não faltar nas sessões e de estar ali, sobre os avanços de alguns deles, atenção à violência emocional e suas consequências, conscientização da pouca participação no grupo por um participante que esteve mais ausente nos últimos encontros, entre outras coisas. Um dos facilitadores explicou que aquele exercício não era um exame e sim uma forma de refletir sobre a violência.

Um dos facilitadores enfatizou a importância de entrar em contato com as emoções. Ele grifou, nas respostas dos usuários colocadas no quadro negro, o que ele entendia como sentimento e o que seria apenas discurso. Destacou palavras como angústia, feliz, alegre,

---

<sup>16</sup> Algumas respostas às perguntas 1 e 2 sobre o questionário: 1) *Voy para trás o igual, porque no he venido*, 2) *Contento porque me doy cuenta que este es mi lugar* (já havia feito 18 sessões); 1) *ejercia mucha violencia y ahora no*, 2) *Me falta mucho, luego me engaño que es suficiente con lo que aprendí. Me siento bien, feliz, me llevo bien con mi familia*; 1) *Identifico plenamente mi violencia, me aplico el retiro* (técnica para impedir a ação violenta ensinada no grupo), 2) *Siento mucha gratificación, alegre, más interesado para seguir descubriendo más cosas*; 1) *En el momento de ser violento nada me importa, ni las consecuencias...* 2) *me siento arrepentido, culpa*; 1) *Además de mi violencia física, era más mi violencia emocional*, 2) *angustiado de haverlo realizado, intento no hacerlo más*.

culpa, etc. Passaram então a fazer uma leitura das regras do grupo no primeiro nível, impressas no manual do usuário. Cada usuário leu dois itens. Procuraram deixar clara a diferença entre regras e acordos. As regras são estabelecidas pelo CORIAC, já os acordos eram feitos pelo grupo. As regras, de acordo com o *Manual del Facilitador*, eram as seguintes:

1. **Falar em primeira pessoa.** Significa falar de sua própria experiência, por exemplo, começar dizendo “Eu sinto que...” ou “eu penso que...” ou “para mim...”
2. **Não dar conselhos, julgamentos nem qualificações degradantes.** Não podemos dizer o que o outro tem que fazer, nem se o que eu fiz é bom ou mau.
3. **Respeitar a experiência do outro companheiro.** Se queremos dizer algo em relação a sua experiência, falar o que nos provoca.
4. **Confidencialidade.** Para proteger a identidade dos participantes do grupo, podemos compartilhar com a companheira ou outras pessoas o que se sucedeu na sessão sempre e quando não se especifique nomes.
5. **Fazer intervenções curtas,** de maneira breve e concreta, respeitando o tempo do grupo.
6. **Frequência e pontualidade.** Assistir de maneira contínua os encontros e chegar na hora prevista para o início. Avisar por telefone o facilitador caso não possa comparecer ou se chegará mais tarde (em atraso).
7. **Pagar as cotas.** Pagar as cotas a cada encontro e se tiver problemas para fazê-lo, falar com o facilitador.
8. **Não ao álcool e a drogas.** Não tomar álcool ou fazer uso de drogas por pelo menos 24 horas antes e 24 horas depois do encontro.
9. **Adquirir e usar o manual.** O manual é de uso obrigatório para trabalhar no projeto. Pode-se adquirir a partir do terceiro encontro. Se houver problemas para comprá-lo, falar com o facilitador.

Após um intervalo, passamos para a segunda parte do encontro. Foi o momento da revelação. É uma parte mais profunda, na qual foi realizada uma dinâmica de interiorização. Todos fecharam os olhos e refletiram sobre um ato violento, sobre seus sentimentos neste momento, seus sinais corpóreos, etc.

O facilitador, na seqüência, perguntou quem gostaria de expor para o grupo suas reflexões. Escolhido um participante, a cena é explorada, colocando no quadro negro os sinais de sentimentos, risco fatal<sup>17</sup>, sinais do corpo, decisão de perseguir, decisão de violentar, decisão de coisificar, sinais de pensamento, expressões autoritárias e expressões de serviços. Então convidou outro usuário para fazer o papel da vítima e dramatizou parte de situação, resignificando a cena a partir de diferente fechamento. Neste momento, um dos facilitadores registrou tudo em uma folha padrão do programa. Falaram sobre o retiro<sup>18</sup>, seu significado e leram no manual. O facilitador comentou sobre a importância de se fazer terapia individual para aprofundar alguns temas que surgiram e falou sobre a diferença entre dizer algo e realmente fazer algo, ou seja, entre discurso e prática. Um dos usuários relatou como este exercício (a revelação) o ajudou a ver como os outros se sentem em relação à violência cometida por ele.

Para finalizar, foi feita a leitura dos compromissos pessoais fora da sessão. A saber:

- Comprometo-me a ser responsável por tornar-me uma pessoa segura.
- Comprometo-me a ser responsável por satisfazer minhas próprias necessidades.
- Comprometo-me que não serei violento comigo mesmo.
- Comprometo-me que se minha companheira busca um refúgio não vou buscá-la neste lugar.
- Comprometo-me a não tomar álcool ou drogas em menos de 24 horas antes e depois da sessão e deixar qualquer dependência de álcool ou drogas durante o programa.
- Comprometo-me a dizer ao grupo se tive algum fato de violência durante a semana.
- Comprometo-me a dizer ao grupo o que coloquei em prática sobre o programa.
- Comprometo-me a trabalhar cooperativamente com todos os membros da sessão.

---

<sup>17</sup> Risco Fatal (Riesgo Fatal) é definido, no *Manual del Usuario del Primer Nivel* do CORIAC, como sendo “as sensações e pensamentos que surgem nos homens quando sua companheira se nega a reconhecer sua suposta ‘autoridade’ que pensam que tem pelo fato de serem homens”. No programa, estimula-se que os participantes reconheçam estas sensações e pensamentos.

<sup>18</sup> O Retiro, de acordo com o *Manual del Usuario del Primer Nivel* do CORIAC é definido como “Retração que permite um momento de intimidade consigo mesmo no qual se reflete sobre os sentimentos e os motivos do retiro”



- Comprometo-me a dizer ao grupo se não cumprir com alguns destes acordos.
- Comprometo-me a voltar a fazer qualquer um destes compromissos que eu não tenha cumprido.

O exercício final foi construído a partir de duas perguntas, a saber: “Nesta sessão aprendi”... e por isto, esta semana me comprometo a”... (*en esta sesion aprendi... por esto, esta semana me comprometo a...*). Uma das respostas que surgiu, por exemplo, foi: aprender a dar-se conta dos seus sentimentos e dos outros que são violentados. Segundo o facilitador, no primeiro nível e no segundo se trabalha o “yo” (eu) e no terceiro se trabalha o “nosotros” (nós), explica.

### **Participação em Encontro de Terceiro Nível:**

**Facilitador (não foi identificado)**

**Data: junho/2006**

**Horário 19 horas**

**Observador: Adriano Beiras**

Era um grupo terapêutico de homens que cometiam atos de violência, principalmente com sua mulher. Estavam aprendendo a entrar em contato com suas emoções e intimidades e compartilhar seus sentimentos, desconstruindo os mandatos tradicionais de masculinidades patriarcais aprendidos em suas vidas, os quais lhes indicavam que deviam ser fortes, que não deviam expressar afetos e emoções e que os estimulavam a serem violentos. Eles me receberam muito bem, como o visitante do Brasil, perguntando coisas sobre futebol e como era a violência no país. Perguntavam de onde eu sabia espanhol e ficaram curiosos em saber em que eu atuava no Brasil.

O grupo iniciou suas atividades às sete horas da noite, de uma segunda-feira, de junho de 2007. Participaram da sessão cerca de 12 homens, com idades entre 35 e 40 anos. Eram participantes aparentemente de camadas médias mexicanas. Inicialmente chegaram apenas dois. O facilitador me apresentou a eles e saiu. Tentei entrevistá-los, mas desconversaram, dizendo para esperar o facilitador. Logo chegaram todos os outros e o encontro foi iniciado.

O facilitador começou me apresentando para todo o grupo e pedindo que eu dissesse um pouco sobre o que faço e por que estava ali. Eles me receberam muito bem. Depois seguiram conversando sobre sexta-feira, quando foi divulgada oficialmente a cisão do CORIAC. Alguns dos participantes deste grupo estiveram presentes. Cada um teceu comentários, um deles disse que se decepcionou um pouco com os coordenadores, vendo que eles também são levados por questões de poder, egoísmos e interesses. Os comentários giraram em torno disso.

Depois passamos para um exercício no qual se passava um cartão e se perguntava o que seu corpo estava dizendo naquele momento. Cada um complementava de uma maneira e um dos membros escrevia no quadro resumidamente. Depois disso era perguntado o que se eles estavam fazendo para mudar isso e o facilitador escrevia no quadro e tecia comentários.

Por vezes, no decorrer do encontro, apareceram questões relacionadas à sexualidade, mas não foram estimuladas e exploradas no grupo. O facilitador indicava trabalho com psicoterapia para o integrante, dizendo que não era terapeuta sexual, preferindo, portanto, não aprofundar a questão. O participante falava de seus desejos sexuais e sua necessidade de satisfazê-los. O grupo parecia se indentificar com o tema, mas o facilitador não o desenvolveu na discussão grupal. Surgiram temas como dinheiro, consumismo, provimento, mulheres e falta delas em muitos casos, vontade de fazer sexo, masturbação, expressão de sentimentos e a dificuldade de muitos de conectar-se com seus sentimentos e da descoberta de um novo mundo quando obtêm êxito em conectar com seus sentimentos e compartilhá-los.

Depois de um intervalo de uns quinze minutos, a segunda parte foi mais terapêutica e vivencial. Todos fecharam os olhos e pensaram em uma situação de violência daquela semana. Era solicitado que eles relacionassem com outro momento de seu passado ou infância, com sua família. Na sequência deste momento, foi pedido que um dos participantes fosse voluntário para relatar sua interiorização. Foi colocado uma cadeira no meio para ele e outra para o facilitador e este coordenou o processo com ele. A idéia era trabalhar aquela situação com o grupo, de forma que servisse para todos, aparentemente um exercício psicodramático. O facilitador foi duro e interventivo em alguns momentos, mas tudo ocorreu bem e suas pontuações foram bem recebidas. No final do encontro, perguntaram o que eu tinha achado e como era a violência no Brasil. Considerando que fui um participante como os outros naquele

encontro, fiquei muito mexido com algumas questões trabalhadas e com o pedido de conectar com infância e família.

Após o encontro, fiquei a pensar o quanto é importante o constante trabalho pessoal do facilitador, a sua preparação para lidar com questões profundas de cada encontro trazidas pelos participantes e de ter refletido sobre todas elas anteriormente, quando possível. A neutralidade e o não julgamento também me pareceram essenciais, fazendo-me refletir sobre a importância de psicólogos para a realização desta etapa mais avançada com grupos de homens autores de violência. Pensei sobre o quanto esta etapa mais terapêutica precisa ser feita com cuidado, de forma que o facilitador não use sua posição como um lugar de poder, devendo estar bem preparado para as demandas que surgirem no grupo.

Outra questão que me chamou atenção foi a comunicação clara entre homens e mulheres e entre homens também. Foi um tema que ficou para mim, após ter participado do encontro. Naquela noite, fiquei com uma grande vontade de compartilhar o que tinha percebido e aprendido no grupo e sobre meus sentimentos. Na impossibilidade ser ouvido, pensei sobre a dificuldade de muitos homens quanto a falarem de seus sentimentos e compartilharem com outros homens e como aquilo ocorria de forma efetiva naquele grupo, como um espaço que eles precisavam ter e tinham pouco fora dali. Pensei em mandatos de masculinidades que os silenciam, impedindo esta expressão, muitas vezes por toda uma vida.

## **Relatos Ilustrativos de uma reunião do Programa Hombres Renunciando a Su Violencia, Lima, Peru.**

**Facilitador Orlando Pardo**

**Co-facilitador: Christian Guzmán**

**Data: 14/11/2006**

**Horário 7h00 horas a 9h30min.**

**Observador: Danilo Clímaco**

A reunião iniciou-se pouco depois das 7h, com nove usuários presentes (depois chegariam sete mais), os dois facilitadores, Miguel Ramos (coordenador) e eu. Como não há observadores no grupo, Ramos e eu éramos também usuários. No final da dinâmica chega mais um usuário (K.A.). A reunião se inicia com o pedido do facilitador para que F. (para evitar reconhecimentos, colocarei apenas a(s) inicial (iniciais) do(s) nome(s)), que estava indo pela primeira vez se apresentasse e dissesse porque está no grupo. F diz que trabalha em um bairro marginal de Lima e que quer parar de ser uma pessoa violenta.

Inicia-se a primeira atividade: o co-facilitador, Guzmán, pede para que um usuário escolha entre seis pedaços de papéis. Tendo-o feito, Guzmán lê a frase que estava no papel: **“Soy... y creo que los hombres somos...”** Todos homens já conhecem essa dinâmica, pois é a mesma todos os dias (mudando apenas as frases, ao azar) e iniciam a respondê-la (e Guzmán as escreve no quadro negro):

1. **“Soy... L. M. y creo que los hombres somos... violentos y reconocemos nuestra violencia, la cual podemos evitar y controlar”**
2. **“Soy... A. y creo que los hombres somos... capaces de entender que existe igualdad entre hombres y mujeres”**
3. **“Soy... C. y creo que los hombres somos... violentos por naturaleza”**
4. **“Soy... K. y creo que los hombres somos... dominantes”**

5. **“Soy... D. y creo que los hombres somos... violentamos para ocultar nuestras debilidades”**
6. **“Soy... D. C. y creo que los hombres somos... presionamos para responsabilizarnos y dejar de serlo”**
7. **“Soy... P. y creo que los hombres somos... inseguros porque creemos tener algunas autoridades equivocadas”**
8. **“Soy... M. R. y creo que los hombres somos... pacíficos y cariñosos mientras no cuestionen nuestra identidad y poder”**
9. **“Soy... C. A. y creo que los hombres somos... responsables de justificar la violencia con nuestras frustraciones”**
10. **“Soy... O. y creo que los hombres somos... ordenados y el desorden interno podemos exteriorizarlo, en mi caso, con violencia”**
11. **“Soy... F. y creo que los hombres somos... malos porque ocultamos un trauma”**
12. **“Soy... O. P. y creo que los hombres somos... personas que podemos aprender a resolver nuestros conflictos sin violentar”**
13. **“Soy... C. G. y creo que los hombres somos... capaces de hacernos responsable de nuestros sentimientos”**
14. **“Soy... K. A. y creo que los hombres somos... capaces de afrontar nuestros problemas sin acudir a la violencia”.**

O facilitador passa então a comentar as falas que lhe parecem mais significativas. Cita a 3 e a 7 e fala que a violência não é natural, mas que somos nós que decidimos fazê-la e que por isso somos responsáveis por ela. Cita então a frase 2 e diz que nós homens compreendemos muitas coisas, por exemplo que homens e mulheres são iguais, mas no dia a dia atuamos como se não o soubéssemos, não somos capazes de aceitar intimamente a igualdade com as mulheres, mas continuamos a esperar serviços delas. Fala então da nossa necessidade de expressar os sentimentos e de como em sua infância foi repreendido violentamente por seu pai quando este o viu usando uma saia. Ressalta então que temos muitas vezes que lutar contra as coisas que nos ensinaram, mas que o temos de fazer.

Pede então que outros homens comentem as frases.

C. diz que talvez fosse assim, que ele não é violento por natureza, mas que aprendeu com seu pai a resolver os conflitos desta forma.

L. M. diz que é necessário reconhecer que se faz violência, que fazê-lo pode ser difícil, mas que isso ajudou ele a não ser impulsivo com sua companheira.

C. A. diz ter aprendido que justificar a violência é uma coisa falsa, que tem de aceitar que violento.

P. diz estar sempre competindo, inclusive com ele mesmo, disse que quase bateu o carro na semana passada por não querer deixar que um outro o ultrapassasse.

K. A. diz que a sociedade te pressiona e que desde criança, se você não briga, você não é nada.

L. M. diz que um sobrinho chegou pra ele e contou que estavam chamando ele pra brigar no colégio e o que era que ele fazia na época dele. L. M. respondeu que brigava.

Pardo diz que é necessário dar segurança à criança para que ela não resolva o conflito de modo violento.

Guzmán diz o mesmo, que se a criança está perguntando se há outra maneira de resolver o conflito que não brigando, é porque acha que há outra possibilidade e que necessita que os adultos digam qual é esta possibilidade, ou que dêem um sinal de que ela existe.

C.A. diz que seu sobrinho tinha uns colegas de turma que batiam nele e então um dia ele foi e bateu em todos e aí passaram a respeitá-lo. Quis dizer isso para frisar que onde há muita violência, não há como não responder com violência.

Guzmán fala então de sua própria experiência, dizendo que ele também apanhou no colégio, mas que não respondeu com violência e mesmo assim ganhou o respeito de seus companheiros, que sempre há como resolver conflitos sem violência, por mais que pareça mais difícil.

Um usuário que chegou nesse momento disse que se estão te batendo, não há como não responder.

P. lembra que ele também tinha que responder.

Pardo fecha o debate, dizendo que voltarão a estas questões nas seguintes reuniões e passa-se a ler as oito regras do grupo (que são as mesmas do Manual do CORIAC).

A seguinte atividade é leitura do Manual do usuário. Lêem a página 27, ‘história de Dante’, que fala sobre um homem que, dirigindo o seu carro, começa a brigar com sua companheira e, ao perceber que está exaltando-se (entrando em ‘risco fatal’), diz que vai ‘fazer retiro’, deixa a chave do carro com ela e sai caminhando pensando nas razões pelas quais ficou nervoso daquele jeito. No final da história, ele se encontra com a companheira e falam sobre como cada um se sentiu com aquela situação.

Pardo pede para que as pessoas comentem.

Um outro usuário que chegou depois do início da reunião diz que, se bem sabe que deve ‘fazer o retiro’ no momento em que está com a cabeça quente ele não consegue, continua discutindo e discutindo

H. Diz que também acontece isso com ele, que nesses momentos ele esquece do PHRSV.

Pardo diz que é necessário que o retiro se dê de todas formas, que se pare no momento em que se percebe exaltado. No entanto, se isso não acontecer, depois é necessário pensar com tranqüilidade porque se chegou a sentir tão mal e a comportar-se violentamente.

L.M. diz que para ele é mais fácil lidar com as pessoas em seu trabalho, que aquelas que o deixam mais nervoso, ele passa a evitá-las ou sabe se retirar no momento em que está ficando nervoso, mas que com seu irmão a situação é diferente, com ele não consegue seguir as regras do PHRSV.

Guzmán diz que é necessário fazer o retiro e que talvez não se esteja levando esta técnica, fundamental para o PHRSV, tão a sério e que isso é gravíssimo, pois se estamos exaltados com certeza cometeremos algum tipo de violência, seja verbal, física, emocional, etc.

Faz-se então o coffe-break, Pardo recolhe a contribuição dos homens (5 *soles*, o equivalente a 1,5 dólar, mas alguns homens pagam menos ou não pagam). Neste momento já havia 16 usuários do programa.

Os homens conversam entre si de maneira aparentemente descontraída, alguns saem para fumar. Come-se bolachas e toma-se café ou chá.

Depois de uns 15 min, volta-se à última atividade, a ‘revelación’. Pardo pede para que todos os homens fechem os olhos e relaxem e comecem a lembrar dos atos de violência que cometeram na última semana, que dentre estes atos, lembrem de um especial e que se concentrem nele, que pensem como aconteceu, com quem foi, em como se sentiram inicialmente e como foi desenvolvendo-se o fato, como acabou o fato e como ele e as pessoas envolvidas no fato se sentiram. Pede então para que uma das pessoas se disponha a revelar o fato ao grupo. Ninguém se manifesta, passa-se alguns segundos até que K. decide dizer que cometeu ‘una tontería (uma coisa à toa)’. Pardo diz que é bom sempre lembrar que não existe violência que seja *tontería*, mas que toda violência é grave e o chama para ‘revelar’. K., então, se sentou frente a frente com Pardo e começou a relatar a história, enquanto Guzmán a escrevia no quadro negro.

K. conta que estava em um congresso em Buenos Aires e que no último dia havia uma festa de confraternização. Chegando na festa, ele disse à recepcionista que queria ficar na mesa com os peruanos, mas ela lhe respondeu que não era possível, que já cada pessoa tinha uma mesa com pessoas de outros países. Ele ficou indignado com isso, perguntou como era possível esse absurdo, que como era que ele ia ficar em uma mesa que não conhecesse ninguém. Ele acabou entrando na festa, achando que todos os peruanos estariam indignados como ele, mas viu que, pelo contrário, estavam todos tranquilos conversando com outras pessoas e se divertindo, ele então pensou ‘será que não é normal como eu me senti?’.

Pardo então pediu para que ele lembrasse o que ele pensava naquele momento. K. respondeu: ‘mal atendido, que não me tomavam em conta, por qué me tratan tan mal? Nosotros queremos estar juntos, no tengo interés en estar con otras personas’.

Pardo pergunta o que ele sentiu, e K. responde: ‘soledad, abandono, frustración’.

Pardo pergunta como ele sentia seu corpo naquele momento, e K. diz: ‘sentía palpitations aceleradas, opresión em el pecho, ola de calor em el cuerpo’.

Pardo pergunta para ele o que era que ele estava pedindo naquele momento, K. responde que queria uma mesa com os peruanos, mas Pardo pergunta se ele não pedia algo mais, se quando ele tinha aqueles pensamentos, aquela sensação no corpo e aqueles sentimento, não tinha algo mais que ele estava querendo. K. diz então que não queria que o abandonassem.



Conversam um pouco mais e Pardo ressalta que ele violentou a recepcionista, que quando disse a ela ‘va a haber bronca (problemas), como me haces esto?’ a violentou, ela estava apenas cumprindo seu trabalho e deve ter se sentido muito mal.

Guzmán chama a atenção ao fato de que achar que temos razão não deve levar-nos a sentir tanta frustração como K. sentiu. Lembra também que a violência não é algo desculpável e que ele teria que ter-se dado conta que estava exaltado e fazer o retiro, teria que ter reconhecido seus pensamentos, seus sentimentos e seus sinais de corpo.

Termina-se esta parte e pede-se a K. que chame alguém com quem fará o compromisso e ele escolhe D. Então diz: ‘me comprometo a que siempre que piense que no me llevan em cuenta que me tratan muy mal, que cada vez que siento soledad, abandono y frustración o que cada vez palpitations aceleradas, opresión en el pecho o ola de calor em el cuerpo, me voy a retirar’.

Todos o aplaudem, ele volta a se sentar no seu lugar e Pardo lhe pergunta como se sentiu. Ele disse que se sentiu melhor do que das outras vezes que ‘revelou’, mas que ele não se retira, que ele já consegue reconhecer seus sinais de violência, mas que na hora que acontece, ele não se retira.

Pardo diz que K. sempre minimiza a violência, o que está mal, ele tem que saber que toda violência é violência. Pede também para que outros companheiros digam se o caso de violência que K. exerceu fez que eles pensassem com respeito às suas próprias violências.

Um outro usuário, R., diz que sua violência é muito sutil, que ele não bate e nem grita, mas que exige que as outras pessoas façam exatamente aquilo que ele quer.

D. diz que coisifica, que não vê as outras pessoas como pessoas.

R. pergunta o que fazer quando se sabe que se tem razão em um conflito.

Guzmán diz que não é questão de ter ou não razão, porque a violência não tem a ver com a razão. Você pode ter razão e violentar, tem-se que argumentar com a pessoa, não obrigá-la a fazer nada.

Ramos diz que quando se está exaltado (em situação de ‘risco fatal’) já não se tem a razão, pois qualquer coisa que seja dita o será com violência.

K.A diz que a psicóloga disse a ele que ele tem de enfrentar seu filho quando este lhe desobedece.

Guzmán disse que há um meio termo entre violentar (verbal ou fisicamente) o filho e deixar ele fazer o que quer. Lembra que ele foi muito violentado por seu pai quando criança. No momento em que seu filho te desobedece e você entra em risco fatal, você não deve falar nada com ele, porque o violentaria, você deve fazer o retiro e pensar porque você se sentiu tão mal ao ver como você era desobedecido. Mas depois, mais calmo, você deve chegar ao seu filho e conversar com ele, explicar em quê ele estava errado e colocar um castigo se for o caso, mas de maneira que ele entenda o que está acontecendo.

Ramos diz que com suas filhas é assim, eles têm acordos entre eles, elas têm suas obrigações, se não as cumprem tem que explicar porque, mas é algo que todos sabem, não é algo imposto.

Pardo, então, conclui a reunião.

### **Relatos Ilustrativos de uma reunião do Programa Hombres Renunciando a Su Violencia, Lima, Peru.**

**Facilitador: Víctor Domínguez**

**ajudante: Manuel**

**Data: 22/11/2006**

**Horário 7h00 horas a 9h30min.**

**Observador: Danilo Clímaco**

Há cinco usuários no início do PHRSV, depois chegarão dois mais. Manuel é o usuário (ex-co-facilitador) que ajuda Víctor, escrevendo no quadro negro quando a atividade o requer, mas não é co-facilitador porque não faz comentários ao que os usuários dizem.

A frase escolhida ao azar é:

**“Soy... y creo que la violencia es...”**

1. **“Soy... M. y creo que la violencia es... aprendida y con yuda la puedes desaprenderla”**
2. **“Soy... D. C. y creo que la violencia es... fruto del hecho de que no queremos renunciar a nuestros privilegios”**
3. **“Soy... C. y creo que la violencia es... es innata en el ser-humano, pero puede ser desaprendida mediante orientaciones”**
4. **“Soy... E. y creo que la violencia es... producto de la mala educación que he tenido durante mi vida, pues esta ha estado rodeada de machismo, autoritarismo y deshumanismo”**
5. **“Soy... T. y creo que la violencia es... un daño que causo a nuestra familia y a nosotros mismos”**
6. **“Soy... X. y creo que la violencia es... aprendida, nos hace mucho daño”**
7. **“Soy... V. y creo que la violencia es... fruto de nuestra necesidad de detentar poder”**

Víctor disse que

*“la violencia no es innata ni biológica, es aprendida y que por eso se puede cambiar. La agresividad es innata, pero la violencia, que implica someter a una persona, es aprendida. Pero normalmente solo la cometemos contra quién no se puede defender. Recuerda un compañero del grupo que una vez se enojó con un policía, pero después se desquitó golpeando a su pareja”.*

Lembra também que todos necessitamos de carinho, mas que como homens não o reconhecemos.

O. diz que a violência não é inata, mas que ele não a sentiu na própria pele, mas sim na do irmão, que sempre apanhou do pai, mas ele nunca, ainda que sofresse por ver a condição do irmão. Conta também que esteve duas semanas sem ir ao PHRSV porque estava participando da campanha de um irmão candidato e que se sentiu muito feliz ao reencontrar os companheiros de grupo.

Víctor diz que é muito bom reconhecer o carinho dos companheiros, mas que é necessário lembrar que ali não é só um grupo de mútua ajuda, mas que são as relações violentas que devemos mudar.

X. diz que a violência causa dano não apenas a quem sofre, mas a quem a perpetra, porque fica só.

M. diz que teve que se casar obrigado com uma menina, por isso não pode estudar e que por isso batia nela, não a suportava.

Víctor diz que ele tem que lembrar que é responsável pelo que faz, que ele deveria ser consciente de que violentou a mulher e que para isso não há desculpa.

M. se pergunta se não é necessário que ele procure um psicólogo, porque poderia assim compreender sua infância e então se liberar. Víctor diz que quando ele chegar ao segundo nível do PHRSV poderá ver estas questões.

T. diz que também não apanhou de seu pai, mas que aprendeu a violência de outra maneira.

Víctor diz que a violência não é só física e que há outras formas de violência.

E. diz que, depois de alguns meses sem se comunicar com ele, a mãe de seu filho, com quem tinha convivido por um ano, ligou para ele dizendo querendo conversar. Conversaram, se beijaram e ela disse que se ele pagasse os estudos para ela, os pais delas deixariam ela voltar com ele. Ela está morando com os pais agora, mas seus pais não pagam mais o colégio para ela porque dizem que ela tem que cuidar do filho por culpa dele (E.) que a engravidou ainda sendo ela menina. Então, se ele pagar os estudos, ela pode voltar com ele, pois aí ele estaria devolvendo a juventude a ela. Ele disse que ia pensar e que quer pagar os estudos para ela, mas se pergunta se não está ela querendo se aproveitar dele. Um dia ele bebeu e ligou para a casa da mãe da mãe de seu filho e disse que ia pegar a filha lá e desligou o telefone. A mãe de seu filho ficou indignada por ele ter feito isso. E ele ficou triste, porque depois de muito tempo tinham voltado a se falar e agora de novo estava no zero.

Víctor disse então que ele não tem que necessariamente pagar os estudos dela, que ela pode também por si própria decidir o que é melhor para ela, mas disse que ele exerceu violência, pois ligou bêbado para a avó de seu filho.

Segunda atividade: Manual CORIAC, história do Fernando, um homem cuja esposa demorou a chegar em casa e, quando o fez, ele a golpeou.

O. diz meio reclamando, meio em brincadeira, que já tinham lido aquela história. Diz então que cometeu duas violências físicas contra sua companheira e que discutem muito por

várias coisas e nunca chegam a consensos, mas que nunca tocam no tema da violência física que ele cometeu.

M. diz o que fazer no caso da história do Fernando, pois se ele não a golpeia, ela vai voltar a chegar na hora que quiser.

Víctor diz que não é assim, que ele está controlando sua esposa e que não pode fazer isso, pois a vida dela é livre para ela fazer o que quiser.

O. diz que é verdade, que é ele que quer controlar.

M. e E. dizem que são muito ciumentos e que já chegaram a bater em suas companheiras por isso.

Víctor diz que os homens gostam de que todos façam o que querem, mas que não fazem a sua parte. Conta então que um dia ele estava vendo televisão de manhã e seu filho chegou e lhe disse: ‘pai, você tá vendo televisão antes de tomar café da manhã e isso não pode’. Ele então aceitou, pois era uma regra da casa não ver televisão antes do desjejum.

Coffe-brak. O. toca zampoña (flauta andina) todo mundo aplaude.

Faz-se a dinâmica de lembrar o fato de violência (como acima descrita na reunião do PHRSV de Lima) e se passa à revelação.

Revela T. A esposa dele foi a uma reunião de um grupo de vendedoras, mas saiu antes para fazer compras. Ele decidiu segui-la, mas não a encontrou na loja onde disse que ia estar, foi até o lugar da reunião das vendedoras e não a encontrou. Ligou para o celular dela e não atendeu, voltou pra loja onde ela estaria e ela já tinha passado por lá. Aí ligou de novo no celular e a mulher atendeu já na reunião das vendedoras e ele falou alto que estava indo para o lugar da reunião e que era para ela esperar na porta. Chegou no lugar, mas ela não saiu. Esperou meia hora e nada, então ele ligou para um amigo e disse que queria conversar. Contou para o amigo o acontecido e o amigo lhe disse que não se preocupasse, que ele era muito ciumento e que deixasse de bobagens. Depois ele se reencontrou com a companheira (quando esta voltou a casa) e ela lhe disse que ele tem de respeitá-la e não persegui-la. Ele disse que deu a razão a ela.

Víctor pergunta então o que ele pensava naquele momento, ao que respondeu T.: “onde estará ela? Com quem estará”; o que ele sentia “sou muito pouca coisa; estou sendo enganado;

cólera, ciúmes, amargura, tristeza” e o que acontecia em seu corpo: “mãos tremendo, voz entrecortada, corpo quente”.

Termina a ‘revelación’ e Víctor pergunta como T. se sente; ele diz que bem, porque se sente muito machista e que isso é ruim, mas que é bom poder dizê-lo. Diz que se sentiu ‘muito enganado’, mas que está mudando. Víctor pergunta ao grupo: ‘o que a experiência de T. nos diz?’.

X. diz que ele também se sentia muito mal quando sua esposa saía e demorava, mas que agora no PHRSV se dá conta de que é ele que é responsável por este mal estar.

E. diz que era muito ciumento, que não deixava sua companheira ir ao centro, que até com o esposo da irmã dela ele tinha ciúmes.

M. diz que uma vendedora o tratou mal e que ele ficou tremendo de cólera e se retirou.

Víctor diz que as outras pessoas podem tratar-nos mal, mas que temos que saber conversar com elas sem violentá-las, conta que um dia foi a uma loja e que não queriam dar-lhe a nota fiscal, ele argumentou, esperou e finalmente a conseguiu, sem cometer violência verbal.

M. diz que espera algum dia deixar de ser ciumento.

Víctor lembra que o retiro não é só dar um tempo, mas ‘fazer intimidade consigo’, poder perceber o que está passando dentro de cada um. E termina a reunião.

## **Relatos Ilustrativos dos Grupos de Homens autores de violência em Tegucigalpa, Honduras.**

**Facilitador Edmundo Perez**

**Data: 02/07/2007**

**Horário: 7 horas até 9 horas da manhã**

**Observador: Adriano Beiras**

Havia 15 homens, todos enviados pela justiça, e, dentre estes, dois eram novos no grupo. Trata-se de um grupo aberto, ou seja, entram e saem homens continuamente. Na medida em que o facilitador, Edmundo, assistente social, perguntava para cada integrante sobre a semana de cada um, situações de violência e suas relação com suas companheiras, surgiam temas para serem discutidos. Neste encontro um dos temas mais discutidos foi infidelidade. Edmundo recorreu a estatísticas sobre infidelidade, escrevendo no quadro que 98 % dos homens são infiéis em Honduras. Trouxe outras estatísticas também como as seguintes: 77% dos suicídios são cometidos por homens, 95% das parafilias são de homens e 90% dos casos de violência são de homens contra a mulher.

Outras discussões que surgiram foram sobre a diferença entre o discurso e a prática destes homens quanto aos atos de violência e sua responsabilização. Foi discutida, também, a construção histórica das masculinidades. Edmundo, ao discutir sobre estes temas com os integrantes, os quais expressavam suas opiniões e entendimentos e discutiam percepções diferentes com outros integrantes, sempre procurava trazer dizeres de livros que estava lendo ou havia lido. Neste dia, indicou o livro de Erick Fromm chamado “Patologias de la normalidad”.

Edmundo comenta também que Honduras é considerado o país mais violento da América Central. Com esta informação, procurou discutir com os integrantes formas de mudar esta situação. Na medida em que eles respondiam, ele anotava no quadro branco.

- A mudança começa em nós mesmos
- Buscar a parte espiritual
- Grupos de auto-ajuda, grupos de reflexão
- Comunicação com os filhos

- Maior convivência familiar
- Aceitar os erros, a realidade
- Externalização dos sentimentos
- Alguns falam de suas experiências e aprendizagem com o grupo
- Outro fala sobre sua experiência de paternidade

Em seguida ocorreu uma discussão sobre alcoolismo. A discussão se encerra com o término do tempo da sessão. Quanto às minhas reflexões sobre o grupo, descrevê-lo-ia como um grupo de reflexão sobre a construção histórica das masculinidades, baseado na experiência dos participantes. Incrementa-se com citações de autores (Eric Fromm, Lacan, Montoya, La Lama...) e se analisa os discursos dos sujeitos, clarificando preconceitos, atitudes machistas e naturalizações, resignificando-as.

São grupos abertos de duas horas, uma vez por semana. A maioria dos participantes, se não todos, são enviados pela justiça. Nota-se uma resistência daqueles que chegam ou estão em primeiras sessões quanto a reconhecer alguns atos de violência, de machismo e uma presença de culpabilização da mulher, em alguns casos.

Foi interessante ouvir o relato de outros que estão há mais tempo no grupo, suas mudanças e a maneira como intervinham, procurando mostrar seus aprendizados aos mais recentes no grupo. O facilitador usou estatísticas sobre fidelidade, mortalidade e saúde de homens em Honduras para complementar seus argumentos.

A sala era simples, com um quadro branco pequeno, o qual o facilitador usava, e cadeiras simples. Nas paredes havia cartolinas que indicavam avisos aos participantes como pontualidade, algumas regras para o grupo, frequência, etc. Havia também ventiladores. Era uma região de muito barulho. Na sala ao lado estava a advogada responsável por questões daquele setor. Era um local com dois escritórios integrados, divididos por uma divisória mediana.

Os participantes pagavam cinco lempiras (1 dólar – 18 lempiras), por cada sessão, mas isso acontecia apenas no grupo de Edmundo, por eles alugarem um espaço que efetivamente não era do governo e, em consequência, um pouco melhor, se comparado com o posto de saúde onde Marcos (facilitador do outro grupo que observei) trabalhava. A região era central,



sendo que logo ao lado havia setores de camadas populares. Este grupo aconteceu no setor de aconselhamento familiar, onde trabalham psicólogos, assistentes sociais e advogados.

O encontro foi dirigido somente por Edmundo, assistente social, senhor de aproximadamente 50 anos. Havia um outro funcionário que ficou parte do tempo e depois saiu com a lista de frequência. Havia homens de diferentes idades e camadas sociais. Alguns destes também participavam de grupos de Alcoólicos Anônimos, o que foi bem recomendado pelo facilitador.

Os assuntos tratados no encontro que assisti, resumidamente, foram machismo, violência doméstica, infidelidade, alcoolismo e drogas. Havia bastante incentivo para a parte espiritual também. Alguns homens não falaram durante a sessão.

### **Segundo grupo de Edmundo**

**Facilitador Edmundo Perez**

**Horário: 14 -16 horas**

**Data: 03/07/2007**

**Observador: Adriano Beiras**

Foi mais difícil entender o que todos falavam neste grupo, devido ao intenso barulho dos ventiladores e da rua. Este grupo era maior do que o primeiro, havia aproximadamente 22 homens, de diferentes idades. Edmundo iniciou a sessão perguntando como eles estavam e então cada um contava se tudo estava bem ou se havia acontecido algum ato de violência ou alguma situação que os preocupava emocionalmente na família. Na medida em que eles contavam, outro integrante do grupo expressava a sua opinião e recomendação quanto à questão. Edmundo trazia questões mais reflexivas e educativas. Tomava frequentemente uma posição de educador. Os assuntos foram: infidelidade, o machismo e suas conseqüências, o poder (o que cada um compreendia, o que vinha na cabeça sobre o poder e o facilitador ia anotando no quadro e discutindo), espiritualidade (usou trechos de livro de Osho e também passagens bíblicas). Comentou sobre estatísticas relacionadas à infidelidade da população de Honduras e perguntou para mim como era no Brasil.

Eu só me apresentei no meio da sessão, quando um deles perguntou. Falei sobre a pesquisa e sobre minha dissertação. Edmundo, em alguns momentos, estimulava minha

participação. O grupo me pareceu unido e descontraído. Era um grupo aberto, ou seja, havia integrantes mais antigos e outros bem recentes. Um dos integrantes chegou com bastante atraso e outro saiu várias vezes da sala. Havia outros que não falaram nada durante todo o encontro.

Edmundo foi perguntando a cada um como estavam e foram surgindo temas para debate. Havia mais homens de camadas médias neste grupo. Fizeram revelações sobre suas infidelidades, sentiram-se à vontade para contar. Foi trabalhada também a questão de uma nova masculinidade, distanciada de machismos e com relações mais igualitárias com as mulheres. Outra questão levantada foi a distância entre o discurso e a prática. Neste momento falei de alguns dados que encontrei em minha dissertação. Este assunto começou com um dos integrantes que estava com um bom discurso, mas que não correspondia à sua prática, segundo o que apontou o facilitador, pelo que já vinha trabalhando como o participante. Foi conversado sobre alcoolismo e sobre os êxitos de alguns dos integrantes por estarem participando do AA também.

Uma das histórias que surgiu foi sobre um dos integrantes que revelou ter engravidado sua amante e isso gerou uma situação complicada para ele. Neste momento, outro integrante revelou que tinha uma filha de outra mulher também e contou sua experiência. Foi discutida a relação entre masculinidades e infidelidade.

### **Grupo de Marcos Antonio Moreno Garcia**

**Facilitador Marcos A. M. Garcia**

**03/07/2007**

**Centro de Salud Villa Adela**

**Horário: 7:30- 10:00**

**Observador: Adriano Beiras**

Assisti o encontro na manhã do dia três de julho de 2007. Eram aproximadamente 25 homens, excetuando um<sup>19</sup>, todos enviados pelo sistema judiciário. Era um grupo fechado, ou seja, todos os integrantes começam e terminam juntos o processo. Em sua maioria, eram

---

<sup>19</sup> Este participante que não havia sido encaminhado pela justiça estava como voluntário. No entanto, ele é marido de uma funcionária do posto, a qual indicou que ele freqüentasse o grupo ou ela o denunciaria, devido a uma situação de violência doméstica entre eles.

homens de camadas populares, de diferentes idades. A metodologia é uma adaptação do primeiro nível do CORIAC. O local era precário, no porão de um posto de saúde, do lado de um rio poluído. Era uma sala suja, com cadeiras e sofás velhos e um quadro branco, um banheiro e alguns móveis doados por ex-usuários do serviço. Ao lado da sala estava o escritório de Marcos, também com móveis doados.

O facilitador iniciou perguntando sobre os avanços dos participantes quanto ao tema violência, surgindo assim relatos sobre a semana e cada um contando os passos dados quanto a esta questão. Um dos participantes estava muito curioso em saber quem eu era e perguntou. O facilitador não deu detalhes, brincou, disse que eu era de outro país e pediu que eles adivinhassem, dando uma palavra pista: *futebol*. Adivinharam que eu vinha do Brasil, então o facilitador pediu a eles que me contassem seus êxitos com o grupo. Houve aproximadamente cinco relatos. Um deles falou de como estava melhor, não estava bebendo (o que perguntara no início quem eu era), que o grupo estava ajudando muito nisso. Outro falou de uma situação vivida durante a semana, bem colérica, com sua esposa e de como ele conseguiu se controlar. Este mesmo rapaz se emocionou em dado momento ao falar do amor que sente por sua filha e de outra situação com a filha. O grupo me pareceu bastante vinculado.

A dinâmica do encontro era a seguinte: na medida em que um fazia o relato os outros expressavam suas opiniões, conselhos, idéias e perguntas. Assim eles mesmos se orientavam, como um grupo de ajuda mútua, o que não era estranho, dada a grande influência do AA, tendo integrantes que participam ou já participaram, além do próprio facilitador. Marcos participava e sempre recomendava para aqueles que ele acreditava ser importante. Alguns deles freqüentavam os dois grupos.

Cada um se orientava a partir de sua própria experiência no grupo, de seus aprendizados nos encontros anteriores. O interessante era que a cada história, muitos se inscreviam para falar, para dar a sua opinião e conselho de uma maneira respeitosa. A função do coordenador era organizar, orientar, por ordem, e não a de um especialista ou mestre. Falavam dos passos indicados no método CORIAC, sobre misoginia, relações de poder, etc. No meio da sessão é que eu fui realmente apresentado ao grupo como visitante. Durante o encontro eles perguntavam coisas para mim, curiosos, mas o facilitador desviava a atenção e brincava com a situação. Quando efetivamente me apresentei, contei sobre a pesquisa.

Um dos integrantes do grupo, que participa do AA também, havia estado em um retiro promovido pelo seu grupo no AA e que acontece também nos grupo sobre violência, quando em estágio mais avançado, e contou sua experiência. Foi em um domingo, das nove da manhã às cinco da tarde.

Resumidamente, minha percepção foi a de que, apesar de ser um grupo de demanda judiciária e frequência obrigatória, a maioria dos integrantes parecia estar muito à vontade, com um grande vínculo com o grupo, como um grupo terapêutico ou de ajuda mútua. Alguns até diziam que foi um grande privilégio, algo muito bom, a oportunidade de haver conhecido o trabalho. Marcos, no início, em seu escritório, havia me mostrado diferentes agradecimentos de ex-integrantes em placas, quadros, reconhecimentos e presentes. Dizia o quanto isso o motivava neste trabalho, o qual gostava muito de realizar.

**TABELA COMPARATIVA DOS PROGRAMAS VISITADOS**

<i>Programa</i>	<i>Objetivos</i>	<i>Linha teórica</i>	<i>No. e formação dos prof.</i>	<i>Pop. alvo</i>	<i>Financiam.</i>	<i>Caráter</i>	<i>Metod.</i>	<i>Avaliação</i>	<i>Dificuldades</i>
NOOS – Brasil	atendimento e atenção a sensibilização, a capacitação, pesquisa e articulação	Terapia Familiar e Sistêmica	4 psicólogos e 2 psiqu.)	(2 Homens autores de violência contra as mulheres (encaminhados jurid. ou não)	Governmental e não-gov. (Fundação MacArthur)	ONG	Grupo reflexivo <sup>20</sup> de gênero/ 20 encontros temáticos semanais de 2h30m., com 8 a 10 homens (contrato de pacto anti-violência)	Grupo focal e questionário ao final dos encontros	Financiamento e perdas nos grupos
NAV – Brasil	Atendimento, capacitação e supervisão	Psicanálise	3 psicanalistas	Famílias em situação de violência doméstica/violência sexual intra e extra-familiar,	BID/Prefeitura do RJ	ONG/	Atendimento clínico individual		Capacitação dos profissionais para realizarem o encaminhamento (preconceitos)/Complexidade das situações de violência

<sup>20</sup> Ele tem efeitos terapêuticos, mas ele não é um grupo de terapia, porque a gente não gosta de caracterizar isso como um grupo de terapia? Porque senão a gente volta a colocar a questão como se fosse uma doença, como se fosse uma patologia, como se fosse uma coisa unicamente intrapsíquica e a gente não acredita nisso, a gente acredita que a violência, ela é complexa que ela não tem uma só fonte de risco, então tem questões individuais, certamente que tem, mas eu acho que o que prepondera mesmo é toda uma construção social em relação à gênero, a como o homem contrói a sua identidade de homem, assim como as mulheres constituem a sua identidade de mulher, então é sobre isso que a gente trabalha. Sobre como cada um destes homens contruiu sua identidade masculina e tenta, vamos dizer assim, fazer uma desconstrução disso pra que os homens entendam que existem tantas maneiras de ter os homens quantos são os homens, então não existe uma maneira só, que a gente não precisa obedecer aquele padrão ali que foi colocado na gente, pelo momento que a gente vive mesmo, quando num momento cultural que a gente vive, e relativizando esse script que a gente ganha quando vai crescendo, questionando mesmo isso. Então exatamente pra não voltar, colocar a questão pra uma coisa intrapsíquica ou somente individual, justamente levantar essa questão de que é uma questão cultural social é que a gente não coloca isso como um grupo terapêutico. A gente fala mesmo que é um grupo reflexivo de gênero. A gente prefere essa denominação do que grupo terapêutico.

PHRSV – Lima, Peru	Que los hombres detengan la violencia contra la mujer.  también buscamos es que avancemos en relaciones equitativas de género, que los hombres en realidad cambien, que se sientan bien parando la violencia.	la perspectiva de género desde el lado de los estudios de la masculinidad(...) el marco teórico que desarrolla Coriac (...)	3 (um sociólogo, um psicólogo, um desenhista)	encaminhadas pelo Conselho Tutelar/Vara Infância e Juventude/ Vara Família/ Escolas e unidades de saúde  Homens que se consideram com problemas de violência (vão voluntariamente)	Agência de cooperação internacional. Inicialmente, Fundação Ford e DFID, hoje Diakonia.	Universidade	Grupo re-educativo/ mínimo de 48 encontros semanais de 2h30m., entre 3 a 18 homens.	Auto-avaliação (cada usuário). Agora em 2007 farão uma avaliação.	Financiamento (para divulgação e manutenção dos facilitadores, este último problema se agravou em 2007, como Miguel Ramos me disse em um recente e-mail (junho de 2007).
PHRSV, Piura, Peru.	ayudar a los hombres a optar por nuevos comportamiento en las formas de relacionarse con sus parejas, también brindar herramientas concretas para que transformen su manera violenta de relacionarse para una forma más humana. Un compromiso permanente con la no violencia en el hogar.	la metodología de Coriac no hemos incorporado nada nuevo	1 (Eduador con consejería en teología)	Homens que se consideram com problemas de violência (vão voluntariamente)	A própria instituição (Diaconía por la Paz y la Justicia)	Instituição eclesiástica	Grupo re-educativo/ mínimo de 48 encontros semanais de 2h30m., entre 3 a 18 homens.	Auto-avaliação (cada usuário) <sup>21</sup>	O outro homem que iniciou como facilitador deixou de sê-lo por não ter resolvido seus próprios problemas de violência. Ausência de um processo longo de preparação e dificuldade de ter um acompanhamento por parte de Miguel Ramos. Necesidade de trabalhar também com as companheiras dos homens.
Innpares Instituto Peruano Paternidad Responsable (Lima)	– Terapéutico, que la persona cambie aquello que en aquél momento está queriendo cambiar	terapia cognitivo-conductual	1 (psicólogo)	Homens, mulheres, casais, família.	Não tem	ONG	Sessões terapêuticas, ao redor de 3 ou 4 meses, uma ou duas sessões semanais de uma hora.	Não tem	Dificuldade em localizar os agressores. Os que chegam ao consultório têm uma atitude competitiva com o psicólogo.

<p>Programa provincial de Asistencia a víctimas de violencia familiar (ministerio de Acción Social)</p> <p>Emma Lucía García (Argentina)</p>	<p>El objetivo institucional es:</p> <p>Promover la creación de un sistema asistencial de descentralización de la atención, capacitación en el tratamiento y prevención en el ámbito de la provincia.</p> <p>Objetivos de los grupos:</p> <p>Cese de la violencia</p> <p>Responsabilización sobre conducta violenta</p> <p>Aprendizaje de estrategias de control</p> <p>Aprender alertas físicos</p> <p>Implementar timeout</p> <p>Técnicas asertivas</p> <p>Promover expresiones de sentimientos</p> <p>Revisar creencias y estereotipos de género</p>	<p><b>modelo ecológico es el propuesto, que postula la realidad familiar, social y la cultura entendiéndolos en un todo articulado (macro, meso, micro) con material bibliográfico de Jorge Corsi. Echevurrúa. Fiorini.</b></p> <p>La perspectiva de género, poder, estereotipos entre otros, los autores utilizados son Scout. Mabel Burin, Teresa de Laurentis, teresita de Barbieri Copelon Rhonda entre otros.</p>	<p>(pelo que pude comprender, sólo ella)</p>	<p>Hombres derivados por el Poder Judicial</p>	<p>No existe financiamiento externo</p>	<p>Organización gubernamental</p>	<p>grupos de autoayuda para hombres, psico-educativo; 6 a 12 meses; hora e meia, semanal</p>	<p>Entendo (eu, Danilo) que não</p>	<p>No reconocimiento y rechazo por parte del resto de los profesionales, autoridades, de las personas que ejercen violencia y el convencimiento que tienen que no van a cambiar.</p> <p>la falta de espacio físico para la atención (não deveria ser o mesmo que para as vítimas).</p>
--	---	--	--	--	---	-----------------------------------	--	-------------------------------------	--

Fundación Isabel Boschi	El objetivo es tratar que la persona se conozca un poco más a si misma y que a partir de esta relación consigo mismo pueda relacionarse de una manera distinta con los otros.. Tiene que aprender a relacionarse con los demás de una manera no abusiva.	Cognitivo-conductual	1 (psicóloga)	Hombres derivados ou voluntários, quando se da a ocasião, também outros membros de sua família.	Não tem	ONG			En el nivel personal, el dolor, (...) una profunda empatía que a veces me pone muy triste.
Jorge Corsi	<u>recuperação</u> para homens que exercem violência em la pareja (só) (em rede com organismos que trabalham com mulheres (recup.)	Terapêutico, Ecológico multidimensional – Bremer (4 dimensões) “Violência masculina em la pareja” Psicoterapia integrativa multidimensional” de Jorge Corsi.	1? (psicólogo)	homens que exercem violência em la pareja No começo, 98% enviados por juízes, hoje 70%, outros 30% vão voluntariamente Incorporaram o objetivo de prevenção trabalhando com meninos e adolescentes filhos de mulheres que sofrem violência – (não puderam manter – falta de financiamento)	Financ. Complicado – com modelos distintos em etapas distintas. Financiamento internacional (8 anos) (***) para el mundo – Alemanha) Pequena parte financ. Municipal e de usuários.	ONG	Mínimo um ano, uma reunião semanal.	Avaliações permanentes/ e seguimento do usuário a cada 2 anos (met. Entrevista com a mulher da atual pareja)	Abandono inicial Que os homens aceitem participar, obtenção de financiamento
Ex CORIAC MHORESVI - Movimento de Homens Renunciando a sua Violência –	<i>“seguir compartiendo lo que aprendimos para que otros hombres dejen de ser violentos. O que tengan la</i>	-	7 facilitadores	Apenas homens.	<i>Con los propios recursos que los grupos aportan, para seguir con esta labor. Y un poco parte de</i>	-	<i>Son tres grupos, tres niveles, que el primer nivel se trabaja pura violencia, los cinco géneros</i>	-	<i>La mayor dificultad es que no sean honestos. Honestos con ellos mismos y que no se comprometan.</i>



Angel - Mexico	<p><i>reflexión de la violencia porque más que nada, porque el ser violento a lo mejor no se nos quita nunca, pero ya tenemos la reflexión de cual es la violencia y cuales son las consecuencias si sigo con<sup>22</sup> la violencia.”</i></p>	<p><i>ahí ayudas de algunas instituciones. MacArthur. Algo de dinero que tenemos que hacer también algo social, empresas, escuelas, cosas así, como talleres.</i></p>	<p><i>que trabajamos acá de violencia: violencia física, violencia verbal, violencia emocional, violencia económica y violencia sexual. Había otros tipos de violencia que no se trabajan: más que nada nos interesa trabajar los hombres que están golpeando a las mujeres o que les están dando malos tratos, más que... nos abocamos a esto.</i></p>	<p><i>Sí, porque vienen a los grupos, vienen a oír, y echan su discurso muy bonito, hablan bien, babababa, pero salen de aquí y vuelven a ser agresivos con su compañera o sus hijos, entonces esto es no ser honesto, no se están comprometiendo a trabajar realmente su violencia; eso es uno de los retos también. Porque nosotros en los grupos estamos dos horas y media, pero cada quién se va.<sup>1</sup></i></p>				
Salud y Género - México	<p>el trabajo ha sido todo lo que está en la articulación entre la equidad de género y la salud de hombres y mujeres, entonces en esta perspectiva hemos hecho de políticas públicas, hacemos mucho trabajo educativo... “...En el caso de Jalapa hemos abierto un programa también, con el</p>	<p>articulación entre la equidad de género y la salud de hombres y mujeres entonces en esta perspectiva hemos hecho de políticas públicas; perspectiva de genero; lo trabajamos muy desde las</p>	<p>01 médico 01 antropólogo 01 psicólogo social</p>	<p>hombres llegan por referencias de otros hombres</p>	<p>Tiene fondos de MacArthur, de Ford y financiamiento que el propio gobierno consigue para las capacitaciones que hacemos, los gobiernos locales y el Gobierno Federal también, la secretaria de</p>	<p>la asociación civil</p> <p>La experiencia del Coriac aquí en el Distrito es una, pero la experiencia en Jalapa es otra.; con el modelo de Coriac, adaptado a Jalapa; la capacitación es de Coriac; un terapeuta que es facilitador; programa también, con el</p>	<p>autoevaluación con los hombres con los formatos de Coriac</p>	<p>muchos obstáculos, para que un hombre llegue a los grupos; el problema es que el hombre se decida a ir; no duran en el programa; facilitadores.. pues estoy diciendo que es un trabajo que no está pagado dentro de nuestros sueldos; apoyo institucional oficial ha sido débil; hay falta de apoyo de</p>

<sup>1</sup> Aquí venimos y reflexionamos en el grupo, pero el trabajo está ahí afuera

*Nos falta tener más comunicación con los hombres que vienen, aunque nos den sus datos, sus teléfonos, pero los dejamos y levantan y se van. Y nosotros como grupo y asociación no estamos interesados en hablarles y decirles a esos compañeros que se van ¿Por qué se fueron? Ya los dejamos, se van. Y los que se quedan, se quedan a trabajar.*

	<p>modelo de Coriac, adaptado a Jalapa, de Hombres Renunciando a Su Violencia (en adelante PHRSV). Trabajo tanto en la parte preventiva, formativa, como en el trabajo de atención a hombres”...</p>	<p>emociones explorar fenomenológica mente cuáles son mis señales corporales, de cabeza, de corazón, emoción, que afloran antes de que yo llegue a ejercer la violencia, el reconocimiento no más de que esas emociones ahí están, pues, son naturales, pero la responsabilidad de lo que hago con ella es mía...</p>		<p>salud ha obtenido proyectos... entonces también tenemos financiamiento local</p>		<p>modelo de Coriac, adaptado a Jalapa; nosotros nos hemos sido... quizás más lento con la cuestión de la entrada y salida de hombres; no aplicamos los formatos de evaluación de Coriac. Lo hicimos en un principio y al ratito dejamos de hacerlo.<sup>23</sup></p>	<p>instituciones del gobierno; mucho lo dejan después de dos o tres sesiones, dónde realmente el programa no tendría ningún efecto; otro obstáculo es que los hombres... de alguna manera es un obstáculo, trabajan personalmente, pero si van llegando de maneras disímiles y también el proceso es individual</p>		
<p>Hombres por la Equidad de Género. CORIAC - México</p>	<p>Que os homens que participam deste programa construem um compromisso permanente com a não violencia em relação a sua parceira; Que os homens que participam do Programa reconheçam que sua</p>	<p><b>Perspectiva feminista/ questões relacionadas ao poder</b> Princípios de perspectiva de gênero Princípio Educativo Princípio</p>	<p>01 economista</p>	<p>No caso de atendimento obrigatório, há algum benefício para o agressor, algo como diminuição da pena, condicional, etc. De onde eles são encaminhados, que órgãos estão envolvidos.</p>	<p><b>Con proyectos sobre talleres, con trabajos sobre masculinidad, con proyectos...</b></p>	<p>Associação Civil</p>	<p>uma por semana, dividida em módulos, total de aproximadamente 2 anos; 2 horas; uma vez por semana</p>	<p>autoevaluación con los hombres con los formatos de Coriac</p>	<p>Si los hombres no cumplen estos puntos, si no se alían a los feminismos, si hacen de eso algo para ganar dinero, si no tienen trabajo personal, todo eso son obstáculos.</p>

<sup>23</sup> SG aplica más formatos de tipo cualitativo; metodología, por hablar de uno de los momentos de cada sesión, está lo que llamamos las frases para completar en el día y Coriac ofrece en el manual cinco frases fundamentales; metodología es el trabajo grupal; primera parte es más educativa-reflexiva, la segunda parte es más psicológica; Dos horas y media, tres horas; primer nivel los miércoles; sesiones de reflexión; segundo nivel se recomienda que tenga algún tipo de respaldo... terapéutico; perspectiva de la terapia gestalt también; reflexión sobre la violencia; programa dónde vengo a revisar mi masculinidad, dónde me tengo que hacer responsable de mi violencia; Y trabajarlo en grupo ahora resulta en mucha confidencialidad, en un ambiente de mucha confianza también, nos permitimos hablar de eso, vamos a ver películas juntos para comentarlas después... todo eso me lleva a hablar de algo que sí percibo, que el programa atiende muy bien el trabajo del hombre, el trabajo personal, nos estamos quedando cortos en la parte relacional. Que el trabajo con la pareja es fundamental.

	violencia é aprendida e decidam deixar e exercê-la.	Humanista							
Masculinidad y Políticas (México)	Temáticas que te habíamos enseñados, que es género, masculinidad, violencia, sexualidad y aquí vas a ver paternidad, todo esto en grupo. Esto para nosotros no es de cambio, es para que entren a un proceso de reflexión, para que comprendan que hay problemas, causas y consecuencias y también posibles soluciones. Y que estas soluciones puedan ser dadas por ellos mismos, como individuos, por una sociedad, por una comunidad o puede por instituciones, como puede ser el	Entonces, ha sido trabajar género, una de nuestras fuentes principales han sido Marta Lamas, la otra Marcela Lagarde y Butler. A Mexicana Marcela Lagarde. Masculinidad: Kauffman, por ejemplo leer a Seiler?? por ejemplo leer a Connel, por ejemplo leer a... ¿como se llama este?... Michael Kimmel. Leer a este... <sup>24</sup>	01 trabajadora social y socióloga; 01 licenciado (Ernesto?)	Agresor. Es que nosotros integramos a los hombres, a las mujeres y a los hijos, integramos todo el entorno familiar. Los hombres toman los talleres en un momento, las mujeres en otro, los chavos en otro y todos entran a lo que es el grupo de ayuda mutua. Que... si lo quieres ver de una manera coherente, son los grupos de reflexión comunitaria.	Vino UNESCO, ONG viene UNIFEM, viene colegio; Desarrollo Integral de la Familia nos da espacio desde aquí entonces las ONGs han tenido mucha movilidad y nosotros en particular tenemos contactos con muchas instituciones y hemos venido jalando cosas.		Questiones de género; Después de masculinidad es violencia, después viene sexualidad, después viene paternidad y ya finalmente viene alternativas a la violencia. Todas esas dinámicas las hemos intentados adaptar a todos los espacios... <sup>25</sup>	El segundo día que asistes a este taller y el tercer día le preguntas a las mujeres como están, como se sienten, dicen que están cuestionadisi mas por sus esposos: (...)	Esta resistencia a reconocer que en mi casa existe violencia. (...) El segundo fue la alta demanda y bajos recursos. Ya no teníamos cómo comparar galletas, no sabíamos como dejar la gente cómoda. Pero después ya lo mejoramos. Ahora pones el cartel, la dirección, la gente llega. trabajar muchas veces con grupos mixtos. Es muy complicado, porque los hombres se sienten evaluados, confrontados y lastimados en su ego.

<sup>24</sup> Moree, algunos de los mexicanos, a Daniel Castell que está trabajando, algunos trabajos de Javier de la Torre, algunos que viene haciendo Guillermo Nuñez de honor en nuestra sociedad, ha hecho un trabajo de sexo entre varones, algunos artículos de Eduardo Liendro, algunos trabajitos de Benno de Keijer, entonces bueno, hemos venido, algunos de estos que publica La Ventana Alazapi?? – 15:10, Agustín Escobar. La ventana ha sido una buena fuente de trabajo. En Psicología, tenemos psicología colectiva, la que se trabaja en campo o la psicología social, la parte psicológica, procesos de cambio cognitivos-conductual, teorías de este tipo

<sup>25</sup> En México, de unos 30 años hacia acá publicaron muchos manuales de dinámicas.

Es que lo quiero hacer más gráfico, para tus notas. Mira, el proyecto está diseñado así, tomas tus talleres iniciales, a esas cinco temáticas que te habíamos enseñados, que es género, masculinidad, violencia, sexualidad y aquí vas a ver paternidad, todo esto en grupo. Esto para nosotros no es de cambio, es para que entren a un proceso de reflexión, para que comprendan que hay problemas, causas y consecuencias y también posibles soluciones. Y que estas soluciones puedan ser dadas por ellos mismos, como individuos, por una sociedad, por una comunidad o puede por instituciones, como puede ser el DIF, como puede ser Coriac. Nosotros no es... Nosotros no dejamos fuera las alternativas, porque muchas veces hacemos red, porque hay casos que muchas veces no podemos tratar, entonces encaminamos para otro, por ejemplo a Coriac, que tiene grupos de ayuda-mutua más fuertes.

**Ernesto:** Es un grupo dónde nada más empiezan a expresar sus sentimientos o es un... sabes que hay dos espacios para ellos...

	DIF, como puede ser Coriac.									
Ex - CORIAC, AC e atual Corazonar	Trabalhar, de cunho terapêutico, questões de gênero e masculinidades e diferenciando os tipos de violência, Evidenciando alternativas através o treino de habilidade de escuta e diálogo.	Género, perspectiva de género, tenemos que citar género, después derechos humanos, después conflictos, educación para la paz, process work, mediación. Tomamos también masculinidad como marco teórico particular, estudios de masculinidad. Tomamos constelaciones familiares, las miradas trasngeneracionales y todo lo que son las metodologías lúdicas. Trabajan con una perspectiva ecológica y sistémica, dentre otras corrientes.	1 psicólogo 1 antropólogo 1 economista	Principalmente homens. E também mulheres e famílias.	Proyectos de fondo de Naciones Unidas, del gobierno de México, del instituo de la Solidaridad de México, :fundación MacArthur, Fundación Ford.	de OG	El modelo que yo trabajaría en el Corazonar: el hombre pasa por el primer proceso, lo recupero, lo respeto, pero después ya trabajamos grupo mixto y ocho temas de crecimiento personal: conciencia corporal: niño interior, guiones de vida, genogramas, el miedo, constelaciones familiares, terapia de renacimiento, duelos, hacemos un tema y un ejercicio terapéutico.	El programa ya tiene incluso una evaluación, es una auto-evaluación y en un momento hicimos una evaluación con las compañeras. Pero generó cierto problemas.	Un obstáculo es que el facilitador no trabaje su vida personal. Como diferenciarse, quedarse en el discurso, no hacer el trabajo personal. Otro obstáculo es que necesitamos aprender a cuestionar nuestra masculinidad. Saber conducirmos, sabernos relacionar y saber cómo generar un grupo de hombres nuevo en términos de horizontalidad, pero en un ambiente institucional, que necesita cierta jerarquía. No sé si me explico, o sea, somos hombres igualitarios, pero también tienes que hacer una jerarquía con relaciones a la institución. Hay que entregar un proyecto, hay que velar los dineros, hay que poner reglas, hay distribuir las cadeas, los ingresos. Y yo creo que sí nos faltó experiencia.	
Grupos de homens autores de violência do programa	El objetivo del programa es en primer lugar la aplicación de la ley	<b>Marcos:</b> Entonces nosotros nos amparamos en	<b>Marcos:</b> Mi profesión es maestro de educación	Mi Hombres y mujeres en separado. <b>Adriano:</b> esos hombres son siempre	Financiamiento gubernamental	OG	Um dos grupos trabalha com modelo do Coriac 1º nível	<b>Edmundo:</b> No hay evaluacion do proceso.	<b>Reinaldo:</b> Creo que la mayor dificultad es el recurso. NÃO ESCUTO Idealmente,	

<p>governamental da Secretaria de Saúde Mental de Honduras (Marcos)</p>	<p>de violencia doméstica. Luego, nosotros aquí con el proceso es contribuir a disminuir los hechos violentos, sensibilizar a los hombres con respecto al patriarcado, machismo, para que disminuya la violencia en ellos. Eso es parte de los objetivos que tenemos nosotros en cuanto a la consejería. Deberíamos trabajar individualmente con ellos.</p>	<p>sociología, en la psicología, incluso en la psiquiatría. Todo este material que tengo aquí, son los subtemas en todas las 20 sesiones. Edmundo: El 95 fuimos convocados por un grupo de mujeres para empezar a trabajar la teoría de género. Edmundo: Eso lo vas a ver en el documento que estamos redactando, dónde hay autores como Oswaldo Montoya, Michael Kauffmann, Kimmel, autores como Eric Fromm, que son el eje teórico.</p>	<p>primaria y media. Y universitaria es bachiller y licenciado en trabajo social. En el ministerio de salud pública, al momento de surgir la ley contra la violencia doméstica, la ley contempla que al responsable de la violencia se le enviaría a una consejería de salud y le dieron la competencia al ministerio de salud, del cual soy empleado yo.<sup>26</sup></p>	<p>enviados por los juzgados, ¿o también hay otros que vienen espontáneamente?</p> <p><b>Edmundo:</b> El número es poco significativo.</p> <p><b>Adriano:</b> ¿Y qué piensa sobre eso?</p> <p><b>Edmundo:</b> A mí me parece que debería haber más demanda espontánea, pero después de 10 años se puede decir que es complejo, no es fácil. Porque renunciar al poder no... no es el mismo trabajo que con la víctimas. Es mucho más comprensivo, más entendible, el hombre para renunciar al poder tiene que pasar por un trabajo más complejo.</p>		<p>com influências d A.A. E outro grupo, que é aberto, tem influência de metodologias de ONGs de Nicaragua (Cantera) e Costa Rica. É um grupo mais educativo baseando-se em aportes teóricos com um trabalho de análise de discurso dos participantes.</p>	<p><b>Marcos:</b> Sí, estamos hablando, si no todos lo tienen. Deberían tener todos una consejería, un médico, un psicólogo, un psiquiatra, un trabajador social, un asesor legal, un profesional del derecho y un personal de apoyo, enfermería, tener un equipo de estos es bastante costoso. La idea es que se extiendan a toda las regiones del país.</p> <p><b>Edmundo:</b> falta de material y equipo, sobretodo material educativo. Los hombres deberían llevar documentos, los hombres se van sin nada. Me gustaría que tuviéramos más afiches alusivos a la temática.</p> <p>Edmundo: tenemos un programa muy pobre, muy descuidado por las autoridades. (...) Los jefes se cambian según las cuestiones políticas, llega un</p>
---	---	---	--	--	--	--	---

<sup>26</sup> Nos llevaron a capacitar sobre masculinidad, violencia, género, poder y todas estas cuestiones.

**Manuel:** Soy médico graduado por la Universidad Autónoma de Honduras.

**Edmundo:** Soy trabajador social.

**Adriano:** En EUA tienen psicólogos, abogados...

**Edmundo:** Claro, pero acá no. No tenemos la capacidad para hacerlo.

										partido diferente y cambia.
<b>AHCV</b> – Asociación de Hombres contra la Violencia en Managua/ <b>Nicaragua</b> (Xavier)	Discutir sobre género e masculinidades trabajar questões de sexualidades e homofobia com base na teoria feminista.	Teoría feminista.	<b>Xavier:</b> Llegué a quinto año de medicina y ahora estudio sociología. Ejercí más como maestro de ciencias sociales.	Homens, mulheres, policiais.	<b>Xavier:</b> De Inglaterra, Irlanda, Canadá, Noruega. Nosotros somos ayudado por Canadá, ayuda popular Noruega, trocarse de Irlanda y Critian air de Inglaterra. 69,40. y algunas ayudas que nos dan algunas agencias, pero	De ONG	La edad, son jóvenes, sentimos que nuestro mensaje llega más al hombre campesino y al hombre joven. La asociación está llena de jóvenes, Hay un interés increíble de los chavales, de organizarse, conformaron la red de jóvenes contra la violencia. <sup>27</sup>	<b>Adriano:</b> Eso me hace pensar la cuestión de la evaluación de los grupos en los talleres. <b>Xavier:</b> Mira, tenemos un sistema de monitoreo, al principio no lo teníamos, pero ya sí. <sup>28</sup>		

<sup>27</sup> Cuando llegamos en grupo a una combinada convocamos a los hombre y les presentamos la propuesta y que son 11 talleres los que hacemos en un año **Xavier:** Lleva una lógica, empezamos por el qué es y qué significa para nosotros el ser hombre. Luego lo que hacemos las mujeres y lo que hacemos los hombres. Lo que plantea el feminismo: la triple jornada laboral de las mujeres, pero no se lo decimos así a los hombres, claro. Que ellos lo descubran, en esto consiste la dinámica, en que lo comparan, qué hace él en determinado tiempo y qué hace ella. Y se dan cuenta de que su compañera trabaja más que ellos, porque trabaja en la casa, tiene que ir al .... Comunitaria???? y tiene que ir a trabajar fuera para ganar más y mantener la familia, mientras los hombres solo la parte productiva. Ellos mismo lo dicen. Nosotros tratamos de que ellos no vayan a tomar que estamos agarrando el pensamiento feminista, sino que se den cuenta y al final dirán que está cierto el feminismo y se les va a quitar el miedo que tienen.

...  
**Adriano:** Me quedé curioso. Cuando ocurre historias como estas en los talleres, ¿como se trabaja?

**Xavier:** En el proceso que te dije, tenemos un taller específico sobre la sexualidad. En él abordamos sobre, por ejemplo con los hombres, su primera experiencia sexual, sobre cómo interpretamos el código que nos da la sociedad para ejercer nuestra sexualidad. Primero tenemos que demostrar que somos heterosexuales, siempre relaciones con mujeres y no con hombres, ahí ya empiezan a agredir a los homosexuales, a los travestis, a los bisexuales, porque ellos son otra cosa, no son heterosexuales. Luego en este mismo taller abordamos, por ejemplo, la primera experiencia sexual que tienen los hombres y como las tienen. Ellos hablan, por ejemplo, la mayoría ha dicho que su primera experiencia sexual la han tenido con trabajadoras sexuales, popularmente se dicen prostitutas. Muchos de ellos dicen que tras haber tenido esta relación que el papá, un tío, un amigo pagó para que se acostara con ella, muchas veces negociaba con la mujer, decía que no quiero, que no me siento bien y la mujer salía diciendo ‘él ya es hombre’.

**Adriano:** ¿Y cómo lo hacen así para que lo cuenten?

**Xavier:** Hacemos una técnica de relajamiento. Caminan, respiran, oyen su cuerpo, después a ellos hacemos que se acuesten y empiezan a recordar situaciones, a imaginarlas y hacemos que hagan un regreso a la primera experiencia sexual que tuvieron. No decimos la relación sexual que tuviste con otra persona, con penetración, sino lo que ellos entienden por relación sexual. Muchos de ellos entienden que es masturbación, otros la relación con una trabajadora sexual,

					mínima.			
<b>Fundación Puntos de Encuentro</b> – Programa e del Equipo de Capacitación y Alianzas	<b>Oswaldo:</b> Es una organización feminista que trabaja por la equidad de la relación entre hombres y mujeres, entre jóvenes y adultos, entre	<b>Oswaldo:</b> En foque Feminista y desde las masculinidades. <b>Oswaldo:</b> En este trabajo sobre masculinidad	<b>Oswaldo:</b> Estudié ciencias económicas, administración, pero en la universidad, pero también	Jóvenes, hombres y mujeres.	Nuestros financimientos; nos financian diferentes agencias, bilaterales, multilaterales, a través de un	Governa mental	Trabajamos con una metodología vivencial, desde las diferentes experiencias que hemos vivido como personas. Utilizamos	<b>Oswaldo:</b> Puntos de Encuentro tiene un cuestionario que antes se llamaba evaluación y

otros que es con su primera novia, otros que con su primer juego que tuvieron con un varoncito, otros que se empezaron a tocar y a tener sueños mojados, o sea diferentes maneras de comprender su experiencia. En este ejercicio les decimos que piensen en una persona que quieren mucho que no está con ellos, pero que les tienen la mano y que esta persona está para ayudarlo a salir si esta experiencia ha sido muy dañina para nosotros. La mayoría de los hombres dice que la primera experiencia sexual. El hecho que como hombres somos agresores, somos violentos, pero lo que pagamos es caro también. Por eso les pedimos que se sinceren lo más que puedan. Y muchos no lo logran, cada quién tiene su ritmo y les respetamos si quiere o no hacerlo. Pero a él le quedó la idea, que sabe lo que es violencia y que ella se expresa no solo con el golpe, sino también de manera sexual y psicológica. Hablamos de la identidad de género y hablamos de cómo los hombres aprendemos a dominar el cuerpo de la mujer de manera tal que si ya nos casamos no preguntamos a la mujer si desean tener relaciones, sino que la forzamos y ahora comprendemos que aun si somos casados ella tiene el derecho a decir no y si la obligo, eso es violación.

**Adriano:** ¿Hay hombres que no lo aceptan?

**Xavier:** Lo bonito de esto es la metodología popular que usamos. Cada uno dice lo que piensa. Muchos de ellos dicen no, no, eso no es cierto, hasta dios nos ha dado la autorización de que la mujer tiene que servirle al hombre, también en la cama.

<sup>28</sup> Lo primero que le pedimos al hombre que llega en el primer taller es que asista a los once. Si ellos quieren participar, tienen el compromiso de ir a los 11. al principio le hacemos un perfil de entrada. Le hacemos una serie de preguntas sobre la violencia, el ser hombre, las relaciones con las mujeres y al final le volvemos a hacer el mismo perfil. Cuanto a las cuestiones prácticas, después de cada taller, les pedimos que igual como aquí hicimos compromisos, cada quién asume compromisos de cambios y al final de cada taller les pedimos que hagan compromisos de cambio y en el siguiente taller vienen a valorar como les fue. Cuales son los elementos facilitadores, cuales perjudican sus procesos y así además de darles un seguimiento, vamos tratando de que ellos encuentren salidas para sus problemas. En estos procesos, se les hace un conflicto en la vida. Cuando llegué a mi casa y como aquí me comprometí a lavar los trastes, lo fui a hacer en la cocina y al rato llegó mi compañera y se paró me quedó viendo y comenzó a llorar, creí que estaba alegre y le pregunté y me dijo ‘hasta esto me quitaste’ o sea, que para ella, él todo lo había quitado y todavía lo único que había dejado se lo quitó. Entonces fue toda una discusión, porque ella tiene razón y que tienes que pensar y hablar con ella, no decir ahora soy un buen hombre, tienes que hablar con ella y negociar, ahora voy a lavar los trastes, ¿te parece? Y entonces empezar a negociar. En la evaluación empezamos a ver los obstáculos y facilitadores. A veces las mujeres son las principales contrarias a los procesos de ellos. Entonces valoramos por qué esta situación. Y los hombres van haciendo los análisis. También hacemos una evaluación de los facilitadores, que no haya entre ellos y los facilitadores relaciones de poder. Cuestionamos las relaciones de poder. El último taller lo facilitamos con una mujer y es que es un taller mixto, invitamos a las mujeres de la comunidad y los instamos a hablar del tema. Entonces facilita una mujer y un hombre de la situación. Ahí es una prueba para el facilitador, que él no tenga relaciones de poder sobre ella y ha sido interesantísimo. Me encanta cuando, hay una compañera que trabaja con nosotros y ella pega unas levantadas a los facilitadores, ha sido tremendo. En la evaluación van dando estos elementos. Evaluamos a mediados del año y a finales de año, pero en cada semana el equipo se está reuniendo y hablando de avances y dificultades. Y vamos midiendo como vamos trabajando. Ahora estamos mandando los jóvenes a capacitaciones... es una asociación joven.

(LiderArte) en Managua/ <b>Nicaragua</b>  (Oswaldo)	heterosexuales y lesbianas, bisexuales, transgéneros, travestis e intersexuales. Y en general todos los grupos sociales divididos por las relaciones de poder. Trabajamos desde un enfoque amplio en masculinidad con grupos mixtos, siempre mixtos, hombres y mujeres jóvenes, en algunas ocasiones, generalmente trabajamos en los grupos mixtos porque trabajamos dentro de un marco de la construcción de una análisis de las diferentes relaciones de poder y estamos centrados en que las personas estamos cruzados por muchas relaciones, así como otras condiciones biopsicosociales, demográficas estamos trabajando de ahí y analizamos como poder transformar estas relaciones que hay entre estos diferentes grupos. Entonces desde este enfoque trabajamos la masculinidad desde	tratamos de hacer un análisis de todas estas formas de ser hombre, desde esta masculinidad hegemónica, que está impuesta, como desde esta construcción dominante hay una desigualdad en nuestra relación con las mujeres, control. Lo que hacemos es proponer reflexiones entre los jóvenes y adultos, sobre su forma en que han sido educados. Pasar por este ejercicio de poder hacer una descripción de cómo me enseñaron a mí a ser hombre. Desde este enfoque con reflexiones empezamos a darnos cuenta que esta construcción nos pone muchas barreras para la creación	mi formación en la otra organización era para una parte social, un trabajo comunitario. Esta organización estuvo en diferentes espacios para capacitación con trabajo con adolescentes y jóvenes, desarrollo cultural. Yo era parte de la red de jóvenes, entonces todo el tema de liderazgo de esta organización. Entonces estaba en mi trabajo comunitario en mi cotidiano, siempre, Desde ahí estudié teatro y actuación también estudié marketing en España, hice un postgrado en género y	grupo ¿???? ¿??? BaSQTSON?? ? Que lo llamamos nosotros que son un grupo de donantes de diferentes agencias, diferentes embajadas que junto ponen el dinero para nuestros programas. Que financian todos nuestros programas para seguir fortaleciendo las organizaciones.	diferentes herramientas para que la gente pueda hablar de su experiencia, por ser hombre, mujer, por ser lesbiana, por ser negro, adulto, por ser joven o adulta o por haber estado en una situación de discriminación o por haber sido discriminada. recordar sus propias experiencias y diferentes personas pueden compartirlas, diferentes situaciones. Por eso la interseccionalidad, de ser hombre negro, hombre del campo, de ser mujer, mujer indígena, mujer religiosa. Urbana, de ser católico, homosexuales, bisexuales. De esta interseccionalidad poder analizar mi vivencia y poder reflexionar	monitoreo y ahora se llama aprendizaje institucional, estamos evaluando nuestros procesos de trabajo, haciendo investigaciones, la última sobre cual es el impacto que tienen en los medios de comunicación el hablar de temas sociales. El área de investigación y monitoreo hizo una investigación con cuatro mil jóvenes, antes, después y durante cuando estaba la serie de televisión, con las campañas, con la radio, sobre los cambios de comportamiento con
--	---	--	--	---	--	---



<p>las diferentes relaciones de poder y poder analizar estas relaciones entre los adultos y los jóvenes, entre los heterosexuales y las lesbianas o bisexuales o la persona con limitaciones físicas o el grupo multiétnico o los grupos que tienen menos poder. Desde estas diferentes relaciones de poder, trabajamos desde la perspectiva de la construcción de alianzas y pensamos aportar a los movimientos de mujeres jóvenes en el país a través de poder fortalecer este trabajo en las organizaciones con respecto a los abusos contra las mujeres jóvenes por parte de los hombres. Desde este marco de análisis hacemos un análisis de cómo el machismo es un factor de riesgo para adquirir VIH o para el tema de abuso sexual, combinados también con el adultismo, relaciones de poder para abusar a un niño o una niña</p>	<p>de una relación justa con las mujeres, con los jóvenes. Lo que nos provoca el medio a la diversidad social. Lo que se nos impone a ser violentos, no ser cariñoso, el control de la esposa. Como poder que los que participan en estas actividades puedan poco a poco ir deconstruyendo esta masculinidad hegemónica para poder criar relaciones igualitarias y justas, desde las mujeres y los hombres. Como poder fortalecer el liderazgo de las mujeres. Como ser aliados de las mujeres, defender sus derechos, su derecho a la salud, por ejemplo, el tema del aborto terapéutico. Cómo poder</p>	<p>masculinidad es por la universidad, aquí en Nicaragua y ahora estoy haciendo mi maestría en política y programas sociales participando también de diferentes intercambios internacional es con el tema de las masculinidades. Somos parte de un intercambio que una alianza interamericana para la prevención de la salud de las mujeres. Desde Puntos de Encuentro y otras organizaciones trabajamos todo el tema que trabaja con hombres, Promundo, Salud y Género. Este vínculo me ha permitido tener</p>	<p>que la relación a discriminación genero, al que he hecho que respecto del me han hecho a abuso sexual, mí por ser parte al VIH- de un grupo SIDA, a la minoritario. Reflexionamos Entonces, sobre las desde Puntos diferentes de Encuentro, maneras de estamos la reflexión de investigando poder, está el o como poder monitoreand construir o los alianzas. Como procesos de no ser clasistas, capacitación, como las evaluando las campañas, personas que los diferentes programas. capacidades programas. También pueden estamos en establecer un proceso de alianzas. de sistematizaci ón de las experiencias. Hemos trabajado con el Centro de Información y Comunicació n de la Salud NAO ENTEDO AS SIGLAS con ellos Sabemos, en hemos hecho estos talleres este estudio y</p>
---	---	---	--

<p>y todo el tema del machismo, de masculinidad dominante, el ejercicio de la violencia sexual, de la violación. Hacemos una análisis de este marco de cómo son las relaciones de género, de cómo el machismo nos ha puesto a los hombres jóvenes siendo más violentos, los diferentes retos y riesgos que asumimos. Lo que nos pone en riesgo, por los abusos, la violencia sexual en la pareja, en la casa, la violencia intrafamiliar y en la cama. Es la interseccionalidad. Nosotros desde el análisis con las diferentes organizaciones proponemos como analizar estas diferentes relaciones, las combinamos con nuestra experiencia personal.</p>	<p>defender el derecho de la salud de las mujeres, que no pueden decidir sobre su cuerpo. Como no ser cómplices con las mujeres. Cómo producir nuevos modelos de masculinidad, como romper con todo el tema del machismo. Sabemos que hay resistencias. No es fácil despojarnos de los privilegios que la sociedad nos ha otorgado. Como poder hacer algo diferente. Entonces también de ahí.</p>	<p>trabajando con adolescentes y jóvenes, intercambio con profundo y Salud y Género, con la gente de una organización de Costa Rica, amigos del programa de salud de Honduras, con la gente de El Salvador, que tiene un centro interesante sobre masculinidad es, que se llama Bartolomé de las Casas. Entonces he estado siempre conectado a este trabajo del trabajo con los hombres y con adolescentes. He tenido mi base en las ciencias económicas con</p>	<p>surgen algunos casos de violencia. Lo que hacemos primero, es hablar sobre este caso, qué está pasando y lo que hacemos es ponernos en contacto con una organización que pueda ofrecer apoyo a la persona. Pero también hacemos, nos damos cuenta que tenemos el caso, lo metemos en lleno, le damos seguimiento, se lo remetimos a la otra asociación, pero en nuestro trabajo el tema sale y lo abordamos desde la relación de poder, desde esta convivencia, como desde estas relaciones de poder estamos abusando sexualmente o estamos abusando otros jóvenes, a la mujer. Lo desarrollamos</p>	<p>también con otra gente especialista en violencia basada en la salud, entonces estamos evaluando los programas, sus impactos. También estamos haciendo evaluación con las organizaciones, desde ellas sobre el tema de la construcción de alianzas, eso lo hemos documentado, estamos evaluando los talleres para ver hacia dónde están yendo, en esta construcción de alianzas, lo estamos haciendo juntos.</p> <p><b>Oswaldo:</b> Con diferentes materiales,</p>
--	---	--	---	--

			experiencia en trabajo social y he seguido con mis especializaciones.				desde estas hemos diferentes coordinado condiciones que también con tenemos las Michael personas, por ser Kaufmann, mujeres, por ser con Oswaldo hombres, por la que trabaja diferente aquí en constitución física. Desde este enfoque estamos realizando un análisis. en la parte de metodología utilizando el teatro, el arte.		
Centro de Comunicación – ONG Managua / Nicaragua (Juan)	<p><b>Juan:</b> Más que un objetivo son varios objetivos. Nosotros nos planteamos con nuestros cursos, los que trabajamos con hombres, como te decía antes, hombres de diferentes procedencias, edades, hombres profesionales, campesinos y de diferentes partes de Centro América. Lo que nos planteamos son, en principio, construir relaciones intergeneracionales sin violencia, que los hombres descubran en estos procesos que hay violencia en nuestra familia, que ejercemos violencia de verdad y que</p>	<p>Tenemos diversos autores, pero no los recuerdo ahora, <b>Mónica Araquesi????</b> Son diversos, como partimos de la educación popular, siempre retomamos a Paulo Freire. Pero, mira, no me recuerdo ahora los autores, pero en el material que te entregué si hay diversos autores. Pero los pilares, los principales, no te puedo decir. <b>Adriano:</b> Una perspectiva, si trabajan con</p>	<p><b>Juan:</b> No, no tenemos psicólogo. El otro es un cooperante suizo. Que trabaja con el equipo rural también, en comunidades rurales y nos apoya en el curso. No siempre tenemos cooperantes, así que ahora somos cinco, pero normalmente somos tres o cuatro. <b>Adriano:</b> ¿Todos tienen una especialización</p>	<p><b>Juan:</b> Son enviadas. Y es ahí mucho de los problemas que tenemos. Pues ellas, al ser enviadas, el elemento de voluntariedad ese pierde en muchas. Hay algunas que llegan entusiasmadas y se insieren en este proceso. Pero hay algunas que no. <b>Juan:</b> Es que es muy diversa la participación. Tenemos gente desde 17 años, hasta 50, 60, 65 años de edad. Es muy heterogénea. ¿Te refieres al último taller específicamente o a todos? <b>Adriano:</b> A todos. <b>Juan:</b> Es muy diversa, heterogénea,</p>	<p><b>Adriano:</b> ¿Y por que ya no se siguió? <b>Juan:</b> Porque se necesita mucha plata. Esto respondía a un proyecto financiado por... no recuerdo que institución. En este momento se trabajó dos o tres años. Al terminarse este financiamiento, se terminó el proyecto. <b>Juan:</b> En este contexto, somos financiados por proyectos, por agencias internacionales, organizaciones</p>	<p><b>Juan:</b> Cantera es una ONG, en términos jurídico es una fundación, lo que en Nicaragua a se conoce como una fundación de educación y comunicación popular.</p>	<p><b>Juan:</b> Esos encuentros que tenemos son cuatro veces al año, lo que quisieramos es que estos hombres participen en todos los talleres, en todos los módulos, son cuatro: el primero es de la identidad. El segundo, de género, del poder, de la violencia en nuestras vidas. En el tercero tocamos la sexualidad. Y el</p>	<p><b>Juan:</b> Luego del taller, los participantes evalúan cada módulo. Y hacen compromisos, yo me comprometo, por ejemplo, a hacer el café en mi casa, a cuidar más de mis hijos. Y al siguiente taller por ahí empezamos y eso nos permite, de una manera muy general, saber cómo va la cosa, nos da una luz de cómo</p>	<p><b>Juan:</b> como muchos participantes son enviados por su ONG, no tienen muchas veces interés, van a veces como empleados y muchos no lo toman en serio, no los asumen como algo importante en su vida y eso te crea alguna dificultad en los talleres, pero que, pensándolo así un poco más profundo, eso genera también mucha polémica. Ahora tenemos un señor que es hondureño increíble que a cada vez que habla, genera una reflexión muy rica y no es una barrera sino se transforma en un incentivo. Pero no</p>

<p>estamos sujetos a un sistema que es violento. El punto es que intentamos promover, que ellos lo descubran, que lo vayan descubriendo, a lo largo de todo un curso, estas formas de violencia que no son reconocidas. Porque en los cursos hemos reconocido que hay muchas formas de violencia que ellos no la ven como violencia, que la ven como situaciones normales, ¿verdad? En nuestro trabajo nos vamos dando cuenta de esto y vamos descubriendo esto con ellos. También nos plantemos construir nuevas masculinidades, no tenemos una receta, no tenemos, no le damos una receta en la que le planteamos: esta es la forma que debemos de ser hombres, sino que a partir de lo que no nos gusta, de lo que no nos hace feliz en nuestra familia, entonces nosotros vamos planteando qué queremos cambiar.</p>	<p>poder o género, por ejemplo...  <b>Juan:</b> Los pilares fundamentales son género, el poder, la violencia y la identidad. y en los talleres es esto lo que abordamos básicamente, estos cuatro pilares.</p>	<p>n en el área de género?  <b>Juan:</b> El psicólogo y el psiquiatra tienen una experiencia de 14 años en estos cursos. Tienen una experiencia vasta. Santiago, el psiquiatra sí tiene muchas especializaciones, ha trabajado mucho. Se llama Santiago Jestellera???? Uno de los mejores psiquiatras de Nicaragua. Hace muchos años trabaja el tema de la violencia, hace parte de Inpro????, una de las ONGs más viejas de Nicaragua, Instituto de Promoción Humana.  <b>Juan:</b> Con derechos humanos hace cuatro</p>	<p>gente de diferentes opciones sexuales.  <b>Adriano:</b> Estas mujeres son de la familia de los agresores?  <b>Juan:</b> No, mira, en la experiencia que tuvimos hace unos cinco años con personas agresoras enviadas por la policía nacional, ahí sí se atendió a la esposa y al esposo, en este caso en un cien por ciento el agresor era el esposo. Entonces se atendía a ambos, entonces tuvimos la oportunidad de trabajar con la pareja. Pero en el curso nacional no necesariamente. Sí la gente que va de los territorios dónde Cantera trabaja. Cantera trabaja en los municipios de... en el municipio de Mateara????, de Belén???. Entonces nosotros procuramos que vaya la pareja. Pero en las instituciones no siempre es así. Otras instituciones que envían personas a normalmente mandan</p>	<p>que nos están financiado. Hay también un componente fuerte, personas que a título individual hacen su apoyo a Cantera. Principalmente gente de EEUU, donde hay una red de solidaridad para apoyarnos.</p>	<p>último que es forjando relaciones justas, que es mixto, entre hombres y mujeres. En principio nuestro ideal es que participen en todos. Pero se da que participan en alguno, hombres que participan en uno, otros que participan en todo.  <b>Juan:</b> Cada taller dura tres días y medio, comenzamos habitualmente los martes, terminamos los viernes por las tardes. Son cuatro talleres como te decía. En cada taller tenemos aproximadamente unos 25, 30 participantes. Trabajamos de forma paralela con un grupo de mujeres que están el mismo local trabajando junto a nosotros. Compartimos un momento en cada taller, normalmente los</p>	<p>seguir. La elaboración del compromiso. Y lo del seguimiento, ahí tenemos una dificultad, más porque son de diferentes lugares. Eso es difícil para nosotros en el primer taller, también, una línea de base sobre lo que hacen en su familia, cómo perciben tal situación o si están de acuerdo que su esposa trabaje... son alrededor de 40 preguntas. Eso se hace al principio del taller y al final se hace una línea de salida para ver qué resultados tuvieron, si se mejoró su visión, si la</p>	<p>siempre, en el taller pasado, había un hombre que decía que le queríamos culpabilizar, que todo lo malo pasa por los hombres. Él decía que si no lo hubiesen mandado no estaría allá, muy sincero también. En este momento me causó un gran desequilibrio interno, pero de alguna manera, como te digo, eso parecía también valiente. Muchas personas no tienen ningún interés personal de cambiar, lo que hace más lento el proceso. No te permite arrancar como quisieramos.</p>
--	--	---	--	--	---	---	---

años y en esta institución había capacitaciones sobre violencia familiar. Son cinco facilitadores.

a una de ella, no mandan a la pareja. **Juan:** en su mayoría son enviados por instituciones que trabajan la temática de género, en su mayoría son instituciones no gubernamentales, que les envían a capacitarse esas personas, que pretenden que multipliquen estos trabajos en las instituciones donde trabajan. Muchas personas el elemento de voluntariedad ese pierde en muchas. Hay algunas que llegan entusiasmadas y se insieren en este proceso. Pero hay algunas que no.

jueves en la tarde, empezamos a compartir esto a las dos de la tarde y terminamos a las cinco y media. **Adriano:** ¿Los facilitadores son siempre hombres? **Juan:** Sí, eso facilita, te lo digo por experiencia, facilita mucho las cosas. No es lo mismo que estén trabajando solo hombres buscando pistas para transformarse a que una mujer venga y le diga...<sup>29</sup>

familia mejoró. También se habla del dinero, si él dice, por ejemplo, a su esposa cuanto gana. Pues gran parte de su dinero es para sus gastos personales. Pero la evaluación que hacemos a final del día, la línea de base, esto nos dan luces y nos sirven para evaluar.

<sup>29</sup> hay una mayor resistencia entre las personas. En el mundo de mujeres están solo mujeres. En los momentos mixtos trabajamos hombres y mujeres.

**Adriano:** ¿Y cada grupo trabaja las mismas temáticas?

**Juan:** En términos generales, son los que yo te decía: el género, el poder, la violencia y las identidades. Claro que trabajados desde una óptica diferente, puesto que son hombres por un lado y mujeres. Es una óptica diferente, pero siempre estos cuatro pilares. Vos también me planteabas la metodología, en los talleres no trabajamos elementos conceptuales, sino que partimos de la vivencia de la gente. Partimos de la historia de estas personas, de sus proyectos personales, cuales son sus sueños, trabaja un psiquiatra con nosotros, realizamos muchas visualizaciones, muchas regresiones.

**Adriano:** todos juntos?

**Juan:** Sí, sí. Trabajamos con el dibujo ahora, dibujamos, trabajamos un poco con el cuerpo, con el tai-chi. Un poquito de tai-chi. Un poquito de danza a veces, apra ponernos en contacto con nuestro cuerpo trabajamos la reflexión, pero dentro de nuestra vivencia. Y enfatizamos a los participantes que lo hagamos dentro de nuestra experiencia. No decir 'los hombres...' 'las mujeres' sino desde nuestra experiencias, 'yo, fulano de tal'.

**Adriano:** ¿No hay una diferenciación de una oficina a otra?

**Juan:** No, por lo menos en el curso nacional que se realiza a través de cuatro módulos, no hay una diferenciación y la idea es esta, que participe gente de diversos lugares, de diferentes edades, con diferentes experiencias, para enriquecer las reflexiones que se van dando a lo largo de cada módulo. Participa gente del Pacífico, del Atlántico de Nicaragua y en el último taller que te decía que es totalmente mixto, participan mujeres de diferentes procedencias y de diferentes edades... participa ¡tal diversidad de personas! Pg. 17 met. (venga y le diga...)

<p>Programa-Protección contra la Violencia y Abuso Sexual en Instituição Save The Children (Ong) Managua / <b>Nicaragua</b> (Oswaldo Montoya)</p>	<p>sea vivencial, de él van a participar personas de organizaciones con las cuales trabajamos nosotros, educadores, técnicos comunitarios de diferente profesiones y formaciones, pero a partir de sus experiencias como mujeres y hombres, porque la mayoría de las personas que trabajan en organizaciones con niños son mujeres y procuraremos que llegue bastantes hombres y partir de la experiencia personal de cuando ellos fueron niños. Queremos que Profundizar en la socialización masculina.</p>	<p>estudié psicología, me gradué el 1991 y la tesis que hice para graduarme fue sobre género, sobre la división sexual de trabajo en una comunidad.</p>	<p>Direitos humanos, quesotes de género violencia sexual. trabajo y el cambio de las masculinidades, dentro del enfoque de los derechos de la niñez, este es el gran marco, pero necesitamos, porque los niños no son ángeles asexuados y se relacionan con hombres adultos, mujeres adultos y esto influencia mucho la vida de cada niña, de cada niño. Estamos viendo en mi área que es la violencia, pero también es válido para el área de educación y para otros programas que trabajamos con la niñez.</p>	<p>Niñez</p>	<p>ONG</p>	<p><b>Oswaldo:</b> Comentar lo que les ha sido transmitido con palabras y hechos de cómo deberían comportarse como varones o mujeres y a partir de ahí mostrar la problemática de los varones, las contradicciones de la vida de los varones, por un lado privilegios, pero por otro mucha represión y presión entre varones, de los adultos y de cómo todo eso influye en la formación de personalidades violentas y una proclividad a la violencia.<sup>30</sup></p>
---	--	---	--	--------------	------------	--

<sup>30</sup> A partir de ahí poder conocer en el taller, conocer diferentes experiencias de trabajo con hombres en el país. promover una nueva visión de masculinidad, una identidad no violenta, más equitativa, esperamos que en el taller se presenten experiencias prácticas y poder analizarlas. Presentar un poco de las memorias prácticas que conocemos en el mundo, una combinación tanto de una reflexión personal como un análisis de las intervenciones prometedoras y que los participantes sepan que hay que trabajar el tema de la masculinidad, con niños y varones, que es urgente. Es una de las raíces de la violencia contra niñas y niños y contra mujeres, las formas en que se socializan los varones, si empezamos a transformar esta práctica cultural, será mucho más posible el fin de la violencia y relaciones basadas en el reconocimiento mutuo y en el respeto a los derechos de las personas. Son nuestros planes. Queremos el próximo año desarrollar más el trabajo con varones. Pero como Save The Children Noruega estamos iniciando este trabajo, de percibir mejor la perspectiva de género de la violencia.

...

**Oswaldo:** Caí en un departamento con gente muy progresistas. Trabajamos con Paulo Freire, con educación participativa, claro, respetando las metodologías cuantitativas y respetando su aporte. Súper de avanzada, reconocimiento que uno como investigador es parte. El trabajo lo hice con esto, con hombres que

---

pasaron por el programa y ya con esto fui a Nicaragua, regresé a Puntos de Encuentro, hicimos este estudio con hombres... fue un enfoque diferente, porque aquí hicimos buscar hombres no violentos, no porque no hayan pasado por un programa, sino que por sí mismos, naturalmente por decirlo de alguna forma, tenían una relación no violenta con su pareja. Y no solo porque ellos lo decían, sino que lo decían la pareja, los familiares, gente que lo decían, entonces procuramos estas desviaciones positivas, desviaciones de lo tradicional y pensar como es posible que en una sociedad machista, violencia, haya hombres que tengan un compromiso de no violencia contra la mujer, cuando la cultura demanda respetar y ser violento con las mujeres. Qué pasa, qué factores ayuda a que ciertos hombres, pese a la influencia cultural negativa se comprometan personalmente a ser diferente para promover a partir de ahí estos factores protectores que ayuden a los cambios. Hicimos entrevistas a los hombres, anduvimos buscando... hicimos una especie de visitación, buscábamos hombres con estas características, oficinas de mujeres nos recomendaban gente y ya en base a la lista que tuvimos comenzamos a hacer entrevistas, clasificamos, este hombre parece que sí, efectivamente; este otro nos parece que no, que eso todavía está muy atado al modelo machista. Hicimos una comparación y trajimos mucha información que ha sido documentada en talleres, tanto de nosotros como hecho por otras organizaciones. Desde un enfoque no del tratamiento, sino de la prevención y del activismo y sobretodo de campañas de sensibilización, a partir de este estudio que se hizo una campaña en Nicaragua contra la violencia de los hombres contra las mujeres. La hizo Puntos de Encuentro. Luego con al AHCV quisimos montar un programa de tratamiento a hombres. Otra iniciativa fue la de Gustavo Pineda. Hubo la experiencia de Cantera, la de AHCV y el intento que quiere hacer el Fondo de Población de Naciones Unidas, son las tres experiencias que conozco.

## **Roteiro de entrevista com coordenadores de instituições que trabalham com homens autores de violência**

### **1. Qual o objetivo do programa**

Deter a violência / informativo / sensibilizador / outros

### **2. Qual o Caráter do programa**

Re-educativo / terapêutico / preventivo / outros

### **3. Qual o público que visa o programa**

Apenas homens / homens e mulheres / faixa etária / classe social / caráter etno-racial / orientação sexual / é voluntário ou não / qual a principal demanda

- No caso de atendimento obrigatório, há algum benefício para o agressor, algo como diminuição da pena, condicional, etc. De onde eles são encaminhados, que órgãos estão envolvidos.

### **4. Perspectiva ou marco teórico**

Autores utilizados / dentro do campo do gênero / dentro da psicologia

### **5. Metodologia nas oficinas ou sessões**

Perspectiva teórica / temas abordados / número de sessões ou reuniões / tempo de duração / periodicidade /

### **6. Técnicas utilizadas nas oficinas**

Materiais / espaço / quantos dias / isso é negociável? / quantidade de pessoa que assiste / quantidade de desistências / fornece-se algum lanche aos usuários?

### **7. Caráter institucional**

ONG, organização governamental, universidade, organização religiosa, ou outros / parcerias / tempo de fundação / outros programas que desenvolve



## **8. Divulgação**

Parcerias / estratégias / meios / financiamento

## **9. Profissão dos facilitadores**

Área de formação / Quanto tempo de graduados / especializações

**Entrevistado:** Área de atuação / Há quanto tempo atua no contexto da violência contra as mulheres / Por que e como começou a trabalhar com o tema

**10. Habilidades** que, acreditam, devem ter os/as facilitadores/as

Dificuldades que encontram no exercício do trabalho /

## **11. Capacitação / Multiplicação do programa**

Quem capacita / quem recebe capacitação /

## **12. Remuneração dos facilitadores**

O Trabalho é voluntário ou pago / os facilitadores têm outros trabalhos?

## **13. Financiamento dos projetos**

Agências internacionais / Órgãos governamentais / outros

## **14. Avaliação do programa:**

Foi realizada alguma? / Qual tipo de avaliação / quantas pessoas assistem / quantas desistem / quantos grupos se fizeram ao longo do período em que dura o projeto /

**15. Principais dificuldades** na implementação do programa.

**16. Principais avanços** que o programa conseguiu.

Como desenvolver um programa de atendimento aos homens que alie acolhimento e responsabilização?

### 17. **Violência sexual**

Há pessoas que procuram o programa com este problema específico? / São pessoas que cometeram violência sexual, que a sofreram ou ambas coisas?

### 18. **Que pessoa comete violência**

Há algum padrão entre as pessoas que cometem violência e que acudem ao programa?:  
experiência na infância / drogadição-alcoolismo / desemprego / outras

Procurar saber se existe algo como um **estatuto da criança e do adolescente**.

Como é o processo no caso de **adolescentes agressores**. É diferente dos adultos? Que tipo de medida cumprem? Quais as implicações legais nesses casos.

Pedir indicações de outros programas de atendimento a agressores.

**Roteiro de entrevista com coordenadores de instituições que trabalham com homens autores de violência em espanhol.**

**Núcleo de Investigaciones Margens (Modos de Vida, Familia e Relações de Gênero)**

**Universidade Federal de Santa Catarina**

**Departamento de Psicologia**

**Investigación sobre instituciones que trabajan con hombres que quieren renunciar su violencia**

- 1. ¿Cuál es el objetivo del programa?**
- 2. ¿Cuál es el carácter del programa**  
Re-educativo / terapéutico / asistencial
- 3. ¿El programa visa alcanzar que tipo de público?**
- 4. Las personas que acuden al programa lo hacen voluntariamente o enviada por alguna instancia judicial?**
- 5. Perspectiva o marco teórico**
- 6. Metodología en los talleres o sesiones**
- 7. Técnicas utilizadas en los talleres**
- 8. Carácter institucional**
- 8. Divulgación**
- 9. Profesión de los facilitadores**
- 10. Entrevistado**
- 11. Habilidades**
- 12. Capacitación/ Multiplicación del programa**
- 13. Remuneración de los facilitadores**
- 14. Financiamiento de los proyectos**
- 15. Evaluación del programa:**
- 16. Principales dificultades en la implementación del programa.**
- 17. Principales avances que el programa consiguió.**

**18. Violencia sexual**

**19. Que persona comete violencia**

**20. Hay en su país una legislación específica sobre infancia y adolescencia?**

**21. Como el proceso en el caso de adolescentes agresores. ¿Es diferente a los adultos?**

**Que tipo de sanción cumplen? ¿Cuáles son las implicaciones legales en estos casos?**

**22. ¿Conocen algún otro programa que atienden a hombres agresores?**